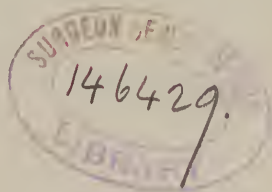
A MORFÉA NO BRAZIL

A MORFÉA NO BRAZIL

ESPECIALMENTE

NA PROVINCIA DE S. PAULO

PELO

Dr. José Lourenço de Magalhães

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
1882

A MORFÉA

« Não é ladeando, é pelo contrario atacando de frente e com resolução corajosa que se vencem difficuldades. »

DR. PAULA CANDIDO (Reflexões sobre a morféa.)

I

Em 1844 o ministro do imperio submetteu ao juizo da academia imperial de medicina do Rio de Janeiro duas memorias do Dr. Faivre, uma das quaes versava sobre as aguas thermaes de Caldas Novas na provincia de Goyaz, e outra sobre a morféa.

Correndo fama de serem taes aguas efficazes contra esta enfermidade, o governo brazileiro mandou convidar, por intermedio do Marquez de Barbacena e do presidente de Goyaz, o Dr. Faivre para proceder á analyse das virtuosas aguas, naturalmente no intuito de affirmar sua acção curativa, caso o exame revelasse a presença de agentes chimicos sobre cujas propriedades e actividade se fundasse a esperançosa medicação.

Em desempenho da importante incumbencia este clinico transportou-se, com effeito, ao sitio onde brotam as fontes thermaes de Caldas Novas, descobertas em 1777 por Martinho Coelho, encontrando grande numero de morfeticos alli reunidos — para mais de cem — e attrahidos pela preconisada efficacia de taes aguas.

A presença de tão crescido numero de doentes suggeriu-lhe, como natural, a idéa de estudar tambem a morféa, e para isso tratou de interrogal-os e acompanhar os effeitos do tratamento a que estavam submettidos, levando o zelo ao extremo de praticar 14 autopsias em cadaveres de morfeticos.

Terminados estes estudos, o Dr. Faivre remetteu ao ministro do imperio aquellas memorias, ajuntando-lhes uma carta em que propunha uma serie de medidas hygienicas, conducentes a impedir o desenvolvimento da morféa. (1)

E' de notar que, não tendo a academia imperial de medicina sido bastante solicita em estudar as questões levantadas pelo Dr. Faivre nos dous trabalhos, o ministro instasse pela decisão, o que deu logar a que na sessão de 3 de Abril de 1845 fosse nomeado relator das mesmas memorias o Dr. De-Simoni, a quem se recommendou brevidade na elaboração do respectivo parecer.

O laborioso, direi mesmo — o infatigavel academico — não se fez esperar, e na sessão de 10 de Abril, ao cabo de sete dias, apresentou o luminoso trabalho em que accentuou com habilidade os pontos mais importantes das duas memorias, encaminhando para elles a attenção de seus collegas.

---

(1) Apezar de muitas diligencias não me foi possivel encontrar semelhante documento na secretaria do imperio, nem no archivo publico, onde o Sr. conselheiro Lopes de Leão e eu o procurámos.

Em Agosto do mesmo anno travou-se na academia a discussão sobre o mesmo parecer; os academicos votaram afinal algumas modificações de pouco valor para as conclusões de tão interessante trabalho, e de accôrdo com o vencido redigiram o officio que o Dr. Paula Candido, de saudosa memoria, endereçou, na qualidade de vice-presidente da academia, ao então ministro do imperio, conselheiro Manoel Alves Branco.

Desta importante peça transcreverei sómente os dous ultimos considerandos, o setimo e o oitavo, por serem os que se prendem ao assumpto, os quaes são concebidos nestes termos: « 7.º Sendo muito interessante a solução das questões relativas ao progresso e augmento da morféa entre os habitantes deste Imperio, convirá muito que o governo, para o bem da humanidade e do paiz, promova esta solução por uma boa estatistica, formada com documentos authenticos e exactos do modo indicado pelo Dr. Faivre na sua carta dirigida a S. Ex. o ministro daquella época; 8.º Tendo um grande numero de casos de morféa uma origem hereditaria, deve-se muito receiar que a prolificação dos morfeticos augmente o numero destes infelizes e encha o Estado de uma população enferma: seria portanto conveniente pôr, a respeito delles, em execução a lei do sequestro e apartamento não só entre os conjuges, senão tambem para com quaesquer affectados da molestia, para vedar que individuos taes procrêem uma prole morfetica, e perpetuem no paiz uma geração doente. A academia julga que esta medida, independentemente de quaesquer estudos e illustrações ulteriores ácerca da morféa, poderá desde já produzir bens reaes para o paiz. »

Foram estas as idéas capitaes da academia, emittidas em satisfação dos reiterados desejos do governo brazileiro: verificar o numero exacto dos morfeticos

existentes entre nós, e quanto antes, independentemente de quaesquer outros estudos, tratar de impedir a propagação da enfermidade, sob o fundamento que mais penetra ou deve penetrar no animo dos governos patrioticos — o bem da humanidade unido ao bem do paiz.

Qual das duas providencias, estatistica e isolamento, mais util: com a primeira se conseguiria determinar os dominios e a frequencia da molestia, e portanto julgar da gravidade das circumstancias; e com a segunda lograr-se-hia circumscrevel-a, embaraçar-lhe a carreira, de modo que a enfermidade ou antes « taes individuos não procreassem uma prole morfetica e não perpetuassem no Brazil uma geração doente. »

São passados 37 annos, é triste dizel-o, depois que a academia de medicina propoz ao governo medidas cuja « utilidade e urgencia » affirmou, e desde então até o presente nada tem feito o governo imperial!

Durante todo este tempo, — estes 37 annos —, se tem permittido com o mais lamentavel descuido da sorte das familias e da saude publica que a morféa se haja reproduzido e cobrado proporções, hoje impossiveis de calcular!

Nem mais uma palavra proferiu-se: em torno da molestia se fez um silencio completo; nem a mais rudimentar tentativa para esbarrar-lhe os passos, quer interroguemos os relatorios ulteriores dos ministros do imperio, quer os dos presidentes da junta de hygiene publica!

Qual a razão de semelhante procedimento?

Será porque já não se vê reproduzido, como no tempo do Conde de Bobadella, o espectaculo de grande numero de morfeticos accumulados no campo de S. Christovão e expostos a todas as injurias, a todas as privações, a todas as miserias?

Ou porque na capital da Bahia não se contam agora dous mil leprosos como então succedeu?

Mas nada disto indica que o numero de affectados haja diminuido, e sómente que os morfeticos de hoje são como os de todos os tempos, os quaes, obedecendo á voz do instincto, evitam e fogem dos centros populosos onde se armam prisões a titulo de asylos para os recolherem.

Não ha vantagens, nem considerações, a que o homem, feliz ou infeliz, sacrifique a sua liberdade. O morfetico, apezar da maldição das sociedades egoisticas, é homem, e como tal prefere a vida errante e desabrigada, a injuria das intemperies, o escondrijo donde sáe por momentos, mordido pela fome, para estender mãos supplices aos transeuntes, ao pretenso asylo que para si, que não é criminoso, importa uma pena, uma prisão perpetua.

Livre, o morfetico encontra nos proprios episodios de sua vida e sobretudo nas scenas da natureza os meios de desviar a attenção de sobre sua enfermidade.

No asylo — o aspecto do edificio, a qualidade do serviço, a physionomia dos companheiros, as queixas, as dores, os proprios cuidados, e até o proprio leito, tudo concorrerá para manter no seu espirito e despertar a cada instante a lembrança de uma enfermidade que é para elle a peior de todas as miserias e a maior de todas as desgraças.

Soffrendo o martyrio de Tantalo, sem distracções, sem occupação alguma, tudo se resume para o morfetico no quadro lugubre do interior do asylo, desse asylo que, de mais a mais, preferem collocar nas cidades mais populosas.

Si os Hebreus, julgados impuros, obedeciam á ordem de sequestro emanada de Moysés, e cumpriam com

religiosidade, era principalmente porque não comprimia todas as suas faculdades.

Uma vez intimados, retiravam-se para fóra dos muros da cidade, onde apenas os retinha a prisão do dever.

O homem, porém, si obedece ao dever, cede á força.

Com effeito, para que na idade média o sequestro désse os resultados de que temos noticia pela historia, foi preciso que o praticassem com o maior rigor, tornando-o extensivo a todos os leprosos.

Não havia fugir, os morfeticos rendiam-se á força.

A sociedade exigia e impunha o sacrificio a todo transe.

Não se attendia ao homem, tinha-se unicamente em consideração a sociedade.

A mesma pena para os morfeticos e os criminosos.

Os morfeticos eram considerados delinquentes de sua enfermidade, e culpados porque eram infelizes.

Sua enfermidade era cruelmente punida.

A natureza impunha-lhes uma pena, e a sociedade martyrio ainda maior.

E até, para poupar trabalhos e evitar maiores despezas, chegaram a lançar mão da fogueira como recurso summario contra as delongas no interior das *leproserias !*

« Verdadeiros centros immundos de uma população agglomerada, as leproserias tornaram-se, mais pela propagação hereditaria do que pelo contagio, immensos fócos de infecção, aos quaes aquella época desapiedada acabou oppondo a fogueira, seu ultimo argumento em hygiene, como já o era em politica e em theologia.» (1)

---

(1) M. Brochard, art. hygiéne publique. *Dictionnaire General Politique* par Maurice Bloock — 1880.

Nos tempos modernos, é felicidade confessal-o, já se pensa mui diversamente. Os direitos de um vão sendo os de todos, e o homem sómente é privado de alguns delles ou por actos realmente criminosos, ou, de conformidade com os preceitos de uma hygiene razoavel e humanitaria, sendo acommettido de molestia transmissivel a outro ser humano.

Em qualquer dos casos toma-se em consideração o interesse social e o individual tambem.

Si, pois, o direito social não é unico, nem é tudo; si não tem o poder lato, discricionario, exclusivo, absoluto, daquelles tempos, visto ser actualmente a conglobação dos direitos naturaes de todos de per si, cumpre entretanto reconhecer que o proprio direito individual está sujeito a restricções naturaes.

Assim, a lei natural que concede ao homem a prerogativa de reproduzir a especie, de modo algum e em nenhum caso confere-lhe a faculdade de transmittir a infelicidade, e sobretudo a infelicidade irreparavel.

Aquella attribuição está, pois subordinada aos deveres da paternidade, conducentes a dotar a prole de elementos de resistencia ás influencias que a podem damnificar, assegurando-lhe as primicias de um porvir feliz.

Desconhecer esta restricção seria realizar na pessoa de seus descendentes o mais grave e perigoso attentado contra a propria natureza.

Pois bem, de accôrdo com os sentimentos naturaes, com a sorte das familias e com as aspirações da sociedade, qual será o melhor alvitre, o mais seguro e acertado, em relação aos morfeticos?

Abandonal-os, deixal-os em plena paz? Cruzar os braços em nome dessa liberdade, quaesquer que sejam as consequencias?

Não, não vou tão longe, porque o caso importaria uma concessão prejudicial aos direitos da communhão.

Nesta emergencia uma das mais preciosas funcções do poder publico será sempre a de conciliar as leis naturaes com as sociaes, harmonisar os direitos da individualidade com os de todos.

Todo o ser humano deve a seu semelhante uma parte de seus serviços e até de sacrificios, e para cumprimento desta contribuição, sagrado penhor da collectividade, tanto vale praticar o bem como evitar que succeda o mal.

Demonstrado, como está, que a morféa se transmitte quasi fatalmente pela herança, corre ao infeliz que della soffrer a obrigação de evitar o mal da transmissão hereditaria a outro ser humano, emquanto a sciencia se considerar impotente contra aquella enfermidade.

Como, porém, contar com a segurança de que este dever será fielmente cumprido, si o homem nem sempre resiste á tentação da fraqueza, e pelo contrario é muitas vezes ou quasi sempre por ella arrastado?

Sendo, entretanto, indispensavel garantir o interesse social, não descubro nem conheço outro meio além do isolamento dos morfeticos, executado e mantido de modo que « não exceda do fim que se tem em mira obter ».

Estabeleçam-se, pois, as prescripções a que terão de sujeitar-se esses enfermos, comtanto que sejam formuladas em sentido mais persuasivo do que rigoroso, e acima de tudo modeladas pelas leis naturaes. *Ars, imitatio naturæ.*

Deste modo supprime-se o doente, mas fica o homem, que será apenas privado de uma de suas funcções; a sociedade ficará preservada, garantida, e a natureza, quanto é possivel, attendida, respeitada.

Em outra parte, ao occupar-me do « sequestro », conto desenvolver este meu pensamento.

II

DISTRIBUIÇÃO DA MORFÉA PELAS PROVINCIAS DO BRAZIL

Quando os autores europeus occupam-se em fixar os limites geographicos da lepra, não deixam de contemplar o Brazil como um dos paizes em que mais abunda esta molestia; ou mesmo, indo além, o apresentam como o paiz em que é ella mais frequente.

Por esse ládo a reputação não é certamente das mais lisongeiras; mas, como nós os brazileiros temos a virtude da resignação ao conceito bom ou máo, justo ou injusto, razoavel ou exaggerado, que de nós se faça no estrangeiro, não nos damos por apercebidos de mais esta circumstancia,— a da maxima frequencia da lepra, apontada como um dos signaes caracteristicos da existencia de nosso paiz.

Não me darei ao trabalho de reproduzir tudo quanto se ha dito a semelhante respeito, e apenas transcreverei um trecho do artigo *lèpre* publicado no Diccionario de Jaccoud e assignado pelos Drs. Hardy e Labarraque.

Disseram estes Senhores: «Esta molestia acha-se mais espalhada no Brazil do que em qualquer outro paiz, segundo a opinião de Sigaud, Rendu, Lallemant, Dundas, Tschudi e outros. Reina principalmente nas pro-

vincias pantanosas de Mato Grosso, Minas Geraes e S. Paulo. E' tão frequente nesses logares que, nos limites da provincia de Minas Geraes e S. Paulo, suppõe Tschudi, não existe uma familia que não seja affectada da lepra. Apezar disto, accrescentam os autores, só ha tres leproserias no Brazil, nos arredores das tres cidades — Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.»

Nomeados os signatarios do artigo, que são escriptores de reconhecida nomeada, e indicada a obra, que é um diccionario de medicina, falta-me accrescentar a data da publicação: 1875, ha sete annos apenas!

Comquanto eu não tenha lido todos os autores nomeados naquelle artigo, posso todavia declarar que ha inexactidão, e não é sómente uma, no que a alguns delles foi attribuido: Rendu e Sigaud, por exemplo, não affirmaram ser no Brazil que mais abunda a lepra.

Demais, os alludidos medicos não percorreram o paiz, estiveram apenas em algumas capitaes de provincias, ou foram a logares determinados onde lhes constou que havia crescido numero de doentes, como succede nos limites da provincia de S. Paulo com a de Minas Geraes, e com taes elementos formaram seu juizo.

Foram portanto observadores incompletos; julgaram do todo pela parte, pela peior parte, e desta inferiram para aquelle.

Deixando de parte as inexactidões que o citado periodo contém, conviria averiguar si com effeito a lepra é tão frequente no Brazil, ou si somos o povo mais perseguido por ella.

Como, porém, julgar da questão si nos faltam os elementos indispensaveis?

Si o governo brazileiro se tivesse occupado deste assumpto, digno dos governos patrioticos, talvez podessemos attenuar o rigor do conceito que é hoje corrente em relação á frequencia da lepra neste paiz.

Que temos a lepra, é incontestavel; que temol-a em todas as nossas provincias, é igualmente certo; mas cumpre notar que, si em algumas é mais ou menos frequente, em outras, sendo estas em maior numero, é molestia rara.

A provincia de S. Paulo, sobretudo na sua linha de contacto com a de Minas Geraes, é, julgo eu por ouvir dizer, a que maior numero de doentes contém.

Que numero será este? Será tão avultado como affirmam?

O terror que a molestia infunde e a vida ambulatoria dos leprosos não concorrerão para que este numero se afigure maior do que realmente é?

A isso só poderia responder uma estatistica exacta, que serviria de mais a mais, sendo repetida de tempos em tempos, para indicar as tendencias de augmento ou diminuição da enfermidade.

Mediante este processo, applicado a todas as provincias, chegar-se-hia ao conhecimento exacto de nossa situação.

Si o numero de enfermos fosse realmente tão grande como dizem, estaria o poder publico informado da gravidade das circumstancias e habilitado para proceder com a resolução e energia que lhe dictasse o patriotismo.

E si assim não fosse, além da delucidação do assumpto, menos apprehensivo trataria o mesmo poder de levantar barreiras ao incremento da enfermidade, recorrendo a providencias correlatas.

Ora, para ser exacto, devo accrescentar que, antes do já referido acto solemne da academia imperial de medicina, o conselheiro Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto (Barão de Iguarassú), em um relatorio apresentado em 1833 ao conselheiro Bernardo Pereira de Vasconcellos, exprimiu-se nestes termos: « V. Ex.

sabe o estrago que em sua propria provincia faz esta terrivel enfermidade sobre familias inteiras, e só em um hospital methodicamente preparado é que se poderá dizer á humanidade contagiada : Não, tu não tens cura. Iguaes, si não mais aterradoras são as noticias oraes que nos trazem os paulistas, os maranhenses, os piauhyanos, e quasi todos os habitantes provincianos, sem de nenhuma das provincias termos, nem podermos haver, um calculo estatistico, pelo menos approximado da latitude deste grassante flagello. »

Entretanto, como nada se fez depois desta opinião do Barão de Iguarassú, aliás provocada pelo governo imperial; como não se attendeu aos conselhos da academia imperial de medicina, tambem pedidos pelo governo; e como ignora-se a marcha da morféa entre nós e as proporções assumidas, é-nos forçoso aceitar o que disserem ou quizerem dizer no estrangeiro sobre a frequencia da lepra no Brazil; emquanto não nos compenetrarmos da necessidade de não aguardarmos unicamente da fatalidade a solução de tão importante assumpto.

Pouco se sabe, com effeito, da distribuição da lepra pelas provincias do Brazil, e por isso nos poucos trabalhos publicados, theses de doutorandos e memorias, sobre esta enfermidade, divergem as opiniões: ao passo que na de alguns autores Minas Geraes e Bahia são as provincias que maior numero de morfeticos contêm, na de outros são Minas e S. Paulo, ou o Maranhão e o Pará; e finalmente cabe á provincia de S. Paulo a maior partilha, sendo esta a opinião mais seguida.

A' falta de dados officiaes que esclareçam o assumpto, unicos capazes de solverem duvidas, é realmente licito a qualquer dizer o que conhece a semelhante respeito, pouco que seja.

E' o meu caso: tendo de entregar-me a indagações sobre varias questões que se prendem ao estudo da molestia, dirigi-me para todas as provincias a collegas dos quaes solicitei informações, bem como a pessoas, cuja amizade tenho a fortuna de cultivar e que então administravam provincias, e finalmente a magistrados meus amigos.

Nesta correspondencia inqueri quanto pude sobre a frequencia da morféa, e sobre esta questão colhi o que era possivel de pessoas, ás quaes, embora sobrasse vontade, faltavam todavia elementos para poderem ministrar uma estatistica precisa e rigorosa.

Antes de apresentar o resultado de minhas indagações, seja-me permittido manifestar a todas estas pessoas, cujos nomes declinarei opportunamente, os mais sinceros votos de reconhecimento.

E' uma simples noticia, e não uma estatistica exacta, que vou dar da presença da morféa em cada uma de nossas provincias, como melhor se julgará pela seguinte exposição:

Amazonas. — No Diccionario topographico, historico, descriptivo da comarca do Alto Amazonas, publicado em 1852 pelo capitão-tenente da armada Lourenço da Silva Araujo Amazonas, encontra-se á pagina 15 a seguinte declaração: « Em Manáos não ha molestia dominante; as mesmas que ahi chegam, degeneram, inclusive a bexiga e o venereo. A *morféa*, que desola alguns logares do Baixo Amazonas (não porque seja endemica), não chega ao Alto. De igual, ou approximada salubridade, gozam as povoações plantadas em elevações, como Tupinambarana, Itacoatiára, etc. »

O ex-presidente do Amazonas e actual da provincia da Parahyba, Dr. Satyro de Oliveira Dias, teve a bondade de me dar conhecimento de uma carta, de 10 de

Maio ultimo, que lhe fôra dirigida pelo Dr. Aprigio de Menezes, clinico em Manáos, na qual este collega, entre outras cousas referentes á lepra, dizia: «Esta molestia existe no Amazonas, mas manifesta-se isoladamente; com certeza ella não se entretem endemicamente em nenhum logar da provincia: a observação o assegura.» Occupando-se do modo como vivem os poucos leprosos, diz o Dr. Aprigio de Menezes: «Vivem em suas casas; não ha hospitaes aos quaes sejam recolhidos. Tres ou quatro doentes que «ha annos» existiam nesta cidade foram recolhidos a uma pequena casa, situada fóra da mesma cidade, e alli se lhes dava a alimentação indispensavel á vida, correndo a despeza por conta dos cofres provinciaes. Destes resta apenas um.»

Pará.— « Essa molestia, me informa o Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, antigo e muito conhecido clinico do Pará, é mais frequente actualmente do que ha cincoenta annos passados. Durante este lapso de tempo tem ella sempre e consideravelmente augmentado. Semelhante tendencia para o augmento da elephantiasis dos Gregos é devida ao abandono absoluto das medidas sanitarias por parte do governo, á não observancia dos preceitos de hygiene publica, e a outras causas de que fallei em minhas cartas anteriores [1]. Como sóe acontecer por toda parte, são desgraçadamente os maiores povoados os mais flagellados pela lepra. Assim pois, esta capital (Belem), as cidades de Santarem, Obidos, Cametá, Vigia, etc., são os pontos da vasta bacia do maior rio do mundo, onde se encontra mais crescido numero de morfeticos. Pelos sitios, roças, logarejos e freguezias do interior

[1] Opportunamente, quando occupar-me da causa ou das causas da lepra, tomarei em consideração as opiniões do illustrado clinico.

ou sertão, semelhante doença é muito rara. No mato, nas malocas, ou nas selvas, é totalmente desconhecida, como já tive occasião de lhe assegurar. »

Si bem que não seja conhecido o numero exacto de leprosos no Pará, todavia, á vista das informações ministradas pelo Sr. Dr. Castro que alli clinica ha mais de 40 annos, não o podemos considerar pequeno.

Com effeito passa essa provincia por ser uma das mais flagelladas pela lepra; e como de dia em dia augmenta o numero de enfermos, pergunta-se : qual será no futuro o estado das populações das mencionadas cidades ?

Maranhão.— Devo ao ex-presidente desta provincia, o Sr. Dr. Cincinnato Pinto da Silva, as informações que, ao tempo de sua presidencia, colheu de medicos alli residentes.

Eil-as : dizem os Drs. Francisco Joaquim Ferreira Nina e Affonso Saulnier de Pierrelevée que a « morféa é endemica na provincia, e que o maior numero de casos se observa no Mearim e Vianna, affectando de preferencia aos pretos ». O Dr. Santos Jacintho declara que « em quasi todos os pontos da provincia apparecem individuos affectados dessa molestia ; porém é maior o numero delles em alguns logares humidos ou pantanosos, em que predomina a alimentação de peixe e de carne de porco, por exemplo as margens do Pindaré, do Mearim e do Itapicurú ». O Dr. Manoel Bernardino expendeu o seu juizo nos seguintes termos : « Logares ha em que é crescido o numero de individuos atacados da morféa pois temos noticia que no Rosario, Vianna e Mearim encontram-se com frequencia nas ruas individuos morfeticos, o que está de perfeito accôrdo com as informações fornecidas pelos doentes do hospital dos Lazaros desta provincia, onde a maior parte é representada por individuos destas localidades. Dos

33 enfermos existentes nas enfermarias, cinco são da villa do Rosario, quatro da cidade de Vianna e seis do Mearim. Demonstram-nos os factos que é nas cidades collocadas nas margens dos rios, cabeceiras de igua-rapés, nos logares pantanosos, especialmente nas pessoas cuja vida é cercada de privações e miserias, que o mal sóe de preferencia apresentar-se.»

Em presença destas opiniões, e attenta a sua concordancia, parece fóra de duvida que a morféa é frequente em algumas localidades do Maranhão.

Qual será, porém, o gráo da frequencia? Será crescido o numero de leprosos? Será progressivo? Não será possivel circumscrever a molestia, visto mostrar tendencia para domiciliar-se na provincia?

Piauhy. — A lepra é rara nesta provincia. «No sul da provincia, me scientifica o Sr. Visconde de Paranaguá, quasi não se conhece essa enfermidade.»

Igual informação obtive do pharmaceutico o Sr. Eugenio Marques de Hollanda, muito conhecedor da provincia, o qual declara ser alli muito rara a morféa.

Possa a administração provincial isolar esses poucos casos, evitando por esta fórma a reproducção de semelhante mal!

Ceará.—O Sr. conselheiro André Augusto de Padua Fleury, ex-presidente desta provincia, fez-me a fineza de communicar-me as opiniões dos Srs. Dr. Rufino Antunes de Alencar, Dr. João da Rocha Moreira (inspector de saude publica), Dr. Firmino José Doria (delegado do cirurgião do exercito), Dr. José Nogueira Borges da Fonseca e Dr. Meton da Franca Alencar.

Todos estes collegas consideram a morféa molestia rara nessa provincia.

O Dr. Rufino Antunes de Alencar diz: «Tendo estado por duas vezes no Aracaty, onde não me demorei pouco tempo, não vi alli caso algum desta molestia, nem

tão pouco na cidade de Icó, onde residi de 1859 até 1862, quando me mudei para esta capital.» O mesmo clinico accrescenta em seguida : « Quer na costa, quer no interior, é rara a dita enfermidade.»

O Dr. João da Rocha Moreira declara : « Que são raros os casos dessa molestia entre nós, os quaes, apparecendo isoladamente tanto nesta capital como nos differentes pontos da provincia, não permittem estudos sobre sua etiologia.»

O Dr. Firmino José Doria nada póde dizer sobre a frequencia da lepra na provincia, visto datar sua residencia apenas de nove mezes; não obstante informa que tem conhecimento da existencia da morféa no Ceará desde 1862, em que percorreu o interior dessa provincia, assim como sobre a existencia de alguns casos na capital.

Quanto á influencia da alimentação no desenvolvimento desta enfermidade, o Dr. Firmino emitte seu juizo, do qual me occuparei quando tratar da etiologia da lepra.

O Dr. José Nogueira Borges da Fonseca considera a lepra rara tanto nas costas do mar, como no interior. Diz que na capital ha 12 morfeticos bem conhecidos e accrescenta que no Aracaty, Sobral, Icó, etc. a molestia é igualmente rara. Este collega tambem estende-se sobre a influencia da alimentação, o que não me cabe incluir aqui.

O Dr. Meton da Franca Alencar informa que em 10 annos de clinica na capital só tem tido conhecimento de 10 casos. Proseguindo, diz mais que, tendo-se achado a serviço clinico em varios pontos, Aracaty, Canindé, Imperatriz, Pecon, S. Gonçalo, Aquiraz, Cascavel, Maranguape, Pacatuba, Guayuba, umas sobre o litoral e outras centraes, nunca foi consultado por morfetico.

Rio Grande do Norte. — Pela segunda vez recebi do Sr. Dr. Satyro de Oliveira Dias, quando administrou esta provincia, precioso subsidio para o meu trabalho, sendo a primeira, conforme declarei, quando dirigiu os destinos da do Amazonas.

Em data de 20 de Agosto o Sr. Dr. Satyro me enviou os pareceres dos Srs. Drs. Vicente Ignacio Pereira, Luiz Carlos Lins Wanderley e José Paulo Antunes, ácerca da existencia, da frequencia e de outras questões que se ligam ao estudo da lepra na mesma provincia.

Ouçamos os clinicos da cidade do Natal. O Dr. Vicente Ignacio Pereira declara : « Felizmente para seus filhos é esta affecção aqui tão rara que apenas de longe e por um ou outro caso isolado se ha offerecido ás nossas vistas. Pelo menos no Ceará-mirim e nesta capital onde fiz clinica por alguns annos ([1]) um caso apenas observei de morféa bem caracterisada e este na pessoa de um collega. » Com relação a este facto accrescenta: « consta que em época mais remota succumbiu ao mesmo mal um seu parente proximo. »

O Dr. Wanderley affirma que naquella provincia são rarissimos os casos de morféa, e por sua vez faz menção do medico morfetico, ao qual alludiu o Dr. Vicente Pereira.

Diz mais o Dr. Wanderley: « O que posso asseverar é que em 1877 achei-me em condições especiaes de poder verificar quaes as molestias dominantes no Rio Grande do Norte, porquanto, sendo nomeado pelo governo para tratar dos desvalidos accumulados em Mossoró, achei-me alli no meio de uma população superior a oitenta mil almas, presas da fome e flagelladas por varias enfermidades, como fossem febres de diversas naturezas, hydropisias, beriberis, syphilis, exanthemas

---

(1) A carta do Dr. Vicente Pereira é datada do engenho Guarapé.

etc., e nunca tive de ver [1] um só caso que se podesse confundir com a morféa. Entretanto em cinco mezes tive de receitar para mais de tres mil doentes, sem incluir neste numero os dos nove hospitaes, onde o movimento era de 500 a 700 doentes por mez. »

« D'onde procede, continúa o Dr. Wanderley, esse privilegio feliz para o Rio Grande do Norte que abrange em sua área de 18 mil milhas quadradas uma população superior a 240 mil habitantes ? Será de sua posição geographica ? Das condições de seu clima, quente ao correr do dia e refrigerante á noite ? Será da alimentação variada, que não é exclusivamente salgada, nem gordurosa, nem leguminosa, nem exclusivamente ichtyophaga, mas de tudo proporcionalmente misturada conforme os preceitos da hygiene ? Será mesmo da existencia das minas de enxofre, de que a geognosia dá noticia de haver no solo do Rio Grande do Norte ? » [2]

Não me sendo possivel dar por extenso o parecer do Dr. José Paulo Antunes, extractarei delle o que interessar immediatamente a esta parte do meu trabalho.

« Ainda não foi observado, diz este collega, um só caso de morféa no interior da provincia do Rio Grande do Norte. No sertão (nome dado ao interior) a alimentação consta de carne [3], farinha, leite, fructos, etc., é pois variada...........

« As molestias syphiliticas tambem avultam entre as que por lá grassam ; e si os sertanejos abastados con-

---

(1) Esta declaração do Dr. Wanderley interessa aos que pretendem que a morféa seja um producto da syphilis, pela mesma regra por que na idade média se pretendeu que a syphilis fôra uma degeneração da morféa. Opportunamente occupar-me-hei deste assumpto.

(2) Como são interessantes as reflexões que o Dr. Wanderley faz sobre os habitos alimenticios, excepcionalmente razoaveis no Brazil, dos habitantes do Rio Grande do Norte, entendi acertado deixal-as desde logo consignadas, embora parecesse que teriam melhor cabimento quando se tratasse das causas da morféa.

(3) Naturalmente allude á carne de boi e não á de porco.

servam sua vivenda aceiada, os pobres vivem em ranchos infectos e em pessimas condições hygienicas.

« A costa da provincia não tem a immensidade do sertão. Na povoação de Cannabrava, a 54 kilometros da capital, onde a alimentação usual se compõe de peixes seccos, salgados, bacalháo, carne de xarque, se conhece uma familia cujos ascendentes pertenceram a esse logar, a qual soffre de lepra tuberculosa. Ha mais de vinte annos que nessa familia se dão casos da enfermidade, que não foi importada, mas manifestou-se no proprio logar. A alimentação é quasi identica para todos que habitam a mesma área; entretanto só essa familia paga tão pesado tributo ! »

Fazendo tambem allusão ao medico em quem se manifestou a lepra, o Dr. Antunes diz que esse collega, ameaçado de tuberculose pulmonar, usára largamente do oleo de figado de bacalháo, ao que o infeliz enfermo attribuia sua molestia; e accrescenta o mesmo Dr. Antunes ter ouvido de pessoas criteriosas que um tio do referido collega soffrera do mesmo mal.

O Dr. Antunes cita mais o caso de uma morfetica na Aldêa Velha, onde a alimentação não diverge da que já indicou; outro caso, sem antecedentes na familia, de um doente domiciliario na parte alta da capital (a cidade de Natal se divide em cidade alta e Ribeira); o de uma senhora residente na Ribeira (parte baixa da capital), igualmente sem antecedente de familia. Além destes o mesmo collega menciona duas familias, moradoras na Ribeira, onde a alimentação predilecta é a de peixe. Naquellas duas familias os chefes, que eram hespanhoes, nada tiveram, ao passo que as consortes, oriundas da provincia, succumbiram á lepra, transmittindo o vicio aos descendentes.

O Dr. Antunes termina o seu trabalho declarando-se sectario da transmissão hereditaria da lepra e contra

a doutrina do contagio, porque, diz elle : « E' espantoso que não se tenha podido verificar um só caso de contagio nos casos de que tenho conhecimento. »

Outra conclusão deduziu o mesmo collega das suas observações e é que « a humidade, as comidas salgadas, a alimentação de substancias gordurosas, figuram pelo menos como causas predisponentes. »

De tudo que depuzeram os collegas, o que por minha parte infiro, com applicação ao assumpto da frequencia, é que são raros os casos de morféa na provincia do Rio Grande do Norte, e que depende de emprego de medidas hygienicas a extincção do germen de tal molestia na mesma provincia.

Parahyba. — Em 24 de Abril ultimo o Dr. Manoel Carlos de Gouvêa me dizia : « Apparece a morféa em casos isolados, e os que tenho observado se têm dado em pessoas que habitam a costa. »

O Dr. Gouvêa é filho da provincia, onde exerce a clinica ha mais de 20 annos.

Nada mais pude colher. Aqui na côrte o Dr. Manoel Carlos de Gouvêa, que occupa uma das cadeiras da camara temporaria, me repetiu que são raros os casos de morféa em sua provincia, o que impede se faça estudo profundo de semelhante molestia.

Pernambuco. — Em uma memoria publicada pelo Dr. J. de Aquino Fonseca, sob o titulo « Memoria ácerca das differentes especies de lepra (1) », disse esse pratico : « No Brazil é ella bastante frequente, sobretudo em S. Paulo e em Minas Geraes ; e em Pernambuco não é pouco, antes mais do que geralmente se pensa. »

Como esta declaração foi feita em 1847, ha pois 35 annos, entendi dever colligir informações recentes

---

(1) « Archivo Medico Brazileiro » tomo 3.º — 1846 e 1847.

sobre a marcha ulterior da molestia, dirigindo-me neste sentido a um outro pratico, antigo na provincia e justamente reputado, o Dr. Cosme de Sá Pereira, que contesta tal frequencia, pelo menos actualmente, como se vê destas palavras : « Medico aqui ha muitos annos e com clinica variada, raros têm sido os casos de morféa que tenho presenciado, e isto de longe em longe.»

Affirma mais o Dr. Cosme que « não ha na provincia localidade alguma em que predomine essa molestia e onde seja endemica. E' a morféa molestia de longa duração, e facil de ser conhecida ; sendo geralmente repellida, tornar-se-hia difficil escondel-a aos vizinhos e á voz publica nos logares em que existissem muitos casos. Por mais de uma vez a policia tem intervindo afim de sequestrar os individuos della affectados, instada pela voz publica. Não ha, pois, aqui logar algum em que esta enfermidade seja endemica. »

Observa o Dr. Cosme que em Pernambuco têm apparecido por varias vezes charlatães julgando-se ou apregoando-se possuidores do remedio contra a morféa ; mas que, sendo reduzido o numero dos doentes do hospital de Lazaros e não apparecendo doentes particulares, taes charlatães não têm podido exercer sua industria ; o que no conceito do Dr. Cosme constitue mais uma prova da pouca frequencia da lepra naquella provincia.

Do confronto das duas opiniões, emittidas por praticos antigos e muito conhecedores da provincia, uma das quaes é antiga, a do Dr. Aquino Fonseca, e outra recente (a communicação particular do Dr. Cosme traz a data de 6 de Janeiro de 1882), o que me parece se deve inferir é que na provincia de Pernambuco a morféa tem retrocedido, e já não se apresenta com a mesma frequencia de outr'ora.

Sendo, com effeito, molestia que se impõe a todos os olhares, e que a ninguem escapa por menos conhecedor que seja da medicina, não é crivel que abundasse actualmente em Pernambuco sem ser denunciada pela voz publica.

Alagôas. — «Não são frequentes, me informa o Dr. Thomaz do Bomfim Espindola, nesta provincia os casos de morféa; apparecem isoladamente mais nas costas do mar e nas margem dos lagos, do que no interior; e todavia calcúlo o seu numero actualmente em 40.»

O Dr. Socrates declara ter encontrado seis casos na cidade de Penedo, sita á margem direita do rio S. Francisco, em sua clinica de cerca de 20 annos na mesma cida e, e accrescenta: « Infelizmente não pude descobrir a causa dessa molestia em nenhum dos doentes a que me referi; devo entretanto ponderar que a população pobre desta cidade nutre-se exclusivamente de peixe de má qualidade, maximé nos mezes de Abril a Agosto, durante a vasante do rio. »

Da cidade do Pão de Assucar escreve o Dr. Ronaldsa: «Devo declarar que a morféa não se desenvolve em nenhuma das margens do baixo S. Francisco, e posso affirmar que não se desenvolve mesmo no alto S. Francisco até Cabrobó que fica a 75 leguas desta cidade. Affirmo-o, porque já viajei até perto de Cabrobó a cinco leguas de distancia, demorando-me por aquellas paragens dous mezes; e, posto tenha sido consultado sobre muitas enfermidades, não deparei com um só morfetico. »

« Posso tambem affirmar, accrescenta o mesmo collega, que não se desenvolve essa molestia nem nos seus limites do lado occidental, nem mesmo no centro da provincia. »

Sergipe. — Em minha provincia são rarissimos os casos de morféa.

Não me constava um só caso no interior, mas o Dr. Fontes, ex-interno da Casa de Saude de N. S. da Ajuda, e meu comprovinciano, deu-me noticia de um enfermo na villa de Itabaiana.

Na cidade de Estancia (litoral ao S.) conheci dous morpheticos. Singularmente, depois do fallecimento desses doentes, que eram irmãos, sobreveiu a mesma enfermidade na mãi, que a ella succumbiu annos mais tarde.

Actualmente, segundo me consta, só ha alli um morfetico.

Ao norte da provincia não ha noticia de se ter dado caso algum de morféa. E' tanto mais interessante esta circumstancia, quanto em grande extensão esta parte é influenciada pelo rio S. Francisco.

Durante a vasante daquelle rio, quando se desprendem activamente emanações dos alagadiços, e a atmosphera quente está o mais possivel impregnada de vapores humidos, o que abunda, quer á margem direita (Alagôas), quer á esquerda (Sergipe), é o impaludismo em suas variadas manifestações.

Como se invoca a cada passo o calor, a humidade, os alagadiços, o impaludismo, como causa de muitas enfermidades, *inclusive* da morféa, é bom deixar bem claro que em parte alguma essas condições existem tão accentuadas e tão completas como nas margens do rio S. Francisco, onde aliás a morféa nunca penetrou.

Em apoio citarei o que me informou em Julho ultimo o Sr. Dr. José Leandro Martins Soares: « Nunca ouvi dizer que nesta zona que margêa o rio S. Francisco se désse caso algum dessa enfermidade. Posso affirmar que a morféa não tem atacado a pessoa alguma deste litoral.

« Aqui principiei os meus estudos, e não tenho noticia de que alguem, de 30 annos a esta parte, fosse acommettido deste mal. Falla-se por aqui em morféa com uma especie de horror, de terror, prova de que não estamos familiarisados com ella.

« Quando fallo em zona que margêa o rio, comprehendo todas as povoações que demoram a 4, 6 e 7 leguas de distancia do mesmo rio. Não ha, pois, noticia dessa molestia por aqui, nem mesmo na margem opposta. »

Bahia.— São do Dr. Pacifico Pereira as informações que tenho desta provincia. Em carta de Maio do anno passado me disse este collega: « Felizmente o numero de morfeticos diminue geralmente aqui (na capital) como em toda a provincia. Consta que em outras épocas o numero se elevou no hospital dos Lazaros a cem ou mais; já ha alguns, porém, que raramente excedem de vinte. No interior da provincia, segundo me informam alguns medicos e individuos extra-profissionaes, são ainda mais raros os morfeticos, excepto nos confins de Minas, onde já se vão encontrando, segundo dizem elles, muito sensivelmente maior numero nessa provincia. Estas informações, accrescenta o Dr. Pacifico Pereira, abrangem por um lado de Alagoinhas ao Joazeiro, e por outro de Cachoeira a Caetité e Lençóes até ás margens do S. Francisco. »

Como eu notasse que aquelle collega nenhuma referencia fizera á existencia da lepra em Itaparica e nas costas de Itapoan, consideradas aliás desde muito como logares de eleição desta enfermidade, interroguei-o novamente e com particularidade sobre este ponto, obtendo a seguinte resposta (25 de Junho): « De todos os dados colhidos posso concluir que nas costas de Itaparica e de Itapoan, assim como, creio, em toda a provincia, o numero de casos de morféa tende a dimi-

nuir. Não julgo sómente pelas estatisticas do hospital dos Lazaros, mas tambem pelas informações de medicos residentes em differentes pontos da provincia, e de outros que viajam frequentemente pelo interior.

«Não creio que a diminuição da frequencia da molestia seja apenas apparente, e devida á liberdade que têm hoje os doentes de permanecerem em suas casas.

«Para o publico em geral poderá ser assim, porém não para os medicos, aos quaes estes doentes não deixam de consultar sobre sua enfermidade.

«Confesso que o assumpto carece de aturado estudo, e pela minha parte não aventuro ainda opinião decidida, porque faltam-me muitos elementos.»

De perfeito accôrdo com as informações do Dr. Pacifico são outras, que posteriormente recebi, ministradas igualmente por pessoas competentes. Uma dellas é o Dr. Juvencio Alves de Souza, que exerce ha mais ou menos 20 annos a clinica no interior da provincia da Bahia.

Informa o collega que no Alto S. Francisco, desde Capim Grosso até Carinhanha (extremo da provincia) nunca viu um só morfetico; não succedendo outro tanto com a syphilis, que tem observado em alta escala. A alimentação dos habitantes das margens do rio não é uniforme; si bem que nella figure com certa frequencia o peixe, póde entretanto ser considerada mixta, visto constar tambem de carne, caças, etc.

Este esclarecimento do Dr. Juvencio comprehende uma zona muito extensa da provincia da Bahia.

O Dr. Athayde, clinico da cidade dos Lençóes, informa que por alli têm apparecido alguns morpheticos, não que a molestia se tivesse originado na provincia, mas na de Minas Geraes, d'onde procedem aquelles enfermos. O mesmo collega observa tambem que em

Monte Alto, Caetité, Rio de Contas e Maracás não se têm dado caso de morféa.

O Sr. Paulo Joaquim da Fonseca, nascido na mesma cidade dos Lençóes (bem conhecida pela sua riqueza em diamantes), e applicado estudante do 5º anno da faculdade de medicina da côrte, me informa e assegura que, a partir da Feira de Sant'Anna até Villa Nova da Rainha, de um lado, e do outro até o Morro do Chapéo, não ha morféa.

Um negociante, pessoa conceituada, que tem feito constante commercio entre Minas Geraes e Bahia, no chamado sertão das duas provincias, informa que de Carinhanha até á cidade de Curvello, em Minas, não apparece morféa; diz mais: « Nessa zona da provincia de Minas a alimentação é identica á do interior da provincia da Bahia, e, como a desta, se compõe de carne de vacca, farinha de mandioca, rapaduras, etc. » A mesma pessoa accrescenta: « De Curvello para baixo, em busca da provincia de S. Paulo, é que a morféa apparece e se torna frequente, exactamente onde a alimentação muda para carne de porco, milho, pinhão, etc. » Comquanto esta informação não me houvesse sido ministrada por medico, cabe-me todavia declarar que partiu de pessoa circumspecta e muito conhecedora de todo aquelle interior das duas provincias.

Accresce que esta informação é em parte, na relativa á provincia de Minas Geraes, confirmada pelo Dr. Pacifico Mascarenhas, clinico, note-se, residente em Curvello, em carta dirigida ao ex-presidente o Sr. senador Meira, á qual carta terei de referir-me quando tratar da frequencia da morféa nessa provincia.

Do exposto se infere, pois, que nem no Alto S. Francisco, nem em todo o interior da provincia da Bahia, se produz a morféa, e que esta enfermidade só em alguns pontos do litoral se tem manifestado.

Espirito Santo. — A' bondade e extrema delicadeza do ex-presidente desta provincia, o Sr. Dr. Marcellino de Assis Tostes, devo o estar de posse de esclarecimentos [1] ministrados a S. Ex. pelo provedor de saude publica sobre a presença da morféa na mesma provincia.

Em officio de 4 de Julho do corrente anno o Sr. Dr. Manoel Goulart de Souza, que é o provedor, informou: « que existe a morféa na provincia do Espirito Santo; que os casos não são frequentes, nem essa enfermidade reina endemicamente em ponto algum da provincia; que os poucos casos se têm manifestado isoladamente; que sendo molestia hereditaria em duas ou tres familias, cedo ou tarde se tem declarado em seus membros; e, finalmente, que a circumstancia de se terem manifestado aquelles casos em differentes pontos prova que a causa não depende de condição topographica ».

A provincia do Espirito Santo é, pois, uma das em que se póde, mediante cuidados e conselhos hygienicos, circumscrever completamente a morféa, impedindo-lhe a reproducção.

Municipio neutro. — Não posso determinar o gráo de frequencia da lepra na côrte do Imperio por falta de dados estatisticos. Que se dão casos isolados e que ha tambem familias eivadas dessa enfermidade, tenho disso certeza; mas não sei a que numero attingem os morfeticos que aqui existem. Dos documentos deixados pelo Conde de Bobadella e Conde da Cunha se vê que naquella época foi bastante crescido o nu-

---

(1) Não posso deixar de consignar aqui um voto de gratidão ao Exm. Sr. Dr. Marcellino de Assis Tostes, que, apezar de não ter de mim conhecimento algum, foi solicito em satisfazer, por carta de 4 de Julho de 1881, o meu pedido de informações sobre a lepra, offerecendo-se com a melhor vontade, — *são suas expressões*, — para ministrar-me quaesquer outros esclarecimentos de que eu viesse a carecer.

mero de morfeticos no municipio neutro; o que se deve attribuir não propriamente ao desenvolvimento da lepra aqui, mas principalmente á concurrencia de doentes procedentes de outros pontos, os quaes vinham para cá na esperança de obter com mais facilidade os meios de subsistencia.

Os leprosos gozam aqui de liberdade, e não é raro vel-os nas ruas, ou mesmo transitando em *bonds*, visto não encontrarem por parte dos habitantes sensivel repugnancia.

E' certo que tanto não permitte a lei, mas por tolerancia não se tem constrangido os leprosos á menor reclusão.

No regulamento de 17 de Fevereiro de 1766, baixado pelo Vice-Rei Conde da Cunha, ficou estabelecido: capitulo 4º: « Neste hospital, o dos Lazaros, se hão de recolher indefectivelmente todas as pessoas de qualquer estado ou condição, que estiverem contaminadas do mal de S. Lazaro, violentando-se ainda os que duvidarem fazel-o voluntariamente, porque assim o pede a utilidade publica, que deve preferir á particular. »

Nas providencias, porém, de 29 de Março de 1815, que nesta parte não foram alteradas pela lei de 15 de Setembro de 1827, estabelece-se (no capitulo 6º) outra disposição, a saber: « sem que sejam constrangidos a residirem no hospital aquelles lazaros, que tiverem meios de se tratarem em suas casas com as devidas cautelas, ficando nesta parte alterado o capitulo 5º (aliás 4º do regulamento). »

Sendo esta a disposição legal, em cujo exame não entrarei, que nos devia reger, visto ser a ultima que tivemos, outra tem sido todavia a pratica geralmente seguida, conforme declarei.

Rio de Janeiro. — Pelo conhecimento que tenho de varios pontos desta provincia, e pelo que hei colhido

de varios clinicos, a morféa não é frequente nella, ao contrario do que se tem affirmado em algumas publicações scientificas sobre esta enfermidade.

Não me consta que haja localidade alguma em que a lepra se tenha desenvolvido com certa insistencia.

O Sr. Dr. Aydano, que exerce dignamente ha annos na provincia as funcções de inspector geral do ensino e que a tem percorrido varias vezes em todas as direcções, me declarou não haver encontrado em parte alguma, nem mesmo esmolando pelas estradas, como sóe acontecer, pessoa que désse visos de semelhante soffrimento.

Do mesmo Dr. Aydano tenho mais os seguintes apontamentos: « A morféa é molestia quasi desconhecida no municipio de Paraty, não obstante a sua proximidade da provincia de S. Paulo, d'onde é separada ao sul e ao oeste pela serra de Paraty.

« Na cidade deste nome existe um morfetico cujo soffrimento data de 30 annos.

« Em toda a parte plana e accidentada do municipio não registram a clinica nem as informações particulares movimento apreciavel desta molestia, segundo fui informado por dous medicos e por pessoas autorizadas do termo.

« Ha uma circumstancia singular relativamente ao caso: ao passo que na parte da serra de Paraty, que verte para o municipio deste nome, não ha casos de morféa, na vertente opposta, que faz parte já de S. Paulo, são communs os casos desta molestia.

« Na parte baixa do municipio a alimentação consiste em peixe fresco ou salgado e farinha de mandioca: nos logares distantes da costa e na serra, em feijão, farinha, peixe secco em pequena escala, e carne secca em menor ainda. Ha familias inteiras que se alimentam quasi exclusivamente de farinha secca.

« No municipio de Angra dos Reis são tambem rarissimos os casos de morféa.

« O distincto medico, Dr. Santos Bastos, em sua clinica de 8 annos aqui, registrou ([1]) apenas um caso, e me declarou que nunca lhe chegou noticia de outro qualquer no municipio.

« A alimentação da classe menos favorecida de recursos é a mesma de Paraty. »

Nos limites do Rio de Janeiro com a provincia de Minas é que se tem notado maior numero de leprosos procedentes quasi todos da segunda, os quaes passam livremente de uma a outra parte.

Que na provincia do Rio se têm dado casos de morphéa, e que ainda os ha, não contesto, porquanto eu mesmo tenho noticias de alguns; o que não affirmo, como outros, é que a lepra seja ahi frequente.

E' possivel que melhor do que eu estejam informados os que pensam diversamente; não me é licito duvidar disso; digo entretanto o que me consta e o que sei.

Minas Geraes. - Geralmente se acredita no paiz e fóra delle, que a provincia de Minas é uma das mais flagelladas pela lepra.

Na sua « Historia do Brazil » expressa-se Southey a este respeito do modo seguinte:

« Em todas as partes desta capitania (referindo-se a Minas) era mui o vulgar a lepra. »

Nas suas « Reflexões sobre a morphéa » diz o Dr. Paula Candido: « Um facto incontestavel se observa em grande parte das provincias de Minas e S. Paulo em certos logares em que abundam os morfeticos, etc. »

([1]) A communicação do Dr. Aydano me foi dirigida de Angra dos Reis em 1º de Outubro de 1881.

No relatorio apresentado á academia imperial de medicina do Rio de Janeiro, sobre a these do Dr. Coni (de Buenos Ayres), intitulada *Contribucion al estudo de la lepra anesthesica*, o Dr. Moncorvo de Figueiredo diz á pag. 8: « Em nosso paiz, particularmente nas provincias de S. Paulo e Minas Geraes, a lepra é uma molestia que se manifesta com uma frequencia de ha muito demonstrada. Esta frequencia, accrescenta o Dr. Moncorvo, não nos parece tão exaggerada como faz crer Tschudi »

Esta tradição e o conhecimento de algumas opiniões concordes fizeram-me acreditar que na realidade a morféa era frequente em Minas Geraes, e por isso não foi pequena a minha sorpresa quando recebi communicações inteiramente contrarias, firmadas por medicos naturaes da provincia onde residem e exercem a clinica ha alguns annos, e contam numerosas relações.

Um delles, o Dr. Saturnino Simplicio de Salles Veiga, cujas habilitações conheço de perto, exprime-se nestes termos: « O desenvolvimento da morféa em Minas tem sido referido publica e particularmente, de modo exaggerado, parecendo que se quer fazer crer que é a morféa uma molestia peculiar da provincia. Tal não se dá, e o numero de doentes que se encontra nas povoações mineiras não é em sua totalidade e talvez que nem em sua maioria de procedencia da provincia. Em razão do proprio mal que soffrem, e das naturaes excitações do espirito de que são victimas, os miseros morfeticos vivem errantes, não demorando-se em geral em logar algum e esmolando em uma zona de muitas dezenas de leguas. Tem-se dito que ha em Minas uma zona em que se nota maior desenvolvimento da morféa. Para julgar da veracidade de semelhante asserção procurei informações e nenhuma veiu confirmal-a. »

Não é menos explicito o Dr. Anastacio Simphronio de Abreu, merecidamente apreciado na provincia, onde ha mais de trinta annos clinica ; diz elle:

« Sem exaggeração não se dirá que o numero de morfeticos seja crescido na população mineira, não passa de uma hyperbole dos que isso affirmam. Assim expressando-me não pretendo contestar a existencia desse mal na provincia, e sómente fazer ver que é elle raro *maximè* entre os seus habitantes do norte ; é para o sul, nas suas raias com a provincia de S. Paulo, que se vê maior numero de atacados da hedionda molestia.

« E', pois, esta a parte mais affectada da provincia ; em qualquer outro ponto da mesma apparece algum caso, raramente. »

Depois de algumas considerações sobre outras questões, termina o Dr. Simphronio de Abreu dizendo: « Do que escrevi se conclue: 1º que o numero de morfeticos na provincia de Minas Geraes não é o que dizem ser, e attendendo-se a que é molestia de que não se trata, póde mesmo ser considerado limitadissimo ; 2º que o ponto em que maior numero de doentes se conta é o limitrophe da provincia de Minas com a de S. Paulo, etc. »

A estas duas opiniões tenho de reunir outras, emittidas por clinicos que residem em varios pontos de Minas Geraes, e das quaes tive conhecimento por intermedio do Sr. senador Meira quando occupou a presidencia da provincia.

Ao transmittir-me essas opiniões, o Sr. senador Meira dirigiu-me, com o cavalheirismo que o distingue, uma carta em que dizia o seguinte: « Em Minas não ha estudo feito sobre esta enfermidade (a morféa), não ha trabalho algum, nem official nem extra-official. Apezar da accusação que se tem lançado á provincia

no tocante á existencia da lepra, não se tem tratado de estudar e averiguar a verdade. »

E' exactamente o caso de se dizer como Montaigne: *l'habitude en ôte l'étrangeté.*

Na deficiencia de dados officiaes o então presidente de Minas, empenhado como mostrou-se em satisfazer o meu pedido de informações, dirigiu-se a varios clinicos da provincia, de cuja opinião sem demora me deu sciencia.

Das respostas dos collegas pude colher os seguintes esclarecimentos :

O Dr. Cornelio Pereira de Magalhães (clinico em Baependy) declara : « que no sul de Minas, zona em que resido, constituem as margem do rio Sapucahy o dominio mais consideravel da morféa Assegura-me uma pessoa de minha familia, originaria d'alli, que são muitos os casos que constantemente se dão em habitantes daquellas margens ».

Diz o Dr. Pacifico Mascarenhas (clinico em Curvello): « Ao norte desta provincia rarissimos são os lazaros, e nesta comarca, cuja população é de cerca de 35 mil habitantes, só tenho noticia de 10, e estes mesmos descendentes de morfeticos procedentes de outros pontos da provincia. »

Esta opinião corrobora o que ficou dito á pag. 31, quando occupei-me com o interior da provincia da Bahia.

Quanto á opinião do Dr. Pacifico Mascarenhas em relação ao sul da provincia, onde, seja dito, elle admitte a frequencia da morféa, eu a farei conhecida, afim de evitar repetições inuteis, quando houver de tratar da alimentação — encarada como causa da morféa.

Tenho ainda a registrar a opinião do Dr. Pedro Sanches (clinico em Caldas). Comquanto tenha elle

sido reservado em emittir juizo sobre a frequencia da morféa, são comtudo dignas de nota suas ponderações.

São estas as palavras do collega: «Não tendo nós, eu e meus collegas Dr. André e Dr. Bretas, feito estudos especiaes na área da nossa clinica sobre a morféa, nada poderemos dizer sobre semelhante mal em relação ás diversas partes desta provincia, vasta e extensa como ella é. Si os medicos de Minas tivessem dirigido a sua observação para este lado, communicando annualmente os resultados de sua pratica a especialistas da côrte ou de qualquer ponto da provincia, certo que em grande parte teriam concorrido para a elucidação de muitos pontos ainda obscuros sobre o mal de S. Lazaro, pois esta doença abunda nesta parte do Imperio, como é voz corrente.»

Tem razão o Dr. Pedro Sanches, e possam suas palavras despertar a attenção dos clinicos tanto de Minas Geraes como das demais provincias, empenhando-os em um assumpto digno do mais sério estudo.

Da mesma resposta do Dr. Pedro Sanches tomarei em consideração a parte concernente á alimentação quando chegar á etiologia da lepra.

Goyaz. — São escassas as informações que pude colher desta provincia. O Dr. Francisco da Costa Ramos (actualmente chefe de policia de Minas Geraes), o qual exerceu por algum tempo as funcções de juiz de direito da comarca de Santa Cruz, informa: «Sobre a morféa em Goyaz pouco posso adiantar. Vi alguns morfeticos na comarca de Santa Cruz e no meu trajecto á capital.»

«Apparecem mais casos do que aqui (o Dr. Ramos escreveu de Sergipe), porém muito menos do que em S. Paulo e Minas Geraes.»

Do Sr. Francisco Joaquim Marques, residente em Pouso Alto, recebi a seguinte resposta: «Sem poder

mencionar ponto algum em que a morféa seja endemica ou se manifeste com certa frequencia, cabe-me comtudo informar que essa molestia é encontrada por todo o sul da provincia, talvez na proporção de 1 para 100. No norte, principalmente em Santa Maria de Taguatinga, segundo me informam, esta cifra é ainda maior.»

São estes os unicos esclarecimentos que pude obter a respeito da provincia de Goyaz.

Mato Grosso.— Achando-se na presidencia desta provincia o Sr. Barão de Maracajú, meu distincto comprovinciano, não hesitei em dirigir-me a S. Ex. pedindo informações sobre a frequencia da morféa alli. Conforme eu previra, o digno presidente não me fez esperar pela sua resposta, na qual me dizia que a morféa não é frequente em Matto Grosso, e que o hospital de Lazaros, estabelecido na capital, recebe annualmente pequeno numero de doentes.

Como esta resposta creasse no meu espirito o desejo de colher novas informações, sendo uma dellas referente aos habitos alimentares dos habitantes da provincia, empreguei nesse sentido novas diligencias, não mais perante o Sr. Barão de Maracajú que já havia deixado a administração da provincia, mas junto a outra pessoa que prometteu-me dar as referidas informações, promessa que infelizmente ainda não realizou.

Como, porém, o essencial é saber si a morféa é frequente em Mato Grosso, fica a questão resolvida negativamente.

Rio Grande do Sul.— Diz-se geralmente que esta provincia é uma das menos perseguidas pela morféa, o que foi confirmado pelas declarações do Dr. Pio Angelo da Silva (Rio Grande), Dr. Abreu (Jaguarão), Dr. Seraphim Luiz de Abreu (Cangussú), e Dr. José Xavier da Costa (villa da Luz de Cacim-

binhas), obtidas por intermedio do Dr. Joaquim José Gomes, juiz de direito da comarca de Piratiny.

O Dr. Pio, clinico no Rio Grande, declarou : « Nos logares em que tenho observado a morféa e que se limitam a esta cidade e suas cercanias não é ella endemica ; bem como a tenho observado em casos isolados e affectando tambem a mais de um membro da mesma familia. »

O Dr. José Abreu affirma que : « a lepra é rara e que não conta em sua clinica caso algum ».

O Dr. Seraphim Luiz de Abreu diz : « Durante 12 annos que vivo entregue á clinica não observei um só caso de morféa na cidade de Jaguarão, villa do Arroio Grande, Herval, e hoje nesta villa de Cangussú, e nem me consta que meus collegas das localidades citadas tenham observado caso algum. A' vista do exposto sou de opinião que a morféa nesta provincia é molestia que raramente terá sido observada por um ou outro pratico de outras localidades. »

O Dr. José Xavier da Costa, ultimo dos medicos nomeados, o mais antigo — presumo eu, e que tem residido em varios pontos da provincia, confirmando a existencia da morféa alli em casos isolados, declara, porém, que não teve occasião de observal-a em habitantes das praias, que não sabe a que causa ou a que causas a possa attribuir, e que os poucos doentes de que tem conhecimento eram nascidos de pais indigenas e europeus.

Em uma nota final o mesmo collega accrescenta estas palavras : « Póde ser que o numero destes doentes seja maior do que se suppõe geralmente, visto que elles não só não procuram medicar-se com os profissionaes, como occultam-se ás vistas de pessoas estranhas. »

São estas as informações que colhi, das quaes infere-se que na provincia do Rio Grande a lepra é rara.

Seria do maior interesse scientifico estudar detidamente aquelles casos raros, tendo-se em attenção que alli não póde haver suspeita de intervenção climatologica nem alimentar, nem de qualquer outra causa a que se tem attribuido a lepra.

Trata-se de casos isolados, autochtones, de cujo exame minucioso talvez resultasse algum esclarecimento sobre a etiologia da lepra, o que mais difficilmente se conseguirá fazendo-se este estudo em condições oppostas, isto é, em logares onde abunda a molestia, e onde o juizo enreda-se em condições hereditarias, *climatericas* e outras.

Acaso teria a lepra sido levada de S. Paulo para o Rio Grande, pela estrada que ha longos annos serve de communicação entre as duas provincias?

Será, pois, de origem hereditaria?

Santa Catharina. — Foram-me ministradas pelos Srs. Drs. Henrique Schutel e Duarte Schutel as informações, que passo a expôr, sobre a presença da lepra nesta provincia. O primeiro exerceu alli a clinica cerca de 40 annos, e o segundo é clinico residente na capital.

O Sr. Dr. Henrique Schutel (pai) informa que a morphéa apparecia [1] na capital, sobretudo do lado de léste. Tambem era encontrada em outras localidades, como fossem o Ribeirão, Cubatão, Tijucas, Itajahy, S. Francisco, Laguna e Tubarão, sendo alli o peixe a base da alimentação, á qual era attribuida geralmente a molestia.

Notou, accrescenta elle, que nos ultimos 10 annos de sua residencia na provincia a morphéa se manteve estacionaria, si é que não diminuia, o que attribuiu ao

---

[1] O Dr. Henrique Schutel deixou a provincia ha 10 annos, vindo fixar sua residencia nesta côrte, onde me prestou verbalmente aquellas informações.

cuidado no regimen alimentar. Devido, com effeito, aos conselhos medicos em sentido contrario ao regimen composto de carne de porco, peixe, e da farinha de milho, o povo compenetrou-se de que tal alimentação lhe era realmente perniciosa, e tratou de a modificar.

Posteriormente ao que me foi affirmado por este pratico, recebi do Dr. Duarte Schutel a seguinte informação (1): « Poucos casos de morféa tenho observado na minha clinica, sendo quasi todos em doentes da capital. Nos municipios ao norte da capital, na zona abaixo da serra (litoral), — S. Miguel, Tijucas, Porto Bello, Itajahy, Penha, Barra Velha, Paraty, S. Francisco; e mais para o centro, — Joinville, S. Bento, Brusque, Alto Tijucas, Alto Biguassú, só me consta a existencia de um caso em Brusque, na pessoa de um italiano colono que já trouxe o mal da Europa.

« Nos municipios ao sul, — S. José, Enseada, Garopaba, Laguna, Tubarão e Araranguá — abaixo da serra, só tenho noticia e conhecimento de dous doentes que mediquei, dos quaes um é morto já e o outro vive, mostrando-se a enfermidade estacionada.

« Acima da serra, — Lages, Coritibanos, Campos Novos e S. Joaquim da Costa da Serra, não tenho conhecimento de caso algum.

« Na capital tenho observado os seguintes casos (segue-se a relação de algumas familias nas quaes a morféa se havia domiciliado). »

A' vista desta informação do Dr. Duarte Schutel, entendi que era meu dever leval-a ao conhecimento do Dr. Henrique Schutel, o qual confirmou ter observado em sua longa clinica maior numero de doentes,

---

(1) Tem a data de 1º de Fevereiro do corrente anno.

conforme me havia exposto, attribuindo a raridade actualmente da morféa a sensivel declinio na provincia, onde elle mesmo observára tendencia para isto. Em seu juizo, observa o Dr. Henrique Schutel, semelhante resultado póde ser explicado pelas modificações introduzidas no regimen alimentar.

Do que fica dito, o resultado é que a morféa é hoje rara na provincia de Santa Catharina.

Paraná. — Aos esforços do ex-chefe de policia desta provincia, o Dr. Cassiano Candido Tavares Bastos, devo interessantes informações, quer no tocante á frequencia da morféa na mesma provincia, quer a outras questões concernentes á mesma enfermidade.

Em carta de 31 de Maio do anno passado escrevia o Dr. Cassiano: « Tenho percorrido os relatorios de todos os presidentes que administraram esta provincia, e dos mesmos relatorios fiz os extractos que incluso remetto. »

Destes documentos o unico que diz respeito á lepra é o extrahido do relatorio do presidente Zacarias de Góes e Vasconcellos. O relatorio traz a data de 1855. Diz o presidente Zacarias: « A morféa, que na provincia de S. Paulo, de que esta foi outr'ora uma comarca, faz tantos estragos, não deixa de contar tambem aqui, si bem que em p quena escala, algumas victimas. Uma vi eu, na freguezia da Palmeira, que parecia soffrer o mal em gráo demasiadamente adiantado, e alimentava-se do que lhe fornecia a caridade particular, tendo por habitação uma pequena barraca á margem de um corrego: mostrava ter menos de 15 annos e diziam-na oriunda de outro logar. Informam-me que para o lado de Tibagy a molestia atacava alguns individuos e familias. »

Em um curioso manuscripto que me offereceu o Dr. Cassiano C. Tavares Bastos, producção do Sr. A.

Ricardo Lustosa de Andrade, que neste e em outros trabalhos mostra grande pendor para o estudo de assumptos patrios, encontrei alguns esclarecimentos sobre a frequencia da morféa na provincia do Paraná. Depois de extensas considerações sobre as condições climatologicas e hygienicas dessa provincia ([1]), de mencionar uma affecção darthro-escrophulosa, observada pelo Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Motta, que por muitos annos residiu no interior da provincia, onde exerceu, como nesta capital, a clinica, e de alludir ás relações que sempre existiram entre o Paraná e S. Paulo, observa o Sr. Ricardo de Andrade: « Estando a morféa muito espalhada em diversas localidades de S. Paulo, a ponto de contaminar familias inteiras, poder-se-hia evitar a introducção desse mal, sendo tão frequentes as relações entre as duas provincias? E' tradicional que nas antigas familias corytybanas jámais se deu caso algum de lepra entre os seus membros. »

Passando a indicar os logares onde a morféa se tem manifestado, diz o mesmo senhor: « No districto da capital o numero de morfeticos é limitadissimo. Na demarcação urbana, no Rocio, com uma população de 18 a 20 mil almas, só conheço uma senhora morfetica.

([1]) O Sr. Ricardo de Andrade estende-se sobre o incremento que no Paraná têm tido as boubas e a syphilis. « Seria longo, diz elle, enumerar os estragos dessa affecção (as boubas) de parceria com a syphilis, e o grave damno que causa á saude publica. A mocidade paga o seu tributo por mais que se queira livrar da rede que envolve todas as classes sociaes. »

Já eu tinha conhecimento da frequencia das boubas no Paraná, o que encontrei confirmado por aquelle senhor, bem como pelo Dr. Walfredo de Figueiredo, juiz de direito do Campo Largo, em uma communicação que teve a bondade de dirigir-me.

Effectivamente as boubas têm tomado naquella provincia proporções espantosas; é enfermidade alli generalisada, e que, transmissivel pela herança, além de contagiosa, ameaça o futuro da população do Paraná.

Devido a isto e tambem aos vicios do regimen alimentar, os paranaenses não gozam de saude e robustez proporcionaes á acção tonica do clima sob que vivem.

« No bairro de Botiatuvinha houve diversos membros atacados dessa doença, que, segundo nos consta, não se tem reproduzido.

« Em Campo Largo, a cinco leguas da capital, existem alguns affectados.

« Nesta provincia é a freguezia de Tibagy onde se encontra maior numero de morfeticos. Os habitantes dessa localidade são dados á criação de porcos, objecto de exportação para as provincias vizinhas. »

O Dr. Walfredo de Figueiredo transmittiu-me o seguinte resultado de suas pesquizas :

« Póde-se compu'ar em 40 a 50 o numero de morfeticos em toda a provincia, segundo me affirmam pessoas de criterio e antigas, sendo para notar-se que os casos têm augmentado progressivamente ; dizem-me que antigamente o numero de affectados desse mal era mais limitado e circumscripto. E' exactamente em minha comarca que maior numero de casos se têm dado (na séde e sobretudo em dous pontos), onde actualmente ha uma familia inteira atacada. Entretanto em diversos pontos da provincia, desde o litoral, ha doentes em numero limitado que vai augmentando de Corityba até Palmeira, existindo tambem, o que affirmo, morfeticos em Ponta Grossa, Castro e Lapa. »

De outros apontamentos que me foram igualmente dirigidos pelo Dr. Cassiano Tavares Bastos, colligi o seguinte: « Nenhuma pessoa tem até o presente procurado colligir documentos que sirvam de base ao estudo da morféa nesta provincia, bem como pôr-lhe paradeiro, a ser possivel.

« No anno de 1816, mais ou menos, appareceram no Paraná alguns morfeticos vindos do norte a titulo de esmolarem. Tamanho era o horror que essa enfermidade causava aos poucos e disseminados habitantes dos Campos Geraes do Paraná, então comarca da pro-

vincia de S. Paulo, que á approximação de um morfetico se fechavam as portas das casas. A esmola era piamente entregue por algum corajoso que afastava-se o mais possivel afim de evitar o halito supposto empestado do pedinte.

« Sem embargo a colheita era abundante, o que animava a volta destes doentes em épocas apropriadas, acabando por se fixarem alguns no municipio de Castro, no logar onde está assentada a villa de Tibagy, extremo norte da população paranaense naquelles tempos. Outros doentes, atravessando os Campos Geraes, se destinavam a passar para o Rio Grande; mas chegados que fossem ao Rio Negro, como tivessem diante de si uma mata de 18 leguas toda deserta e cheia de perigos para os transeuntes, deixavam-se ahi ficar á espera de occasião favoravel á realização de seu intento, acabando alguns por se fixarem no logar.

« Devido a isto é que a lepra se tem desenvolvido mais em taes paragens da provincia, pois, quanto ao resto, se póde dizer que é molestia rara.

« O clima do Paraná parece refractario ao desenvolvimento da lepra, o que é confirmado pelo que passo a expôr, certamente digno de nota. A provincia é atravessada de norte a sul por uma estrada que vem de S. Paulo e vai ao Rio Grande, sendo esta a unica via por onde naquelles tempos primitivos da provincia vieram os seus primeiros habitantes. A' margem desta estrada estão collocadas as cidades de Castro, Ponta Grossa, Lapa e as villas de Palmeira e Rio Negro, logares esses, onde existe a morféa mais ou menos desenvolvida, e a éste está Corytiba que, reunida a outras povoações até ás praias do mar, contém metade da população da provincia, e onde não ha morféa. A oeste estão as comarcas de Guarapuava e Palmas, com uma população já crescida; e onde não se encontra essa molestia.

Cumpre notar que os habitantes de Palmas e de Guarapuava, em virtude das exigencias de sua industria, communicam-se frequentemente com os Campos Geraes, e vão á capital e á marinha, bem como os habitantes do valle de Corytiba.

« Pois bem, apezar destas communicações, a morféa não tem attingido a estes logares, limitando-se á planura dos Campos Geraes no trajecto dessa estrada que vai do norte ao sul, e especialmente nos dous extremos.

« E' o viajor mysterioso que caminha do norte ao sul sem pender nem para a direita nem para a esquerda, espalhando em sua passagem o germen que ha de comprometter as gerações que se succed m.

« Terminando o que ha a se dizer a este respeito, cumpre ainda mencionar um desses tristes quadros, em que se representa a miseria humana.

« A opulenta villa do Rio Negro foi outr'ora uma colonia allemã, fundada pelo Barão de Antonina. Esta colonia jazeu por muitos annos em perfeito abandono e sem recursos; foi grande a pobreza, as necessidades eram muitas, cruciantes. Nestas condições os morfeticos vindos de S. Paulo, ao atravessarem a provincia, adquiriam dinheiro por meio de esmolas, e chegados que fossem ao Rio Negro, ahi paravam e em seguida se transportavam para o Rio Grande.

« Pois bem, essa demora no Rio Negro foi bastante para que se produzisse ahi essa raça infeliz, que tende a augmentar constantemente. »

Do excerpto que fiz dos documentos ministrados pelo Dr. Cassiano Tavares Bastos e da resposta do Dr. Walfredo de Figueiredo, não se póde em rigor inferir que a morféa seja frequente na provincia do Paraná; entretanto, attento o desenvolvimento que a molestia vai alli tomando e o máo regimen alimentar das classes menos favorecidas, ha fundamento para se temer que

no futuro seja esta uma das provincias mais flagelladas por semelhante enfermidade.

S. Paulo.— A opinião geral, quer no circulo dos profissionaes, quer no extra-profissional, é que a morféa é frequente na provincia de S. Paulo.

Querem uns, com effeito, que seja a provincia em que mais abunda a molestia, ao passo que outros a collocam entre as que maior numero de leprosos contêm.

A este respeito não ha quasi discordancia, nem attenuação, nem contestação: é frequente, dizem a uma voz fóra e, o que mais é, dentro da provincia; affirmam-no igualmente medicos nacionaes e estrangeiros.

O Dr. Argollo Ferrão ([1]) transcreve o trecho do relatorio do presidente da provincia, publicado em 1840, no qual o presidente, com relação á frequencia da lepra, declara: « E' um espectaculo digno de compaixão encontrar-se amontoados tantos infelizes infectados de lepra; nos arredores de cada cidade acha-se uma ou mais cabanas, que servem de refugio a estes proscriptos da sociedade. »

Occupando-se do mesmo assumpto, accrescenta o Dr. Argollo Ferrão: « As ultimas informações ministradas pelo mui distincto clinico daquella provincia, o Dr. Arsenio de Souza Marques, confirmam o que acabamos de referir, e asseguram-nos que infelizmente a elephantiasis não tem diminuido. »

Do seu estudo inferiu o autor que « com mais ou menos intensidade a elephantiasis faz victimas nas differentes provincias do Imperio; porque em todas, além das causas que são inherentes ao clima, a ali-

---

([1]) These de doutoramento, sustentada em 1871 pelo Dr. Manoel Gomes de Argollo Ferrão perante a faculdade de medicina da Bahia.

mentação e a incuria do governo pela saude publica prestam o mais valioso apoio ».

O Sr. conselheiro Tavares Bastos teve a bondade de me informar que, transitando por vezes pela estrada de Taubaté, encontrára grande numero de morfeticos em miseraveis choças, os quaes viviam da caridade publica; bem como que em suas excursões, como chefe de policia, pela provincia sempre encontrára morfeticos.

O Dr. Villaça, ex-delegado de saude publica na capital, confirma que a enfermidade é alli mui frequente.

O Dr. Salles Gomes, clinico em Tatuhy, m'o informa igualmente, accrescentando: « A morféa, si não poupa aos mais favorecidos da fortuna, todavia é mais frequente nos desprotegidos por ella, o que se explica pelas condições hygienicas em que vivem. » ([1])

O Dr. Tobias Rabello Leite, o incançavel director do instituto de surdos-mudos desta côrte, referiu-me, de volta da provincia de S. Paulo em Janeiro do corrente anno, haver tambem encontrado grande numero de morfeticos esmolando pela estrada de Mogymerim.

Em Fevereiro de 1881 o Dr. Pedro Paulo, actualmente na Europa, e eu fomos á provincia de S. Paulo, a estudo especial, e o que ouvimos dizer geralmente e sem rebuço foi que a lepra é alli mui frequente.

---

(1) O Dr. Salles chamou-me a attenção para uma circumstancia pelo menos muito curiosa, e em todo o caso digna de nota: eis o que me communicou o collega: « sendo o bocio (vulgarmente conhecido por papo) uma enfermidade muito frequente aqui na classe pobre, *maxime* nas mulheres, ainda não vi, nem pude ter noticia de que apparecesse essa enfermidade em um morfetico e reciprocamente. Será, accrescenta o collega, mera casualidade ou haverá alguma razão scientifica? »

Propondo o collega uma questão digna de ser estudada pelos praticos que acharem-se em condições de o fazer, limito-me a consignal-a aqui, visto me faltarem elementos com que contribua para a sua elucidação.

A' vista de um tal consenso entendi escusado proceder em relação a esta provincia do modo por que o fiz em relação ás demais provincias do Imperio.

Effectivamente, é tão grave o que se diz a meia voz sobre a sorte de não pequeno numero de familias, e o que corre sobre os dominios da morféa na provincia de S. Paulo ([1]), que pouco mais adiantariam as informações mais ou menos vagas que eu podesse colher de uns e de outros, aos quaes me dirigisse.

No meu entender o essencial é definir a situação da provincia, determinar a extensão da molestia e precisar o numero de enfermos.

Repito: póde succeder que este numero não seja tão grande como affirmam; o terror que a molestia infunde geralmente aos paulistas e a circumstancia de andarem os doentes esmolando em varios pontos podem de algum modo concorrer para que se exagere alli sua frequencia.

Seja como fôr, julgo cumprir o meu dever expondo a situação da provincia de S. Paulo, sem confirmal-a, nem attenual-a.

Pelo que fica exposto se póde julgar que não tive a pretenção de apresentar um trabalho estatistico sobre

---

([1]) O Dr. Moncorvo de Figueiredo, no seu já citado relatorio, averbou de exagerada a asserção de Tschudi de não *haver uma só familia nos limites de Minas Geraes e S. Paulo que não estivesse soffrendo de lepra.*

Entre as referencias que em meus estudos encontrei ácerca da frequencia da molestia na provincia de S. Paulo, e que deixei de mencionar visto não assentarem sobre base segura, destacarei a que consta de uma nota exarada á pag. 18 da memoria do Dr. Emilio Coni, intitulada — *Historia de una afeccion anestésica;* reza a nota: « En la provincia de San Pablo, donde reina epidémicamente la lepra en su mas alto grado, se hace un empleo abusivo de la carne de puerco y se ha observado que este animal está a menudo attacado por una afeccion que se asemeja mucho á la lepra (morfea, Brasil). »

Como se vê, o autor diz, e o diz em boa fé, guiado apenas pela tradição, que a morféa reina em S. Paulo « epidemicamente e no mais alto gráo ».

Nesse conceito do Dr. Emilio Coni se reflecte, cumpre confessar, o desprezo a que temos votado o estudo desta enfermidade entre nós.

Que a morféa seja frequente na provincia de S. Paulo, é admissivel, uma vez que nos faltam documentos em contrario; porém disto a um « epidemicamente e no mais alto gráo » vai, quero crer, excessiva distancia.

a frequencia da lepra nas provincias do Imperio, mas que o meu unico intuito foi dar uma noticia do que nellas consta a semelhante respeito.

Nem ao menos me foi dado indicar aproximadamente o numero de doentes em cada provincia, tal é a carencia de documentos. Não obstante creio poder tirar esta conclusão: si a morféa é frequente no Pará, em algumas localidades do Maranhão, em determinada zona de Minas Geraes, e sobretudo na provincia de S. Paulo, é pouco frequente em umas e rara em outras das provincias do Amazonas, Piauhy, Ceará, Parahyba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Goyaz, Matto Grosso, S. Pedro do Sul, Santa Catharina e Paraná.

Foi até onde poderam chegar os meus recursos.

III

HOSPITAES PARA OS MORFETICOS

Desde remotos seculos a morféa tem sido objecto de cuidados especiaes nos paizes cultos.

Concorriam principalmente para isso o temor da molestia, a persuasão do contagio e a transmissão hereditaria.

A physionomia do leproso infundia, com effeito, terror; encontravam nella os traços de um animal terrivel, o leão. Semelhante transfiguração do homem dava logar a graves conjecturas sobre a origem, sobre a verdadeira causa de tamanha desgraça. A imaginação apoderou-se do facto, emprestou-lhe as mais feias côres, e deu-lhe uma interpretação sinistra.

Fôra preciso, diziam, que o infeliz houvesse commettido os mais graves delictos para que sua physionomia tomasse aquellas feições, as feições de um animal feroz! O crime se espelhava no rosto do morfetico! Aquella mascara era o cunho da punição, o estigma da vingança divina!

A originalidade de uma molestia que não se limitava a alterar os tecidos, mas ia ao ponto de alterar os caracteres do homem, creou uma especie de superstição contra os morfeticos.

Não tenho empenho algum em citar as scenas barbaras, verdadeiros delictos praticados nas pessoas dos morfeticos, e o que mais é — em nome da lei e a bem da humanidade! Direi apenas que, ao ter-se conhecimento de taes crimes, por exemplo — quando se sabe que na Escossia a mãi morfetica era judicialmente queimada viva, levando nos braços o seu filho recemnascido, não é certamente da morféa que se deve ter horror.

Como quer que seja, poucas são as pessoas que ouvem pronunciar a palavra morféa sem manifestar certa impressão de desagrado, e poucas as que vêm sem repugnancia approximar-se um morfetico.

Aqui, na capital do Imperio, tem-se é certo, menos repugnancia desses infelizes; mas nas provincias não succede o mesmo.

Os qualificativos geralmente empregados para indicar o morfetico revelam o gráo de aversão e terror que se tem á enfermidade.

E é somente isto? Porventura não se encontra a cada momento na linguagem classica palavras que exprimem o « asco, a hediondez, o terror » da lepra?

Ora, pergunto eu, será isso permittido na linguagem medica? Si os proprios medicos usam de taes epithetos, não será de estranhar que outras pessoas procedam do mesmo modo ou ainda com mais exageração.

Não, não nos é permittido fazel-o: nós os medicos não julgamos das molestias pelas impressões que nos transmittem os sentidos ; o nosso pensamento gira em torno da curabilidade ou não curabilidade do mal; e a partir d'ahi, si a morféa é reputada incuravel, outras enfermidades ha que tambem o são, sem que a estas se appliquem qualificativos tão deprimentes e desagradaveis.

Os vocabulos feio, repugnante, asqueroso, horrivel, hediondo, não foram inventados para figurarem na nossa linguagem medica.

E' do nosso dever, pelo contrario, apagar os vestigios de uma tradição erronea, collocar o assumpto no seu verdadeiro terreno, e julgar a lepra por outro prisma, á luz dos sãos principios da sciencia.

De feito, o que é que no leproso assusta, e o que assim terrorisa?

Confessemos a verdade: o que sobretudo assusta na morféa é a expressão do rosto, é a apparencia physionomica do morfetico. Causa terror a idéa de que se possa vir a soffrer uma tal transformação: o rosto representa a individualidade, e por isso nos merece tanto zelo. Imaginal-o transformado um dia, e por aquella forma, é aterrador.

Eis-ahi a interpretação do sentimento, que não é a admittida pela razão scientifica.

A sciencia não liga, com effeito, grande importancia á alteração que o rosto do morfetico apresenta, que para ella não passa de um simples accidente, de uma cousa secundaria, isto é, de um acto de localisação da morféa, acto que umas vezes se dá e outras não tem logar. Ha, realmente, morfeticos que nenhuma alteração physionomica apresentam, e que entretanto são tão morfeticos como os outros. Em outros termos, ha morféa sem morféa, isto é, ha casos desta enfermidade, perfeitamente genuinos, sem a physionomia morfetica,o que quer dizer que a alteração das linhas physionomicas não é constante, não é essencial, não é perfeitamente caracteristica da molestia.

Vistos dous doentes, sendo um de fórma anesthesica em que a physionomia não exprime a morféa, e outro de fórma tuberculosa em que a physionomia se altera profundamente, póde-se affirmar que o

primeiro passará desapercebidamente, emquanto o segundo levantará aquella repugnancia, aquelle terror.

Isto posto, é evidente que semelhante impressão não tem razão de ser, nem fundamento sério; não é racional, e antes de alguma sorte offensiva dos nossos sentimentos humanitarios para com creaturas, as quaes, mais do que com a propria molestia, affligem-se com o repudio que de todos os lados encontram.

Sim, é forçoso dizel-o: os morfeticos muito mais soffrem da sociedade onde são constrangidos a viver, do que da sua enfermidade. A esta circumstancia se deve attribuir o serem elles tão desconfiados, tão retrahidos, tão esquivos ás vistas dos homens, e em grande parte o rejeitarem os proprios soccorros hospitalares, que lhes são offerecidos, quero dizer impostos, menos em nome de uma caridade sincera, do que em pura satisfação do egoismo.

Quando se estuda a historia da morféa no Brazil, impõe-se ao espirito a seguinte verdade: no regimen colonial houve mais solicitude para reprimil-a, do que depois da independencia até o presente.

E' verdade que os vice-reis tinham na maior conta o contagio da molestia, o que os incitava á repressão, como nol-o mostra a correspondencia trocada com a Côrte de Portugal.

Em officio de 1763, dizia o Conde da Cunha: « Faz-se preciso que V. Ex. ponha na real presença de Sua Magestade o grande perigo em que esta cidade se acha, causado pelo mal contagioso da morféa, porque já não ha rua, nem praça, onde se não encontrem leprosos, nem tambem ribeiro ou fonte em que elles se não banhem; e por esta causa todas as aguas estão infeccio-

nadas, e toda esta grande terra no risco de a devorar este tremendo fogo, que em todo o Brazil se tem ateado.

....

« Este é o presente estado em que se acham os pobres leprosos nesta terra; e para que por culpa minha se não augmente este horrendo mal, como succede na cidade da Bahia, que por se não pôrem em separação os primeiros lazaros que naquella terra houve, se communicou o contagio nella com tal excesso que já chegaram a perto de quatro mil os que haviam, no anno em que lá estive, vindo de Angola. »

O Conde de Rezende dizia em officio de 1793: « Havendo o Conde da Cunha, sendo vice-rei deste Estado, concebido o louvavel projecto de occorrer ao funestissimo mal de morféa, que já naquelle tempo grassava com grande excesso nesta cidade, tomou a bem fundada deliberação de representar a Sua Magestade os tristissimos progressos, que fazia este terrivel contagio, a voracidade com que se estende por causa da communicação de grande numero de infectados, etc. »

E' este mais ou menos o theor das peças officiaes concernentes ao assumpto, as quaes, si nos indicam o gráo de convicção em que se tinha naquelle tempo o desenvolvimento contagioso da lepra, bem revelam o empenho de se impedir que a molestia contaminasse a população, o que significa bons sentimentos humanitarios.

Alludindo a esse empenho, o Dr. Bernardino Antonio Gomes pondera: « ... lembrando-me do que Sua Magestade tem feito no Rio de Janeiro, e tem mostrado estar disposto a fazer a favor dos lazaros daquella capital, etc. (1) »

---

(1) Ensaio Dermatologico—1820.

E' possivel se tente explicar a menor solicitude do governo brazileiro com uma razão apparentemente plausivel: a de não participar o nosso governo da mesma crença do contagio, e, por assim pensar, julgar-se desobrigado do emprego de medidas de isolamento, etc.

A explicação procederia si se admittisse o contagio como o unico modo de transmissão da molestia; ora, si é corrente que a morféa não é contagiosa, igualmente o é que se propaga pela herança; e como o grande empenho está em impedir a transmissão, o grande dever cifrar-se-ha em lançar mão dos meios conducentes a este resultado: o modo por que se opéra a transmissão é materia para as cogitações scientificas e não para a administração publica que sómente põe a mira nos resultados praticos.

Fôra injustiça desconhecer, como se tem pretendido, os cuidados que tiveram com os morfeticos os primeiros dominadores do Brazil.

Neste ponto o que torna desculpavel ao Dr. Soares de Meirelles a vehemencia de suas expressões ([1]), que não reproduzirei, é o haverem sido ditadas pelo sentimento do patriotismo.

Sobre ser a independencia da patria o que mais inflamma o animo do cidadão, accresce que o illustre brazileiro achava-se ausente no estrangeiro.

Nunca se ama com tanto extremo a patria como quando della ausente. E' então que mais nos ferem a attenção as faltas e os defeitos de nosso paiz, mais o lastimamos, e mais desejamos ver nelle introduzidos todos os melhoramentos que vamos encontrando pelo

---

([1]) Dissertation sur l'histoire de la morphée, par J. C. Soares de Meirelles. Paris — 1827.

mundo. A ausencia, com effeito, como que dilata o coração, e concentra e apura e exalta os sentimentos.

Ainda ahi estão os documentos para attestar como aos portuguezes não foi indifferente a sorte dos miseros morfeticos.

O Conde de Bobadella foi o primeiro que veiu em soccorro delles, fazendo-os recolher a umas casinhas sitas ao campo de S. Christovão.

Em 1766 o Conde da Cunha conseguiu passal-os para o edificio que ainda hoje, depois de uma interrupção de annos [1], lhes serve de abrigo.

Em 21 de Agosto de 1787 D. Rodrigo José de Menezes inaugurou o actual hospital dos Lazaros da Bahia.

Desde 1796 possue Pernambuco um desses hospitaes, que foi fundado por D. Thomaz José de Mello.

Ainda no dominio portuguez e sob o seu influxo fundaram-se outros hospitaes de igual applicação, sendo um no Pará, um em Minas Geraes (o de S. João d'El-Rei), e dous na provincia de S. Paulo.

Destes estabelecimentos de caridade e do seu estado actual passo a dar breve noticia.

Começo pelo hospital do Pará. Este hospital está situado, dizem todos, em sitio aprazivel, denominado *Tucunduba*, á distancia de meia legua da capital.

Sua fundação data de 1818 ou 1819, e é devida aos esforços da Santa Casa de Misericordia, que o manteve a seu cargo por muito tempo; e como o numero de doentes crescesse, o thesouro provincial veiu, ha talvez 36 annos, em auxilio da Santa Casa, que não podia,

---

(1) Por decreto de 8 de Outubro de 1817 foram os lazaros removidos para a Ilha das Enxadas, passando o edificio dondo foram desalojados, a servir de quartel ao batalhão de caçadores da divisão de Portugal, que guardava a pessoa de El-Rei D. João VI.

Em 1º de Julho de 1823 ainda mudaram os pobres lazaros, e desta vez para a Ilha do Bom Jesus, donde, á falta de accommodações, foram a final retirados por decreto de 25 de Agosto de 1832 e restituidos ao seu primeiro estabelecimento, onde jazem.

attenta a escassez de seus rendimentos, satisfazer tão pesado encargo.

Diz Sigaud ([1]) que houve desejo de mudar este hospital para a Fazenda do Pinheiro, onde se pretendia levantar um vasto edificio que abrigasse maior numero de morfeticos Quaes as razões desta preferencia e por que motivo não levaram a effeito, é que não sei informar.

Consta-me que no hospicio acham-se tambem reclusos os ([2]) doudos da provincia, os quaes realmente não farão aos infelizes morfeticos a melhor companhia.

O edificio é vasto, arejado e abastecido d'agua; mas está bastante arruinado, destelhado em alguns pontos, e por isso não offerece sufficiente abrigo contra os ventos humidos. Accusam o regimen dietetico e outras faltas hygienicas, bem como a deficiencia do serviço medico: sou informado que o medico encarregado do serviço vai alli uma vez por semana, quando não falta a essa unica visita.

As enfermarias não offerecem aos doentes o commodo de que tanto carecem: os leprosos dormem, com effeito, sobre estrados ou em redes velhas.

Devido ao systema de reclusão, que tenho condemnado desde o principio deste trabalho, por deshumano e irracional, e que condemnarei até o fim, ha frequentes fugas de leprosos do hospicio da Tucunduba, os quaes preferem mendigar pelas ruas a um viver realmente miserrimo.

Sei que o hospicio é muito soccorrido pela caridade publica, por meio de esmolas, roupas e generos ali-

---

(1) Du climat et des maladies du Brésil.

(2) A remoção dos loucos para o hospital dos morfeticos é posterior ao dominio portuguez.

menticios de todas as qualidades, o que abona sobremodo os sentimentos caridosos dos Paraenses.

Passe ao de Pernambuco.— Do hospicio desta provincia tenho a seguinte noticia: « Aqui no Recife havia junto ao hospital Pedro II uma casa destinada a receber os lazaros; era mais um « recolhimento » do que um hospital, exactamente como succede agora em outra casa destinada a receber alguns destes desgraçados, e que está annexa ao hospital dos mendigos, no arrabalde de Santo Amaro das Salinas.

« Alli se acham esses pobres quasi abandonados, isto é, á mingua de tratamento medico, e nenhuma observação se ha feito em relação á etiologia, nem quanto á therapeutica. »

No *relatorio sobre a Santa Casa de Misericordia do Recife*, apresentado pelo Sr. Desembargador F. de A. Oliveira Maciel em 1880, encontrei as seguintes declarações:

« HOSPITAL DOS LAZAROS.— Dos infelizes soccorridos pela Santa Casa são os morfeticos os mais credores de compaixão. O horror da enfermidade que os afflige, a sua repulsão do seio da sociedade e até da propria familia, o desespero que lhes traz ao espirito a incurabilidade da molestia, torna-lhes a vida um constante martyrio, lento, cruel, doloroso, mil vezes peior que a morte, e esse lastimoso estado crêa-lhes um genio insoffrido, odiento; é a desesperança que lhes atrophia a alma, é, a par do esphacelamento do corpo, a morte dos sentimentos ternos do coração. Nesse afflictivo estado não lhes faltem ao menos as nossas consolações; levemol-as, que são nossos irmãos, em livros de boa moral e religião, de que tem sêde o seu espirito obscurecido pelo soffrimento; levemol-as tambem ao corpo, já n'uma alimentação mais sobria, mais agra-

davel, já no vestuario mais abundante, já no preparo e asseio da habitação, de modo a tornal-a mais supportavel e menos pavorosa. A caiadura e pintura das enfermarias duas ou tres vezes por anno, o cimentamento do ladrilho, o ajardinamento do terreno em frente ao edificio para recreio dos enfermos, a construcção de banheiros, de latrinas, e a compra de uma machina para a lavagem da roupa, deve ser o complemento dos melhoramentos, que á 11ª junta compete realizar, de modo a amenizar, si é possivel, a horrivel situação daquelles infelizes. »

Foram tomadas em consideração as medidas propostas no mesmo relatorio? E' de crer que não, porque são de 1881, e portanto posteriores á sua publicação, as informações que sobre aquelle hospital transcrevi de uma communicação feita por pessoa circumspecta d'alli.

Além da construcção de uma cozinha e de uma sala para a distribuição da comida aos enfermos, de alguns reparos na cozinha e na sala de jantar de serviço do regente, e do concerto geral no tecto do edificio e da capella, o que consta do relatorio é que se comprara roupa, lençóes, colchas e calçado, bem como uma machina de costura, além de diversas banquetas para as enfermarias, melhoramentos estes que não correspondem áquellas medidas aconselhadas sobre o influxo de sentimentos humanitarios.

A' pag. 39 do relatorio encontra-se o quadro estatistico do movimento do hospital dos Lazaros durante dous decennios. O numero dos doentes elevou-se então a 1.440, dos quaes falleceram 940!

Quando se attende á marcha lenta da morféa entre nós, não póde passar desapercebida semelhante mortalidade, o que não abona as condições hygienicas em que são alli collocados os morfeticos, nem os cuidados ministrados.

HOSPITAL DOS LAZAROS DA BAHIA. — Visitando este hospital, disse o Dr. Rendu [1]: « Na Bahia fui mais feliz; lá encontrei um estabelecimento melhor conservado, mais solicitude com os doentes, um medico zeloso [2] e esclarecido, em summa todos os elementos de um bom hospital. » Levando más impressões do Imperial Hospital dos Lazaros da Côrte, e encontrando aquelle nas condições descriptas, o Dr. Rendu manifestou por estas palavras a agradavel impressão que lhe causou a visita feita ao hospital da Bahia.

Como estão trocados os papeis!

« Hoje, diz o Dr. Argollo Ferrão [3], é o verdadeiro contraste de hontem; a sciencia marcha; seus passos repercutem-se e reforçam-se pelas mil boccas da imprensa; os descobrimentos renovam-se, e entretanto nem uma experiencia se faz, nem um tratamento se ensaia, e o individuo que desgraçadamente para alli entrou é um condemnado á morte, que se guarda mais para furtar-se ás vistas publicas tão hediondo espectaculo, do que por commiseração e caridade. »

Ahi está o que disse o Dr. Argollo Ferrão: o contraste é realmente frisante e lamentavel, sobretudo dando-se semelhante falta na capital da Bahia, onde distinctos medicos, de algum tempo a esta parte, têm-se dedicado do modo o mais serio á indagação de importantes problemas pathologicos.

Correndo-me, porém, o dever de não repetir censuras ha 11 annos formuladas naquelles termos, procurei colher informações sobre o estado actual do hospital dos Lazaros da capital da Bahia, tendo em resultado a confirmação disso mesmo.

---

(1) E'tudes sur le Brésil.

(2) O finado Dr. José de Góes Serqueira.

(3) These citada.

O serviço medico é na verdade deficientissimo; apenas uma formalidade, um simulacro.

Lamento com o Dr. Argollo Ferrão aquelle desserviço, porquanto no estado actual da sciencia, e attenta a actividade que por toda a parte os medicos desenvolvem, armados como estão de importantes instrumentos de investigação, é sobremodo lamentavel semelhante inercia, semelhante apathia!

Si é muito louvavel o procedimento de alguns medicos que da Europa têm emprehendido longas viagens para estudar a morféa onde ella existe, torna-se realmente censuravel que aqui nem ao menos a estudemos em doentes proximos de nós.

A tradição da incurabilidade desta molestia, em vez de nos esmorecer, nos deve pelo contrario estimular.

Effectivamente d'entre as molestias que entre nós se encontram com mais ou menos frequencia, a morféa é, a meu ver, uma das que merecem e reclamam mais detido estudo, mais profundo exame.

A causa não é sómente nossa, sim da sciencia, da humanidade; e diante de dever tão sagrado a condescendencia de uns e o indifferentismo de outros excitam a maior reprovação.

Além disto o medico deve ter bem presentes á sua memoria estas palavras de um pratico muito conhecido de todos nós, Hufeland: « A funcção do medico, disse elle, não é sómente curar; é seu dever tambem, o que constitue um grande merito, prolongar a vida e tornal-a supportavel nas molestias incuraveis. »

Consta-me que a actual administração do hospital de Lazaros da Bahia, composta de distinctos negociantes, acha-se animada do maior desejo de melhorar as condições dos infelizes doentes, para o que aguardam que sejam removidos para o asylo, que estão pre-

parando á Boa-Viagem, os mendigos que actualmente occupam com os lazaros aquelle estabelecimento (1).

Não será opportuno, quando a administração houver de cuidar da reforma, resolver antes de tudo sobre a conveniencia ou não conveniencia de continuarem alli os lazaros ?

Proximo como está o hospital dos Lazaros de um cemiterio de grande extensão, será prudente mantel-o d'aqui em diante no mesmo local, humido, abaixo do nivel do terreno occupado pelo cemiterio ?

Em taes assumptos não se póde prescindir dos conselhos da hygiene, os quaes certamente não serão favoraveis a essa permanencia.

Ainda com relação ao actual estado do hospital dos Lazaros da Bahia encontra-se em uma these sustentada o anno passado na faculdade de medicina daquella cidade (2) estas palavras : « Foi fundado o nosso lazareto pelos padres jesuitas em 1783 a 1786, no logar que mais tarde foi denominado Quinta dos Lazaros. Este estabelecimento, que a principio tinha seu rendimento, é hoje custeado pelo governo, e o seu estado de decadencia é tal que tudo poderiamos chamal-o, menos hospital de Lazaros. »

HOSPITAL DE LAZAROS DA CÔRTE. — Este hospital apresenta a quem o visita os cuidados de rigoroso asseio. Dos hospitaes para morfeticos é o unico que tal qualificação merece. O serviço medico, pelo menos de algum tempo para cá (3), é mui diverso do encontrado

---

(1) No Pará, como vimos, collocaram os loucos ao lado dos lazaros ; em Pernambuco e na Bahia deram-lhes melhor companhia — os mendigos.

(2) These do Dr. José de Cerqueira Daltro Junior sobre a morféa.—Bahia, 1881.

(3) O Dr. Rendu deu uma descripção muito desfavoravel do imperial hospicio de lazaros, figurando entre as censuras o máo serviço clinico. Não sei quando este serviço foi reformado ; porém o que asseguro é que o Dr. João Pereira Lopes foi alli um clinico muito cuidadoso, bem como o Dr. Pontes Ribeiro. Actualmente o que me consta é que o serviço medico, dirigido pelo Dr. José Joaquim de Azevedo Lima, é muito exacto.

e descripto pelo Dr. Rendu. Os doentes de um e outro sexo occupam pavimentos differentes. A alimentação, si bem que não seja a mais rigorosamente adaptada a semelhante molestia, é comtudo abundante e de boa qualidade. Devido a consideraveis accrescimos feitos ha sete annos [1], na esperança de que o hospital viria a receber muito maior numero de doentes, o que aliás não tem succedido, proporciona espaço para numero quatro ou cinco vezes superior ao dos morfeticos que habitualmente o frequentam.

Si se tratasse de hospital para outras enfermidades, eu não opporia objecção alguma; sendo, porém, para morfeticos, penso que o imperial hospital de Lazaros da Côrte não satisfaz as verdadeiras condições hygienicas e clinicas.

Effectivamente, comquanto seja pequeno o numero de doentes que o procuram, nota-se todavia repetidas fugas, não porque o serviço no hospital seja máo, nem deixem os doentes de encontrar alli o que lhes póde offerecer a caridade, e sim porque o hospital em taes condições é uma verdadeira prisão.

Ha, é certo, algum espaço para recreio dos doentes, porém não existe para elles quasi occupação alguma. O tedio os acommette, a situação os afflige e horrorisa, e em tão cruel conjunctura só resta aos morfeticos um partido : o de saltarem os proprios muros da caridade em busca da liberdade, que, como disse um hygienista distincto, é a suprema aspiração de toda creatura humana.

Melhor argumento eu não encontraria contra o systema hospitalar para morfeticos, do que o que se deduz da fuga dos doentes do hospital da côrte.

---

[1] Do relatorio apresentado em 1874 pelo escrivão o Sr. João Antonio da Silva Guimarães vê-se que naquelle anno concluiram-se as obras.

HOSPITAL DE MINAS GERAES. — A respeito da provincia de Minas Geraes encontra-se no livro do Dr. Sigaud o seguinte trecho: « Ha nos diversos districtos desta immensa provincia muitos hospicios e asylos de leprosos; d'entre os primeiros merece especial menção o de Nossa Senhora Mãi dos Homens construido em 1771 pela caridade de um só homem, na serra do Caraça, hoje convertido em casa de educação. »

Por maior que fosse o meu empenho em colher informações sobre o auxilio que esta provincia presta aos seus morfeticos, só pude alcançar que em toda ella ha, não um hospital e ainda menos muitos hospicios e hospitaes, mas uma simples enfermaria annexa ao hospital de Misericordia de S. João d'El-Rei; e por isso o pouco a dizer não passa daquella enfermaria, sobre a qual tenho as seguintes informações do Dr. João Salustiano Moreira Mourão: « Essa enfermaria, que se denomina — hospital dos Lazaros, — foi fundada em 4 de Maio de 1806 por Manoel de Jesus Fortes e outros, sendo o compromisso de sua creação confirmado por provisão régia de 31 de Outubro de 1816. »

O thesouro provincial concorria com a quantia de 400$ annualmente, elevada depois a 2:000$, graças aos esforços do deputado Aureliano Mourão.

E' insignificante o movimento, não direi annual, mensal de enfermos. Actualmente existem tres mulheres, não havendo nunca o numero de morfeticos attingido a oito.

Informa mais o Dr. Mourão que a « morféa é desconhecida » no municipio de S. João d'El-Rei e que « todos » os doentes têm vindo de diversos pontos da provincia de Minas.

O distincto collega termina assim a sua exposição: « E' para notar que os individuos atacados desta terrivel molestia só procuram o hospital nos ultimos tempos

da maldita affecção.» Attribue isto a «exagerada reclusão a que são condemnados esses infelizes». São muito communs, relativamente fallando, os casos de fuga de morfeticos.» ([1])

Do exposto se infere que não ha proporcionalidade entre o numero de morfeticos, que a provincia conta, e os soccorros que lhes presta.

A receita desta provincia foi orçada no exercicio de 1880 a 1881 em 2.764:510$ e entretanto, é triste dizel-o, sómente a quantia de 44:000$ foi applicada á saude publica, como auxilio em partes iguaes de 22 casas de caridade da provincia.

Com os morfeticos despende a provincia de Minas a quantia de 2:000$000 !

Basta dizer que alli só ha para elles a enfermaria fundada, como vimos, em 1806, e ainda assim mantida em uma cidade onde não se dá caso algum de morféa !

Como lá a collocaram por motivos que sómente a occasião teria justificado, alli mesmo a conservam, unica na provincia, e sem opportunidade !

HOSPITAES DA PROVINCIA DE S. PAULO.— No capitulo de seu livro *Du climat et des maladies du Brésil,* em que fez menção dos hospitaes de caridade da provincia de S. Paulo, seu autor, o Dr. Sigaud, não podendo conter-se, accrescentou *que alli não havia hospital algum para morfeticos*.

Sendo geralmente sabido que esta provincia era (e é) uma das de maior numero de morfeticos, dever-se-hia com effeito estranhar-lhe a falta de um asylo para abrigo daquelles infelizes.

A ser exacto o reparo do Dr. Sigaud, faltava a provincia de S. Paulo a um dever de caridade, consentindo que,

---

([1]) Esta exposição traz a data de 13 de Setembro de 1881.

mendigando, vagassem pelas ruas os morfeticos, considerados com muita razão pelo Sr. Francisco Martins de Almeida a classe mais desgraçada de mendigos. (1)

Eu disse « com muita razão », e repito, porque, emquanto aos mendigos em geral acompanha a condolencia, que sua posição desperta, sentem os morfeticos em cada esmola a picada da repugnancia que o seu aspecto aviva.

Além disto, desde que os doentes transitassem livremente, e que a morféa não encontrasse obstaculo algum,— o menor paradeiro,— o resultado seria ficar a provincia contaminada, levando a molestia a desolação a muitos logares e a desgraça a muitas familias.

Cabe-me entretanto ponderar que o Dr. Sigaud não foi bem informado, porquanto a esse tempo a provincia de S. Paulo possuia dous hospicios, sendo um na capital e outro na cidade de Itú.

E' certo que dos dous hospicios o da capital não dava motivos para ser conhecido, nem mencionado, o que de algum modo justifica a omissão involuntariamente commettida pelo Dr. Sigaud.

O da capital da provincia foi installado em 1803 em uma pequena casa, sita em um arrabalde, a Olaria, que para esse fim fôra mandada edificar pelo Governador Capitão General Antonio José da Fonseca e Horta em um terreno, pelo mesmo arrematado no anno anterior por 120$000, offerecendo-a como Provedor á irmandade, e instituindo em favor dos morfeticos um subsidio pela Santa Casa, e as esmolas. (2)

---

(1) Este benemerito cidadão succumbiu ha poucos dias, no dia 8 de julho de 1882, na Capital de S. Paulo.

(2) Encontrei estes esclarecimentos no « primeiro relatorio sobre a Santa Casa de Misericordia da cidade de S. Paulo ». Depois de mais de dous seculos de existencia teve essa Santa Casa, em 1875, ha seis annos apenas, o seu primeiro relatorio, graças á dedicação e á tenacidade do Provedor — interino— Francisco Martins de Almeida.

A partir de então o hospicio continuou a prestar serviços aos morfeticos, mas de modo o mais restricto até 1856, época em que a irmandade de Nossa Senhora da Conceição e S. João Baptista veiu em soccorro delles tomando-os a seu cuidado, para o que recebia da Santa Casa o auxilio mensal de 100$000.

Tendo mais tarde esta irmandade, por motivos que não me é dado aquilatar, abandonado os morfeticos, tornou-se de novo muito critica a situação destes infelizes, aos quaes só se offereceu um recurso — o das esmolas imploradas pelas ruas da capital de S. Paulo.

Foi então que o benemerito Francisco Martins de Almeida propoz á Santa Casa que pozesse cobro a tamanha vexação, offerecendo-se elle proprio para dirigir o serviço do Asylo, onde seriam prestados aos infelizes morfeticos os soccorros indispensaveis á vida. [1]

O asylo foi pessimamente situado: de um lado acha-se cosido a um monticulo que impede o arêjo da casa, e do outro é cercado de extenso pantano.

Quando o visitámos, o Dr. Pedro Paulo e eu, encontrámos sete doentes, um dos quaes, Ventura, africano, de 70 annos de idade, lá está recolhido desde 1841. Si,

---

[1] Para que melhor se possa ajuizar do sentimento que guiava as acções deste homem caridoso, transcrevo aqui o seguinte documento:

A CARIDADE DOS HABITANTES DE S. PAULO

O hospital dos Lazaros desta cidade tem a seu cargo a sustentação e o tratamento dos infelizes lazarentos, considerados *parias* das sociedades modernas. A irmandade da Santa Casa de Misericordia, alcançada e onerada com o elevado numero de doentes de seu hospital, com a criação de expostos, e a braços com a edificação de um novo edificio para o hospital, é a protectora unica dos infelizes lazaros, abandonados pelos poderes publicos e pela irmandade de S. João Baptista da Consolação que outr'ora delles cuidava.

Em nome dos lazaros peço ao povo de S. Paulo uma esmola pelo amor de Deus para os nossos pobres e infelizes irmãos, que tanto carecem de soccorros para sua manutenção e reparo do edificio em ruinas no qual se acham. O obolo com que quizerem concorrer aquelles em cujo coração echoar este reclamo pela classe mais desgraçada dos mendigos, póde ser inscripto ou deixado no escriptorio das redacções do *Correio Paulistano, Provincia de S. Paulo, Tribuna Liberal* e *Jornal da Tarde*. — S. Paulo, 26 de Abril de 1879. — O mordomo do hospital dos Lazaros. — *Francisco Martins de Almeida.*

pois, faltassem outros dados, bastaria a existencia desse doente para attestar a antiguidade do estabelecimento.

Eis-ahi o que tem sido o asylo de lazaros da capital da pujante provincia de S. Paulo, com o qual, é bom que se saiba, os seus cofres nunca despenderam nem despendem um só real.

O da cidade de Itú é igualmente muito anterior á publicação do livro do Dr. Sigaud.

A respeito deste asylo se encontra o seguinte na 2ª parte da *Revista Trimensal* [1] : « Como instituição de caridade existem em Itú a Casa da Misericordia e o Hospital dos Lazaros. O Hospital dos Lazaros, collocado fóra da cidade, foi fundado no principio deste seculo pelo virtuoso padre Antonio Pacheco e Silva.

« No frontal do edificio está inscripta a data de 1806, que parece ser o anno da conclusão da obra. »

Na *Peregrinação pela provincia de S. Paulo*, de Zaluar, ha pouco fallecido, encontra-se mais : « O Hospital dos Lazaros é tambem um edificio importante e collocado fóra da povoação. Foi fundado e conservado muitos annos pelo padre Antonio Pacheco. Tem capacidade bastante para receber grande numero de morfeticos, offerecendo para isso todos os commodos; pois, além de uma boa quinta, possue um cemiterio e a capella em que se administra aos enfermos o pasto espiritual. »

Concluindo, diz : « Quanto a nós bastava esta instituição para fazer honra aos Ituanos. »

Este hospicio ainda existe, e ha mais de anno está em reparos, para os quaes concorreram os cofres pro-

---

[1] Excursão pelo Ceará, S. Pedro do Sul e S. Paulo, pelo Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (Barão Homem de Mello).

vinciaes com a quantia de 2:000$, conforme consta do relatorio do presidente da provincia o Sr. Dr. Laurindo Abelardo de Brito.

Consta-me que por algum tempo a Assembléa Provincial consignára a quantia de 1:000$ annualmente para supprimento do asylo de Itú, e que, ha quatro annos, a supprimira, não sei sob que fundamento, do orçamento provincial. (¹)

No asylo de Itú nunca houve serviço medico : os enfermos, cujo numero attingiu a 26 em um anno, recolhiam-se confiadamente á sombra da caridade christã, evitando assim a mendicidade pelas ruas e estradas.

Como se tornassem muito escassos os recursos de subsistencia, viram-se os morfeticos obrigados a pedir esmolas ás pessoas que transitavam pelas immediações do hospicio. Nestas condições achavam-se os infelizes enfermos, quando tomou a seu cargo soccorrel-os o sacerdote Bento Dias Pacheco, pessoa aliás de poucos recursos pecuniarios.

Actualmente o hospital de Itú não abriga um só morfetico.

Sou informado de que o mesmo Rev. Bento Dias Pacheco continuará a prestar seus soccorros aos morfeticos que houverem de recolher-se no asylo, si de algum modo o ajudarem no seu caridoso empenho. (²)

(¹) Não me consta que, além das quantias acima mencionadas, haja a provincia de S. Paulo despendido outras com o serviço de morfeticos. Entretanto não vem fóra de proposito saber com que recursos conta esta provincia.

Do balanço de 1878 — 1879 vê-se que a receita foi naquelle exercicio de 3.761:865$811 e que no primeiro semestre do seguinte exercicio se elevára a 2.594.612$310 (relatorio citado).

Segundo informações autorisadas que tenho, a receita no ultimo exercicio de 1880—1881, orçada em 3.732:371$176, excederá desta somma.

(²) Não conheço o hospital da cidade de Itú, nem sei até que ponto poderá aproveitar aos morfeticos que porventura haja em suas circumvizinhanças; cabe-me, no emtanto, repetir, por maior que seja minha veneração aos homens philantropicos, que sou contrario a similhante estabelecimento, como hei por vezes declarado.

Quando a sociedade retrae-se em presença da miseria, surgem em compensação uns entes providenciaes que na cidade de Itú tomaram os nomes de Antonio Pacheco e Silva e Bento Dias Pacheco, ambos sacerdotes e um delles herdeiro das virtudes e da missão do outro.

Póde-se deste modo dizer que aquelle edificio da cidade de Itú não era um hospital, nem é um asylo; mas sim era e é a igreja, — a matriz da caridade humana, como o templo o é do culto divino.

Foram estes os hospitaes fundados pelos portuguezes ou sob o seu influxo, o que demonstra que não descuidaram-se de prestar soccorros aos morfeticos.

Si tivessemos prestado alguma attenção a semelhante serviço, outro seria o estado actual de taes estabelecimentos, e não succederia o que tive de expor: exceptuando, com effeito, o hospital de Lazaros da côrte, vê-se que o da cidade de Itú não funcciona; o outro da provincia de S. Paulo não condiz com a importancia de sua capital; o da Bahia, o do Recife e o do Pará acham-se em deploravel estado.

Examinarei agora o que temos feito neste sentido.

« Quando reflectimos nos poucos meios, diz o Dr. Rendu, empregados para combater uma enfermidade cuja invasão incessante ameaça disimar uma população já demasiadamente insufficiente para occupar as immensas regiões em que se acham disseminadas, não podemos deixar de lamentar esta imprevidencia fatal que abandona populações inteiras á mercê de um flagello destruidor.

Dir-se-hia que nos logares onde a Providencia concedeu seus dons com mais liberalidade, o homem se

encarrega de contrariar-lhe os beneficios, entregandose á mais apathica negligencia [1].»

Percorrendo quasi todos os relatorios do ministerio do imperio, encontrei, com referencia á morféa, algumas palavras á pagina 54 do relatorio do Conselheiro Joaquim Marcellino de Brito (1847) sobre tentativas do tratamento desta molestia por meio do guano; e outras á pagina 44 do relatorio do Visconde de Mont'Alegre (1850) sobre o tratamento (aliás barbaro) que então empregava contra a mesma enfermidade em S. Paulo o francez Pedro Carlos Etchoin.

Além destes dous trechos encontrei apenas em alguns relatorios informações a respeito do hospital de Lazaros da côrte, versando sobre o movimento de doentes, orçamento, etc.

Quanto a providencias em ordem a evitar o desenvolvimento da morféa no Brazil, nada encontrei: nenhuma idéa, nenhum projecto, nenhuma intenção. Eis a triste verdade.

Depois da nossa independencia politica se têm fundado no paiz os seguintes hospitaes para morfeticos:

Na capital do Maranhão ha um asylo, sobre o qual tenho informação do ex-presidente o Dr. Cincinnato, concebida nestes termos: «Por deliberação da mesa administrativa, em virtude de indicação do governo da provincia, foi estabelecido a 7 de Julho de 1833 em uma pequena casa da rua do Passeio, por detraz do antigo cemiterio desta irmandade, o hospital dos lazaros, e nelle recolhidos 28 morfeticos, remettidos pelos juizes de paz, e outras autoridades da capital.

« O hospital é destinado sómente para morfeticos.

---

[1] Obr. cit.

« Para as despezas com o custeio deste estabelecimento, inclusive medicamentos, roupa, utensilios, concorre a Santa Casa desde que foi elle fundado, recebendo da provincia de 1861 a 1869 o supprimento de 1:833$333 annualmente, de 1871 a 1873 o de 2:550$ e de 1874 em diante o de 6:000$ como auxilio ás despezas feitas com o dito hospital.

« Finalmente, sendo estabelecido o mesmo hospital com o numero de 28 doentes como já disse, tem-se alli conservado esse numero com pequenas alterações para mais ou para menos em consequencia de fallecimentos de uns e entradas de outros, existindo em 1880 — 33 e em 1881 — 35 doentes. »

O procedimento da provincia do Maranhão é a este respeito merecedor de elogios, sobretudo si o compararmos com o de outras mais vantajosamente dotadas de recursos. Confesso-o com prazer.

Entretanto, não posso, sob o ponto de vista hygienico, deixar de accusar a pequenhez da casa que serve de hospital, a sua posição central, e a collocação atraz de um cemiterio, embora antigo.

A capital de Mato Grosso possue igualmente um pequeno serviço para morfeticos, segundo me foi communicado pelo Sr. Barão de Maracajú, conforme declarei. O hospital de Cuyabá não é antigo, e recebe pequeno numero de doentes.

Além dos dous, o da capital do Maranhão e o de Cuyabá, só me consta a existencia de mais dous asylos, sendo um em Piracicaba e outro em Campinas.

Em Piracicaba o prestimoso cidadão Manoel Ferraz Arruda Campos, no humanitario intuito de ver abrigados os morfeticos que andavam esmolando pelas ruas, promoveu a edificação de um asylo em um arrabalde da cidade, sendo auxiliado por uma subscripção promovida entre os seus habitantes.

Graças aos perseverantes esforços do Sr. Arruda Campos, o asylo ficou prompto em 1880, sendo no mesmo anno entregue á respectiva camara municipal.

Cabe-me accrescentar que este asylo não teve ainda occasião de funccionar por se haverem afugentado da cidade de Piracicaba os morfeticos, que por lá andavam esmolando.

A rica e florescente Campinas, cidade cheia de animação e de vida, e das cidades do interior a mais adiantada que conheço, tambem possue um hospital para lazaros.

Quando o visitamos ([1]), continha este hospital 14 morfeticos. Comquanto a casa seja *menos má* que a do asylo da capital de S. Paulo, e a situação incomparavelmente melhor, todavia, á excepção dos tectos sob os quaes se abriga a miseria, nada mais encontrámos que fizesse recommendavel o asylo de Campinas.

O administrador não permanece no estabelecimento, e sim na cidade, onde é procurado para os misteres do serviço.

Os doentes acham-se sobre si, e são elles proprios que preparam os seus alimentos, que, de passagem o digo, não são bem escolhidos: por exemplo — a farinha de que usam quasi quotidianamente, é a de milho.

Os doentes não transitam pelas estradas, e limitam os seus passeios ao terreno baldio que circumda a casa.

E' lamentavel que estes enfermos não disponham ao menos de um pequeno terreno onde cultivem legumes e hervas para sua alimentação.

O asylo de Campinas é o unico custeado pela camara municipal.

([1]) O Dr. Pedro Paulo e eu, sendo acompanhados nesta visita pelo distincto Dr. Candido Ribeiro Barata, um dos nossos mais illustrados clinicos.

Circumstancia notavel ! Como este asylo não tem ar de prisão, como os doentes não se acham em custodia e podem passear sem esbarrar em muralhas, não só não fogem, como até se nos confessaram alli satisfeitos, apezar da carencia absoluta de cuidados medicos e da muita deficiencia do serviço interno.

Não me constando que haja no Brazil algum outro hospital com semelhante destino, dou por terminada, sem mais commentarios, esta parte do meu trabalho.

IV

OS INDIGENAS DO BRAZIL E A MORFÉA

Tendo eu de estudar, com applicação ao Brazil, as causas a que se tem attribuido a morféa, julgo da maior importancia para o desenvolvimento do meu raciocinio deslindar esta questão preliminar : existia tal molestia entre os indigenas antes do descobrimento do Brazil ? Existe actualmente entre os indigenas ainda não mesclados ?

A razão da importancia que ligo ao assumpto é obvia : como o clima tem sido geralmente considerado um dos factores da morféa e se tem affirmado, não sei si com muito fundamento, que esta molestia é peculiar do clima quente, do clima tropical, lançando-se ao esquecimento que ella reinou, não por espaço de annos, mas durante muitos seculos em paizes de clima temperado, e ainda hoje lavra com bastante intensidade nos de clima frio, torna-se muito conveniente indagar qual foi a acção do nosso clima sobre os primeiros habitantes.

Si o clima do Brazil é devéras capaz, si possue o funesto privilegio de gerar a morféa, certamente não teriam a ella escapado os nossos indigenas, por passarem quasi a vida expostos ao sol, á chuva, ao relento ;

por não se acautelarem de cousa alguma, residirem nos fócos de humidade, ás margens dos rios e lagos, e ignorarem os perigos da intoxicação palustre; e, em summa, por viverem inteiramente dominados pela influencia do clima, receberem em cheio sua acção, sem o amparo e sem o correctivo dos climas artificiaes, de que usam os homens e os povos civilisados.

Effectivamente, indigenas e clima andaram e andam tão intimamente cosidos, si assim me posso exprimir, um ao outro, que tornar-se-hia impossivel áquelles furtarem-se aos effeitos deste, quaesquer que fossem — bons ou máos.

Muito de industria não limitarei o meu estudo ao passado, fazendo-o extensivo aos actuaes indigenas, sómente para evitar alguma objecção no sentido de qualquer modificação em virtude da qual, si o clima não possuia, veiu adquirir a funesta acção.

Em vez, pois, de ir direito ao estudo das causas da morféa, suspendo-o por um pouco afim de examinar primeiro a influencia, neste ponto, do clima do Brazil no seu periodo de pureza e isolamento.

E' o que passo a fazer.

Ao tempo do descobrimento do Brazil povoavam o litoral tribus selvagens, que constituiam nações differentes sob o ponto de vista politico e economico, mas tendo provavelmente a mesma origem ethnica, como parecem attestar os seus caracteres physicos, linguagem e tradições [1].

Os tupys, procedentes do Norte, haviam conquistado e estabelecido suas *tabas* nas piscosas praias do mar e nas margens dos rios, repellindo para o interior do

---

[1] Sobre a unidade ethnica das tribus selvagens do Brazil, veja-se: D'Orbigni—L'homme Americain; J. D'Omalius d'Halloy — Manuel prat. d'Ethnographie, e Gonçalves Dias — O Brazil e a Oceania—obras posthumas — vol. VI.

paiz seus antigos povoadores, os quaes, na época do descobrimento, ainda procuravam recobrar por meio das armas o territorio perdido.

« Destas duas raças, diz Gonçalves Dias[1], — a tupy, a raça conquistadora ou invasora, era talvez a mais numerosa e de certo a mais forte, comquanto em alguns logares já houvesse cedido ou fosse cedendo terreno a seus contrarios: era a que se achava de posse das praias, das mattas mais abundantes, e das margens dos rios mais piscosos. » Foi ella pois a primeira conhecida e a que mais despertou a attenção européa, que só mais tarde dirigiu-se para as tribus do interior.

Quando os europeus viram pela primeira vez essa raça de côr bronzeada, mal poderam acreditar pertencesse ao genero humano [2], e considerando-a de origem baixa, muito inferior á delles, trataram antes de aproveitar-se do trabalho physico dos indigenas, do que de estudar convenientemente seus habitos, tradições e conhecimentos.

Deste menos preço parte toda a difficuldade que se encontra em elucidar qualquer assumpto concernente aos indigenas americanos, maximè á sua pathologia e á sua hygiene.

Felizmente, ao lado do caracter dos primeiros dominadores, cegos pelo interesse material e pelas preoccupações de fabulosos lucros, andaram por vezes espiritos elevados, que aguçados pela curiosidade e movidos

---

(1) O Brazil e á Oceania — pag. 19.

(2) Paw, citado por Gonçalves Dias (obr. cit, pag. 213) diz « haver-se sustentado nas Universidades da Europa, que os habitantes da America não eram verdadeiros homens, mas verdadeiros *ourang-outangos* ». O mesmo Gonçalves Dias « apoiando-se nos trabalhos de Herrera e Torquemada, diz que « os hespanhóes os consideravam como animaes de classe inferior á especie humana. » Foi necessario que uma bulla particular de Paulo III, em 1537 — *Veritas ipsa quæ nec falli nec fallere potest*, os declarasse verdadeiros homens, capazes de fé e religião christã.

pelo interesse scientifico e humanitario, estudavam e descreviam o que sobre o homem americano lhes ditava o conhecimento proprio São pois os escriptos daquelles observadores, escriptos coévos, a principal fonte onde fui colher os materiaes para esta parte de meu trabalho.

Os caracteres physicos geraes da raça brasilio-guaranyense são assim descriptos pelo Dr. D'Orbigni: « Côr amarellada com mistura de vermelho muito desbotado, estatura um metro 620 millimetros, fórmas massiças, fronte não inclinada, rosto cheio e circular, nariz estreito e curto, ventas estreitas. Boca mediana e pouco saliente, labios delgados, olhos obliquos e sempre repuxados para o angulo exterior, como os dos Mongóes, ossos da face pouco salientes, feições de mulher, physionomia dôce. »

Gonçalves Dias que havia feito sobre os indigenas americanos, e especialmente sobre os do Brazil, accurado estudo, ao qual por vezes terei de recorrer, tratando da conformação physica dos tupys, exprime-se nestes termos:

« Cabeça antes grande que pequena comparada com o resto do corpo, tronco largo e robusto, peito arqueado, espaduas largas, quadris pouco salientes. Ainda que os seus membros sejam algumas vezes curtos, comparados ao resto do corpo, são sempre repletos, arredondados e musculosos: as extremidades superiores nunca magras, bem desenhados os braços, artisticamente fallando, ainda que algumas vezes grossos de mais, e as mãos pequenas em relação a elles. As extremidades inferiores são bem proporcionadas, e as bellas fórmas raras vezes magras, e os pés pequenos posto que largos. São portanto as suas fórmas menos bellas do que herculeas. Assim tambem as mulheres, acostumadas a uma vida livre, exercendo as forças

desde a infancia, sem nenhum obstaculo ao desenvolvimento de suas forças e de seus membros, têm tudo quanto poderiam desejar para o genero de vida a que são destinadas: assim, bem que sejam raras vezes esbeltas e graciosas, porque são muito robustas para serem bem feitas, são proprias para o trabalho e sadias : têm partes faceis, filhos vigorosos desde a infancia e nunca defeituosos. Entre homens e mulheres, ainda na velhice, raros são os casos de obesidade. »

Esta ultima observação do nosso notavel poeta tem sua explicação natural em dous factores importantes, de que dão conta todos os escriptores coévos, e que vem a ser : os exercicios corporeos e o regimen alimentar.

EXERCICIOS CORPOREOS. — De habitos bellicosos e obrigado a procurar na caça, na pesca e nos fructos silvestres o seu alimento, o selvagem americano era levado a dar a seus filhos accurada educação physica, que lhes garantisse, além da conservação da saude, a maior força muscular. Para isso os habituavam desde a infancia ao exercicio do arco, á carreira, á subida das arvores, á caça, á natação e ao manejo dos remos.

Durante a puberdade eram os filhos sujeitos a dolorosas provas de iniciação antes de serem admittidos ao logar dos indigenas combatentes.

Hans-Stadt [1], que esteve prisioneiro entre os tupys, « refere ter visto durante seu captiveiro um indio que á noite percorria as cabanas munido de um dente de peixe aguçado com o qual rasgava as carnes das pernas dos mancebos, afim de que aprendessem assim a soffrer sem se queixarem »

---

[1] Citado por Gonçalves Dias — Obr. cit. pag. 118.

A dança era um dos exercicios favoritos dos indigenas americanos.

Nestes folguedos de ordinario simulavam ora combates, ataques ou defesa de povoações fortificadas, ora reproduziam episodios de caça, ou ajustes de paz depois dos combates, ou finalmente encontros e comprimentos a tribus amigas. Estas danças eram verdadeiros e utilissimos exercicios em que tomavam parte todos os habitantes de cada *taba* ou toda a tribu, formando grupos inteiramente separados, de tres ordens: 1º o dos *guerreiros*, os que representavam as scenas que acabo de indicar; 2º o das *mulheres*, as que exhibiam as scenas de suas occupações habituaes; 3º o dos *meninos*, os futuros guerreiros que reproduziam, iniciando-se nelles, os exercicios bellicos de seus pais. A estas festas nunca presidia a lubricidade — evitada pela separação dos sexos.

O matrimonio não se effectuava entre os indigenas sem ser precedido de serias provas de agilidade e destreza.

Passando os dias nas florestas, entregues á caça ou á colheita de fructos silvestres, eram os indigenas a cada passo solicitados a desenvolver e apurar a sua natural sagacidade, coragem e agilidade, afim de lhes não falhar a presa bravia, e de evitarem os constantes perigos, que os cercavam, quer proviessem dos animaes ferozes ou peçonhentos, quer do odio irreconciliavel da tribu inimiga.

Regimen alimentar. — A alimentação dos indigenas americanos não era sujeita ao que se chama propriamente um regimen. Nomades, detestando a vida sedentaria, alimentando-se de fructos, da caça e da pesca, para o que andavam sempre dispersos pelas florestas, pelos rios e lagos, e ignorando a utilidade e o valor dos preceitos hygienicos, não

podiam elles fazer uso razoavel e methodico dos alimentos.

Tão concordes são os escriptores que estudaram os costumes alimenticios dos primitivos americanos, que julgo desnecessario estender-me neste ponto; por isso, e sómente para especialisar os mesmos costumes, limitar-me-hei aos seguintes juizos:

« Os Botucudos, diz Gonçalves Dias (pag. 88), si é preciso, supportam a fome por muito tempo; mas comem depois immoderadamente; a sua principal necessidade é a nutrição — comem pois com avidez, e durante a comida são surdos e mudos para tudo o mais. »

Compunha-se a sua alimentação, como tenho por vezes dito, de fructos silvestres, dos productos da caça e pesca, bem como dos de uma lavoura nascente, que pesava exclusivamente sobre as mulheres, encarregadas além disso de preparar as bebidas fermentadas de que eram grandes amadores.

Pero de Magalhães Gandavo, o primeiro portuguez que escreveu sobre o Brazil, setenta e tantos annos depois de seu descobrimento [1], tratando da alimentação dos aborigenes, diz o seguinte: « Os mantimentos que plantam em suas roças, com que se alimentam, são mandioca e milho zaburro. Além disso ajudam-se de carnes de muitos animaes que matam, assim com frechas como por industria de seus laços e fojos, onde costumam caçar a maior parte delles.

« Tambem se sustentam do muito marisco e peixes que vão pescar pela costa em jangadas. »

---

[1] Este trabalho intitulado *Historia da provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brazil*, vem annexo á *Collecção das Noticias Historicas* do abbade Diogo Barbosa Machado, cujo unico exemplar pertence á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Foi depois publicado em 1858 no tomo XXI da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*.

Gabriel Soares de Souza, senhor de engenho na Bahia de Todos os Santos, ahi residente e vereador da camara municipal, em seu *Roteiro do Brazil*, obra terminada em 1587 em Madrid, segundo deduz-se da carta que dirigiu a Christovão de Moura a quem a dedicou, occupando-se deste assumpto exprime-se por estas palavras: « Este gentio (Tupinambás) não come carne de porco, dos que se criam em casa, senão os escravos criados entre os brancos; mas comem a carne dos porcos do mato e da agua; os quaes tambem não comem azeite, senão os ladinos: toda a caça que este gentio come, não a esfola, e chamuscam-na toda ou pellam-na na agua quente, a qual comem assada ou cozida, e as tripas mal lavadas; ao peixe não escamam nem lhe tiram as tripas, e assim como vem do mar ou rios, assim o cozem ou assam: o sal de que usam, com que temperam o seu comer, e em que molham o peixe e carne, fazem-no da agua salgada que cozem tanto em uma vasilha sobre o fogo até que se coalha e endurece, com o que se remedeam; mas é sobre o preto e requeimado. Este gentio é muito amigo do vinho, assim machos como femeas, o qual fazem de todos os seus legumes, até da farinha que comem; mas o seu vinho principal é de uma raiz que chamam aipim. »

Com tal genero de alimentação, com a falta de regularidade nas horas da refeição, com a privação que as guerras, as viagens e a deficiencia da caça ou pesca algumas vezes lhes impunham, sobretudo com a vida activissima que levavam, não é de extranhar a raridade da obesidade entre elles.

Além disso tinham os americanos em muita conta o asseio.

O padre Ivo d'Evreux (na sua *Historia das cousas mais memoraveis havidas em Maranhão nos annos de 1613 a 1614*, publicada pela primeira vez em Paris, em

1615), diz a este respeito: « Têm (os Tupinambás) muito cuidado na limpeza de seus corpos: lavam-se muitas vezes, e não passa um só dia em que não deitem muita agua sobre si, em que se não esfreguem com as mãos por todos os lados para tirar o pó e outras immundicies. Penteiam-se as mulheres muitas vezes. »

Extractando, como fiz, as citações de varios escriptores, e reunindo-as nesta rapida exposição, que eu poderia ter alongado si não me parecesse desnecessario, julgo ter dito bastante para dar idéa dos caracteres physicos e dos habitos hygienicos dos indigenas.

Eram homens robustos, valentes, ousados, não por superstição, conforme Montesquieu pretendeu explicar a coragem dos habitantes dos paizes de clima quente, porém por sua robustez physica, real, completa, e da educação moral que recebiam.

Quem, com effeito, examinar as qualidades physicas e os dotes moraes dos nossos indigenas, necessariamente interrogará: e eram os habitantes deste paiz, e viviam sob este clima geralmente accusado de enervador?

Por que razão os não enlanguecia o clima, os não tornava inactivos e preguiçosos?

Póde-se acaso admittir que o clima fosse um para o indigena, e seja outro, tão diverso, para o homem civilisado? Protector para o primeiro, ingrato para o segundo?

A molleza, a passividade, a preguiça, podem, á vista do exposto, ser lançadas á conta do clima?

A historia dos indigenas nos instrue, é-me grato confessal-o, que o clima do Brazil não é incompativel com a maior robustez physica nem com a maior energia moral, e o affirma tão esplendidamente que não ha oppor a menor duvida.

Si no estado civilisado, de que gozamos, não apresentamos as mesmas qualidades physicas e moraes, é porque, sendo-nos impossivel recorrer aos meios proprios da vida selvagem, não nos deliberamos a acceitar os que em substituição offerece-nos a hygiene, aliás perfeitamente adequados ao desenvolvimento das faculdades physicas, intellectuaes e moraes; e porque a razão e a sciencia têm menos poder sobre o homem civilisado, do que a natureza sobre o selvagem.

Com estes caracteres physicos e com os seus habitos hygienicos, isto é, com semelhantes exercicios corporeos e semelhante regimen alimentar, era possivel que os indigenas soffressem de morféa?

Si me fosse permittido anticipar a resposta, eu diria: absolutamente não.

Existia a morféa entre os indigenas do Brazil antes de seu descobrimento?

Primeiro que tudo cumpre-me mencionar uma circumstancia muito importante para o caso: o colorido da pelle e as pinturas com que a ornavam os indigenas do novo mundo foram sempre objecto de particular attenção dos europeus.

Biet, em sua *Voyage dans la France Equinoxial* pag. 352 [1], diz em referencia aos Caraibas « *Leur chair est bonne et fort douce, il semble que ce soit du satin, quand on touche leur peaux.* » Gonçalves Dias, referindo-se ás tribus Tupys, assim se exprime: « A pelle, longe de ter a aspereza que Ulloa lhe quiz attribuir, é muito mais macia que a dos europeus e homens do antigo mundo; é lisa, polida, brilhante e macia como setim, sem offerecer portanto desigual-

---

[1] Citado por Gonçalves Dias—pag. 108.

dade alguma, qualidade que em maximo gráo se apresenta nas tribus que habitam a zona torrida. »

« Estes povos, e não só elles, porém geralmente todos os indios do Brazil, disse *Ivo d'Evreux*, têm por costume cortar o corpo e recortal-o tão lindamente que as costureiras e alfaiates, embora habeis em sua profissão, buscam imital-os no córte dos seus vestidos (pag. 40). »

« Esta côr, diz por sua vez Claudio d'Abbeville, não diminue sua belleza natural. Ahi existem rapazes tão bonitos e raparigas tão lindas como n'outro qualquer logar, menos na côr. »

Merecendo, pois, a pelle dos indigenas tanta attenção, nenhum observador certamente deixaria de mencionar quaesquer modificações que se assemelhassem ás da lepra, como por exemplo não omittiram as boubas ou pian; sobretudo attentas as profundas alterações que a lepra em regra geral causa já na pelle do enfermo, já no rosto, etc.

Do estudo minucioso e exame comparativo que tive de fazer dos mais importantes documentos historicos sobre os indigenas americanos, pude obter duas series de provas tendentes a justificar minha resposta, decididamente negativa, ao quesito acima formulado.

Destas duas series de provas, a primeira (prova indirecta) se apoia na autoridade de europeus que, tendo visitado e estudado os indigenas, descripto os seus habitos, os seus costumes e as suas enfermidades, nenhuma menção fizeram da lepra, sendo aliás uma molestia em que os caracteres exteriores estão perfeitamente visiveis, e mais accentuados na generalidade dos casos do que em qualquer outra enfermidade; o que certamente não teria escapado mesmo ao mais superficial observador, si tal molestia com effeito existisse entr'elles.

A segunda serie de provas (*directas* ou *positivas*) se firma na declaração franca e explicita de alguns autores coévos quanto á não existencia da lepra entre os indigenas americanos.

Começarei pela exposição das primeiras provas, as indirectas.

Americo Vespucio, em suas cartas traduzidas e annotadas criticamente pelo Visconde de Porto Seguro, na parte relativa ás suas tres viagens ao Brazil (*Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, 1878), descrevendo a gente que encontrou no Novo Mundo, diz: « Andam nús, têm os corpos grandes e robustos, bem dispostos e proporcionados. Vivem cento e cincoenta annos e raras vezes adoecem. » Não viu, pois, morfeticos.

Pero de Magalhães Gandavo, na sua *Historia da provincia de Santa Cruz*, tratando dos indigenas, diz que elles são de côr baça, bem dispostos, rijos, etc.; mas não menciona semelhante molestia.

Gabriel Soares de Souza, no seu *Roteiro Geral do Brazil*, occupando-se com as molestias dos *Tupinambás* da Bahia, falla nas *boubas*, febres terçans, etc., mas nenhuma referencia faz — absolutamente nenhuma —, á morféa.

Jean de Lery, em sua *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, cuja 1ª edição foi publicada em Rochelle, no anno de 1578 (e a 7ª, que tivemos á vista, em Genebra, no anno de 1600), nem no Capit. XIX, que tem por titulo « *Comment les sauvages se traitent en leurs maladies, ensemble de leurs sepultures et funerailles*, etc. »; nem em parte alguma de seu trabalho falla da lepra, entretanto tendo-se occupado detalhadamente com o *Pian* ou boubas.

O Padre Ivo d'Evreux, em sua *Continuação da Historia das cousas mais memoraveis havidas no*

Maranhão de 1613 a 1614 ([1]), nos capitulos XXIX e XXX, em que occupa-se *de algumas indisposições naturaes e molestias particulares a estes paizes de indios*, trata *das boubas, febres palustres, molestias de olhos*, etc., e nada diz sobre a morféa; no emtanto este padre, minucioso observador, falla de uma molestia de pelle, que descreve nos seguintes termos, pag. 102: «Encontra-se tambem uma especie de sarnentos de raça, os quaes mudam de pelle annualmente, e comtudo não soffrem molestia alguma, estão sãos, e chamam-se a todos que soffrem este mal *Kuruuebore.*»

A descripção e a marcha de tal enfermidade claramente mostram que não se trata da morféa; e certamente Ivo d'Evreux não se calaria si com essa molestia se parecesse a que descreveu, ou si tivesse encontrado a morféa com os seus tão caracteristicos signaes exteriores; e tanto mais razão tenho para assim pensar, quanto o seu companheiro de missão, o padre Claudio d'Abbeville, que com elle observou os indios Tupinambás do Maranhão, nominadamente affirma não existir lepra entre elles, como mostrarei.

O veneravel padre José de Anchieta, o apostolo do novo mundo, que não só visitou como viveu entre os indios Tupinambás, Tamoyos, Tupiniquins, Aymorés, Papanases, Carijós, etc. em sua celebre carta dirigida em Maio de 1560 ao padre Geral de S. Vicente ([2]) diz que «*destes Brasis* (chama assim os indigenas) *nenhum encontrou affectado de deformidade alguma natural.*» Occupando-se nessa mesma carta dos

---

([1]) Esta obra (como a do padre Claudio d'Abbeville) foi traduzida pelo Sr. Dr. Cesar Augusto Marques e publicada, em 1874, no Maranhão, sob o titulo de *Historia da missão dos padres Capuchinhos na ilha do Maranhão*. Esta traducção é a que temos á vista, e a ella se refere a indicação das paginas.

([2]) Publicada no volume I dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro 1876.

peixes, diz o seguinte: «Os peixes são muito saudaveis nesta terra e podem-se comer todo o anno sem prejudicar á saude, e até na molestia, sem medo da *sarna* que aqui não existe em parte alguma.» Ora o padre Anchieta, conhecedor como era dos indigenas do Brazil e cuidadoso observador das suas molestias, como está claramente indicando aquella referencia á sarna, não deixaria de mencionar a morféa, si porventura a houvesse encontrado entre os indigenas.

André Thevet, em sua obra intitulada *Les singularités de la France antarctique* (1), cuja primeira edição appareceu em Paris, no anno de 1558, nem no capitulo XLV (*Description d'une maladie nommée Pians à laquelle sont subjects ces peuples de l'Amérique*, etc.), nem no capitulo XLVI (*Des maladies plus frequentes en l'Amérique*, etc.), nem em qualquer outra parte trata da lepra.

O padre Fernão Cardim, em sua *Narrativa epistolar de uma viagem e missão Jesuitica pela Bahia, Ilheos, Porto-Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo), etc. desde o anno de 1583 ao de 1590*, publicada pela primeira vez em Lisboa (1847), absolutamente nada diz sobre a existencia da morféa entre os indios.

João de Laet, d'Anvers, na sua *Histoire du nouveau monde ou description des Indes occidentales*, publicada em Leyde em 1640, tratando do Brazil, diz (*livre* 15me chap. I, pag. 475): «*Le climat du Brésil est presque temperé, l'air y est sain, de sorte que les hommes y vivent nonante et par fois cent ans.*» Em nenhuma parte de seu trabalho, porém, refere-se á existencia da lepra entre os indigenas do novo mundo.

---

(1) Tivemos presente a nova edição publicada em Paris pelo Sr. Paul Gaffarel, em 1878.

Gonçalves Dias na sua obra tantas vezes por mim citada, ao occupar-se na sua primeira parte com os indigenas do Brazil, nenhuma allusão faz quanto á existencia da lepra, nem mesmo quando trata dos caracteres physicos dos primeiros habitantes do nosso paiz, apezar do cuidado com que redigiu esta parte, e do estudo minucioso e esmerado a que teve de entregar-se, como indica o seu importante trabalho.

Pois bem, na segunda parte, destinada á descripção do estudo physico, moral e intellectual dos povos da Oceania, diz a proposito dos *Malaios* o seguinte: « Concluimos a descripção dos caracteres physicos desta raça com dizer que está sujeita a febres, syphilis, elephantiasis, e á lepra, etc. » Pag. 319.

Eu poderia apresentar outras muitas citações nesse sentido, si não entendesse que esta serie de provas vae bem escudada em importantes e insuspeitas autoridades, que bem claro deixarão ver que nos indigenas do Brazil não encontraram indicio algum da existencia da lepra, nem de qualquer manifestação na sua pelle que fizesse ao menos suspeital-a.

Passo agora a tratar da outra serie de provas, as directas.

Os elementos que encontrei para esta demonstração não são, é certo, em grande numero; mas, assim mesmo os considero bastantes para firmar convicção a tal respeito.

São em numero de tres as provas que tenho a apresentar.

A primeira obtive-a da obra do padre Lafitau, da companhia de Jesus, intitulada — *Mœurs des sauvages ameriquains, comparées aux mœurs des premiers temps*, e publicada em Paris em 1714 (2 volumes in 4º).

Escripta com grande cópia de erudição, a obra do padre Lafitau é baseada não só na observação

pessoal, porque, como elle mesmo o diz (tom I, pag. 2), esteve cinco annos em uma missão de selvagens do Canadá, como tambem nos conhecimentos de um antigo missionario Jesuita, o padre Julien Garnier, que permaneceu mais de 60 annos entre os selvagens americanos.

Além disso inspirou-se, como elle proprio confessa á pag. 3 do tomo I, nas *Relações* publicadas em diversos tempos por differentes auctores, particularmente por missionarios. No extenso artigo que tem por titulo *maladies et medicine* (Tomo II, pags. 359 a 386), só uma vez o padre Lafitau refere-se á lepra, e isso mesmo para deixar bem claro que esta molestia não existia entre os selvagens americanos. Eis o trecho a que me refiro: «O que ha de singular, é que elles (os selvagens) costumam levantar uma cabana nas florestas para aquelles que são atacados desse mal infame (pians ou syphilis), e separal-os do meio do povo, como os judeos procediam para com os que eram affectados de lepra.» «*Ce qu'il y a de singulier, c'est qu'ils ont coûtume de faire une cabane dans les bois à ceux qui sont attaqués de ce mal infâme, et de les separer du milieu du peuple, comme les juifs en usaient à l'égard de ceux qui etaient tachés de la lepre.*» Referindo-se de modo tão directo á lepra e não a mencionando entre as molestias dos americanos, é evidente que o padre Lafitau nunca a encontrou entre elles. O mesmo podemos dizer a respeito da seguinte citação do padre Claudio d'Abbeville em sua *Historia da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circumvizinhanças*. Comparando elle o estado do homem civilizado da Europa com o dos selvagens do Maranhão, diz (pag. 306 da traducção do Dr. Cesar Marques): «Quantos de seus parentes corrompidos e gastos pela lepra, gota, calculos e catarrhos, não por herança, vivem

aqui fracos, soffrendo dores de baço, de figado, ulceras nos pulmões, ou outro qualquer padecimento? Naquelle paiz (referindo-se ao Brazil), porém, não ha taes enfermidades. » D'aqui se infere igualmente que nos selvagens do Maranhão e nos de suas circumvizinhas o padre d'Abbeville nunca observou a lepra.

A ultima prova que me resta dar é a mais categorica e de todas a mais autorizada, visto partir de um medico, e medico dos mais notaveis de seu tempo; refiro-me a Guilherme Pison, medico e naturalista hollandez do começo do seculo XVII.

A seu respeito eis o que se encontra em Larousse *Diction. Univers.*: « Elle exerceu a medicina em Leyde e Amsterdam, depois acompanhou, com Margraff, o principe de Nassau em sua viagem ao Brazil (1637). As descobertas destes dous sabios foram publicadas por Laet sob o titulo *Historia naturalis brasiliæ* (Leyde, 1648). Esta obra foi durante muito tempo o que havia de mais completo sobre o Brazil. Deve-se a Pison a descoberta e a importação do *ipecacuanha* na Europa. Pison é autor de um tratado *De medicina brasiliensi libri IV.* »

E' pois este medico notavel que me vem prestar o valioso auxilio e fornecer o ultimo argumento com a exposição do resultado de sua propria e autorizada observação.

Guilherme Pison em seu tratado de medicina braziliense [1], no livro I, pag. 12, occupando-se das molestias do Brazil, cita a cegueira, dysenteria, hemorrhoides, etc., e accrescenta: « *Lepra autem et scabies incognitæ sunt* » isto é, a lepra, porém, e a sarna são desconhecidas.

---

[1] Edição de Amsterdam sob o titulo de *Historia naturalis brasiliæ, 1648.*

No livro II, cap. XXI, pag. 37, diz o seguinte: « *Inter vitia cutanea nondum scabiem, lepram, Elephantiasin observasse contigit, sicut in Ægypto aliisque fervidioribus regionibus grassari testatum est ab Autoribus.* »

Além do que pude colligir, encontrei valioso subsidio na opinião que sobre o assumpto emittiu o Dr. Bernardino Antonio Alves Machado na sua these de doutoramento, uma das melhores publicadas entre nós sobre a lepra, e sustentada perante a faculdade de medicina do Rio de Janeiro em 1846; opinião que com muito prazer reproduzo aqui:

« Depois de procurar cuidadosamente os escriptos onde encontrasse esclarecimentos, e depois de ardua pesquiza, diz o Dr. Bernardino Machado, eis-aqui a opinião que colhi de quasi todos os auctores, que na America têm tratado desta questão. Tomsom (1) em Barbadas, Hillary (2) na Guadalupe, Bajon (3) e Bergeron (4) em Cayenna, e mui particularmente o Sr. Dr. Silva entre nós, são unanimes em sustentar que a elephantiasis era completamente desconhecida na America, antes de sua descoberta e civilisação. »

A' vista do exposto posso sem receio affirmar que « a morféa não existiu nos indigenas do Brazil ao tempo do seu descobrimento », e até fazer, apoiando-me nas mesmas autoridades, o seguinte additamento: « que nem encontrada foi depois de decorridos alguns annos. »

---

(1) *Remarks on the tropical diseases.*

(2) *Obs. on the changes of the air and the concomitant epidemical in the Island of Barbadoes.*

(3) *Memoire pour servir à l'histoire de Cayenne et la Goyane.*

(4) *Dissertation sur le mal rouge observé a Cayenne.*
As quatro ultimas obras vêm citadas na these.

Existe actualmente a morféa entre os indigenas do Brazil ainda não mesclados ?

Para responder a este segundo quesito não pude colher tão abundante cópia de documentos como para o precedente, porque infelizmente tem havido muito descuido de se estudar esta raça infeliz, que durante muitos seculos foi a unica povoadora deste vasto e uberrimo solo da America.

Aproveitando-me, porém, dos elementos que me foi possivel obter, vou expol-os afim de justificar a minha illação final.

O capitão-tenente da armada Lourenço da Silva Araujo e Amazonas, no seu *Diccionario topographico, historico e descriptivo da comarca do Alto Amazonas*, publicado no Recife em 1852, diz o seguinte : « A morféa, que desola alguns logares do Baixo Amazonas (não porque seja endemica), não chega ao Alto. » E' preciso attender que o chamado Alto Amazonas é hoje a provincia do Amazonas, cuja população em 1852 era em sua maioria composta de indigenas.

O Dr. Paula Candido, em suas *Reflexões sobre a morféa*, publicadas no vol. I dos *Annaes de Medicina Brasiliense*, diz (pag. 253): « Não a morféa, mas uma affecção cutanea escamosa e furfuracea, afflige as tribus indigenas, ao menos a dos Purús (que habita entre a Parahyba e Rio Doce) no tempo do fructo da sapucaia de que são avidos. »

O Sr. Dr. Francisco da Silva Castro, laureado pratico, que ha quasi meio seculo (45 annos) clinica na provincia do Pará, forneceu-me as seguintes informações que registro com muito prazer:

« A morféa, diz este collega, isto é, a elephantiase dos Gregos, não é molestia conhecida entre os indigenas do Brazil. Nas suas malocas ou tribus não se vê um só individuo acommettido de semelhante enfer-

midade. Quando assim me expresso quero dizer que a leontiase é doença desconhecida dos habitantes das florestas, quer na provincia do Pará, quer na do Amazonas. Eu ainda não me internei pelo mato virgem, não visitei as malocas desses selvagens, mas no decurso de minha vida, que não é curta, tenho estudado bastante esta questão, tenho ouvido os padres, os missionarios, os regatões (negociantes em canôas), que têm ido junto delles, que com elles têm tido convivencia por largos tempos, que hão perscrutado os seus habitos, costumes, indole, necessidades, religião, doenças, medicina, e *sei com certeza que a morféa não invade a raça americana aborigene*.

«No emtanto entre esses homens das selvas lavra uma molestia em quasi todas as tribus, chamada por elles—*purú-purú*, que para os ignorantes talvez passe por morféa, porém na realidade assim não é.

«O purú-purú não é mais do que uma alteração do pigmento cutaneo. A pelle de amarellada que é entre os indios, vai-se, pouco a pouco, tornando embaceada, acinzentada, como suja, até que por fim fica cinzenta azulada. Isto opera-se em toda a peripheria do corpo, porém mais pronunciadamente no rosto, pescoço, peito, mãos e pés, em geral nas partes mais expostas ao ar, á luz e ao calor. A doença não se manifesta logo nos primeiros annos. Dos quatro para cinco annos começam a pintar de cinzento ligeiras ephelides, até que por ultimo, annos depois, ficam cinzentas, e assim vivem sem encommodo algum apreciavel, nem ao menos embaraço na secreção do suor. Quando ella se vai tornando antiga, e ás vezes mesmo no começo, depois de cinzenta torna-se-a a pelle branca, *alphoide* de preferencia nas mãos, pés, pescoço e labios. Pensam alguns que essa molestia é contagiosa, mas eu creio o contrario. Tenho nesta capital (Belém) observado

muitos casos em casas de familia, onde têm existido indios e indias domesticados, com essa doença, e por muitos annos, sem que todavia ella se tenha communicado a pessoa alguma. Quanto a mim sua transmissão na economia animal faz-se por hereditariedade; e tanto isto deve assim acontecer, quanto é sabido que os indios selvagens não cruzam sua raça e nem se casam senão com os da mesma tribu, ou da mesma *maloca*. Com os tripolantes das canôas, barcos e vapores que navegam pelo Amazonas e seus affluentes, andam a bordo muitos indios domesticados, de pura raça, affectados de purú-purú, sem que tenham contagiado seus companheiros de embarcação.

« Agora devo accrescentar, continúa o Dr. Castro, que em minha longa pratica medica, aqui na capital e em varios logares do interior da provincia, nunca encontrei um indio (tapuyo) domesticado, de raça pura, que soffresse de morféa, lepra ou elephantiase tuberculosa. Suspeitos della tenho visto alguns, e não poucos, dessa raça já cruzada com a africana, a européa e a mestiça (*atapuyados*, *mamelucos*, *caribócas*, *cabras*, *amulatados*, etc.). No hospicio dos lasaros em Tucunduba, onde se acham constantemente de 90 a 100 enfermos, isto ha muitos annos, não se encontra um indio (tapuyo), nem mesmo um atapuyado. Parece que a raça americana é refractaria a semelhante doença.»

Esta interessante communicação do nosso douto collega paraense, de grande valor sob o meu ponto de vista, não o é menos pela descripção da singular molestia cutanea dos indigenas, o *purú-purú*, que não sei fosse antes descripta por algum outro.

A respeito da provincia do Paraná volto aos dous manuscriptos cuja acquisição devo á bondade do Dr. Cassiano Candido Tavares Bastos.

Em um delles se diz: « Não consta se tenha dado entre os indios de Paraná um só caso de morféa, seja entre os selvagens propriamente, seja entre os cathequisados. Ao contrario elles são sadios.»

No interessante manuscripto do Sr. A. Ricardo Lustosa de Andrade (de Coritiba) deparei com a seguinte informação: « Duas tribus existem na provincia: os *Botucudos* que habitam as divisas de Santa Catharina com esta provincia, e os *Coroados* que occupam a vasta extensão desde o Iguassú até o Paranapanema. A primeira, pouco numerosa, nunca pôde ser cathequisada pela ferocidade de seus costumes; a segunda, mais numerosa, mais intelligente, mais valente, entretem relações comnosco, produz grosseiros artefactos, planta o milho, amendoim e até a canna. Uma grande parte desta tribu relacionou-se com os habitantes de Guarapuava, desde as missões do virtuoso padre Chagas, sem comtudo deixar a vida nomade, nas occasiões de caçadas e pescas. O indigena coroado sobretudo é bastante corpulento, de estatura mais que mediana, tem bellas fórmas e a pelle fina.

« Além destes existem no Paranapanema duas familias ou *malocas: Cayuas* e *Guaranys* que vieram dos lados da serra de Maracajú e do rio Iguatemy. São indios de indole pacifica, propensos a civilisarem-se, e dados á navegação dos rios.»

Depois de estudar os habitos alimenticios destes indigenas o Sr. Ricardo de Andrade accrescenta: « Em relação a molestias de pelle, de que possam soffrer os indios que habitam os nossos sertões, tenho-me informado particularmente de sertanejos que com elles têm convivido e apreciado seus costumes e suas enfermidades, os quaes são concordes em affirmar que os selvagens não são presas de enfermidades de pelle, ou de qualquer outra que persegue o homem civilisado.»

Sobre este ponto encontrei na já citada these do Dr. Bernardino Machado o seguinte esclarecimento: «Ainda mais o Sr. Dr. Silva [1], que se tem dado a minuciosas indagações sobre este ponto, sustenta que entre os indigenas ainda hoje só são affectados do mal aquelles que têm cruzado a raça.»

Como se vê, si as autoridades não são em numero tão crescido, são entretanto de grande peso, e em presença da formal negativa de todas ellas é-me licito concluir «que ainda no presente os indigenas do Brazil não padecem de morféa.»

Em ultima conclusão: a morféa nunca existiu entre os indigenas no Brazil, como dão testemunho as mais competentes autoridades a que se póde recorrer para o julgamento de semelhante questão. Portanto, o clima não gera esta molestia, não é seu factor, ao contrario do que se pretente affirmar.

---

[1] O auctor alludo ao Dr. Joaquim José da Silva, pai dos actuaes professores da faculdade de medicina e distinctos clinicos os Drs. João Silva e José Silva. O Dr. Silva (pai) foi de todos os nossos clinicos o quo so entregou mais accuradamente ao estudo da morféa e ao seu tratamonto.

V

CAUSAS DA MORFÉA

Vou agora entrar no ponto mais difficil e sem duvida o mais intrincado deste trabalho.

Dos estudos medicos o que ainda hoje menos satisfaz ao espirito, é o concernente á etiologia das molestias.

« *Or, c'est là*, diz Baglivi, *cette question fameuse dont la solution, si long-temps cherchée, est encore de nos jours le triste drapeau autour duquel les factions médicales se livrent de si rudes combats* (1). »

Realmente, quando se penetra na etiologia das enfermidades, encontram-se tantos desvios, tantas são as sinuosidades, e tão confusamente se cortam e se cruzam as veredas, que afinal a intelligencia pára indecisa e desalentada.

São tão extremados os conceitos e quasi sempre tão contradictorios, o *sim* e o *não* se succedem tão rhythmiticamente, que por ultimo o que fica no espirito não é uma idéa clara e assente, mas a duvida, a incerteza, a confusão.

---

(1) *De l'accroissement de la medicine pratique*, pag. 393.

Dir-se-hia uma imitação da tarefa astuciosa da mulher de Ulysses no intuito de sophismar o termo da imprudente promessa.

Si não fosse julgar mal da intenção de homens aliás respeitaveis por seu caracter e saber, eu ousaria pensar, tal é a força da coincidencia, que uns autores, nesta questão, examinam as opiniões alheias mais para contradizel-as do que para demonstrar a superioridade das que emittem e sustentam.

Em outros assumptos medicos os autores entendem-se mais ou menos, auxiliam-se, condescendem; no tocante, porém, á etiologia as relações entre elles mudam de caracter, e cada autor, póde-se dizer, segue o seu norte.

Deste choque de opiniões offerece a pellagra exemplo, entre outros, muito frisante.

Passava como certo que a pellagra era causada pelo milho alterado. Casal foi o primeiro a denunciar o pão de milho mal fermentado e mal cozido, bem como as sopas preparadas com a mesma farinha, como prejudicial á saude.

Touvenel impressiona-se com a marcha parallela [1] da pellagra e da cultura do milho.

Roussel adopta esta opinião e a defende com grande talento, expondo os fundamentos em que a estribava.

Muitos autores adherem a ella: a alteração do milho é a causa da pellagra, dizem elles.

Na 7ª sessão do Congresso dos sabios italianos em Napoles, em 1845, se decidiu que era *muito positiva* a influencia do milho sobre o desenvolvimento da pellagra.

---

[1] *Journal de Thérapeutique de Gubler* n. 23—1880— Artigo do Dr. Bordier.

Depois surge a opinião contraria: muitos autores entendem que o milho alterado não é *pellagrogenico*.

No Congresso de Genova em 1848, Calderini, relator de uma commissão, exclue o milho d'entre as causas da pellagra!

Muitos outros autores sustentam que o milho não é causa da pellagra, em opposição por consequencia a outros tantos que pensam de modo inteiramente contrario.

Não se procura um meio de conciliar, a ser possivel, taes opiniões, nem se tenta descobrir um élo que as una.

Não se quer saber dos argumentos dos adversarios; não se demora a attenção sobre os factos comprobatorios da opinião contraria: cada qual, que tem colhido certos factos, nelles funda seus argumentos, e desde então deixa de attender a quaesquer outros factos e argumentos em contrario.

E' forçoso confessar que o estudo da etiologia das molestias, nas circumstancias em que o podemos fazer, torna-se desagradavel e penoso.

Depois de muito trabalho não se chega a um resultado satisfactorio, não se chega a uma noção clara do objecto, e nem se sabe para que lado se deve inclinar o espirito.

E' nestas condições que vou penetrar no exame da causa da morféa, e o faço como quem tem presente ao pensamento estas palavras do Dr. Hardy: « a etiologia da lepra foi desde muito tempo, e será durante longos annos ainda, objecto de multiplas divergencias entre os diversos autores que a estudaram. » Assim é.

Não podendo, porém, e mesmo não devendo prescindir de similhante estudo, ao qual, cumpre-me confessar, ligo a maior importancia, porque penso que trará algum beneficio ao meu paiz, não hesito em empenhar-

me na discussão, si bem que preveja as difficuldades com que terei de encontrar-me e de lutar, reconhecendo a inferioridade dos elementos a meu alcance para um trabalho de tanta monta.

Para maior clareza dividirei o assumpto em tres partes: na primeira tratarei de reunir as principaes opiniões dos autores estrangeiros sobre cada uma das causas a que se tem imputado a lepra; na segunda seguirei o mesmo processo em relação ás opiniões emittidas pelos medicos nacionaes, quer nos poucos trabalhos que sobre esta molestia possuimos impressos, quer nas communicações manuscriptas que estão em meu poder; e na terceira apresentarei, em fórma de resumo, minhas reflexões sobre as mesmas causas, que são:

Clima;

Condições telluricas, humidade;

Desenvolvimento espontaneo;

Contagio;

Syphilis;

Parasytismo;

Regimen alimentar;

E, finalmente, herança.

Os autores mencionam ainda outras causas como podendo influir mais ou menos na producção da morféa, como sejam as depressões moraes, a idade, etc.; porém, sendo, como são, consideradas predisponentes ou coadjuvantes, e não determinantes, as deixarei de lado afim de não alongar de mais este trabalho.

OPINIÕES DOS AUTORES ESTRANGEIROS

Climas.— Os autores não estão de accordo sobre a influencia que os climas possam exercer na producção

da molestia. Alguns, si bem que em menor numero, negam completamente esta influencia.

« E' difficil, diz Hebra, (1), levar em linha de conta, relativamente á etiologia desta affecção, as condições do clima.

« Com effeito a Islandia e Bergen, o Egypto e a cidade de Cabo, o Rio (2) e Java etc. têm climas inteiramente diversos.

« Em Buenos Ayres não são conhecidos os longos invernos da Islandia. »

Depois de proferidas estas palavras, o professor Hebra como que recua deste conceito, e accrescenta: « E entretanto certas circumstancias, que são de alta importancia, permittem suppôr que as condições climatologicas e telluricas não deixam de exercer influencia sobre o desenvolvimento da lepra. » Para confirmar esta « supposição » o professor Hebra menciona pessoas que, tendo nascido em paiz immune de lepra e habitado regiões onde ella reina, foram acommettidas da enfermidade; allude tambem á circumstancia de desenvolver a morféa uma evolução mais lenta, ou ficar estacionaria, ou curar, quando os morfeticos demoram-se longos annos em paiz onde não existe a lepra; e finalmente attende a que a lepra autochtona não tem a gravidade da lepra endemica. »

Outros autores, porém, e em maior numero, acreditam na influencia decidida mas dos *climas extremos*.

« O clima parece influir de um modo muito directo, diz Alibert, sobre a producção das differentes especies de lepra; os *paizes quentes* são o seu maior theatro, são os *preferidos* por este flagello tão terrivel para o

---

(1) Hebra, *Maladies de la peau*, tomo 2º pag. 552.

(2) *Monographie des dermatoses*, Baron Alibert tomo 2º pag. 310.

genero humano e provavelmente foi seu berço a Africa. Si a temperatura é excessiva, produz a lepra seus grandes estragos: é frequente nas latitudes as mais oppostas, e é tão funesta *nos gelos do Norte como no clima ardente da zona torrida.* »

A Alibert acompanham outros autores sustentando a sua opinião.

« A influencia dos climas, diz o Dr. Jacques Cavasse ([1]) sobre a producção da lepra parece ter todos os visos de certeza; os *climas extremos*, sobretudo, devem ter uma acção mui pronunciada. »

A' pagina 71 diz o mesmo autor: « Nas Antilhas as condições climatologicas parecem ser mais favoraveis ao desenvolvimento da molestia. »

Les lieux (Motard) *où la lèpre est endemique sont independents des climats* ([2]).

« A elephantiasis dos Gregos (Rayer) é actualmente uma enfermidade peculiar ás regiões equatoriaes e tropicaes ([3]). »

Il faut assurement (Valleix) *faire une part à l'influence des climats tropicaux, équatoriaux et polaires, puisqu'ils nous présentent la maladie, non-seulement d'une manière plus frequente, mais encore dans sa plus grande gravité: en outre, la plupart des Européens qui en sont atteints l'ont presque tous contractée dans ces regions* ([4]).

« Depois da herança (Bazin) é a condição do « meio » a mais poderosa causa da elephantiasis: a humidade, o calor excessivo e o frio rigoroso, isto é, as tempera-

---

([1]) *Contribuition à l'étude de la lèpre aux Antilles et dans le Levant.* Pag. 69.

([2]) *Traité de l'hygiène générale*—tomo 2º pag. 620.

([3]) *Traité theor. et prat. des maladies de la peau.*

([4]) *Guide du medecin praticien*—tomo 5º pag. 670.

turas extremas, predispoem evidentemente a essa enfermidade. »

« A influencia dos climas e do regimen alimentar (Hardy e Labarraque) têm provocado discussões que ainda duram. Os climas exercem acção muito importante na producção e no desenvolvimento da lepra.

« Em uma palavra – as temperaturas extremas favorecem muito a invasão da molestia; são agentes dessa influencia o calor forte e o frio excessivo, talvez por alterarem as secreções cutaneas, e, portanto, a estructura da pelle [1]. »

« O clima quente e humido (Neumann) dos paizes pantanosos ou situados perto dos grandes mares influe, segundo alguns autores, para o desenvolvimento da molestia. »

La lèpre (Lamblin) *est comprise entre les 35e degrés de latitude nord et sud de l'Equateur, c'est-à-dire dans toutes les parties chaudes du globe. Les climats extremes predispo ent particulièrement à cette maladie* [2].

De tout le temps (Danielssen e Bœck), *l'expérience a demonstré que la spédalskhed* (morféa) *règne principalement sur les rivages de la mer, les bords des rivières, dans les iles et dans toute localité où existent un air et un territoire humides. A l'humidité, comme cause de la spédalskhed, on ajoute une haute temperature* [3].

A' pag. 341 accrescentam os mesmos autores: *les causes externes de spédalskhed doivent être recherchées dans les conditions physiques; et lorsque le littoral, surtout des contrées autour des baies profondes*

---

(1) Artigo citado.

(2) *Etude sur la lèpre tuberculeuse.*

(3) *Traité de la Spédalskhed* — pelos Drs. Danielsson e Bœck.

sont sa propre patrie, il vient aisément à la pensée que l'air humide, brumeaux de ces localités lui donne fréquemment naissance.

Já que cito a opinião de Danielssen e Bœck sobre os climas, não vem fóra de proposito addicionar o juizo dos mesmos sobre qual dos climas, o frio ou o quente, é mais favoravel ao desenvolvimento da lepra e qual mais pernicioso.

Dizem elles: « Ha uma outra questão a elucidar, a de saber si nos climas do Norte a molestia póde chegar a inteiro desenvolvimento, com o que muitos pathologistas não concordam. Raymont, por exemplo, affirma que não é sómente muito mais commum, porém até mais perniciosa nas proximidades do Equador do que para o Norte. Nossas observações demonstram o contrario; a spedalskhed attinge, ao menos na Europa, o seu apogêo de gravidade no Norte (pag. 93). »

A este respeito passo a citar a opinião de Saint-Vel [1] sobre o que se passa nas Antilhas relativamente á gravidade das molestias de pelle, visto estar a mesma opinião de accôrdo com o que se observa no Brazil, onde as molestias de pelle, *inclusive* a morféa, não apresentam o cunho de gravidade, descripto pelos autores nas que se desenvolvem em paizes frios.

Il semblerait, diz Saint-Vel, *que les maladies cutanées dussent être communes aux Antilles : qu'échauffée par une atmosphère brûlante ou par l'action directe d'un soleil ardent, exaltée par une transpiration abondante, la peau dût être le siège d'une foule d'affections à caracteres variables comme les colorations diverses qui distinguent les races blanche et noire et leurs dé-*

---

[1] *Traité des maladies des regions intertropicales*, pag. 465.

rivés, les races indienne et chinoise, dont les différents représentants forment la population des Antilles. Malgré la diversité des races, les dermatoses y sont moins fréquentes qu'en Europe. Le froid et les variations de temperature qu'amène la succession des saisons semblent être plus favorables à l'evolution de ces maladies que l'action continue d'une chaleur constante. La pathologie cutanée présente moins de formes et moins de complications aux Antilles ; comme les maladies internes, elle offre un cachet de simplicité bien marqué.

Ao terminar este resumo das opiniões, as principaes, dos autores, farei esta simples pergunta : si, guardada a condição da existencia, em vez de publicarem suas reflexões no seculo XIX, o tivessem feito no seculo XVI, como opinariam com relação ao clima temperado? Como o julgariam? Certamente como o mais apto para o desenvolvimento da lepra.

De então para cá, nestes tres seculos, operou-se tal mudança no clima temperado, d'onde resultasse, de favoravel que era á morféa, tornar-se desfavoravel?

Não ha negal-o : raras vezes se manifesta a morféa nos paizes de clima temperado; mas o que falta provar é que seja isto devido a antagonismo do clima.

Diante da historia da morféa não se póde com effeito aceitar sem reservas a pretendida inocuidade do clima temperado, desde que sob este clima e durante seculos tal molestia reinou impavida.

Si hoje aquelles paizes soffrem raras vezes os ataques da morféa, parece ser outra a razão: as conquistas e o aperfeiçoamento da hygiene social, e sobretudo da hygiene alimentar.

Condições telluricas, humidade. — Quanto á influencia das condições telluricas e da humidade os autores tambem opinam diversamente. Para uns é evidente esta influencia, attenta a quasi fatalidade com que a enfermidade se desenvolve e permanece em certos logares; ao passo que para outros tal influencia diminue de valor, attenta a consideração de que, embora menos frequente, a molestia apparece em condições oppostas.

«Já dissemos, observam Danielssen e Bœck, que é sobretudo ao redor das bahias profundas, de que é tão rica a nossa costa occidental, que a spedalskhed (nome dado á morféa na Noruega) toma incremento, pois o ar d'alli, além de sempre humido, é demasiadamente ingrato em nossos invernos rigorosos e longos. As cabanas de nossos aldeãos são edificadas, em geral, perto das praias, em logares humidos; são muito estreitas e baixas» (Obr. cit. 343).

Hardy, Neumann, e muitos outros autores, inspirando-se nos estudos dos dous medicos norueguenses, admittem com elles que as condições telluricas e a humidade cooperam para o desenvolvimento da morféa.

«O Dr. Beirão [1] diz: «Em referencia á elephantiasis sabemos por exemplo que as Asturias na Hespanha, e Vitrolles e Martigues na França são as regiões onde ella costuma apparecer com mais frequencia. Haverá igualmente para Portugal um Vitrolles e Martigues, ou umas Asturias, como existem para a Hespanha e para a França?

«E serão o Algarve, e os campos das margens do Tejo e do Mondego as malfadadas regiões, que possuam tão horrorosa prerogativa?

---

(1) *Memoria ácerca da elephantiasis dos Gregos*, pag. 86.

« As noticias que temos ácerca da frequencia da elephantiasis nestas localidades, fazem-nos acreditar que desgraçadamente assim é.

« Alguma cousa de commun, accrescenta o autor, apresentam as localidades que forneceram vinte dos casos de suas observações, e vem a ser: o serem humidas, baixas e proximas aos rios, ao mar, ou a grandes lagôas (margens do Tejo e Algarves, as margens do Mondego, as immediações do rio de Friellas, e as inundações da Lagôa de Obidos). »

Outros autores, fundados igualmente em factos de sua observação, ou de seu conhecimento, discordam desta opinião ou pelo menos não dão o mesmo valor a semelhante causa.

O mesmo Dr. Beirão accrescenta:

« Os trinta casos restantes pertenciam a localidades que parecem não ter influencia sobre a producção desta enfermidade. »

O professor Hebra exprime-se nestes termos :

« No Libano não se encontra a atmosphera humida e nebulosa de differentes paizes collocados nas proximidades das costas e das ilhas ; e todavia a molestia existe no estado endemico em todos estes paizes e por toda parte guarda o mesmo caracter (552). »

O professor Moritz Kaposi é do seguinte parecer : « Sabemos que a lepra é uma molestia endemica e eu já descrevi a situação geographica dos logares em que ella se apresenta e se desenvolve. Do facto de ficar a lepra limitada a um numero restricto de paizes, quizeram os praticos concluir que sua causa residia em condições climato-telluricas, na constituição physica do sólo, ou em um agente resultante destas condições e analogo á malaria. Esta opinião, porém, não se concilia com o facto experimental de se manifestar a lepra em paizes essencialmente

differentes sob o ponto de vista climato-tellurico.» (Obr. cit. 310.)

O Dr. Jourdanet, no seu livro *Le Mexique et l'Amerique Tropicale*, diz á pag. 413: «No Mexico apparece muitas vezes a elephantiasis tuberculosa. Porém a experiencia demonstra que a altitude é sem influencia sobre sua producção, por ser observada igualmente em todos os niveis nas vizinhanças do Mexico, em algumas localidades humidas perto das lagôas proximas á cidade, nos Estados de Michoacan e de Jelisco, á meia distancia entre a costa e a altura do *plateau*, no Iucatan e finalmente ao nivel do mar. Por toda parte apresenta o mesmo cortejo de symptomas e um caracter identico.»

Desenvolvimento espontaneo.— No intuito de innocentarem de todo o clima temperado, alguns autores, francezes sobretudo, negam que nos paizes influenciados por este clima se manifeste a lepra espontaneamente. Na sua opinião os casos alli observados são em individuos que já vieram contaminados ou que trouxeram em si o germen hereditario.

Como era de esperar, outros autores se oppoem a tão completa e absoluta immunidade daquelle clima.

Danielssen e Bœck affirmam ter encontrado na Noruega casos de lepra espontanea. « Ao passo que, dizem elles, todos os autores são accórdes em admittir o desenvolvimento espontaneo em certos climas, não o são em acatar a opinião de poder a spedalskhed se apresentar deste modo sob cada clima. Ha pouco citamos Vidal, que não admitte a possibilidade de, sob a influencia da costa meridional da França, causas externas engendrarem esta enfermidade; e Hyaltelen, que considera todos os leprosos da Islandia como tendo contrahido a molestia por herança.

« Outros autores ha, continuam os medicos norueguenses, que pensam de modo inteiramente diverso ; acreditam elles que o desenvolvimento espontaneo póde dar-se em todos os climas, opinião exacta, tanto mais que a experiencia, entre nós, falla em seu favor do modo o mais decisivo. »

Bazin tinha a este respeito a seguinte convicção : « A lepra póde se desenvolver de um modo quasi accidental, pelo concurso de circumstancias exteriores que passo a enumerar ; porém a predisposição natural persiste sempre, como causa principal, sem a qual todas as outras ficam sem effeito. »

Ouçamos agora outro autor : « A herança, ponto que investigamos com o maior cuidado, diz Lamblin (obr. cit. pag. 791), não póde nos explicar o desenvolvimento da molestia entre nós.» O mesmo autor cita um caso autochtone, por elle observado, no qual a molestia não podia ser attribuida á predisposição hereditaria, nem fòra adquirida fóra.

O professor Hardy diz : « O desenvolvimento espontaneo da molestia é todavia um facto bem averiguado.» (Obr. cit. 359.)

O mesmo autor accrescenta que « na Inglaterra, Dinamarca, Allemanha, Paizes-Baixos e na Suissa, póde-se encontrar casos de lepra, que são sem duvida de origem estrangeira. »

Contagio. — Sobre este assumpto ainda se dividem as opiniões dos autores, umas a favor, outras contra.

D'entre os primeiros nenhum tem mostrado mais convicção do que Schilling, de quem tem sido acerrimo adepto Drognat Landré (¹).

(¹) *De la contagion, seule cause de la propagation de la lèpre*, par le Dr. h. L. Drognat-Landré. 1869.

Cumpre desde já assignalar que, apezar de uma tradição de muitos seculos, sustentada nas paginas de livros sagrados, e do horror que a molestia sempre inspirou e ainda hoje inspira a muita gente, todavia a opinião contraria ao contagio, depois que se dissipou a confusão da idade média, foi a pouco e pouco ganhando terreno, conseguio romper por entre os preconceitos, e afinal engrossou de tal modo que constituiu-se dominadora da opinião contagionista.

Actualmente com effeito a opinião geral é contraria ao contagio da morféa, que por poucos é sustentado.

«No grande numero de leprosos, dizem Danielssen e Bœck, que observámos e visitámos por centenas diariamente, não existe um só exemplo de transmissão da molestia por contagio.» (Pag. 340.)

Referem-se em seguida a casados que viveram conjugalmente muitos annos sem que o affectado de morféa transmittisse a molestia ao outro. Além disto mencionam o facto de terem vivido no hospital de S. Jorge muitos individuos sãos em contacto com morfeticos, para mais de trinta annos, sem que por isso viessem a soffrer desta molestia.

« E' tambem uma felicidade, accrescentam elles, para o nosso paiz a sua não contagiosidade, pois que ? de outro modo, teria immolado um numero muito maior de victimas.

«Segundo as nossas observações, concluem os mesmos autores, não podemos deixar de negar o contagio da spedalsked». (Pag. 361.)

Hebra emitte a este respeito uma opinião vacillante. A' pagina 553 diz: «Em uma época mais recente Landré procurou demonstrar a contagiosidade da lepra de Cayenna a principio, depois da

lepra em geral. Porém não fez proselytismo sua opinião.»

Immediatamente accrescenta: « Desenvolvendo-se muitas vezes a lepra em pessoas da mesma familia e em individuos estabelecidos nos paizes onde reina esta molestia, é incontestavel que taes factos depoem em favor da contagiosidade.» (Pag. 554.)

No periodo seguinte o mesmo autor dá a entender que não acredita no contagio, e, depois daquelle *incontestavel*, declara: « Porém nesses casos as condições physicas e hygienicas, ás quaes se póde attribuir a lepra, são precisamente as mesmas para todos os individuos que habitam o mesmo paiz ou a mesma casa.»

Para accentuar ainda mais o seu ultimo voto, o anti-contagionista, diz o Dr. Hebra (554): « E de outro lado, ficou provado que leprosos de um e de outro sexo viveram 25 annos e mais em relações conjugaes as mais intimas, partilharam o mesmo leito longos annos, sem que o marido communicasse a lepra á esposa ou vice-versa.»

O professor Hardy, declinando de sua competencia para emittir juizo sobre esta questão, visto habitar um paiz (a França) onde não encontra elementos de estudos sobre a morféa, apenas diz: «Tudo quanto podemos dizer é que nenhum autor contemporaneo aponta exemplo de contagio da lepra effectuado nos paizes onde a lepra não existe.»

Bazin definiu a lepra uma molestia não contagiosa e essencialmente hereditaria: « Relativamente ao contagio, admitto com a maioria dos autores que a elephantiasis nunca se transmitte deste modo, e que qualquer póde impunemente pôr-se em contacto com o leproso, usar de suas vestes, dormir em seu leito, etc. Os medicos que observaram a molestia nos paizes

onde ella é endemica, negam-lhe todo o caracter contagioso.» [1]

Godart, no seu livro *Égypte et Palestine*, diz: «Suppõe-se que não ha exemplo aqui de europêo algum ter contrahido a lepra.»

Godart, que era de espirito expansivo, refere um pequeno episodio que se deu por occasião das suas pesquizas sobre o contagio entre elle e um morfetico : « Eloné mostrou-se muito satisfeita quando lhe disse que, si contrahisse a molestia, quereria habitar com elles, porém que desejaria ser seu cheik e perguntei-lhe si me aceitava como tal. A isto ella respondeu que a lepra não me acommetteria. » (Pag. 186.)

Alibert pronunciou-se tambem em sentido contrario ao contagio ; disse elle : « Em todos os tempos se tem incutido no animo do povo o terror, fazendo-o acreditar no caracter contagioso desta horrivel molestia ; porém, a este respeito, tem-se confiado de mais em falsas tradições. De accôrdo com a minha propria experiencia, e sómente com ella, posso assegurar que o grande numero de individuos por mim tratados nunca foram sequestrados de seus vizinhos, recebendo constantemente os mais caridosos cuidados dos que tiveram occasião de os assistir em sua enfermidade e sempre sem inconvenientes. » (Obr. cit. pags. 312 e 315 .)

Ao professor Kaposi não repugna a idéa do contagio. « Sem duvida, diz elle, observam-se neste sentido casos admiraveis. Assim vimos um homem, natural de Turin e que passara alguns annos no Egypto , que ahi contrahiu a lepra tuberculosa , e sua mulher, que só alli estivera alguns annos mais

---

[1] Obr. cit. pag. 285.

tarde, adquirira lepra maculosa e anesthesica.» (Obr. cit. 312.)

A este respeito os traductores da obra de Kaposi, Besnier et Doyon, addicionaram uma nota em que dizem : «O contagio da lepra, outr'ora admittido como uma verdade evidente e depois negado systematicamente, torna-se hoje questão digna de ser estudada. Qual o medico, pergunta um de nós, que ousaria hoje inocular em si a lepra ? E como comprehender a importação da lepra de uma nação para outra, no correr dos seculos, senão pelo contagio ? »

Rayer era decidido anti-contagionista ; as seguintes palavras lhe pertencem : « Os factos observados na India por J. Robinson e Anislie, na Madeira por Adams e Heberden, e os poucos de minha propria observação em França, onde vi creoulos elephantiacos viverem e habitarem com familias numerosas, sem communicarem a pessoa alguma sua horrivel molestia, provam, de modo a não deixar duvida, que a elephantiasis dos gregos não se transmitte, presentemente, de um individuo doente a um individuo são.

« Estão accordes actualmente todos os observadores em considerar a elephantiasis como não contagiosa. Um de meus discipulos, o Sr. Raisin Filho, muitas vezes e durante muitos dias serviu-se das vestes de um elephantiaco, sem experimentar a menor alteração em sua saude. » (Obr. cit. pag. 306 .)

« Nos arabes do Archipelago, diz o Dr. Arman (1), não se observa a lepra. A immunidade de que gozam estas tribus é um poderoso argumento contra a pretendida contagiosidade. »

---

(1) *Traité de Climatologie générale du globe* pag. 769.

O Sr. Léon Collin exprime-se nos seguintes termos : « As observações modernas demonstram que a contagiosidade actual da lepra se dá em pequena escala ; nenhum soldado francez voltou leproso de nossas expedições ao Egypto, ao Mexico e Cochinchina ; gozou da mesma immunidade o exercito hollandez e até o exercito inglez que viveu em contacto com os principaes focos desta molestia.

« A promiscuidade dos leprosos com os individuos sãos na costa meridional da Asia, nas vizinhanças dos asylos de Singapour, de Penang, de Malacca (Anderson), a affluencia inoffensiva dos chinezes leprosos que mendigam nos centros populosos da India, a inocuidade notoria dos spedalscos na Noruega são igualmente infensas a esta contagiosidade. » [1]

Na Grecia, na Turquia e nas Antilhas, a opinião dos medicos é em geral contraria ao contagio.

O Dr. Uhlig [2], medico da Batavia, depois de uma residencia de oito annos e de uma observação minuciosa, declarou-se formalmente contra o contagio da lepra em um relatorio official dirigido ao governo: « Eu nunca vi, diz elle, um caso de lepra adquirida pelo contagio.»

Brassac, competente neste assumpto, é igualmente anti-contagionista : « Começamos, são suas as expressões, declarando altamente que não conhecemos um facto sequer bem averiguado em favor do contagio: seria tempo de fazer desapparecer a prevenção da população de nossos colonos contra estes infelizes, deixando de ver nelles um objecto de espanto e de reprovação, que ninguem encara de frente sem expôr-se aos ataques do mal.» [3]

---

[1] Cit. por Cavasse.
[2] Cit. por Cavasse.
[3] Extrahido do livro *La lèpre est contagieuse, par un Missionnaire.*

Finalmente mencionarei um documento que é de grande valor nesta questão: o resultado do inquerito mandado proceder nas colonias inglezas pelo Duque de New-Castle.

O Duque de New-Castle, interessado em colher algumas informações sobre a morféa nas colonias inglezas, principalmente quanto ao contagio desta molestia, encarregou em 1862 o *Royal College* dos medicos de Londres de redigir os quesitos concernentes ao assumpto e dirigil-os não só aos medicos das mesmas colonias, como a outros.

O resultado deste vasto inquerito foi mais de 250 respostas dirigidas ao *Royal College*, que nomeou afinal uma commissão para examinal-as e relatal-as.

A commissão, cujo relatorio tem a data de 1867, desempenhou-se pela seguinte fórma [1]: « A convicção quasi unanime dos observadores os mais experimentados de differentes partes do mundo é inteiramente opposta á crença de ser a lepra contagiosa ou communicavel por aproximação ou contacto com os doentes. A prova tirada da experiencia de pessoas empregadas nas leproserias é, a este respeito, especialmente concludente.

« Alguns casos que foram apontados em sentido contrario, ou são filhos de uma observação imperfeita, ou são consignados com tão pouca attenção relativamente ás minudencias necessarias, que não podem invalidar a conclusão que estabelecemos.

« Acredita a grande maioria das pessoas consultadas, as quaes achavam-se nas melhores condições de observar a lepra, que esta enfermidade é raras vezes, si em realidade o é, transmittida pelas relações sexuaes. »

---

[1] Extrahido do livro *La lèpre est contagieuse, par un Missionnaire.*

O Dr. Milroy, membro dessa commissão, e que foi mandado á India pelo *Colonial Office* expressamente para estudar a questão do contagio, apresentou em seu regresso um relatorio confirmativo das conclusões da commissão, de que fizera parte.

Em 1872, foi por ordem do Duque de Argyle repetido o inquerito na India, examinando-se o que se passasse nas estações coloniaes a respeito de molestia da pelle, e ainda desta vez o resultado veiu confirmar aquellas conclusões (1).

Eu poderia augmentar o numero de citações, si as que apresentei não fossem das mais competentes autoridades na materia.

SYPHILIS. — Quando no seculo XVI a morféa declinava em alguns paizes da Europa, succedeu que a syphilis se fosse desenvolvendo.

Esta circumstancia, ou antes esta coincidencia, impressionou de tal modo os praticos daquelle tempo, que muitos delles consideraram a syphilis successora da morféa, uma degeneração, uma transformação, ou mesmo uma outra fórma desta enfermidade.

Como era natural que nem todos os praticos pensassem do mesmo modo, não tardou que entre elles se travasse renhida discussão sobre a interpretação a dar ao novo typo morbido.

Foi este erro, diz Bazin, que Nicolas Leoniceno, que então vivia, combateu energicamente em seu livro *De morbo gallico*.

Com o correr do tempo, depois que a syphilis se generalisou, outros praticos não duvidaram inverter os papeis attribuindo a morféa á syphilis quando

---

(1) Extrahido do mesmo livro *La lèpre est contagieuse*.

succedia sobrevir aquella em pessoas que haviam tido accidentes da segunda enfermidade.

Devo accrescentar que ainda hoje praticos ha que pensam a este respeito do mesmo modo.

« Poderiamos considerar verosimeis estas opiniões sobre as molestias em questão, observam Danielssen e Bœck [1], n'uma época em que a syphilis não estava ainda bem conhecida e em que a pathologia cutanea era pouco desenvolvida; porém, reproduzir hoje esta opinião e procurar interpretar do mesmo modo uma tal transição, é provar simplesmente ignorancia no assumpto.

« Por meio de rigorosa observação, acrescentam os mesmos autores, nos convenceremos facilmente de que estas molestias não se confundem entre si, e que uma não engendra a outra.

« A morféa póde, todavia, se complicar de syphilis; e esta complicação é mencionada por Schilling como muito frequente. »

O professor Bazin é inteiramente contrario á opinião dos que admittem a degeneração da syphilis em morféa. Occupando-se com as complicações exprime-se (pag. 282) nestes termos: « A syphilis e a elephantiasis podem coexistir no mesmo doente; são duas molestias que não se excluem, e a combinação de seus symptomas em um mesmo individuo contribuiu sem duvida para se acreditar que esta não passava de uma transformação daquella. Porém, hoje que pelos progressos da semeiologia cutanea se sabe que parte cabe a cada uma dellas nesses casos complexos, o facto desta coincidencia tem mui diversa significação. »

---

(1) Obr. cit. pag. 111.

Na opinião do professor Bazin « é grande erro pathologico considerar a syphilis como causa da morféa. »

Sobre o assumpto opina o Sr. Léon Collin: « Da syphilis á morféa, como da peste inguinal ao typho ou á febre typhoide, ha mui grande distancia para que consideremos da mesma natureza as duas molestias. Demais, vemol-as mesmo actualmente, em certos paizes, se manifestarem ambas perfeitamente discriminadas. » (1)

Finalmente mencionarei a seguinte observação do Dr. Beirão : « Temos notado tambem, declara este pratico, que o apparecimento da syphilis, contrahida depois da existencia da elephantiasis, em nada altera ou modifica esta enfermidade : a molestia syphilitica corre então todos os seus periodos, e apresenta todas as suas variadas phases sem receber a menor modificação da parte de um organismo tão profundamente alterado. » (2)

Origem parasitaria. — Quer na opinião de alguns praticos antigos, quer na de outros modernos, a lepra deve ser considerada uma enfermidade de origem parasitaria, entrando por isso no quadro da antiga « pathologia animada ».

Sabemos do impulso que nestes ultimos annos têm tomado os estudos da origem parasitaria das molestias, graças aos esforços de infatigaveis exploradores.

Depois de ter vogado entre os antigos e cahido em descredito, a que arrastaram-na, como sóe acontecer, as exagerações, a origem parasitaria das molestias renasceu entre os medicos, despertando para logo grande enthusiasmo.

---

(1) Obr. cit. pag. 476.

(2) Obr. cit.

Com applicação á lepra mencionarei os trabalhos sobre o germen parasitario, dos quaes alguns ainda proseguem, certo de que até o presente não se chegou a resultado definitivo, visto não se ter ainda podido descobrir as relações pathogenicas entre os parasitas encontrados e a evolução daquella molestia.

« Muitos autores, dizem Danielssen e Bœck, fallaram de animalculos sob a pelle: assim Kalmet declara que se encontram nos leprosos uma serie de vermesinhos entre os tegumentos e os musculos; de Furno, que ha uma porção de *piolhos* e de vermes debaixo das escamas; e Linnêo, que na elephantiasis da Noruega se apresenta uma especie de *gordius.* » (Obr. cit. pag. 67.)

Os mesmos autores dão á pagina 232 o resultado de suas proprias investigações nos seguintes termos: « Já dissemos que ha uma especie de tuberculos cobertos de crostas espessas, de côr escura, nos quaes descobrimos um *acarus;* este insecto se apresenta aos milhões, não só na superficie dos tuberculos, porém mesmo na massa tuberculosa amollecida. »

Depois de descreverem o *acarus*e ncontrado, accrescentam elles: « Em verdade é um microcosmo de animalculos; uma geração succede rapidamemte á outra e seus esqueletos compoem esta fórma da spedalsked. Não queremos dizer que a presença deste animalculo revela de um modo qualquer a natureza particular da molestia; porém acreditamos que indica perfeitamente a fórma singular por que ella se apresenta entre nós.»

A respeito do parasita encontrado por Danielssen e Bœck o professor Hebra acredita que trata-se simplesmente do *acarus* ordinario, igualmente encontrado em individuos que não padeciam de lepra: «Ficou assim demonstrado que a sarna coberta de crôstas, ou sarna norueguеza de Bœck, nada tem de commum com a

lepra propriamente, mas é simplesmente uma modificação da sarna [1].

« Recentemente o Sr. Dr. Armauer Hansen (de Bergen) e o Sr. Dr. Eklund da marinha sueca, refere o Dr. Cavasse, acreditaram descobrir a natureza parasitaria da lepra. O professor Hansen encontrou nos tuberculos leprosos grandes elementos escuros que suppõe serem agglomerações de pequenos corpos bacilliformes, encerrados nas cellulas, assim como numerosas bacteries de 0,mm0015 a 0,mm006. »

Em seguida diz o mesmo autor: « o Dr. Hansen não encontrou bacteries no sangue fresco dos leprosos. »

Continuando, diz o Dr. Cavasse: « Quasi na mesma época o Dr. Eklund publicava uma brochura sob o nome — Amspetelskan — em que fazia conhecer a verdadeira causa da lepra, e que julgava ter descoberto e que dizia ser *micrococus*. Segundo elle, as bacteries deste genero apresentam-se com uma profusão extraordinaria em todos os leprosos. Por sua acção irritante sobre as partes em contacto, estas bacteries determinam uma proliferação consideravel de cellulas e a formação de um tecido granuloso.

« Penetram no sangue, na lympha, nos tecidos que são pouco a pouco destruidos; e a gravidade da molestia augmenta com a multiplicação das bacteries. Eklund encontrou estas bacteries nas secreções das cavidades buccal e nasal, nos suores e nas lagrimas.»

A' pagina 73 o Dr. Cavasse allude á opinião do Dr. Beauperthry [2], a qual muito se aproxima da de Danielssen e Bœch, e como esta incorre na mesma

---

[1] Hebra — Obr. cit. pag. 539.

[2] O Dr. Silva Lima occupou-se em varios artigos, publicados na *Gazeta Medica da Bahia*, do tratamento a que o Dr. Beauperthry sujeitava os seus doentes leprosos.

contestação que o professor Hebra oppòz ao *acarus* norueguez.

O mesmo Dr. Cavasse accrescenta as seguintes palavras: « A theoria parasitica da lepra foi admittida ainda ultimamente pelos Drs. Hansen e Eklund, que attribuem a uma bacterie particular a causa da molestia. Porém, concedida a existencia desta bacterie, póde-se considerar completamente resolvido o problema etiologico? Basta haver encontrado um parasita para ter-se o direito de denunciar como causa de qualquer molestia? Da possibilidade de viver e de multiplicar em outros organismos deve-se concluir que provocam em individuos no estado physiologico todos os processos morbidos da lepra? Seguramente não. »

Em sua já citada obra o Dr. Moritz Kaposi diz á pagina 312: « Como um grande numero de molestias infecciosas ou como taes consideradas se tem descoberto recentemente na lepra bacteries e micrococus (Caster, Hansen, Klebs, Eklund, Neisser), todavia sua relação com a molestia que nos occupa está ainda por demonstrar. »

A esta declaração accrescentam os traductores do livro uma nota á mesma pagina, dizendo: « As pesquizas de Armauer Hansen são do mais alto interesse e é necessario proseguil-as com actividade, pois nos levam á verdadeira solução. »

Eis o resultado de repetidos exames do sangue de um morfetico, obtido por um dos traductores: « 1º, integridade dos globulos vermelhos e dos leucocytos; 2º, granulações claras de contorno nitido, muito numerosas, moveis (de movimentos rapidos); 3º, pequenos bastonetes em *haltere* mui numerosos e tambem dotados de movimentos; 4º, bastonetes regulares, refringentes, immoveis; 5º, granulações claras, de contorno mui pronunciado, immoveis. »

« Agora mesmo, disseram mais, Hillairete seu distincto discipulo Gaucher continuam seus estudos sobre a cultura da bacterie da lepra, e sobre a inoculação da molestia no porco, animal que, segundo muitos observadores, póde servir para esta experimentação, si é verdade que póde realmente contrahir a lepra. »

Depois disto o mesmo Sr. Gaucher tornou conhecido o resultado das investigações do Sr. Hillairet, lendo á Sociedade de Biologia de Paris, na sessão de 10 de Dezembro de 1880, uma nota, que vem transcripta na *Gazeta Medica da Bahia*, em o n. 7 (Janeiro de 1881), da qual extractei o que se segue:

« As investigações do Sr. Armauer Hansen versaram especialmente sobre os tuberculos cutaneos da lepra, dos quaes elle fez numerosas preparações pela raspagem e pela dissociação. Estas preparações encerravam sempre cellulas arredondadas, das quaes algumas eram granulosas, outras se achavam cheias de bacteries em fórma de bacellos. Bacteries existiam tambem em grande numero em estado de liberdade, em torno das cellulas principaes. Mas no sangue examinado em estado fresco o mesmo autor nunca poude descobrir elementos semelhantes, e põe em duvida os resultados obtidos pelo Dr. Eklund, que diz ter encontrado micrococos.

« Ora, é precisamente para a existencia destes vegetaes inferiores no sangue fresco dos leprosos, que queremos chamar a attenção, e neste ponto nossas observações não concordam absolutamente com as do Sr. Armauer Hansen.

« Em Paris os casos de lepra não são communs; nossas investigações foram feitas n'um só doente. E' uma mulher que chegou a pouco tempo das Cordilheiras dos Andes, e que é actualmente tratada pelo Sr. Hillairet no Hospital S. Luiz.

« Temos examinado o sangue extrahido por meio d'uma simples picada, ao nivel de um tuberculo, e depois da extremidade de um dedo, n'um ponto onde não existia tuberculo leproso. Todas as precauções possiveis foram tomadas para pôr-nos a abrigo das causas de erro.

« No sangue tomado no centro de um tuberculo, e examinado no mesmo dia em estado fresco, era facil de ver um grande numero de bacteries, pela maior parte moveis, umas punctiformes, outras alongadas em fórma de bacellos. Independentemente destes micrococos em fórma de bacellos isolados, distinguiam-se em differentes logares cadeias de monadas justapostas em numero de duas ou tres no maximo, e certas bacteries alongadas, terminadas n'uma das duas extremidades, ou em ambas, por uma monada punctiforme.

« No sangue da extremidade do dedo, os mesmos microphytos existiam em numero muito menor; as bacteries sobretudo eram muito raras, apenas podemos ver tres ou quatro na preparação.

« Porém os micrococos moveis eram em quantidade sufficiente para não deixar duvida sobre a infecção geral do sangue.

« Importa insistir sobre estas particularidades, a disseminação das bacteries, sobretudo em estado de micrococos na circulação geral, e sua accumulação muito mais consideravel em estado de monadas e de bacellos nos tuberculos leprosos; é este, cremos, um argumento importante em favor da origem parasitaria das lesões cutaneas da lepra.

« A infecção parasitaria do sangue dos leprosos nos parece, pois, bem estabelecida pelas observações precedentes. Temos a intenção de proseguir nestas investigações, e de examinar, si fôr possivel, as bacteries da lepra em liquidos de cultura.

« Temos tambem inoculado sangue leproso em differentes animaes, e si houver occasião, communicaremos proximamente á Sociedade de Biologia os novos resultados que podermos obter.»

Mais recentemente o Sr. Cornil, na sessão de 25 de Outubro de 1881 da Academia de Medicina de Paris, leu uma nota sobre a séde das bacteries na lepra e das lesões dos orgãos nesta molestia. « Não são só os tuberculos cutaneos que contêm bacteries; o figado, o testiculo, orgãos molles ou contendo cavidades, no estado normal tambem os contêm, e como as bacteries nestes orgãos não são comprimidas, adquirem por isso grandes dimensões. No tecido fibroso, entre as laminas e as fibras, na cornea, etc., os parasitas se dispoem em longos filamentos collocados uns em seguida aos outros, cujos articulos são separados por septos transparentes.

« Emfim, no protoplasma das cellulas, nos destroços accumulados nos tubos testiculares, nos vasos sanguineos, encontram-se sporos livres ou accumulados em grupos que enchem em alguns logares os vasos capillares.

« As lesões devidas ás bacteries se dividem em duas series: 1ª, quando a infiltração affecta um orgão parenchymatoso molle como o figado, as bacteries tornam-se volumosas; nos tecidos quasi mortificados a circulação sanguinea é pouco activa ou nulla e os vasos capillares se enchem de infartus bacteridianos; 2ª, na maior parte dos tecidos fibrinosos as bacteries lançam longos prolongamentos nos intersticios das fibras, mantendo-se pouco alteradas ou mesmo normaes as cellulas fixas do tecido fibroso, do que resulta espessamento deste tecido.» [1]

---

[1] *Archives Générales de Médecine—Decembre 1881. Paris.*

Foi o que pude colher sobre a origem parasitaria da lepra.

Insistindo neste estudo, devo notar que Lamblin, dando por extenso o resultado, na sua 2ª observação (pag. 115), da analyse microscopica praticada pelo Dr. Ranvier, no tuberculo de um leproso, cousa alguma diz quanto á presença de parasitas.

Comquanto eu já me tivesse referido a publicações posteriores ao artigo *lèpre* do diccionario de Jaccoud, não vem fóra de proposito mencionar que os autores do mesmo artigo não mostram-se inclinados á origem parasitaria da molestia.

A mesma reflexão cabe-me fazer quanto ao professor Hebra que até nenhuma referencia faz a semelhante origem.

Regimen alimentar. — A influencia de alimentos na producção da lepra tem sido um dos pontos mais controvertidos entre os autores: para uns a influencia é grande, para outros pouca, e para alguns nulla.

O que se increpa á alimentação é, ou se compor de certos alimentos exclusivos ou quasi exclusivos, ou de alimentos corrompidos e insufficientes.

Quanto aos alimentos exclusivos, pensam alguns autores (Danielssen e outros) que não ha fundamento para tal accusação, attendendo-se a que a morféa se tem desenvolvido em paizes onde a alimentação é muito variada.

Quanto a alimentos corrompidos, por exemplo o peixe, reflectem outros que esta causa não é igualmente aceitavel, porque a morféa se tem manifestado em logares onde se come peixe fresco.

Finalmente observam alguns autores, quanto á deficiencia de alimentos, que semelhante causa torna-se inadmissivel attendendo-se a que a morféa, si é mais frequente nos pobres, ataca tambem os ricos, isto

é, os que se alimentam á vontade e confortavelmente.

Em contraposição aos que não admittem que o regimen alimentar possa, em certas condições, produzir a morféa, outros autores ha que pensam exactamente de modo contrario.

Desde já declaro que, comquanto me merecessem attenção as diversas causas a que se tem attribuido a molestia, liguei comtudo particular interesse ao estudo das varias opiniões sobre a influencia dos alimentos, na esperança de que resultaria disso algum beneficio ao meu paiz, onde em verdade ha muito a propor e muito a obter em materia de regimen alimentar, deficiente aqui, exagerado alli e inteiramente desproporcionado ás exigencias de nosso clima.

Si, com effeito, preponderar a opinião dos autores estrangeiros e nacionaes, que acreditam que certos regimens alimentares, causando profundas alterações ao organismo humano, podem gerar a morféa, tornar-se-ha então necessario indagar si esta opinião é ou não applicavel ás nossas circumstancias, quero dizer applicavel aos habitos alimentares adoptados nas localidades do Brazil, onde a morféa é endemica.

São tão intuitivas as razões de tal exame ou indagações que dispenso-me de as apresentar aqui, reservando-me para dar ao assumpto maior desenvolvimento quando entrar nas «minhas reflexões».

Os alimentos increpados são a carne de porco, o peixe, as carnes salgadas, os alimentos gordurosos, as aves aquaticas, a insufficiencia de pão, o uso de arroz e o abuso de bebidas alcoolicas.

Como de todos estes alimentos a carne de porco e o peixe têm sido os mais accusados, visto serem, na opinião de alguns autores, capazes de gerar a molestia, ao passo que os demais não passam de auxiliares,

occupar-me-hei principalmente daquelles, e, para melhor ordem, de cada um de per si.

Carne de porco. — Das substancias alimentares nenhuma tem sido tão accusada como a carne de porco, o que nos revela a sua prohibição desde os mais remotos tempos. Esta prohibição não data de Moysés, pois a consideram anterior a elle. Parece que os Hebreus, antes mesmo de Moysés, abstinham-se da carne de porco; entre os animaes de que se alimentavam os patriarchas não se encontra mencionado o porco.

Os Arabes, os Phenicios, os Egypcios, os Indios, não tinham do porco menos horror [1].

Moysés, porém, legalisou a prohibição e sanccionou-a, classificando o porco de animal immundo nos artigos de suas leis.

O que é singular e, mais do que isso, verdadeiramente notavel, é que, não sendo este o unico animal assim qualificado pelo grande legislador, recahisse não obstante sobre o porco sómente a gravissima culpa de gerar a lepra.

« O uso muito frequente da carne de porco, diz Alibert [2], póde tambem produzir a lepra: assim o legislador dos Hebreus havia expressamente interdicto a carne desse animal. »

Larrey [3] observou os funestos effeitos de semelhante nutrição nos francezes que estiveram no Egypto; e Pariset fez a mesma observação.

« Os Turcos são raras vezes acommettidos de lepra, porque abstêm-se da carne de porco.»

---

[1] *L'Univers*. Artigo—*Palestine, par M. S. Mune.*

[2] Tomo 2º pag. 312, obr. cit.

[3] Esta opinião do Larrey tem sido mencionada em varios trabalhos sobre a lepra.

Occupando-se com as causas da morféa, o professor Hardy considera muito importante o regimen alimentar.

« Não é esta alimentação sómente, diz elle, que póde favorecer o desenvolvimento da lepra: os alimentos gordos, a carne de porco, as gorduras são essencialmente prejudiciaes nos climas quentes, etc.»

Peixe.— Si a carne de porco, considerada como offensiva á saude do homem e capaz de produzir a morféa, tem contra si uma tradição, até o presente não interrompida, de tantos seculos, em relação ao peixe occorre uma circumstancia que de algum modo o torna ainda mais suspeito na opinião da maioria dos praticos: é a da predilecção da lepra pelas localidades sitas á beira do mar, ás margens das enseadas, ás bordas dos rios, onde o peixe constitue a base do regimen alimentar.

A mais antiga reprovação, de que se tem noticia, de algumas especies de peixes, é a legislada por Moysés, que as considerou igualmente immundas.

A' vista disto, e não sendo o peixe isento de culpa, não sei por que os autores, dando aquella interpretação ao acto prohibitivo do grande legislador dos Hebreus com referencia á carne de porco, não a estenderam ao peixe, quando é certo que, tanto certas qualidades de peixe, como aquella carne, foram fulminadas por Moysés.

Com effeito, no cap. XI do Levitico se encontram estas disposições:

« 9.º Estes são os animaes que se criam nas aguas, e de que vos é licito comer. Tudo o que tem barbatanas e escamas, tanto no mar, como nos rios e lagos, comel-o-heis.

« 10. Mas tudo o que move e vive nas aguas, sem ter barbatanas, nem escamas, será para vós abominavel,

« 11. e execrando: não comereis as suas carnes, e guardar-vos-heis de tocar os seus corpos mortos.

« 12. Todos os que não tiverem barbatanas, nem escamas nas aguas, serão para vós immundos.

« Esta discriminação feita por Moysés não tem sido admittida pelos hygienistas, os quaes, estudando os peixes, limitam-se a considerar o seu maior ou menor valor nutritivo, fazendo quando muito menção de peixes venenosos.» [1]

De accordo com aquella prohibição de Moysés encontra-se, entretanto, a mesma distincção entre os peixes de doente e peixes « carregados » no conceito e praxe populares.

No seu ultimo livro de Hygiene o professor Bouchardat, occupando-se com a alimentação ichthyophaga, abriu um titulo para as « endemias devidas á alimentação exclusiva de peixe », e mencionou entre muitas endemias, que se têm attribuido a esse regimen alimentar, o lymphatismo, a « elephantiasis » e o escorbuto.

Dizem Danielssen e Bœck que os praticos têm prestado sempre a maior attenção ao regimen alimentar, bem como que sobre o uso do peixe têm recahido suspeitas de produzir a morféa; accrescentando que Avicenna era explicito a este respeito, tendo sido sua opinião adoptada por autores, tanto antigos como modernos.

« Não assenta, diz o professor Kaposi, em melhores fundamentos o attribuir-se a causa da lepra ás más condições alimentares, á alimentação exclusiva pelo peixe, ás gorduras, e ás carnes salgadas e conservadas; porquanto nos paizes onde a lepra é ende-

---

[1] Fonsagrives et Leroy de Méricourt. *Recherches sur les poisson storicophores. Annales de hygiene.*— 1881.

mica, por exemplo no Rio de Janeiro, observa-se a molestia em pessoas que vivem no meio do luxo da grande cidade (o autor alludo á capital do Imperio) e pertencem ás melhores classes da sociedade. » [1]

Para demonstrar a perniciosa influencia da alimentação de peixe, Bœck cita o que succedera nas ilhas de Feroé, situadas ao SE. da Irlanda, no oceano atlantico.

E' realmente um facto muito significativo: nestas ilhas, cujos habitantes entregavam-se á pesca e alimentavam-se de peixe, inclusive a baleia, reinava a morféa havia muito tempo.

De Chanseur e Coquereau [2] referem que em 1636 já a lepra era alli endemica. Tendo, porém, se operado completa revolução nos habitos daquella gente, que abandonou inteiramente a pesca para entregar-se á cultura dos campos, resultou que em menos de meio seculo a morféa havia quasi desapparecido das mesmas ilhas.

Cita-se igualmente um acontecimento relativo aos Judeus no Egypto. Emquanto alli permaneceram, dados como eram á alimentação do peixe, era frequente a lepra entre elles; mas, tendo emprehendido uma viagem pelo interior da Arabia, onde não encontraram peixe de que se alimentassem, succedeu que a lepra não os atacasse como d'antes.

Hebra não liga grande importancia á influencia que o peixe salgado e o corrompido, bem como as más condições hygienicas, possam exercer na producção da morféa, e a razão que dá é a de igualmente soffrerem

---

[1] E' de todo o ponto inexacta essa referencia ao Rio de Janeiro.
Não contesto que a morféa no Brazil, como succede sempre em outros paizes, se tenha manifestado em pessoas abastadas, comquanto seja muito mais frequente, relativamente, em individuos de poucos recursos; mas o que contesto, é o exemplo attribuido á capital do Imperio, que não presta ao autor semelhante argumento.

[2] *Recherches sur l'état actuel de la lèpre en Europe*. Citado pelo professor Rayer.

pessoas ricas que habitam grandes cidades, onde encontram os recursos da civilisação européa.

Bouchardat cita *Clot-Bey* que observou perto de Damietta populações icthyophagas inteiramente isentas de lepra.

Hardy é de opinião que o regimen exclusivamente icthyophago póde ser prejudicial.

« Na Grecia, na Turquia e nas ilhas do Archipelago, diz o Dr. Cavasse, verificamos que a nutrição, sobretudo a dos pobres, é igualmente muito defeituosa e muito insufficiente. Em grande extensão o paiz é pouco fertil e mal cultivado. Ao trabalho de cultivar a terra o grego prefere a vida maritima e o commercio, resultando disto serem relativamente pouco abundantes os productos da lavoura. Em sua alimentação figura em primeiro logar o peixe.»

O mesmo autor accrescenta que nas Antilhas é prodigioso o consumo de bacalháo salgado. «Entre os pobres o pão é substituido pela farinha de mandioca ou pelo arroz e alli muitos individuos entregam-se ao uso do *tafiá* e a outras bebidas alcoolicas. A' vista de semelhante regimen, debilitante e ao mesmo tempo excitante, não admira, accrescenta o auctor, que a pelle soffra abalo, dando logar a uma molestia que até então estivera em estado latente.»

Sob o titulo *Até que ponto concorre a alimentação para o desenvolvimento da elephantiasis* disse o Dr. Beirão : «E' uma crença geral do paiz que certas alimentações exclusivas, por exemplo de peixe salgado, do inhame de má qualidade, de mariscos, concorrem poderosamente para o desenvolvimento da elephantiasis ; comtudo as nossas observações não nos autorizam, por ora, a seguir esta opinião, posto que não pos-amos negar alguma importancia, que mais de uma vez se observa ter a alimentação exclusiva de certas substan-

cias, como causa predisponente ou occasional da elephantiasis. Assim nós vemos que nas observações, que apresentamos, em onze, parece ter tido bastante influencia para a producção da molestia a casta da alimentação, ou tambem o excesso das bebidas alcoolicas; mas quando observamos que nos restantes enfermos não é possivel assignar a mesma causa, e quando reflectimos no immenso numero de pessoas que em Portugal fazem uso, quasi exclusivo, de peixe salgado, como n'uma grande parte da Beira, sem comtudo soffrerem da pelle, custa a ligar muita importancia a esta circumstancia. Em Portugal mesmo havia corporações religiosas, que em virtude de suas regras ou institutos comiam sempre peixe, como eram entre outros os Cartuxos e os Carmelitas reformados, e não consta que a elephantiasis fosse uma molestia de pelle que se tivesse verificado alguma vez em religiosos daquellas ordens. Sem negarmos portanto uma tal ou qual importancia, que taes alimentações possam ter na manifestação desta horrivel enfermidade, estamos comtudo muito longe de acreditar que só e exclusivamente a estas alimentações deva a elephantiasis a sua origem e desenvolvimento.» [1]

O mesmo autor, entretanto, addiciona á sua observação XII (á pag. 231) a seguinte nota: «Refere o doente que a morféa é muito frequente nos campos do Mondego: quando a molestia consiste só no estropeamento das mãos e dos pés chamam-lhe — *manetas* e si apparecem tuberculos — *morphéa*. Aquella gente do campo do Mondego, accrescenta o Dr. Beirão, quasi que se alimenta exclusivamente de peixe salgado, especialmente a sardinha, passando grande parte do dia

---

[1] Obr. cit. pag. 88.

dentro d'agua encharcada dos paúes. Refere igualmente o doente que a observação ahi mostra bastantes vezes que os filhos de elephantiacos, são elephantiacos desde pequenos ; comtudo não acreditam que seja contagiosa ; mas na grande maioria de casos parece provir de constipações.»

Quanto a quaesquer outras circumstancias que porventura se dêm nos logares ribeirinhos, e que talvez explicassem porque em uns reina a morféa endemicamente, ao passo que em outros nenhum caso della apparece, os autores não dizem palavra : é estudo que ainda está por fazer.

E quanto á qualidade do peixe tambem se nota grande omissão em um estudo tão interessante. A este respeito apenas encontrei uma referencia feita por Danielssen e Bœck a certos peixes, reputando-os como causa da morféa, por se usar nos logares onde esta molestia reinava. Accrescentam esses praticos que, no intuito de verificarem os fundamentos desta noticia, trataram de examinar os taes peixes, *truta* e *linguado*, encontrando exactamente dous peixes doentes, porquanto apresentavam tuberculos que se assemelhavam, á primeira vista, aos da lepra tuberculosa. Averiguadas as cousas, reconheceram que taes tuberculos eram causados por um parasita vegetal que não podia produzir a morféa, e que não havia correspondencia entre a morféa do peixe e a morféa dos homens.

Encontrei mais o seguinte: « Hyelt refere que na Finlandia por muito tempo acreditou-se que o uso de um peixe do genero *coregonus*, cuja pelle secréta uma substancia espessa, viscosa, semelhante ao leite azedo, favorecia o desenvolvimento da morféa.» (1)

---

(1) Citado por Neumann, pag. 482.

Virchow [1] é de opinião que se deve ligar certa importancia ao regimen alimentar, particularmente ao uso do peixe de má qualidade.

Pouco mais direi quanto ás demais causas a que se tem attribuido a producção da lepra, como sejam os alimentos gordos, a falta de pão de trigo, o uso do arroz, e o abuso das bebidas alcoolicas, visto se haverem os autores quasi exclusivamente limitado a tomar em consideração o uso da carne de porco e a do peixe, e das demais apenas fazerem menção.

« Muitos doentes do Peloponeso e da Attica, onde abunda a oliveira, diz o Dr. Cavasse [2], me confessaram que grande consumo haviam feito do oleo, a cujo uso immoderado attribuiam elles sua enfermidade. Os habitantes das ilhas sobretudo accusam o peixe e a aguardente de má qualidade.»

Quanto á alimentação de feculentos, eis o que informa Valleix :

« O Dr. Dilioux, depois de ter accusado a alimentação defeituosa como causa predisponente, insiste principalmente sobre a falta de pão na alimentação dos povos expostos á lepra. E', com effeito, digno de nota, accrescenta Valleix, que no extremo N. como nos paizes tropicaes, esteja o pão banido da alimentação das classes desafortunadas e das raças inferiores, dadas sobretudo ao uso das bebidas alcoolicas, aos feculentos, e ás carnes salgadas ou seccas ao fumeiro. » [3]

Em outros autores tenho encontrado esta mesma accusação, e entre elles Lamblin, que assim se expressa : « E' quasi exclusivamente nos povos que não consomem pão que grassa a lepra. Está fóra de du-

---

(1) Citado por Lomblin.
(2) Obr. cit. pag. 69.
(3) Obr. cit. pag. 691.

vida que o uso deste alimento e uma nutrição melhor muito concorrerão para o desapparecimento da lepra em França. » (1)

Por ultimo cito a notavel opinião de Alibert : « Examinaie o que se passa em todos os paizes onde a lepra é endemica, e convencer-vos-heis de que esta molestia é quasi sempre causada pelo modo como vivem seus habitantes. E' digno de nota ter a lepra desapparecido de todos os logares, que affectava, á proporção da multiplicação dos recursos hygienicos. » (2)

Herança. — Si o contagio da lepra é negado pela quasi totalidade dos autores que se têm occupado desta enfermidade, a herança, pelo contrario, é admittida quasi geralmente.

E' certo que, para não falhar desta vez a regra, alguns autores, raros, não julgam a herança da morféa assaz demonstrada, e praticos ha que admittem-na, mas de modos diversos.

Entendem uns que a herança só póde ser directa, de pai a filho; outros que só póde ser collateral; ha terceiros que só a admittem saltando sobre uma ou duas gerações; e finalmente ha os que entendem que só um dos pais transmitte o mal: Valex de *Tarento*, citado por Danielssen e Bœck, é de opinião que só a mãi, e não o pai, póde transmittir a lepra, etc.

Deixando de parte, como menos essencial ao meu estudo, o modo de transmissão hereditaria, passo a occupar-me com o facto principal, que é o que merece particular attenção.

---

(1) Mem. cit. pag. 82.

(2) Obra citada.

Já na idade média se acreditava que a morféa transmittia-se pela herança, e desta crença se originaram, segundo Hebra, os interdictos de casamento de pessoas morfeticas, como ainda hoje succede em varios paizes, não sendo mesmo raras as acções de divorcio por igual fundamento.

Ainda desta vez os autores norueguenses, que me servem aqui de guia, como têm servido a quantos depois de 1848 têm escripto sobre a lepra, expendem com decisão o seu modo de pensar.

Na opinião de Danielssen e Bœck a morféa, uma vez introduzida em uma familia, estende-se a todas as gerações que della descendem.

Em sua opinião a herança da lepra póde ser directa e tambem collateral, é mais frequente do lado materno que do paterno, e mais pela via collateral do que pela directa; poupa uma e mais gerações para atacar a seguinte, e finalmente na segunda e na quarta geração sobrevem com mais intensidade do que na primeira e na terceira.

De algumas outras circumstancias, méros caprichos da molestia, concernentes ao modo da transmissão hereditaria, não me occuparei, por não interessar tanto ao meu estudo.

Da estatistica colhida no hospital de S. Jorge, Danielssen e Bœck obtiveram o seguinte resultado: « De 213 morfeticos verificaram que 185 a tiveram por herança, e que apenas em 28 a molestia fôra espontanea. Dos 185 a procedencia em 104 foi materna e em 81 paterna. A molestia, que é rara antes de seis annos, declara-se as mais das vezes durante a puberdade. »

A esta opinião de Danielssen e Bœck, e tambem de Conrado, de Kessler e outros muitos autores, diz Hebra que Hyort e Holmsen oppuzeram sérios argumentos, accrescentando que Bidenkop e van Someren demons-

traram que é quasi impossivel provar a herança da lepra. ([1])

Quanto á transmissão hereditaria da lepra o professor Hebra tem opinião mui diversa da da generalidade dos autores.

No conceito do celebre professor alguma cousa se transmitte de geração em geração, mas não é a molestia desde logo, e sim a disposição leprosa.

Melhor é ouvil-o: « Em caso algum a lepra se transmittirá como a syphilis, que é, diz Hebra, *incontestavelmente hereditaria.* Immediatamente ou pouco depois do nascimento nunca os filhos dos leprosos apresentam os symptomas da molestia de seus pais ([2]), e poucos são os casos de lepra hereditaria aos 3 annos de idade. »

Reconhecendo que *é impossivel repellir completamente* a ideia da herança, como Hyort e Bidenkop pretenderam fazel-o — apezar dos quadros g nealogicos organizados por Danielssen e Bœck, por Conrado, e apezar das informações ministradas por outros autores, o professor *Hebra* pensa comtudo, de accôrdo com *Virchow*, que não é propriamente a molestia que se transmitte, mas sim — uma disposição para a molestia — leprosa —, á semelhança da disposição para a tuberculose e para o cancro; « disposição, accrescenta elle,

---

([1]) Obra cit. tomo 2º pag. 534.

([2]) Por maior que seja o meu respeito ao professor Hebra, não posso furtar-me á sorpreza desta sua opiniã . Diz elle que « os filhos dos leprosos não apresentam os symptomas da molestia de seus pais ». O que então apresentam? O que tenho colhido de minha experiencia é que os primeiros symptomas da lepra herdada são em tudo iguaes aos primeiros symptomas apresentados por aque es que a transmittiram.

O que, pelo contrario, a experiencia tambem nos tem demonstrado é que nos filhos dos morfeticos a lepra se completa mais depressa, os periodos se succedem mais rapidamente, e, como terei occasião de referir, dá-se ás vezes uma como antecipação do periodo; isto é, manifestam-se desordens trophicas, proprias do 3º periodo, em meninos morfeticos (por herança) quando apenas se iniciava nelles o segundo periodo.

Eis o que tenho observado, e por isso se me tornou difficil comprehender nesta parte o pensamento do professor Hebra.

pela qual estas molestias se desenvolvem em virtude de certas condições exteriores, podendo, em condições favoraveis, deixar, pelo contrario, de se desenvolver.»

Ainda com relação ao modo por que, segundo *Hebra* e *Virchow*, se opera a transmissão hereditaria, outros autores es'ão em desaccôrdo: os «traductores» do livro do professor *Kaposi* não acham applicavel á lepra o que succede com a transmissão da tuberculose e do carcinoma.

Emfim, deixo de parte esta questão que exige maior desenvolvimento do que o que eu lhe poderia dar aqui.

O proprio professor Kaposi, e com elle os traductores de seu livro, são avessos á opinião da origem hereditaria da lepra, não só por não acharem-na demonstrada, como tambem por acharem-se compenetrados do valor da opposição a que referiu-se Hebra, levantada por Bidenkop e por Hyort ([1]). Todavia aquelle professor, em cuja opinião (pag. 314) as condições physicas e geographicas são a causa da molestia, acredita que pais leprosos possam transmittir uma disposição hereditaria a seus filhos e a outros descendentes, com o que aliás não concordam os seus traductores.

No conceito de Bazin a morféa é essencialmente hereditaria:

« Quanto á herança, diz elle, a questão muda de face e podemos então nos pronunciar categoricamente, por não ser possivel a duvida.»

Na opinião de *Alibert* o accôrdo a este respeito é geral: « A via hereditaria é a causa mais frequente do desenvolvimento da lepra.

«Effectivamente, si esta molestia reina hoje em Vitrolles, foi porque alguns habitantes casaram-se com pessoas infectadas de Martigues.»

(1 Obr. cit. pag. 313.

O mesmo Alibert declara ter observado muitos casos de herança da lepra, e accrescenta: « A herança é tão poderosa causa, que cedo produz seus effeitos nos meninos, salvo o emprego de medidas acertadas, como a de fazel-os amamentar por amas sadias e robustas, mudar de ar, e até de clima, e finalmente o uso de tudo quanto possa concorrer para combater a nova disposição do organismo. » ([1])

Virchow, que não admitte o contagio, é partidario da herança da lepra (Lamblin, 84). Nas respostas dadas pelos medicos japonezes a Virchow vem consignada esta declaração : « A disposição hereditaria deve ser considerada como provada ; salta algumas vezes uma geração. » (Citado pelo Dr. Ch. L. Drognat Landré, pag. 41.)

O Dr. Cavasse considera que a herança é uma das causas mais frequentes da lepra. Apezar da difficuldade de se colher informações a semelhante respeito, diz comtudo que a herança foi a causa da molestia nos doentes que figuram em suas observações. ([2])

O Dr. Beirão diz : « Depois de numerosas experiencias feitas no hospital da Madeira, I. Adams e Th. Herberden pensam que a elephantiasis póde não sómente ser hereditaria, mas se transmittir algumas vezes por muitas gerações. As indagações do Dr. Ainsley na India confirmam a crença daquelles sabios observadores. »

Occupando-se, porém, com o resultado de sua experiencia, assim se exprime o Dr. Beirão: « Mas em, relação á hereditariedade ou não da elephantiasis

---

([1]) Obr. cit. tomo 2º pag. 310.

([2]) Idem idem pag. 65.

a nossa observação está muito longe de confirmar a hereditariedade desta molestia ; porquanto nas cincoenta observações, que fazem objecto deste trabalho, apenas quinze podem « fazer presumir » que ella o seja. »

Godard, que como se sabe foi ao Egypto e á Palestina estudar, entre outras molestias, a lepra, tendo tido a infelicidade de succumbir a tantas fadigas antes de terminar sua humanitaria empreza, era sectario da doutrina da herança. Diz elle que encontrou muitos meninos, mais ou menos affectados, filhos de paes leprosos. Como Alibert, observou que a molestia declara-se cedo, quando tem essa procedencia. Teve exemplos de lepra transmittida hereditariamente pela mãe; porém não viu um só caso em que a molestia proviesse do avô, da avó, do tio ou da tia.

O Dr. Godard confirma que a herança é mais frequente do lado materno do que do paterno.

Terminada esta primeira parte do meu estudo sobre causas, na qual limitei-me a expor as opiniões de autores estrangeiros [1], passo a occupar-me com a segunda, que é a consagrada ás opiniões de medicos brazileiros sobre as mesmas causas da morféa.

---

[1] E' com bastante pezar que deixo de incluir aqui as opiniões dos medicos do Mexico, onde sei se têm publicado trabalhos interessantes, mas que não posso nem tenho mais tempo de os obter ; como lamento igual falta em relação aos collegas do Prata, os quaes se estão entregando com tanto affinco a estudos medico-hygienicos.

Tenho, é certo, um trabalho, intitulado *Historia de una affeccion anesthesica, contracturante, amputante y dactiliana* e publicado pelo Dr. Emilio R. Coni, assaz conhecido por outros trabalhos de incontestavel merito scientifico; porém, como nesta publicação o Dr. Emilio Coni encarou o assumpto da lepra debaixo de um ponto de vista restricto, não pude colher nella subsidio algum, que alias muito me aproveitaria para a elucidação das variadas questões que se prendem á etiologia da molestia.

Deixo apenas consignado o meu pezar. Como este meu trabalho é um simples esboço, traçado apressadamente entre tantas difficuldades, que são bem conhecidas dos que têm emprehendido publicações scientificas, deixo aquella lacuna para ser preenchida por quem, com mais competencia, mais titulos e melhores habilitações, tiver de voltar a um estudo de tanta importancia.

OPINIÕES DOS MEDICOS BRAZILEIROS

Nesta exposição das opiniões dos medicos brazileiros seguirei a ordem por mim estabelecida quando occupei-me com as dos medicos estrangeiros.

Clima. — Na memoria [1] « Opiniões dos medicos do Rio de Janeiro acêrca da elephantiasis dos gregos, vulgarmente denominada morféa, expendidas e conhecidas antes das memorias do Sr. Faivre sobre esta molestia » o Dr. De Simoni attribuiu ao Dr. Paula Candido a opinião seguinte: « Porém a causa principal parece-lhe ser a temperatura quente equatorial e dos tropicos, opinando que não só o calor influe directamente como estimulante da pelle, senão tambem dilatando os vasos da mesma, facilitando n'elles o ingresso da maior ou menor porção dos respectivos liquidos, ou mesmo permittindo a introducção de globulos que sem esta circumstancia não entrariam.»

O Dr. Aquino da Fonseca [2] entende que « mais do que a quaesquer outras causas se deve attribuir o desenvolvimento da lépra á temperatura elevada, á humidade, á variações constantes da atmosphera, á habitação em logares baixos, humidos e visinhos de aguas estagnadas ou pantanosas. »

Os Drs. Ferreira Nina e Saulnier Pierrelevée reconhecem que as verdadeiras causas das molestias são ainda desconhecidas, mas entendem que a sua etiologia liga-se sobretudo á influencia climatica.»

Analysando as condições do Rio Grande do Norte, pegunta o Dr. Luiz Carlos Lins Wanderley: « D'onde

---

[1] Publicada nos *Annaes de Medicina Brasilense*, 1845.

[2] Memoria citada.

procede, pois, esse privilegio feliz para esta provincia, a qual abrange na sua área de 18 mil milhas quadradas, uma população superior a 240 mil habitantes?

« Será da sua posição geographica, entrando no cabo de S. Roque, umas poucas de milhas pelo oceano atlantico, como em procura da Africa?

« Será da sua posição geographica afastando-se da linha equinoxial cinco gráos ao Sul?

« Será das condições do seu clima, quente no correr do dia, e temperado á noite, quando reina uma viração larga e franca? São questões a que não me julgo habilitado a responder. »

O Dr. José Nogueira Borges da Fonseca (Ceará) acredita que a causa da morféa é uma condição climatologica especial, ajudada de uma predisposição individual, determinada por herança e por molestias anteriores como a syphilis.

Ao Dr. Manoel Marcondes de Sá parece que o clima e os alimentos têm influencia muito secundaria no desenvolvimento da morféa.

Nada mais pude colher das respostas, em não pequeno numero, dos collegas que foram consultados sobre a causa ou as causas da morféa.

Condições telluricas, humidade. — Agora mesmo acabo de mostrar que o Dr. Aquino Fonseca attribuia certa influencia á humidade, á habitação em logares baixos, humidos e visinhos de aguas estagnadas ou pantanosas.

O Dr. Bernardino A. A. Machado [1] diz, pelo contrario, « que os logares mais pantanosos e ao mesmo tempo mui calidos da provincia do Rio de Janeiro são algumas vezes os pontos em que a elephantiasis é

---

[1] These cit.

rarissima. Assim na villa da Estrella e em toda a freguezia de Inhomerim se dão as referidas circumstancias, entretanto nunca tive occasião de ver ali um só morphetico, nem me consta que ao menos nestes 12 ultimos annos, de lá tenha vindo alguem para o Hospital dos Lazaros. O mesmo estou autorizado a dizer a respeito de Iguassú e mesmo de Macacú.»

O Dr. Villela Guapiassú ([1]) repete essas mesmas considerações estendendo ás condições topographicas de Santo Antonio de Sá.

O Dr. Manoel Bernardino da Costa Vaz diz: « que os factos demonstram que é nas cidades collocadas nas margens dos rios, cabeceiras de iguarapés, nos logares pantanosos, especialmente nas pessoas cuja vida é cercada de privações e miserias que o mal sôe de preferencia apresentar-se.»

No Brazil, diz o Dr. Argolo Ferrão ([2]), á semelhança dos demais paizes, que acham-se sob as mesmas condições, esta molestia sôe apresentar-se com mais frequencia nos negros e seus descendentes e especialmente naquelles que habitam o littoral, as margens dos rios, os logares pantanosos, e as ilhas; na provincia da Bahia «a ilha de Itaparica é onde se observa esta molestia sem duvida produzida pelo uso da carne de baleia e pela morada em logares insalubres.»

O Dr. Firmino José Doria informa «que, pela experiencia que tem, a molestia tanto se desenvolve no interior, como na costa, onde comtudo os casos são mais frequentes.»

O Dr. José Nogueira Borges da Fonseca affirma tambem que tem apparecido casos na costa e casos no

---

([1]) These sustentada perante a Faculdade de Medicina do Rio 1856.

([2]) These cit.

interior, se bem que os primeiros sejam raros e os segundos rarissimos.»

«Por que razão, interroga o Dr. Meton Alencar, ha de ser sómente no littoral que ella se origina, si no mais alcantilado monte ella póde ser hereditaria, como tambem adquirida no sertão?»

O Dr. Espindola declara «que a morphéa se desenvolve no littoral e no interior.»

O Dr. Manoel Goulart de Souza informa «que os casos na provincia do Espirito Santo apparecem isoladamente e em differentes pontos, o que prova que as causas não residem em logares especiaes.»

Em uma das memorias manuscriptas que tenho sobre o Paraná, encontrei o seguinte: «Pois bem, apezar dessas communicações, a morféa não tem attingido a esses logares, *limitando-se á planura dos campos geraes* no trajecto da estrada que vai de N. ao S.»

Em seguida vem mais esta informação digna de nota: «Na provincia do Paraná, no *plateau* central, cuja altitude mede 930 metros, e onde se gosa de um clima salubre e temperado, existe a morféa na linha central.

«No valle de Coritiba, cuja altitude mede 890 metros, batido de continuo por ventos humidos do mar, onde a atmosphera é humida e fria, e o thermometro poucas vezes chega a zero durante o inverno, não ha mórphéa, bem como não ha nas praias do mar onde reina um clima quente e humido.

«Para O. nas altas planuras de Guarapuava e Palmas a 983 metros acima do nivel do mar, onde o thermometro chega muitas vezes a zero, paiz pastoril, não ha morphéa.»

DESENVOLVIMENTO ESPONTANEO.—Sobre este ponto pouco colhi das opiniões dos autores e dos medicos brazileiros.

Destes, os que mais accentuaram este modo de pensar, foram os Drs. Ferreira Nina e Affonso Saulnier de Pierrelevée (do Maranhão) nestas palavras: «Acreditamos sobretudo na origem autochthonica, isto é, na *espontaneidade* da molestia, dando-se as circumstancias climatericas proprias para o seu desenvolvimento.»

O Dr. Henrique Schutel é de opinião que a morféa se desenvolve espontaneamente

A esta interrogação «será indigena ou importada?», que a si proprio dirigira o Dr. Argolo Ferrão, respondeu (pag. 4) pelo seguinte modo: « Terrivel decepção! ter de viver envolto em trevas, quando o espirito anhelante pede luz, e condemnado a ouvir de labios estrangeiros palavras como estas: (1) *on dirait que là où la Providence a di pensé ses dons avec plus de libéralité, l'homme prend tache à combattre ses bienfaits et de lui jeter en défi son apatique insouciance.* Existe, accrescenta o autor, algum documento historico com que possamos responder a estas questões? Não.

« Vejamos se conseguimos respondel-as sem este auxiliar: existindo o Brazil em quasi totalidade sob a influencia da zona torrida; gosando portanto das mesmas condições climatericas, que se encontram na Africa, como sejam o calor ardente vibrado pelos raios de um sol africano, variações rapidas de temperatura atmospherica, emanações telluricas e pantanosas; e sendo além disto a nossa principal alimentação insufficiente e má, para que apontar o infeliz escravo victima da mais repulsiva e abominavel ambição, como portador de tão terrivel mal, si nós sabemos que estas causas são sufficientes para determinal-o?

---

(1) Memoria cit.

Declaramos pois que, não existindo documento que prove o contrario, a molestia é indigena desgraçadamente de nosso paiz e que portanto ella existe nelle.»

Sobre a espontaneidade da lepra entre nós nada mais encontrei.

*
* *

Contagio.— Affirma o Dr. De-Simoni que o Dr. Paula Candido em sua primeira memoria sobre a morféa, admittindo a transmissão hereditaria, negou positivamente o contagio.

Na sua segunda memoria, publicada em Dezembro de 1845 nos Annaes de Medicina braziliense, o Dr. Paula Candido não emittiu, conforme verifiquei, juizo algum no tocante ao contagio da lepra, ou porque lhe houvesse escapado, ou por julgar desnecessario fazel-o uma vez que sua opinião a este respeito era assaz conhecida.

Depois de varias citações, diz o Dr. Aquino Fonseca « que é permittido abster-se ainda hoje (¹) de pronunciar opinião definitiva sobre a questão do contagio nos paizes tropicaes onde a elephantiasis é endemica.»

Na pagina immediata (270) accrescenta o autor: « No estado de incerteza em que se está não nos é permittido darmos uma opinião positiva ; porquanto se sustentarmos que a elephantiasis não é contagiosa, só poderemos explicar a transmissão da molestia de um a outro individuo pela predisposição ; mas contra esta explicação que francamente fallando pouco explica, se apresentam aquelles, que nella não querem crer, dizendo que, como não se póde adivinhar quem é que tem predisposição, convem que os doentes sejam separados do resto da população e que haja toda a

(¹) Memoria cit. pag. 269.

cautela; e confessamos que não sabemos si a isto se poderá responder. »

Esta perplexidade do autor desapparece, porém ao occupar-se com a lepra *anaisthétos;* diz elle: « não nos é possivel admittir o contagio dessa fórma da lepra; um só facto não temos encontrado que possa abalar a nossa convicção; e é isto mais uma razão que temos, para insistirmos sobre a distincção entre uma e outra especie de lepra. »

Com effeito o Dr. Aquino Fonseca admittia a dualidade da lepra, ao tempo (1847) da publicação de seu trabalho; e como não me consta que este distincto pratico haja publicado algum outro sobre o mesmo assumpto, não sei si ainda pensa do mesmo modo, em contrario á opinião hoje corrente, que não admitte a dualidade, mas sim, unidade da lepra, ou si suas idéas soffreram neste ponto alguma modificação.

Já que toco neste ponto, devo accrescentar que o Dr. Castro (do Pará) tambem admitte a classificação do Dr. Aquino Fonseca. Em uma communicação particular a mim dirigida (24 de Maio de 1881), disse o Dr. Castro: « Devo ponderar que sob a denominação generica de *morphéa* ou melhor *amorphéa* (do alpha privativo grego *sêm* e *morphos* figura, isto é, sem figura ou desfigurado) se comprehende a *lepra tuberculosa* (a leontiase e suas variações), a *elephantiasis dos gregos*, a *lepra anaisthétos*, ou *sêcca*, a *lepra mixta,* que participa das qualidades e symptomas de ambas estas especies de dermatoses, e a *lepra vermelha* ou de *Cayenna*. Esta é a classificação que adopto, a qual pertence ao nosso douto collega de Pernambuco, Dr. Joaquim d'Aquino Fonseca. »

Em outro periodo accrescenta o Dr. Castro: « Direi que as quatro especies de morphéa ou lepra, são total-

mente distinctas quanto a sua natureza, embora participando da mesma denominação. »

Eu não penso a este respeito como os dous distinctos praticos brazileiros, por mais que lhes respeite a sciencia e a experiencia : sou *unicista*, e o sou muito convencidamente, baseado em meus proprios estudos. Entendo que a natureza das varias fórmas de lepra é a mesma, é uma só ; o que varia são as localisações, como succede em outras molestias constitucionaes. Os meus estudos hemathologicos, que expenderei opportunamente, a analyse do producto da secreção urinaria, a evolução symptomatica, e até o seu tratamento me convencem da completa identidade das duas fórmas principaes da lepra, a tuberculosa e a anesthesica, sendo variavel sómente o que não é essencial á sua natureza interna. A molestia é a mesma, sempre identica, unica, porém, variavel exteriormente, variavel nas suas determinações secundarias, em virtude das disposições organicas, do prisma individual, o que lhe altera a fórma, a manifestação externa, mas não lhe muda a substancia, a essencia, a evolução intima, a natureza em summa, que é sempre a mesma e inalteravel.

Não sendo a natureza da lepra o que agora estudo, visto não m'o ser permittido ao presente trabalho restricto á hygiene, limitarme-hei a este simples enunciado sem exhibir desde logo as provas que o sustentam, e sem addicionar os argumentos fornecidos por alguns autores entre os quaes occupam o primeiro plano os Drs. Danielssen e Bœck, a quem a sciencia deve, no conceito do professor Hebra, a demonstração da « unidade » da lepra ; sendo esta, no meu entender, a parte a mais notavel e a mais meritoria do trabalho dos dous praticos.

Volto á questão do contagio.

O Dr. Silva (pai) e os discipulos, que sob a influencia de suas idéas escreveram theses de doutoramento, sustentaram que a lepra não é contagiosa.

O Dr. Bernardino Antonio Alves Machado diz na sua these: « O contagio tão temido pelos antigos é ainda hoje admittido por autoridades de grande vulto ; entretanto, numerosissimos são os factos que destroem semelhante opinião, que aliás já foi victoriosamente combatida pelo bem conhecido Bernardino Antonio Gomes.

A maior parte dos nossos medicos concordam nesta parte, com o illustre naturalista ; as observações de morféa que o Dr. Silva cita nas suas lições de pathologia interna, são bastantes para decidir a questão (pag. 14.) »

Na mesma pagina accrescenta o autor: « O hospital de lazaros me forneceu nova prova, e bem evidente do que levo dito: os empregados que foram para este estabelecimento livres do mal, ahi se têm mantido exemptos delle, o que de certo não seria concebivel na hypothese contraria »

Adoptando a mesma idéa, o Dr. Villela Guapiassú cita em sentido contrario ao contagio diversos casos que se tornaram notaveis, accrescentando que « nenhuma precaução foi tomada para evitar o cantagio e que nem por isso elle se manifestou.»

O Dr. Albino de Alvarenga [1] exprime-se nestes termos: « E' sabido que as molestias produzidas pela syphilis inveterada não são contagiosas, e pois a elephantiasis o será raramente; pois que sómente nos casos de ser ella determinada pela syphilis recente o

---

[1] These de doutoramento, 1857.

contagio terá logar. Além disso os factos fallam a favor dessa opinião, pois que fomos informados pelo director dos Lazaros em S. Christovão, que, servindo a cinco annos, ainda não viu um só empregado ou servente ser contagiado desse mal, e que conhecendo esse estabelecimento ha vinte annos, e tendo relações com uns ecclesiasticos que então dirigiam o hospital, soube delles que nunca uma só pessoa do serviço foi contagiada, por mais frequentes e intimas que fossem as relações entre elles. »

O Dr. Argolo Ferrão diz (pag. 12): « Em nosso hospital desde a época de sua fundação até a presente não ha um só exemplo da molestia adquirida por contagio, nem nos serventes do interior do edificio, nem nas lavadeiras das roupas dos doentes.»

Não obstante o Dr. Argolo Ferrão conclue « admittindo com o Dr. Wilson o contagio pela *inoculação* tão sómente. »

O Dr. Castro é de opinião que a lepra é contagiosa.

Os Drs. Ferreira Nina e Saulnier de Pierrelevée « nada podem affirmar sobre o contagio ; que ha casos que parecem ter essa origem, outros porém provam o contrario. Durante 25 annos, accrescentam elles, de observação no hospital dos Lazaros desta cidade (S. Luiz do Maranhão), um de nós que ali exerceu a clinica, nunca viu empregado algum, embora convivendo com os doentes, que fosse atacado do mal. »

O Dr. José Paulo Antunes (Maranhão) « não aceita a idéa do contagio, e só se convencerá do contrario quando os factos o confirmarem. Ainda não verificou que a molestia se transmittisse, de algum dos casos de que tem conhecimento, a pessôa sã. »

« O contagio, diz o Dr. José Nogueira Borges da Fonseca, é negado com bom fundamento, sendo muito provavel que não influa como causa. »

O Dr. Anastacio Simphronio de Abreu é de opinião que a lepra nunca se transmitte por contagio.

O Dr. Cosme de Sá Pereira se confessa indeciso: « não sou nem contagionista nem anticontagionista, porém não acho repugnancia em admittir o contagio, logo que o individuo morphetico se acha em pleno e constante contacto com individuos não morpheticos, mas com disposição de receber d'aquelle qualquer causa que possa fazer apparecer a morphéa.

« Embora os infinitos casos citados para se negar o contagio já em esposos, já em filhos, já em enfermeiros, e finalmente em criados ao serviço dos doentes, etc., todavia pode-se dizer que nem todas as faiscas produzem incendios; e qual o motivo? De certo pela falta de circumstancias que se deram n'este caso; n'outras porém verifica-se a destruição produzida por igual faisca.»

Discorrendo sobre o mesmo assumpto, o Dr. Cosme de Sá Pereira chega a aproximar os dous termos — herança e contagio — accrescentando mesmo que, « admittida a transmissão hereditaria da lepra, se chega philosophicamente a admittir o contagio.»

Na impossibilidade de acompanhar o illustrado collega no terreno em que collocou as questões do contagio e da herança da morféa, limito-me a ponderar, que « clinicamente » não se observa semelhante aproximação. Ha, com effeito, molestias francamente hereditarias, e a cujo respeito nunca houve a menor suspeita de se transmittirem tambem por contagio —; e bem assim não se tem como forçosamente hereditaria a molestia contagiosa, tão independentes são um do outro —o contagio e a herança.

A unica enfermidade que faz excepção á regra, é a syphilis, a qual, sendo incontestavelmente hereditaria, é incontestavelmente contagiosa; mas contagiosa de

modo definido, ás escancaras, e não de modo um tanto mysterioso como o collega e os raros contagionistas tentam explicar o contagio da lepra.

« Nenhum obstaculo, me communica o Dr. Veiga (Campanha), mais que a vontade, impede a união matrimonial entre individuos que parecem marcados com o stygma da desgraça e algumas uniões conhecemos entre um homem são com uma mulher doente ou *vice-versa* sem que o mal de um passe para o outro.»

*
* *

Syphilis.— Entre os medicos brazileiros ha pronunciado pendor para attribuirem a morféa á syphilis, como passo a mostrar.

O Dr. De-Simoni, no seu parecer sobre as memorias do Dr. Faivre [1], diz que este autor inclinava-se a attribuir a morféa a um virus e principalmente ao syphilitico, e partindo deste principio recommendava que no tratamento se combatesse antes de tudo este virus. [2]

O mesmo Dr. De-Simoni, no trabalho em que reuniu as opiniões dos medicos brazileiros sobre a morféa, observou que a 23 de Setembro de 1841, na sessão da Academia Imperial de Medicina, o Dr. Julio Xavier entre outras considerações disse o seguinte : « Insistiu na idéa de haver nesta molestia um principio syphilitico, citando a opinião do Dr. Silva, que em uma lição sua na escola de medicina asseverou nunca ter visto esta enfermidade em pessôa que não tivesse tido bôbas ou sido amamentada por ama da Costa d'Africa, ou sido filho de individuo syphilitico ou bôbatico. »

---

[1] Comquanto o Dr. Faivre fosse de origem franceza, menciono todavia sua opinião visto tel-a el e formado aqui no Brazil depois dos estudos a que teve de entregar-se, como é sabido.

[2] Dr. De-Simoni, parecer cit.

Em um manuscripto (pertencente ao Dr. Martins Costa) onde vêm colleccionadas as lições do Dr. Silva (pai) sobre assumptos de pathologia especial, encontrei, na lição consagrada á morféa, a confirmação do que affirmara o Dr. Julio Xavier; eis o trecho: « A elephantiasis dos gregos tem por causa a syphilis. Disse que levou morfeticos para sua casa afim de bem os examinar, que interrogou muitos enfermos e sempre verificou que a morféa era devida á syphilis, accrescentando que os que têm bôbas, virus venereo, os filhos de pais syphiliticos, os que tiveram amas de leite bôbaticas, acabam quasi sempre elephantiacos. »

Esta opinião assim formulada em termos tão positivos, não podia deixar de formar, como succedeu, de cada discipulo um proselyto.

Effectivamente, os doutorandos daquella época eram unanimes em acolher e repetir em seus trabalhos as opiniões de seu professor, que á autoridade de mestre reunia a de pratico de grande nomeada; e como cada um delles relata alguma circumstancia, attinente ao assumpto, que os outros não mencionam, procurarei reunir estes elementos dispersos, os quaes, ainda que não resolvam a questão, não deixam de ter seu merito, seja embora minimo.

Sim, podessemos nós colher e reunir os pensamentos dos que na jornada da vida vão ficando atraz de nós, e com isto praticariamos de certo uma acção meritoria. Um pensamento é um producto, muitos pensamentos constituem, — um patrimonio. Demais os pensamentos alheios formam uma escala para a elevação de nosso proprio espirito: o primeiro delles, por mais timido e insignificante que seja, tem pelo menos o merito de servir de gráo para esta ascensão.

Quasi que se contam pelas quédas as primeiras passadas da criança, o futuro homem robusto: assim

tambem os erros são as primeiras balbuciações, os ensaios successivos, a aprendizagem da irradiante verdade.

Depois de reportar-se ao seu professor, o Dr. Bernardino A. A. Machado accrescenta: «Esta opinião é tambem partilhada pelo mui digno presidente desta these (Dr. João José de Carvalho), que teve a bondade de me referir alguns factos, que provam exuberantemente esta verdade. (1)

« A elephantiasis, escreve o Dr. Joaquim Coelho Gomes (2), sómente appareceu entre nós depois da importação de bòbas trazidas pelos africanos, as quaes o Dr. Silva encara pelas mais sabias observações como a syphilis genuina, que modificada e degenerada pelo nosso clima, vinha a atacar debaixo de uma molestia differente, porém cuja causa e principio viroso eram os mesmos.»

O Dr. José Joaquim Uberaba de Sá accrescenta: « A estas objecções responde o Dr. Silva, que é raro encontrar um morfético, que antes da apparição do mal não tivesse muitas molestias syphiliticas, principalmente boubas; e que quando isso não se chega a dar, ou elles foram amamentados por amas affectadas de boubas, ou de outra molestia syphilitica, ou então nasceram de pais morféticos.

« Conclue emfim o Dr. Silva, dizendo que « a inexactidão destes respeitaveis autores (alludia a Casenave e a Schelden) é sem duvida devida á falta de observações frequentes desta molestia, e que no seculo actual é absurdo dizer-se que a syphilis não é causa da morféa.»

---

(1) These cit.

(2) These sust. em 1836 perante a faculdade de medicina do Rio. « Elephantiasis dos gregos, suas causas e seus tratamentos » e o ponto.

« Todas estas causas, diz o Dr. Albino de Alvarenga, para nós não são mais do que predisponentes ; a determinante nós vamos conhecer pelo exame de um grande numero de factos e pela expressão symptomatica da molestia.

« Temos em nosso poder, accrescenta elle, um grande numero de observações do Dr. Silva, pelas quaes vê-se que os individuos que actualmente soffrem da elephantiasis ou eram descendentes de pais que tiveram boubas ou foram amamentados por amas nas mesmas condições, ou emfim elles mesmos foram dellas affectados. O Sr. Dr. José Joaquim da Silva teve a bondade de me mostrar dous doentes morféticos, a quem prestava seus cuidados, em cujas familias têm havido boubas ; e nós mesmo dirigimos actualmente o tratamento de um morfético, cuja mãi fôra quando moça affectada de boubas.

« Estes factos já nos bastariam para provar que é syphilitica a causa determinante da elephantiasis dos gregos, etc. »

O Dr. Paula Candido, porém, opinava diversamente :

« A genuina elephantiasis dos gregos não resulta da syphilis (1) : as coincidencias da morféa em individuos syphiliticos, que apparecem algumas vezes, não sobrepujam outros muito mais numerosos casos em que nas mais recatadas familias, no meio da mais bella apparencia de saude, em geral na flor da idade, sem infecção syphilitica antiga ou recente, a morféa se declara e percorre inexoravel seus periodos : os anti-syphiliticos vegetaes ou mineraes aggravam os pri-

---

(1) Memoria cit. (Copiei textualmente).

meiros e ainda longinquos vislumbres do horrivel mal.

« Além disto quantos inveterados syphiliticos que se póde chamar como o Genesis, *inveterata malorum*, não vemos nós uns sem queixos, outros estropiados, etc., chegarem ao ultimo gráo da infecção, arrastando dolorosa existencia, horrivelmente mutilados, sem apparecer a morféa? Ora era este bem o caso de degenerar em elephantiasis. »

Como Danielssen e Bœck attribuissem ao Dr. Paula Candido uma opinião contraria á que consta desta memoria, é meu dever restabelecer a verdade, e para isso reproduzirei as palavras do medico brazileiro.

« Syphilides ha, sem duvida, de fórma tuberculosa que apparentam a elephantiasis ; mas as inflammações da garganta, as ulceras a bordos cortados a pique, a côr de cobre das cicatrizes, a mudança e embaciamento da cutis do syphilitico, contrastando no começo do mal com a apparencia da mais brilhante saude no futuro morfetico ; as dores rheumaticas e outros « indicios differenciaes » são muito sufficientes para se discriminar a « syphilide tuberculosa » da elephantiasis. Emfim a syphilis tuberculosa cede e se cura perfeitamente, ao menos em muitos casos pelos anti-syphiliticos, os quaes aggravam pelo contrario a morféa.

« Quanta gente não terá *assim* curado syphilis annunciando cura de morféa ! ! ?

« Em conclusão, pois, a syphilis não é causa da morféa, mas poderá accelerar e modificar esta affecção cutanea quando com ella coincidir. »

Esta foi a opinião do Dr. Paula Candido, clara, explicita e emittida em 1845 ; no emtanto os Drs. Danielssen e Bœck, em seu livro publicado tres annos

depois (1848), disseram o seguinte: *enfin récemment Candide* [1] *expose que les exanthemes syphilitiques, et d'autres eruptions chroniques dégénerent en ceux de la spedalskhed; pourtant cette dernière affection ne devient jamais si pernicieuse que lorsq'elle s'annonce primitivement.* (Pag. 110.)

Conforme se vê pela confrontação dos dous periodos o pensamento do medico brazileiro foi completamente alterado na traducção: o Dr. Paula Candido disse exactamente o contrario do que lhe foi attribuido, embora sem intenção, pelos Drs. Danielssen e Bœck.

Ao Dr. Aquino Fonseca parece que «a syphilis concorre para o desenvolvimento da lepra em alguns individuos» e nossa experiencia não só nos faz crer o que dizemos, como nos tem convencido de que ella aggrava muitissimo o mal.

Temos por vezes encontrado individuos que outra cousa não accusam; e tratamos neste momento um que todo o seu soffrimento provém de molestias venereas; e o certo é que nesse individuo o tratamento anti-syphilitico tem produzido melhoras, não só na côr e elevação das grandes nodoas, que tem por todo o corpo, como no volume de alguns tuberculos da face e no movimento dos dedos. Schiling fallando das causas da lepra assim se exprime: « *Neque omittendo est Venus.* »

---

[1] Esta referencia é ao Dr. Paula Candido, conforme se verifica por outras citações; exemplos: *un des autres les plus récents, Candide, a presenté l'hypothèse que l'essence de la maladie consistait dans la plasticité du sang etc.* (pag. 103). Esta era a opinião do Dr. Paula Candido.— Outro exemplo: *A Saint-Christofle on prétend avoir guéri* (166) *en faisant prendre à plusieurs reprises la chair hachée de deux grenouilles vertes sous forme de bol, et le même remède, d'après le recit de Candide, fut adopté par le docteur Silva.* Julgo que estas citações bastarão para convencer que aquella referencia era feita ao Dr. Paula Candido. Eu poderia mencionar ainda uma outra passagem em Danielsson e Bœck em que alludem ás applicações da electricidade aconselhadas pelo medico brazileiro.

O Dr. Joaquim Pedro Correia de Freitas [1] tem a este respeito a seguinte convicção: « De concomitancia com a alimentação concorre a syphilis de uma maneira talvez ainda mais directa; nós, ainda que não tivessemos o apoio de alguns medicos distinctos, que suppoem o virus syphilitico o agente de maior força na manifestação desta molestia, era-nos bastante attender á modificação que sobre o organismo a syphilis é capaz de imprimir.

« Fundamentamos a nossa opinião nos dados colhidos nos lazaretos do Pará e Bahia; poucos foram os que não se accusavam de syphilis primitiva, e muito raros os que radicalmente della foram tratados. »

« Quanto a mim, communica o Dr. Castro, a lepra foi importada da Europa e da Africa, ou melhor, foi entre nós elaborada pela degeneração da syphilis entre os povos daquellas duas partes do mundo, que vieram em procura da America e aqui se têm aclimatado sob a influencia de muitas circumstancias e causas. »

Segundo parece ao Dr. Castro « a raça americana é refractaria a semelhante doença ».

Em outra communicação (17 de Julho de 1881), a mim dirigida, accentúa a sua opinião deste modo: « Das causas, figura em 1ª escala a syphilis abandonada ou mal tratada; em 2ª as boubas desprezadas; e em 3ª a hereditariedade em grande numero de casos de elephantiasis tuberculosa, que é propriamente o que se deve chamar *a morféa* ou lepra. Esta tendencia de augmento aturado de semelhante enfermidade é devida ao abandono absoluto de medidas sanitarias por parte do governo quanto ás especies — syphilis e lepra, e não

---

(1) « Considerações geraes sobre algumas molestias mais frequentes na provincia do Pará. » These sust. perante a faculdade de medicina da Bahia — 1852.

observancia dos preceitos da hygiene, além da corrupção que lavra nos costumes. »

O Dr. Santos Jacintho emitte esta opinião: « Até que a sciencia descubra a causa dessa terrivel molestia, irei admittindo como causa o virus syphilitico adquirido ou herdado, modificado por um agente ainda mysterioso, e auxiliado pelo uso do peixe e da carne de porco. »

O Dr. José Nogueira Borges da Fonseca diz que: « Só póde appellar para causas individuaes, como a herança e a syphilis. »

O Dr. Meton de Alencar informa « que tem visto casos consecutivos á syphilis, outros ao contagio, outros á herança, outros ao lymphatismo, e outros a nada disto e sim a um *quid* que, quer se chame herpetismo, ou dermatose, não foi ainda attingido pelo tacto do medico ».

Continuando em suas considerações este collega externa a seguinte opinião a respeito da lepra e o faz — diz elle — sem pretenções: « Entendo que a elephantiasis dos gregos é o terceiro grão da erysipela commum generalisada, recrudescendo periodicamente, como a dos arabes é o segundo grão da mesma erysipela recrudescendo assiduamente na mesma região da sua preferencia » [1].

No seu manuscripto o Sr. Ricardo Lustosa de Andrade refere varios casos de lepra sobrevinda em

---

[1] Esta opinião do Dr. Meton de Alencar foi omittida na resposta, a que já alludi, dada ao Sr. conselheiro Fleury. Em uma simples communicação, como esta, o Dr. Meton não poderia certamente ajuntar os fundamentos da sua opinião. Si, no emtanto, lhe faltam factos que a sustentem, si é puramente theorica, permitta o collega que a considere pouco aceitavel.

Não discuto aqui as questões de pathogenia, não só por ser ainda cedo, como porque m'o veda a indole deste trabalho. Não obstante offereço um facto de minha clinica, o qual não é favoravel a essa sua pathogenia : é o de uma moça, de 27 annos de idade, que padece das duas elephantiasis (o caso não é unico ; os autores mencionam casos destes). Quer o collega saber qual foi a primeira ? A dos gregos, tendo-se-lhe declarado a dos arabes annos passados.

individuos que soffreram ou ainda soffriam de boubas.

A titulo de documento passo a dar uma noticia ácerca da frequencia e da gravidade das boubas no Paraná.

Já que alguns de nossos distinctos clinicos têm attribuido a morféa á syphilis e especialmente ás boubas, torna-se conveniente que a respeito desta molestia se saiba do que occorre na provincia do Paraná. Fal-o-hei sem commentario algum por emquanto.

Não me foram, é certo, fornecidas por profissionaes as informações que me vão servir de guia, nem me consta que professionaes hajam publicado trabalho algum sobre este assumpto.

Os elementos eu os colhi em duas communicações que me foram dirigidas daquella provincia, sendo uma do mesmo Sr. Ricardo Lustosa de Andrade, pessoa circumspecta, muito conhecedora da provincia, e dotada, segundo revelam dous trabalhos seus em meu poder [1], de espirito investigador; e a outra do punho do Dr. Walfrdo de Figueiredo, que ha annos reside na provincia na qualidade de juiz de direito de Campo Largo.

Ouçamol-os pois.

Diz o primeiro: « Penso que as boubas são uma enfermidade gravissima, que ataca os habitantes desta provincia. Si não é o *pian* ou a *frambosia* africana, é uma affecção dessa familia, e que se tornou endemica entre nós. Commummente a enfermidade manifesta-se nos cantos da bocca, na lingua e nas partes sexuaes, em fórmas de pustulas brancas, roseas, e que secretam humidade. Outras vezes o enfermo se cobre de erupções na face, nos braços; as sobrancelhas lhe cahem, e o nariz apresenta elevações fungosas, etc.

---

(1) O outro trabalho é sobro a cultura do trigo no Paraná.

« Os que entregam-se a uma vida dissoluta quasi sempre contrahem esta molestia, de ordinario acompanhada de manifestações venereas: e libertinos ha que incumbem-se de propagal-a entre mulheres do povo, infelicitando-as por toda a vida.

« O agente mais poderoso para debellal-a é o mercurio e os seus compostos, etc. »

Depois de entrar em considerações sobre os resultados obtidos por meio de varios compostos mercuriaes, prosegue o Sr. Ricardo Lustosa de Andrade nestes termos: « Si o doente consegue por meio do mais rigoroso tratamento, ás vezes brutal, restabelecer-se, jámais elle conquistará sua antiga robustez; permanecerá valetudinario e propenso a outras enfermidades. Conheci moças nas melhores condições de saude e de belleza que acabaram cobertas de sarnas e de ulceras por terem tido a infelicidade de contrahir pelo facto de alliança as boubas. Conheci um casal robustissimo, que, sendo contaminado pelas boubas, terminou miseralvelmente ao cabo de 30 annos de martyrio; a mulher acabou lazara, e o marido arrastou uma vida triste, sempre doente e sempre no uso de medicamentos.

« Conheci prole enfezada oriunda de pais boubaticos. Tenho visto na convalescença de boubaticos, mezes depois do tratamento, o apparecimento de sarnas de máo caracter, que se tornaram contagiosas.

« Seria longo enumerar os estragos dessa affecção de parceria com a syphilis, e o grave damno que causa á saude publica. A mocidade paga o seu tributo por mais que se queira livrar da rêde que involve todas as classes sociaes.» (1)

---

(1) Já tive occasião de mencionar, em uma nota, estas ultimas palavras do Sr. Ricardo de Andrade, o que não me obsta de as repetir aqui, afim de completar o pensamento que as ditou.

O digno juiz de direito de Campo Largo exprime-se nestes termos: « A estas informações accrescentarei que ha no Paraná a maior predisposição para as molestias de pelle e de sangue, devido talvez á alimentação acima indicada, á falta de transpiração, e á vida indolente. A syphilis abunda sob todas as fórmas, principalmente a de boubas, nome que dão a umas feridas avermelhadas, com os labios brancos, corrosivas, as quaes apparecem em todo o corpo e principalmente na bocca e na garganta, onde fazem horriveis estragos, abrindo orificios de modo a permittir que saia pelo nariz o que se ingere pela bocca!

« Aqui no Paraná ha muito poucas pessoas que não soffrem esta molestia ou não a tenham soffrido; é contagiosissima e hereditaria; até recem-nascidos têm della morrido. Além disto ha muita sarna e mesmo feridas de máo caracter que nunca ou muito custam sarar.

« Devo ainda accrescentar que são muito frequentes, mesmo muito, os soffrimentos de estomago, aos quaes algumas pessoas têm succumbido. »

Opportunamente eu apresentarei as reflexões que me suggere essa frequencia das boubas do Paraná.

Origem parasitaria. — Nenhuma menção encontrei de parasitas, nem nas publicações que tenho em presença, nem naquellas communicações de meus collegas.

Animado pelos resultados obtidos por Hansen, Eklund, Hillairet e Gaucher, o Dr. Pacifico Pereira manifestou, em uma de suas cartas, a intenção de entregar-se pelo seu lado a investigações microscopicas em doentes do hospital de Lazaros da Bahia. Será um precioso contingente o que nos prestar o Dr. Pacifico Pereira, si, como é muito para desejar, levar a effeito a sua idéa.

Alimentação. — Ao parecer, que já citei, do conselheiro Domingos dos Guimarães Peixoto (Barão de Iguarassú) sobre o hospital dos Lazaros da côrte, vem annexa uma participação do Dr. João Vicente Martins, medico, presumo eu, naquelle tempo (1838), do hospital, na qual este clinico expendeu o seguinte: « Quasi todos os doentes são dados ao abuso das bebidas espirituosas, e usavam de máos alimentos. »

O Dr. João Vicente, e disso faço menção unicamente para não dividir o pensamento do autor, dizia tambem o seguinte: « Muitos tiveram syphilis, muitos mais, ou negam ou ignoram que a tiveram, mas são suspeitos; uma grande parte teve parentes affectados, um ha que teve um filho com lepra, e outros isentos della.»

Na Academia Imperial de Medicina (sessão de 26 de Agosto de 1841) o Dr. Julio Xavier contestou a opinião do Dr. Paula Candido que attribuia a morféa, entre outras causas, « a certos alimentos, como pinhão, gordura, amendoim, etc., objectando a esta idéa o desenvolvimento da morféa em localidades aonde taes alimentos não existem. » (Artigo do Dr. De-Simoni sobre as opiniões dos medicos brazileiros, já cit.)

Na sessão da mesma Academia de 28 de Agosto de 1845, o Dr. Paula Candido disse que « é de opinião que os alimentos influem o mais possivel para a producção da morféa: comtudo não crê que sejam a unica causa. Entre elles os oleosos são os que mais influem. Na Noruega, onde apparece a lepra, usa-se de muito azeite de peixe, que é o mais carbonado dos oleos. Em um artigo, continúa o illustrado academico, que está preparando, propõe-se mostrar a influencia destas substancias e todo o jogo chimico do carbono e do azoto na producção da morféa. »

Com effeito, na sessão de 18 de Dezembro do mesmo anno, o Dr. Paula Candido desempenhou-se de seu

compromisso, apresentando a *Memoria* a que já me tenho por vezes referido.

Si no desenvolvimento de suas idéas o autor não foi sempre assaz explicito, si o seu estylo careceu ás vezes de clareza, si a argumentação apresentou algumas falhas, e si, devido ao estado dos conhecimentos physiologicos de sua época, a interpretação dos phenomenos morbidos não parece a mais correcta, justo é entretanto, que eu renda hoje, depois de decorridos 37 annos, a merecida homenagem á memoria do medico brazileiro, á penetração do seu pensamento. Ninguem no paiz ou no estrangeiro, teve ainda, como Paula Candido, tão arrojada intuição da etiologia e da pathogenia da morféa.

Hoje, ainda hoje, o raio mais brilhante de luz que se encontra quando se estuda esta molestia, é o projectado pela intelligencia daquelle clinico.

Hei de mostrar, quando « nas minhas reflexões » occupar-me da syphilis, que, embora as não citassem, os autores europeus tomaram para ponto de partida de suas observações as idéas de Paula Candido sobre o sangue dos morfeticos.

Era profunda, como suas palavras attestam, a convicção do medico brazileiro sobre o que elle chamou « jogo chimico na producção da morféa » ; e o que mais sorprende é que os autores que na Europa referiram-se ás opiniões de Paula Candido, exaradas naquella memoria, que foi vertida para o allemão, passassem desapercebidamente sobre sua opinião original e digna de ter sido tomada em consideração.

Não deixa de ser um pouco longo o excerpto que vou fazer, mas outro não póde ser o meu procedimento, tendo de reproduzir as ideias emittidas pelo autor sobre a alimentação encarada como causa da morféa.

Disse elle: « Um facto incontestavel se observa em grande parte das provincias de Minas e S. Paulo [1]: em certos logares em que abundam os morfeticos, a alimentação de que se serve o povo é em grande proporção de pinhões (araucaria brasiliensis — familia das coniferas); este fructo lhes serve de farinha ou pão, os porcos que nessas regiões constituem outra parte essencial do alimento do homem, e as caças que abundam na época da maturidade dos fructos, tambem se nutrem quasi exclusivamente delle....

« Os pachidermas são affectados frequentemente de *erupções cutaneas furfuraceas, tuberculosas*, etc.; e nenhum escrupulo se observa em geral em servirem-se destes mesmos animaes. Póde-se, sem fugir da verdade, avançar que a abundancia da morféa é alli proporcional á dos alimentos pelos pinhões e porcos por elles nutridos; tanto mais veridica se torna esta asserção, quanto mais se afasta do limite tropical o terreno em que estas arvores são indigenas; e pois aquem destes limites os pinheiros são exoticos e fructo da industria humana.

« O mendubim, a sapucaia, o primeiro sendo cultivado, o segundo indigena, ambos oleosos, farinaceos e aromaticos, têm a mesma senão maior energia no desenvolvimento da morféa; não temos na verdade factos em tão vasta escala, como para os pinhões, em que descance esta asserção, pois, em nenhuma parte do Brazil serve o mendubi de exclusivo pão ao homem e alimento aos animaes de que aquelle se nutre; sendo apenas uso em algumas fazendas o substituir pelo seu oleo a gor-

---

[1] Tenho noticia de que o Dr. Paula Candido fôra ás provincias de S. Paulo e Minas-Geraes no intuito de observar o que alli occorria, de modo a poder firmar sobre o resultado de suas observações o juizo que houvesse de emittir naquella memoria sobre a etiologia da lepra.

dura de porco; mas tem-se-nos offerecido na pratica exemplos da morféa succedendo ao uso immoderado deste fructo oleoso, aromatico e succulento, como já notamos... »

Verificado este facto na clinica do Dr. Paula Candido, vejamos agora como o autor raciocinou sobre os inconvenientes que dessa alimentação resultariam em um clima como o nosso, e sobre a falta de proporcionalidade entre o uso dos oleosos e as condições climatologicas.

Acompanhemos o seu pensamento nesta parte; sigamol-o com o vivo interesse de que são merecedoras suas importantes e originaes revelações. A inspiração era sua, sómente sua.

« Mal haja o Aristarcho, exclama elle, que nos increpar pela ousadia de deduzirmos das novas e brilhantes acquisições da chimica organica estas conclusões; sem duvida a conquista de factos positivos deve *encommodar* muito aos que de tudo se encommodavam *com uma disposição particular* pre-existente, para explicar molestias! Mas o seculo marcha, as palavras já não illudem, força é procurar a razão sufficiente, material dos phenomenos, ou renunciar á sciencia.

« A composição oleosa e farinacea destes fructos é certamente a causa de seu unesto predicado — a producção da morféa.

« Sem duvida em outros climas e latitudes nem estes fructos nem outros igualmente oleosos, como nozes, amendoas, castanhas, etc., produzem a elephantiasis, reservada aos paizes quentes ou intertropicaes: a razão é que nessas outras latitudes, nesses climas frios, a respiração reduz pela oxydação o excesso de elementos combustiveis, que os principios immediatos dos oleos ou outros alimentos communicou ao sangue,

mediante a absorpção do chylo; porquanto nesses paizes frios o excesso de calor perdido pelo homem é resarcido pela maior actividade da respiração [1]: nos paizes quentes, pelo contrario, sendo a respiração menos energica, si se der *aquelle excesso* de elementos combustiveis nos principios immediatos communicados ao sangue, tal excesso não póde ser oxydado, e reduzido pela respiração; e vai desta sorte circular por todos os orgãos: pois é hoje averiguado que a respiração despende maior quantidade de oxygeno nos paizes quentes; é tambem averiguado que o carbono e o hydrogeno são os radicaes em que se fixa o oxygeno despendido pela respiração; e averiguada é a composição chimica dos oleos. Desta sorte confrontados os factos com os theoremas da sciencia vemos que estes factos se apresentam como consequencias calculaveis, como deducções rigorosas. »

Partindo deste principio accrescenta o autor: « Estamos persuadidos *que não só* [2] a morféa póde provir do prolongado uso dos alimentos, como os acima referidos ou outros analogos, quer immediatamente ingeridos, quer nutrindo os animaes que vão depois servir de alimento ao homem; pois casos temos encontrado onde com nenhuma outra causa podemos atinar; *mas tambem outras substancias ha*, que não sendo por si só capazes de produzirem a

---

(1) Sendo assim, poderiam objectar-lhe que não deveria haver, como pelo contrario succede, a morféa nos paizes frios.

O defeito de seu raciocinio, nesta parte, está em ser elle restrictivo ao que se passa nos climas quentes. Podia ter limitado a sua argumentação, si assim o entendesse, ao clima do Brazil; porém não devia ter exceptuado os paizes de clima frio, onde, relativamente, póde haver, como de facto ha, abuso dos oleosos, e onde esta molestia não é rara.

Si o abuso dessas substancias póde gerar a molestia, e si tal abuso se dá nos paizes de climas frios, lá tambem seria, como aqui, essa a sua causa. O poder oxidante do ar atmospherico, si é limitado nos climas quentes, não é illimitado nos climas frios. Lá como aqui póde-se dar o mesmo abuso: a condição unica reduz-se, pois, á *quantidade* dos oleosos ingeridos.

(2) Os gryphos são do autor.

morféa, mesmo quando por muito tempo servindo de alimento, comtudo nos individuos della affectados estas outras substancias acceleram o seu progresso; estas substancias são: 1º, o café, a cerveja, vinho, licores, etc., a pimenta da India; 2º, todo o alimento oleoso, a alimentação exclusiva de animaes, etc., as frutas resinosas, como a manga, etc. As substancias da primeira ordem augmentam a caloriferação animal, augmentando a quantidade de elementos combustiveis que em tempo dado abordam o parenchyma pulmonar; d'onde resulta diminuição da proporção do oxygeno destinado aos principios *immediatos* do sangue venoso para transformal-o em arterial. As substancias da segunda ordem augmentam aquelles *elementos* e estes principios immediatos. Aqui, pois, o theorema, isto é, a interpretação dos *factos*, é ainda a applicação das leis irrevogaveis descobertas na materia.

« Mal haja mais esta vez o Aristarcho! »

O autor considera infundada a opinião dos que accusam o milho e a carne de porco como capazes de produzirem a morféa [1].

« Si o milho e a carne de porco, considera o autor, fossem causa da morféa, sem duvida mais frequente seria esta molestia onde maior fosse a cultura e o consumo daquella graminea e deste pachyderma; ora, 1º, a parte da provincia de Minas a E. e NE., onde mais milho se colhe, onde elle é o exclusivo pão, onde a carne de porco serve mais de alimento aos habitantes, onde todos os animaes se sustentam de milho, é *muito menos* affectada de morféa que a

---

[1] Ainda neste ponto fraqueia a opinião do Dr. Paula Candido, que de uma sorte cahiu em contradicção. Si, com effeito, dos feculentos é o milho o mais rico do principio gorduroso, e si das carnes, que usamos na alimentação, a de porco é a mais rica de gordura, para que e porque exceptuou o milho e a carne de porco? Não devera tel-o feito.

outra parte (Sul e Oeste) onde comparativamente muito menos se cultiva o milho, onde o pinhão abunda, etc........»

O autor entra em seguida em considerações relativas a Portugal, ás provincias maritimas do Brazil (Ceará, Maranhão, Pará, etc.), afim de explicar como a alimentação gordurosa é prejudicial em umas partes, e não o é em outras; e como neste ponto o que sobresahe é a applicação do principio já conhecido, não o acompanharei d'ahi em diante.

Passo agora a mencionar as opiniões de outros medicos brazileiros.

O Dr. Aquino Fonseca pensa de modo restricto quanto á influencia dos alimentos. Em sua opinião « a carne de porco alterada póde concorrer não só para o desenvolvimento da lepra, como de outros males, porque ninguem duvidará que molestias ha que se communicam com facilidade do animal ao homem, mesmo pelo simples contacto; fóra disto não admitte que o uso da carne de porco seja a causa do mal, porque em paizes onde a morféa é frequente o uso destas carnes não o é; e não podendo colligir que a lepra dos doentes, que temos visto, provenha desse uso, estamos convencido de que é necessario que haja uma predisposição no individuo para contrahir a molestia; predisposição que póde nascer da influencia propria dos paizes, onde se habita. » O autor tambem considera que as carnes salgadas e as bebidas alcoolicas não são, só por sua acção e influencia sobre o organismo humano, capazes de gerar a morféa, invocando exemplos para fundamentar o seu asserto.

Alludindo ao emprego da farinha de milho e do pinhão, diz o autor: « Nós não duvidamos que o uso dessas farinhas concorra para o grande desenvolvimento que alli (nas provincias de S. Paulo e Minas)

tem a lepra, como pensam alguns medicos que naquellas provincias residem. No Egypto os habitantes tambem fazem grande uso da farinha de milho, e talvez a ella se deva o desenvolvimento da lepra naquella parte da Africa; mas cremos firmemente que para o desenvolvimento da lepra, além destas causas, que a boa razão manda admittir, é necessaria uma predisposição no individuo, filha de circumstancias proprias daquelles logares. Esta é a opinião de muitos dermatologistas, e Schilling, que a partilha, assim se exprime, etc.»

O Dr. Tobias Rabello Leite me informou que a voz popular em S. Paulo accusa o mel da *abelha cagafogo* como productor da lepra.

O Dr. Tobias levou o seu interesse a ponto de obter uma garrafinha deste mel, que foi examinado na Casa de Saude de Nossa Senhora da Ajuda pelo Sr. Eusebio Martins Costa, pharmaceutico alli residente (1).

Singular é que no manuscripto onde vêm as lições do Dr. Silva encontrei a declaração seguinte: « Dizem que em S. Paulo ha um mel que produz a morféa » (2).

---

(1) Procedendo áquella analyse, obteve o Sr. Eusebio Martins Costa o seguinte resultado, que me foi por elle assim communicado:

« O mel da abelha *cagafogo* apresenta uma côr amarello-suja, exhala um cheiro nanseabundo, devido a presença de um principio gommo-resinoso aromatico que se caracterisa pelo aspecto que toma sendo lançado n'agua, é mui denso, e de gosto francamente doce, revelando a grande quantidade de glycose que encerra.

Soluvel n'agua, communica a esta a côr esbranquiçada que resulta da precipitação da resina neste liquido.

Para dosar a quantidade de glycose, um dos principios immediatos que existe em maior quantidade neste mel, empreguei o reactivo de Felling, obtendo em 100 partes de mel 23 grammas de glycose.

Igual analyse do mel commum, empregado nas pharmacias, contém em 100 partes 18 grammas de glycose.

Infere-se disto que o mel da abelha *cagafogo* é mais rico de glycose do que o outro, contendo além disto consideravel quantidade da substancia gommo-resinosa, que se encontra em menor proporção no segundo mel. »

(2) Não é sómente na provincia de S. Paulo, na do Rio de Janeiro tambem se encontra a mesma tradição.

O povo attribue ao mel da abelha (não de todas) uma acção prejudicial á saude, não porque cause outras molestias, mas porque produz a morféa.

Nesta provincia considera-se innocentes o mel da abelha mandaçaia e o da uruçú; e accusa-se, entretanto, o da jatahy grande e mais ainda o da *cagafogo* como geradores da lepra

Esta referencia feita pelo Dr. Silva mostra que é antiga a tradição a respeito do mel de certa abelha como factor da lepra.

O mesmo Dr. Tobias referiu-me que em Sergipe (nossa provincia) o mel da abelha *manduçaia* e o da *uruçú* passam como innocentes; não succedendo o mesmo com o da *arapuá* e o da *ichú*, aos quaes o povo attribue a funesta propriedade de produzir erupções e outras enfermidades da pelle ([1]).

« Querem tambem muitos, diz o Dr. J. J. Heredia de Sá, que a molestia tenha sua origem na má alimentação, sobretudo na carne e gordura de porco, e, para provar esta asserção, mostram-nos maior frequencia do mal nas provincias de Minas e S. Paulo. Nós, porem, accrescenta o autor, não podemos concordar com esta ultima opinião em razão de ter innumeros factos que cabalmente mostram o contrario (These citada). »

O Dr. Freitas (Pará, these cit.) expendeu a seguinte opinião: « A alimentação e a syphilis são, a nosso ver, causas que mui directamente occasionam este hediondo mal. Os habitantes do Pará, principalmente os das comarcas do centro, nutrem-se quasi exclusivamente de peixe e caça.

« As comidas excitantes e oleosas como a carne de *porco*, *peixe-boi*, *pirarucú*, *pirahyba*, e differentes *mariscos*, *caranguejos*, *sirys* e *camarões;* e as bebidas de que fazem constante uso, como o vinho produzido

---

[1] Um ancião, respeitavel agricultor, manifestou-me sua convicção de que em dous pretos, unicos da fazenda acommettidos de lepra, a molestia não teve outra causa senão o uso quasi quotidiano do mel de abelhas: eram dous pretos *derrubadores* (empregados na derrubada do mato), aos quaes, em virtude da sua occupação, se offereciam frequentes occasiões de usarem deste mel.

Um amigo meu, fazendeiro, descreveu-me o grande incommodo que lhe causara cerca de uma colher de sopa do mel da *cagafogo*, que ingeriu; sobrevieram-lhe calor interno, que estendeu-se a todo o corpo, e sêde insaciavel; o calor perseguiu-o ainda por alguns dias.

Parece ser muito excitante, quasi incendiario, o mel desta abelha, e, pois, não é sem fundamento que o povo lhe poz um nome energico, realmente expressivo, embora pouco euphonico.

pelos fructos de algumas palmeiras, *assahy*, *bacaba*, *patuá* e *mel de abelhas*, que em alguns logares substituem o assucar; e os productos alcoolicos extrahidos quer da canna de assucar, quer da mandioca fermentada, dão-nos a razão de sua espantosa frequencia.

« O *pirarucú*, continúa o Dr. Freitas, é com justa razão apontado como uma poderosa causa da molestia; porquanto, além de ser summamente excitante, accresce não haver methodo na salga deste peixe, de que provém com muita facilidade — ficar sujeito a continuas deteriorações, ajudando desta sorte o principio excitante, que entra em sua composição: este peixe é pelo preço e frequencia no mercado (quasi sempre) o alimento das pessoas pobres. O *peixe-boi* (bem como o *pirarucú*) é habitante do Amazonas, encontrando-se todavia alguns nos lagos da ilha de Marajó; tambem é excitante e oleoso, chegando á capital do Pará debaixo de differentes fórmas e ordinariamente rançoso, estado este que necessariamente deve augmentar suas propriedades nocivas. A *pirahyba* come-se constantemente fresca, pois ha em abundancia na capital; porém, é tal a influencia, que sobre o organismo produz este peixe, que os proprios habitantes acostumados a comer abstêm-se della, por menor que seja o encommodo de sua saude. »

Entrando em considerações sobre as bebidas fermentadas, as que foram ha pouco mencionadas, de que se faz tão frequente uso no Pará, mesmo nas familias, sob pretexto, creio eu, de bebidas refrigerantes [1], accrescenta o Dr. Freitas: « E' tal a acção excitante destas bebidas, que logo depois de sua ingestão sen-

---

[1] Longe do Pará o paraense lembra-se saudoso da terra, dos parentes, dos amigos, e do *assahy*. *O assahy*.........!

te-se peso e calor na região epigastrica, e tanto mais sensivel, quanto mais compactas ellas são.

« Algumas pessoas usam-nas com assucar, afim de tornal-as menos excitantes. Suppõe-se que têm a propriedade de engrossar a massa do sangue, e assim nos parece pelos factos que tivemos occasião de observar. »

Do que expoz, conclue o autor: « Todos estes factos comprovam a nossa asserção a respeito da alimentação excitante e oleosa como tendo poderosa influencia na apparição e desenvolvimento deste mal. »

Em sentido contrario pronuncia-se o Dr. Castro, e eis a sua opinião: « Sustento que o genero ou a qualidade da alimentação em nada influe para a producção da elephantiasis dos gregos. Em toda parte do mundo se desenvolve esta molestia. Nesses povos attribue-se como causa della o uso continuado da carne de porco, como succede entre nós em Minas. Já assim pensavam os Hebreus, o que obrigou Moysés a legislar a respeito prohibindo com graves penas a que della comessem. N'outros paizes diz-se que a causa é o milho, base de sua alimentação, como acontece em Portugal nas suas provincias centraes, e nas Asturias na Hespanha. No Algarve acredita-se que a origem é os figos. N'outras regiões pensam que certos peixes, alli muito abundantes, e que constituem a alimentação quasi exclusiva das populações, sejam o motivo determinante desta doença.

« Não creio, accrescenta o Dr. Castro, em nada disto. Para mim a causa efficiente da lepra é a syphilis despresada ou mal curada, a *hereditariedade* della, e a *amamentação* por amas mercenarias mal inspeccionadas. Tenho de tudo isto muitos exemplos, e provas, assim como de todas as proposições que vão acima relatadas, as quaes á primeira vista parecerão arro-

jadas. Para as comprovar teria de escrever capitulos; seria indispensavel exemplificar e até personalisar, e neste caso chamaria sobre mim odiosidades. O que tenho avançado é a pura verdade.

« Aqui, insiste o Dr. Castro, não ha peixes, nem fructos capazes de fazerem gerar a *morféa*; e a prova temol-a nas tribus selvagens que se alimentam de peixes, quasi crús (moqueados), particularmente do *pirarucú*, e todavia entre elles não é conhecida a morféa, como já disse. Tem-se dito que a causa da morféa nesta provincia era a alimentação feita com o *pirarucú:* erro manifesto.

« Tambem se tem espalhado por entre a população que os fructos da mangueira e a fructa de pão são maleficos, e fazem gerár a lepra. Engano completo. »

O Dr. Aprigio de Menezes (Manáos) não affirma qual seja a causa ou quaes as causas da morféa: « mas, diz elle, tenho ouvido a pessoas desta provincia que attribuem a morféa á alimentação continuada dos peixes de pelle que nella abundam. São estes a *pirahyba*, o *peixe-boi*, a *piráarára*, o *surubim*, etc., etc.

Fallando da *pirahyba* o Sr. Antonio L. Monteiro Baena, escriptor muito consciencioso e investigador serio das cousas do Amazonas, no seu *Ensaio Corographico*, livro publicado em 1839, diz: « *Comtudo nem este nem outros são escamosos como elle; ninguem que tenha regimen dietetico se atreve a comel-os assiduamente, porque sabe que todos fazem espessos os humores, obstam a transpiração e causam a elephancia ou asquerosas e comedoras crostas na pelle.*» Esta affirmação, embora não tenha sido dita em linguagem medica, comtudo não repugna á sciencia. O que fica dito, pois, não autorisa a que se considere a alimentação dos peixes apontados, isto é, os não escamosos, como causa da morféa.

E demais, tendo sido o livro d'onde copiamos as linhas acima publicado em 1839, póde bem ser que a opinião que tenho ouvido de pessoas da provincia resulte da leitura do livro de Baena, muito conhecido e aceito na região amazonica, da qual elle sómente se occupou. Dos peixes indicados o *peixe-boi* é o mais gorduroso, e tanto que em muitos delles pouca é a carne que se aproveita. Come-se o *peixe-boi* cozido, salgado ou feito mixeira (1).

« A *pirahyba* cozida ou salgada. A *piráarára* cozida, moqueada ou salgada. O *surubi* cozido ou salgado. »

Os Drs Ferreira Nina e Saulnier de Pièrrelevée não acreditam que o uso do arroz e do peixe concorram para o desenvolvimento desse mal.

O Dr. Santos Jacintho entende que « o uso da carne de porco e do peixe póde ser causa coadjuvante mas não principal, pois que conheço alguns logares em que raras vezes a população se alimenta de outra cousa que não peixe, e todavia são ahi rarissimos os casos de morféa.»

Quanto ao arroz o Dr. Santos Jacintho declara que nunca ouviu o accusarem na provincia como capaz de produzir esta molestia. Na sua opinião « esta graminea é tão innocente como o milho, que sem razão em outras provincias soffre a mesma accusação.»

Eis como discorre a este respeito o Dr. Manoel Bernardino da Costa Moraes : « Estudando as condições etiologicas no Maranhão, chegamos ainda a reconhecer que é a alimentação o que merece a mais escrupulosa attenção, porque nella reside sem duvida alguma a cifra de elementos pathogenicos desta enfermidade.

---

(1) Mixeira é a carne de peixe (a qual tem o gosto e apparencia da carne do gado) assada ou frita e conservada em azeite da banha do mesmo peixe. (Nota do Dr. Aprigio Menezes).

E' na alimentação que se encontram as principaes causas da frequencia desta molestia no Rosario, Vianna e Mearim e em cujos logares parece que a ichthyophagia representa o papel mais importante na producção da elephantiasis, pois que a alimentação é quasi que exclusivamente constituida por peixes entre os quaes figuram o *mandubé*, *curumatá*, *jejú*, e *traïra*. Desde já faço notar uma circumstancia interessante que se dá a respeito das localidades que mencionei, e vem a ser: nesses logares, onde o peixe é de agua doce, reina a morféa, ao passo que acima da cidade de Guimarães, onde se usa de peixe de agua salgada, a molestia é rarissima. Parece ainda figurar como causa da molestia naquellas localidades o uso immoderado de certas substancias oleosas, como sejam : o *piquí*, a *jussára*, o *burity*, a *bacaba*, etc., que muito hão de concorrer para o desenvolvimento da molestia.»

O Dr. Paulo Antunes é de opinião que a humidade, as comidas salgadas, os alimentos gordurosos ao menos figuram como causas predisponentes.

« Infelizmente, observa o Dr. João da Rocha Moreira, nada ha de verdadeiramente provado na sciencia ácerca das causas productoras da elephantiasis dos gregos, cuja pathogenia ainda se acha envolta em espesso véo.»

«Sou de opinião, diz o Dr. Firmino José Doria, que o peixe não concorre para seu desenvolvimento, porque, residindo por nove annos na provincia do Rio Grande do Norte, que tem extenso littoral, muito populoso, e onde os habitantes de sua costa são dados exclusivamente á industria da pesca, fazendo do peixe alimentação exclusiva, estudando esta questão como inspector que então alli era da saude publica; notei que eram naquella provincia raros os casos de morféa na costa, e mais frequentes no interior.»

Em outro periodo accrescenta o Dr. Firmino Doria : entendo que a alimentação immoderada do milho, o uso constante da carne de porco, bem como da carne salgada, o abuso de bebidas alcoolicas e o calor ardente d'estas regiões são as principaes causas da corrupção do sangue e do desenvolvimento da morféa.»

O Dr. Rufino Antunes de Alencar declara que «pouco se sabe e se tem adiantado quanto ás causas da morféa, e que nada tem sido bem demonstrado.»

No Aracaty, onde se usa muito da alimentação do peixe, sobretudo entre pessoas de poucos recursos, o Dr. Meton de Alencar só encontrou um morfetico.

O Dr. J. N. Borges da Fonseca não crê, que a alimentação do peixe seja causa da morféa « pois que, si assim fosse, o Aracaty, onde o peixe entra por muito na alimentação dos habitantes, seria flagellado pela lepra; bem como na Granja e no Camossim, onde clinicou por algum tempo sem ter tido occcasião de observar um só doente, apezar de ser a alimentação de peixe a usada por alli ».

Collocando-se sempre debaixo do ponto de vista do privilegio de que goza o Rio Grande do Norte, pergunta ainda o Dr. Luiz Carlos Lins Wanderley : « Será (o privilegio) devido á alimentação variada, que não é exclusivamente salgada, nem gordurosa, nem leguminosa, nem exclusivamente icthyophaga, mas tudo proporcionalmente misturado, conforme os preceitos da boa hygiene ? ».

Occupando-se com o regimen alimentar dos pernambucanos, informa o Dr. Cosme de Sá Pereira : « A carne de porco não é aqui usada em abundancia, nem como alimento diario; figura, é certo, nas boas mesas, mas como variedade apenas, porque é cara. Geralmente usam della quando fresca.

« Quando se trata da morféa, o povo indica esta carne como a causal.

« O peixe aqui tambem é caro e geralmente usam delle fresco, e o que não tem prompta sahida é assado ou salgado, porém isso mesmo em pequenissima quantidade. De fóra da provincia vêm varios peixes salgados, ora seccos, ora em salmoura, dos quaes muito usam ás sextas feiras, ou durante a quaresma ; nos demais dias da semana a carne fresca ou a de xarque, vinda do Rio Grande do Sul, constituem a base do regimen alimentar.

« Não me consta que estes alimentos tenham aqui produzido a morféa, usados do modo que indiquei. » [1]

« E' para mim certo, pensa o Dr. Espindola, que o uso exclusivo do peixe e marisco influe no seu apparecimento em algumas constituições physicas especiaes ; mas não o considero como causa por si só capaz de produzil-a, porquanto, si assim fôra, a morféa grassaria consideravelmente entre os povos que estacionam nas margens dos lagos, como os da cidade das Alagôas, Pilar e villa de Santa Luzia do Norte, os quaes, póde-se dizer, se nutrem exclusivamente de peixe e marisco ; e no emtanto isso não se dá, e os morfeticos acham-se derramados por toda a provincia.»

« A ilha de Itaparica, diz o Dr. Argolo Ferrão, em nossa provincia (Bahia), onde a população alimenta-se com baleia e peixe, é o maior exportador de elephantiacos do nosso hospital, como tivemos occasião de verificar pela escripturação do mesmo.»

---

[1] O Dr. Cosme do Sá Pereira teve a bondade de enviar-me a nota, que dou em seguida, dos peixes importados em um anno pela provincia de Pernambuco:

Procedentes do Rio Grande do Sul e tainhas das Alagôas..	400.000
» bagres seccos e salgados...	100.000
Do Norte: tainhas seccas, garopas, sibas, agulhas pretas, cações e carapébas........................	900.000

A este respeito o Dr. Pacifico Pereira mostra-se reservado : « E' ponto que carece ainda, pondera este collega, de séria investigação a parte que póde ter a alimentação pela baleia na etiologia da molestia. E' certo, porém, que a pesca da baleia já não se faz em tão larga escala aqui, e nas costas da provincia, como outr'ora. »

Ouçamos agora a opinião de um antigo clinico, como já tive occasião de dizer, residente em Minas, o Dr. Anastacio Symphronio de Abreu ; diz elle: « O que é certo é que naquella região (Sul) a morféa se ostenta pelas victimas que faz. E' pois esta a parte da provincia a mais affectada ; em outro qualquer ponto apparecerá algum caso, não duvido, mas raramente. Para os lados do Sul e Oeste ha mattas da elegante e prestimosa conifera ; os habitantes dessa zona alimentam-se de suas amendoas, e tambem do toucinho e carne de porco. . . . . O milho offerece gostosa, variada, sadia e restauradora alimentação, e seu uso não é causa efficiente da molestia em questão ; procure-se esta causa em outras razões, que não no fructo desta importantissima graminea, que serão descobertas ; é minha convicção, fundada na boa saude e robustez de milhares de familias, que diariamente se alimentam delle, e tambem de animaes como o porco, cujo toucinho aromatico e rico em fino oleo, faz a comida saborosa, e sua carne que se recommenda pelo bom gosto ; carne frequente nas mesas dos fazendeiros residentes na parte E. e NE., onde o milho é a principal base da alimentação dos seus habitantes, ricos e pobres, o que não acontece para as latitudes S. e Oeste. »

« O Dr. Paula Candido, diz o Dr. Veiga, não attribue a morféa ao uso do milho e tem boas razões para justificar esse modo de pensar. O consumo do milho é immenso em Minas, não sómente a E. e NE. da

provincia, como pensa aquelle distincto mineiro, mas em toda a provincia e *especialmente* ao Sul, onde a cultura do milho é o principal artigo da lavoura. O pinhão abunda no Sul, é certo, mas em quantidade insignificante, comparativamente com o milho. »

« A população do norte da provincia, informa o Dr. Pacifico Mascarenhas, faz uso constante da carne de vacca e da farinha de mandioca (este collega já disse, quando occupou-se com a frequencia da morféa em Minas, que no norte são rarissimos os lazaros); nestes logares não ha pinhão. O mesmo, porém, não acontece ao Sul da provincia, principalmente, segundo nos informam, nos municipios de Lavras, Oliveira, Campanha e Baependy, onde é grande o numero de morfeticos. Alli a base da alimentação é a carne de porco e farinha de milho, havendo além disso muito pinhão de que a população abusa como alimento, servindo tambem para engordar porcos. Em outros pontos da provincia abunda o côco macaúbas, de cujo oleo se servem á falta de toucinho. Ha tambem nesses logares muitos morfeticos e geralmente se acredita que o uso de tal côco é a causa da molestia. »

O Dr. Cornelio Pereira de Magalhães, que já fez menção da abundancia de leprosos nas margens do rio Sapucahy, informou: « A população ribeirinha do Sapucahy, ordinariamente composta de pescadores e jornaleiros, alimenta-se quasi exclusivamente de peixe, carne de porco, farinha de milho, e abusam extremamente do pinhão no tempo proprio. Bebem muito café e aguardente. »

O Dr. Pedro Sanches, em seu nome e no dos Drs. André e Bretas, pronuncia-se deste modo: « Ha mais ou menos leprosos em todos os municipios do Sul de Minas, e aqui abunda o pinhão e faz-se uso constante da carne de porco; a população pobre só passa a pi-

nhão quando é tempo delle ; é geral o uso da farinha de milho no Sul, onde ninguem gosta da farinha de mandioca. Assim, sendo geral o uso da carne de porco, do pinhão e do milho nesta zona de Minas, comprehende-se que, si o genero da alimentação só por si causasse o mal, o numero de morfeticos seria aqui extraordinario, o que não se observa.

« Não basta, portanto, certo genero de alimentação para que o mal appareça, é preciso a predisposição indispensavel. Em meio de que circumstancias a predisposição da morféa se desenvolve?

« Temos observado, quando o mal se desenvolve accidentalmente, que o individuo, que se apresenta morfetico, adquire primeiro syphilis, não se trata convenientemente, e quando procura o medico está perdido. Sendo de observação medica e vulgar, que o uso da carne de porco e do pinhão aggrava as molestias de pelle, não será justo acreditar-se que este genero de alimentação concorra para pôr em jogo a predisposição? Já vê V. Ex. (dirige-se ao Sr. senador Meira, quando presidente da provincia) que nos limites da nossa observação, pouco ou nada sabemos, sobre as condições etiologicas da lepra.»

Fazendo chegar ao meu conhecimento as opiniões acima mencionadas dos distinctos collegas de Minas Geraes, o Sr. senador Meira teve a bondade de accrescentar estas palavras : « O que por ellas (essas opiniões) se reconhece, e que eu particularmente verifiquei, é que a morféa accommette em maior escala no sul da provincia, onde a população faz uso de carne de porco, farinha de milho e pinhão ; ao passo que no Norte, onde a molestia é rara, a alimentação é de carne de vacca, e farinha de mandioca.

« Não está, porém, estudado nem reconhecido si a alimentação usada no sul da provincia produz directa-

mente o mal, ou apenas accelera o seu desenvolvimento naquellas pessoas, nas quaes existe predisposição produzida por outras causas.»

Das respostas dadas pelos medicos do Rio Grande do Sul não pude colher grande subsidio para elucidar a questão referente á influencia que certos alimentos podem exercer na producção da morféa; porquanto apenas encontrei na resposta dada pelo Dr. José Xavier da Costa, o seguinte: « Que os morfeticos por elle observados usavam de um regimen alimentar do qual a carne de vacca era a base.

« Não acredita possam a carne de porco, o peixe e o milho determinar a molestia, salvo si a carne de algum porco trouxer em si o germen da molestia.»

O Dr. Henrique Schutel é de opinião que si a morféa tem estacionado ou mesmo diminuido na provincia de Santa Catharina, deve-se ao cuidado que se tem tomado com a alimentação. A conselhos medicos contrarios ao regimen alimentar em que figurassem assiduamente a carne de porco, o peixe, a farinha de milho, o povo compenetrou-se de que realmente esse regimen lhe era prejudicial e procurou modifical-o; o que tem obstado o desenvolvimento da lepra nessa provincia.

No opinião do Dr. Henrique Schutel a alimentação e a herança são as causas de tal molestia.

O Dr. Salles Gomes (clinico em Tatuhy) considera que: « A alimentação é uma das condições que mais influem para a genese da molestia; a carne de porco, o feijão, o milho e o arroz constituem a alimentação quotidiana dos habitantes desta zona da provincia; póde-se dizer que ha completa exclusão da carne de vacca [1] e da farinha de mandioca; os porcos são en-

---

[1] Segundo a opinião, já mencionada, do Dr. Salles Gomes a lepra é bastante frequente naquella zona da provincia.

gordados á custa do milho e do pinhão nos logares em que este existe. »

E' tão conhecido o regimen alimentar geralmente usado na provincia de S. Paulo, que julguei escusado repetir as opiniões das pessoas por mim consultadas, e que se encarregaram de descrevel-o. Compõe-se principalmente de carne de porco e farinha de milho, sendo esta a alimentação unica, exclusiva, nos estabelecimentos ruraes.

Falta-me tornar conhecidas as opiniões dos autores e medicos brazileiros sobre a ultima das causas apontadas como efficientes da morféa.

HERANÇA. — O Dr. Paula Candido exprime-se nos termos os mais positivos affirmando a herança da morféa : « Que a morféa se transmitte, diz elle, de pais a filhos é facto que só poderá negar quem não praticou no Brazil a medicina ; quem ainda não observou este mal perpetuar-se entre os descendentes dos morfeticos. Não queremos com isto dizer que o descendente do morfetico esteja irrevogavelmente sentenciado a este horrendo mal, nem tambem que ao descendente do morfetico pertença exclusivamente tão medonho destino ; mas o certo e irrevogavel é que em innumeros destes nenhuma causa se encontra senão a hereditariedade : convençam-se as autoridades desta asserção admittida ao menos por todos os medicos brazileiros. (Memoria cit.) »

« Cremos, affirma o Dr. Aquino Fonseca, que não resta a menor duvida que a lepra tuberculosa seja hereditaria : tantos são os exemplos, que não é possivel admittir uma opinião contraria. Além dos numerosos exemplos, existe no hospital dos Lazaros (o autor refere-se ao do Recife) um individuo que para alli entrou com um filho de treze para quatorze annos, ambos com a elephantiasis, e consta-nos que

além deste tem um de mais idade atacado do mesmo mal. »

O Dr. Bernardino Machado (these citada) diz: « Sendo a herança da lepra um facto por todos reconhecido, não me demorarei em demonstral-o, com os innumeros e bem assignalados casos referidos pelo Dr. Silva Meirelles, Paula Candido, e todos os outros, tanto nacionaes como estrangeiros, que se têm dedicado ao importante estudo deste mal. »

Considera o Dr. João Francoso Vianna (these cit.) que « não se póde mais duvidar da hereditariedade desta affecção, pois que tem-se visto familias inteiras serem victimas deste terrivel flagello ».

« E' conhecido, accrescenta o Dr. Albino de Alvarenga (these cit.), que as molestias syphiliticas podem ser hereditarias, mas que nem sempre isso tem logar; e pois a elephantiasis será algumas vezes e outras não é. Vimos no hospital dos Lazaros (o autor refere-se ao da Côrte) um pardinho, filho de uma morfetica, o qual nascera affectado desse mal, e tres meninos, filhos de uma portugueza elephantiaca, e todos victimas desse flagello; mas conhecemos em contraposição filhos de morfeticos, que não têm sido affectados dessa molestia. »

O Dr. Villela Guapiassú (these cit.) não contesta a hereditariedade.

« Não é menos incontestavel, accrescenta elle, que as molestias syphiliticas são hereditarias; todos os autores são accordes em admittil-a (herança), e é um facto quasi geralmente admittido pelas summidades medicas de nosso paiz, por isso nada mais direi. »

O Dr. Castro observa que « a lepra póde ser hereditaria, isto é, passar de pais a filhos, falhando mesmo n'uma ou n'outra geração. »

Os Drs. Ferreira Nina e Saulnier de Pièrrelevée entendem que a herança parece ser uma causa da trans-

missão; porém como observa-se muitas vezes esta molestia, onde não ha familia, torna-se difficil obter a filiação das pessoas atacadas. »

E' de opinião o Dr. José Nogueira Borges da Fonseca que a herança e a syphilis figuram como causas importantes de lepra.

O Dr. Vicente Ignacio Pereira cita o caso de um medico que succumbiu no Rio Grande do Norte á lepra, e accrescenta que « deste facto se póde tirar argumento a favor da idéa da transmissão da morféa por via da hereditariedade ».

« E' minha opinião, diz o Dr. Anastacio Symphronio de Abreu, fundada em factos por mim averiguados, que a morféa se transmitte pela hereditariedade, mas nunca pelo contagio, salvo si com ella se envolve a syphilis ».

O Dr. José Paulo Antunes acredita na transmissão hereditaria da morféa, e funda-se para isso em factos de seu conhecimento, por elle mencionados na informação prestada ao Sr. Dr. Satyro de Oliveira Dias.

Este modo de transmissão tambem é aceito pelo Dr. Cosme de Sá Pereira: « Abraço e julgo fundada, diz elle, a opinião da transmissão por herança. »

O mesmo collega apresentou-me a seguinte relação de seu conhecimento:

« F., coronel de tropa de linha, natural de Pernambuco, morreu morfetico; teve filhos morfeticos, mas a mulher nunca soffreu.

«A., morphetico; seus filhos, dos quaes está um vivo e é de meu conhecimento, morfeticos tambem.

« D., portuguez, casado, teve muitos filhos. Só elle morreu morfetico: a senhora e os filhos até o presente não apresentam indicio dessa enfermidade.

« J., casado, teve duas filhas e tres filhos. Sómente estes morreram morfeticos. Conheci o ultimo. A senhora nunca soffreu.»

« Dr. J., morreu morfetico : a viuva e filhos não soffrem.»

Desta relação se infere que a morféa se transmitte por herança em uns casos, e que em outros a *primeira geração* não apresentou ainda indicios da molestia. Uma outra conclusão é que em caso algum a molestia se transmittiu do marido á mulher, em caso algum foi contagiosa.

Declara o Dr. Manoel Carlos de Gouvêa que na Parahyba attribuem a morféa á herança, á degeneração syphilitica.

O Dr. Manoel Goulart de Souza (provedor de saude publica) affirma que na provincia do Espirito Santo a molestia é hereditaria em doze ou treze familias de seu conhecimento.

O Dr. Salles Gomes tambem acredita nessa transmissão hereditaria, que em sua opinião não poderá ser contestada com vantagem.

Reservei para ultimo logar a opinião do Dr. Argolo Ferrão (these cit.) por vir ella apoiada em um documento que merece particular attenção : é o quadro estatistico fornecido ao autor pelo bem conhecido clinico Dr. Silva Lima, onde vem demonstrada aquella transmissão em alguns doentes.

Eis o que foi publicado pelo Dr. Argolo Ferrão: « Em nosso hospital (da Bahia) encontramos alguns doentes que affirmaram ter perdido desta molestia alguns parentes da linha collateral ; e si não conseguimos mais amplos esclarecimentos foi devido a ser a maioria de nossos doentes da raça africana — muito ignorantes e indoceis.»

Poderiamos citar em nosso apoio immensos factos

de transmissão hereditaria da elephantiasis referida por Schiliing, Vallentini, Danielssen e Bœch, Varandacus e Brassac; mas os quadros de Danielsen e Bœck satisfazem-nos e para apoial-os bastará a estatistica que se segue, colligida pelo nosso clinico o Illm. Sr. Dr. José Francisco da Silva Lima, e que transcrevemos litteralmente aqui:

ESTATISTICA

ASCENDENTES	DESCENDENTES
Maria— bisavó foi casada e teve 4 filhos.	1.— Carlos — morreu de elephantiasis tuberculosa. 2.— Eduardo — morreu de aneurisma. 3.— Francisco—ignora-se si ainda vive. 4.— Maria — morreu de molestia interna.
Maria — avó; o marido vive ainda e é sadio.	5.— Joanna — morreu de febre aos 12 annos. 6.— Julia — morreu de elephantiasis tuberculosa aos 30 annos. 7.— João — morreu de elephantiasis turberculosa aos 27 annos. 8.— Ignacio — ainda vive. 9.— Maria — vive sadia.
Julia—casada com primo germano ainda vivo e sadio, teve 6 filhos.	10.— Sophia — soffre de elephantiasis anesthesica, desde 7 annos. 11.— Francisco — morreu aos 3 annos. 12.— Maria — tem 16 annos e é sadia. 13.— Pedro — é sadio. 14.— Joaquim — tem 12 annos e tem elephantiasis anesthesica. 15.— Julia — sadia, tem 11 annos.
Maria)— casada com Eduardo, primo germano, ainda vivo e sadio e teve 9 filhos.	16.— Julia — morreu aos 10 annos, elephantiasis tuberculosa. 17.— Joanna — morreu aos 10 annos, elephantiasis tuberculosa. 18.— Eduardo — tem 11 annos, sadio. 19.— Eliza — tem 10 annos, sadia. 20.— Adelaide — tem 9 annos, elephantiasis anesthesica. 21.— Laura — tem 7 annos, elephantiasis anesthesica. 22.— João — tem 6 annos, sadio. 23.— Maria — tem 3 annos, sadia. 24.— Francisco — tem 6 mezes, sadio.

« Carlos (1) foi casado, mas não teve filhos. Eduardo (2) casou-se e teve duas filhas sem molestia. Maria (4) foi casada; o marido ainda vive, não tinha com elle parentesco algum, nasceu em Portugal e ella no

Brazil; nos ascendentes delle não ha memoria de caso algum de elephantiasis. E' homem de temperamento sanguineo, tem hoje 70 annos, e tem irmãos tambem sanguineos e bastante idosos, mas sem indicios de morféa.

« As duas filhas de Maria (4) Julia e Maria (6 e 7) casaram, a primeira com Francisco, e a segunda com Eduardo, ambos portuguezes de nascimento, irmãos de pai e mãi e primos germanos de suas mulheres. Vê-se que a molestia augmentou de frequencia depois destas uniões matrimoniaes entre primos consanguineos; Julia teve dous filhos affectados (tanto como sua mãi), e Maria quatro. E' notavel que nestas duas familias só as filhas têm manifestado a molestia. E' tambem para notar que Julia deu á luz uma filha do mesmo nome (15) quando já soffria de elephantiasis, e amamentou-a; tendo ao contrario dado á luz a sua filha Sophia (10) antes dos primeiros symptomas do mal, dando-a a criar a uma ama sadia. » [1]

Seja-me permittido observar que, si essa estatistica do Dr. Silva Lima prova a transmissão hereditaria, fornece tambem outra prova, sendo esta de importancia e evidencia: é a da unidade da lepra. Com effeito, Julia (6), que morreu de lepra tuberculosa aos 30 annos, teve duas filhas, Sophia (16) e Joaquina (14), as quaes tiveram lepra anesthesica; e Maria (9) que permaneceu sã, apezar da origem leprosa, teve quatro filhas, Julia (16) e Joaquina (17), que soffreram de lepra tuberculosa, Adelaide (20) e Laura (21) que tiveram a anesthesica.

---

[1] E' realmente notavel: a filha que nasceu estando a mãi doente e foi por esta amamentada, não apresentava indicios do mal na idade de 11 annos; ao passo que desde 7 annos soffria de lepra a filha que nasceu quando a mãi estava sã e que foi amamentada por ama sadia.

Portanto, de uma tuberculosa provieram duas anesthesicas, e de uma outra origem resultaram duas tuberculosas e duas anesthesicas.

Como explicar, a não ser pela identidade, pela unidade das fórmas, estes phenomenos?

Não vejo, não encontro outra sahida, outra solução, outra explicação.

MINHAS REFLEXÕES

Clima. — A' vista do resultado, a que cheguei, demonstrativo da não existencia da morféa entre os nossos indigenas ao tempo do descobrimento do Brazil, bem como da não existencia ainda hoje entre os mesmos, posso agora considerar-me desobrigado de tratar detidamente desta questão de clima.

Com effeito, si os que representam a acção deste clima, boa ou má, si os que reflectem os seus effeitos, bons ou máos, nunca tiveram e nem têm a morféa, não sei que conclusão se possa tirar, a não ser esta: o clima do Brazil não produz morféa.

A existencia, pois, da molestia entre os brazileiros civilizados não depõe contra o clima, que continúa o mesmo; o que, porém, indica é que a causa ou as causas da molestia são outras, e em outras partes, bem como em outra origem, devem ser procuradas.

Eis o que é logico, evidente, e portanto incontestavel.

Apezar disto não abandonarei ainda este ponto, porque tenho em mente apresentar uma circumstancia curiosa, interessante, instructiva, relativa ao clima do meu paiz.

« O clima do Egypto e da Palestina, disse Montesquieu, inspira as primeiras leis sobre a hygiene, leis

que tiveram por principal objecto evitar o desenvolvimento da lepra.»

Eis-ahi inculcado o clima quente como berço da morféa.

Que fosse o Egypto o berço da molestia, não tenho duvida em acreditar; mas que o fosse pela acção de seu clima, e não em virtude dos máos habitos hygienicos, é, repito, inaceitavel, tanto mais que as proprias leis mosaicas, concernentes á lepra, tiveram por principal objecto corrigir defeitos hygienicos, impedir um regimen alimentar que era inteiramente desproporcionado á indole daquelle clima.

Neste caso, como se vê, o mal não procedia do clima, e sim dos Hebreus, que não sabiam accommodar-se á influencia atmospherica de seu paiz.

Si um habitante de paiz temperado teimar em se alimentar como se alimentaria o de um paiz quente ou frio e d'ahi lhe resultar grave damno, como terá de succeder, pergunto eu: quem é responsavel por semelhante damno? O clima? Certamente não.

O responsavel é o teimoso que ousou oppor-se ás bem combinadas leis da natureza.

Entendem alguns autores e clinicos brazileiros que a temperatura elevada do nosso clima concorre para a producção da morféa, actuando o calor desfavoravelmente sobre a pelle, etc.

Ora, não só essa, como quaesquer outras razões fundadas na elevação da temperatura, não terão valor algum, cahirão por terra, ao considerar-se que a morféa tambem se desenvolve em clima frio, onde a pelle dos habitantes é incomparavelmente menos excitada, funccionando por isso muito menos.

Si dermos como causa do desenvolvimento da morféa no Brazil sómente a elevação da temperatura, a que causa se apegarão os que pretendem explicar a

existencia da morféa na Groenlandia, na Laponia, e em varios pontos da Russia ?

Dizem alguns autores europeus que os climas frio e quente, e sobretudo este, são os mais proprios para a producção da lepra, fazendo elles excepção dos paizes de clima temperado, onde até contestam se dêm casos de lepra autocthone.

Porque é que estes autores assim entendem ? Por ser a lepra encontrada hoje sob aquelles climas debaixo da fórma endemica e não o ser senão raras vezes nos paizes temperados. *Post hoc ergo propter hoc*. É precisamente *post hoc;* não descubro outra razão.

Reflicta-se sómente nisto : si o clima temperado goza de tão feliz immunidade ; si é realmente refractario á producção da morféa, como se poderá conciliar semelhante privilegio dos tempos presentes com a existencia da mesma molestia durante muitos seculos nos paizes de clima temperado ? Si agora é refractario, porque não o foi durante tão longo espaço de tempo ?

Que mudança foi essa que se operou no clima temperado que o faz hoje gozar de uma faculdade que aliás lhe faltou durante muitos seculos ?

Eu quizera saber dos que fazem dos climas cavallo de batalha de que modo explicariam a endemicidade da lepra na ilha da Madeira, onde não se encontra uma temperatura como a do Brazil, nem como a da Laponia, nem como a da França, da Inglaterra, etc.; porém sim um clima doce, ameno, capaz de muitos beneficios, como os tem realizado, e incapaz de um só mal.

Como explicariam ?

Não occupar-me-hei do clima frio como factor da morféa ; é provavel que apresente algumas reflexões a este respeito mais adiante : por emquanto limitarei o pouco que houver de dizer, ao clima do Brazil.

*
* *

Fóra do Brazil ha muito quem pense que nós os brazileiros vivemos sob um céo em brazas; que o nosso clima nos enerva, extenúa, inutiliza, e que por isso somos incapazes de grandes esforços musculares e de aturada applicação da intelligencia. Concedem-nos, é verdade, certo gráo de actividade intellectual, mas esta mesma, coitada! não póde lutar contra a elevada temperatura que a acabrunha e esteriliza.

Quando o professor Agassiz levou a effeito, em 1865, a sua excursão scientifica pelo valle do Amazonas, elle e os seus companheiros de jornada julgaram ter de lutar sob a linha equinoxial contra uma temperatura depressôra.

Eis o que succedeu e foi descripto no seu livro (1):

« *Le climat dont nous jouissons nous cause une surprise des plus agréables. Je m'étais toujours attendue à vivre, dès que nous serions dans la région amazonienne, sous une chaleur accablante, ininterrompue, intolerable. Loin de là, les matinées sont fraîches; c'est un delice de se promener le matin soit à pied, soit à cheval, entre six et huit heures. Si, dans le milieu du jour, la chaleur est vraiment très-grande, elle diminue vers les quatre heures; les soirées sont tout-à-fait agréables, et la temperature des nuits n'est jamais incommode. Alors même que, dans la journée, elle est plus forte, la chaleur n'est point étouffante; toujours une legère brise souffle doucement.* »

Já no Maranhão Agassiz e os companheiros haviam fruido as auras de um clima ameno e hospitaleiro:

« *Nous avons passé hier* (3 de Agosto de 1865), disse elle, *l'après-midi à la ville avec la famille Braga.*

---

(1) Agassiz—*Voyage au Brésil*, pag. 156.—1869.

« Le temps était ravissant; une fraîche brise traversait doucement la vérandah où nous avons dinné. On avait invité beaucoup de monde en notre honneur, et nous eûmes de nouveau l'occasion de reconnaître combien ce peuple hospitalier sait faire en sorte que l'étranger qu'il accueille puisse se croire chez soi. »

A partir do norte do Imperio todas as nossas provincias possuem, além dessa brisa suave e constante, localidades mais ou menos extensas onde o clima se manifesta por uma temperatura branda e reparadora. São logares que a uma vegetação quasi sempre opulenta reunem uma certa altitude.

O Piauhy conta a sua comarca—Pedro Segundo,—onde a temperatura é muito agradavel.

Descrevendo a serra de Ibiapaba, no Ceará, o grande padre Antonio Vieira exprime-se nestes termos: « Os dias no povoado da serra são breves, porque as primeiras horas do sol cobrem-se com as nevoas, que são continuas, e muito espessas. As ultimas escondem-se antecipadamente nas sombras da serra, que para a parte do occaso são mais vizinhas e levantadas. As noites, com ser tão dentro da zona torrida, são frigidissimas em todo o anno, e no inverno com tanto rigor, que igualam os grandes frios do Norte, e só se podem passar com a fogueira sempre ao lado. As aguas são excellentes, etc. » [2]

Assim em uma provincia quente, como o Ceará, ha climas de uma suavidade que custa a acreditar. O Dr. Jaguaribe Filho cita em sua interessantissima these Canindé, S. Francisco, Quixeiramobim, Mecejana, onde o clima goza da melhor reputação.

---

[1] Obras varias do padre Antonio Vieira, tomo 1º pag. 71.

Tenho ouvido fallar em uma localidade central da mesma provincia, o Jardim, acima do Crato, onde se encontra uma flora quasi européa.

Na Parahyba ha a serra da Borburema, em cuja chapada estão assentadas as cidades de Areia, Bananeiras, Campina Grande, e as villas de Araruna, Cuité, S. João do Cairiry e Teixeira, com um clima que rivalisa com o de Petropolis e o de Friburgo. Abaixo da serra se encontra a villa de Itabayana, que é o refugio dos convalescentes, e poderoso abrigo dos beribericos.

No Rio Grande do Norte a serra do Martins, a comarca da Maioridade e especialmente o termo da Imperatriz são muito saudaveis.

Em Pernambuco, além dos lindos arrabaldes do Recife, ha o Cubatão, e mais para o interior o afamado Garanhuns com o seu clima secco e fresco, logar em que se póde dormir impunemente ao relento, e onde os affectados de tuberculos pulmonares encontram grande allivio e poderoso auxiliar para a rehabilitação do seu organismo. Além de Garanhuns ha a saudavel Villa do Brejo da Madre-Deus.

Em Alagôas, bem perto da capital, goza-se da linda situação—o Bebedouro. Os Alagoanos lisongeam-se ainda com a sua villa de Atalaya. Além de muito ferteis são saudaveis a Matta Grande e Agua Branca n'essa provincia.

Em Sergipe encontram-se as interessantes localidades—Santo Amaro, Itabaiana, Lagarto, Santa Luzia e as praias de S. Christovão e da Estancia, sobre cujos coqueiraes sopram, revesando, a viração do norte (o terral), e pelo resto do dia, a brisa do nordeste. Na estação calmosa que dias felizes se passam por alli entre moradores innocentes, que vivem no seio de uma pobreza abundante!

A começar pela capital até o alto sertão quanta riqueza climatica não possue a provincia da Bahia! Nas immediações da capital, Itapagipe, as Quintas e o Rio Vermelho; para o centro, entre outros, prima Monte Santo, para onde affluem os tuberculosos. Foi alli que o Dr. Antonio José Alves (pai do poeta Castro Alves) conseguiu restabelecer-se de uma caverna pulmonar, o que permittiu-lhe desempenhar em seguida as funcções de professor da escola de medicina e entregar-se á clinica extensa.

A capital do Imperio, apezar de sua situação topographica e de estreitada por altas montanhas, tambem conta os seus oasis climaticos. Do centro da cidade levanta-se o morro de Santa Thereza onde os seus frequentadores, em grande numero, encontram, sobretudo á noite, uma temperatura suave e compensadora. Nas extremidades a Tijuca com a sua excellente e abundante agua e variados passeios, e a Gavea, meio adormecida, com a sua vegetação basta e o seu ribeiro que corre para o mar precipitando-se de pequenas em pequenas cascatas.

A provincia do Rio de Janeiro ostenta Petropolis, Friburgo [1] e Theresopolis.

Descrevendo um passeio a este ultimo ponto, conta Agassiz: « *Nous fûmes un excellent repas, dont l'air*

---

[1] Das nossas estações climaticas a de Friburgo é uma das melhores, sobretudo no inverno. São notaveis os casos de tuberculosos que alli tem recuperado a saude

No verão os aguaceiros repetidos perturbam o estado atmospherico; no inverno, porém, a temperatura é constante, o ar é fresco e secco: quanto a mim, sua acção tonica é sem excitação. Com effeito nessa situação os phenomenos de impressionabilidade pulmonar apresentados pelos tuberculosos, se moderam e cessam.

No importante estabelecimento sanitario do Dr. Eboli observei doze doentes tuberculosos, dous moços, nos quaes mediante a hydrotherapia, a tosse, o movimento febril, e em um delles, a hemoptisis haviam cessado inteiramente. O appetite tornou-se franco e d'ahi a melhoria do estado geral. Foram dous casos que me deixaram sobremodo impressionado. Em relação ao tratamento dos tuberculos pulmonares entendo que o clima do Friburgo merece mais attenção do que se tem prestado até o presente.

vif de la montagne et l'exercice que nous venions de prendre furent le meilleur assaisonement. Le village de Thérésopolis est dans une situation charmante.»

Na pagina immediata (476) alludindo á fazenda S. Luiz, accrescenta: «*Les jardins sont dessinés avec beaucoup de goût, et M. d'Escragnole a reussi à y faire venir presque tous les fruits et les legumes d'Europe aussi bien que ceux du Brésil. C'est une raison de plus pour regretter qu'un canton si pittoresque ne soit pas cultivé; les poires, les pèches, les fraises poussent admirablement, et il en est de même des asperges, des artichauts, des petits pois et des choux-fleurs,* etc. » [1].

Quem não tem conhecimento, ao menos por ouvir dizer, do clima de Barbacena, S. João d'El-Rei e Juiz de Fóra, em Minas?

Naquella mesma provincia, a mais extensa do Imperio, ha ainda outros thesouros climatologicos.

Em toda a provincia de S. Paulo, que é a primeira a romper a linha tropical, fruem seus habitantes clima muito agradavel; em alguns pontos, mais para o sul, a temperatura desce bastante, sobretudo no inverno. São desta provincia os afamados campos do Jordão, cujo clima o Dr. Clemente Ferreira, servindo-se de uma phrase do professor Fonssagrives, considera *ideal*.

Desenvolvendo seus estudos sobre a efficaz influencia do clima dos campos do Jordão na marcha da tuberculose pulmonar, o Dr. Clemente Ferreira, entre outras considerações dignas de apreço expõe o seguinte: « A transfiguração das constituições é tão rapida, tão precipitadas as transformações organicas nesse bello clima, que não ha tempo para que as acompanhe *pari-passu* a involução da molestia; e

---

[1] Obr. cit.

d'ahi procede essa falta de parallelismo que se nota algumas vezes entre o estado local e as condições geraes da economia. E' um facto curioso e digno de nota e que nos despertou vivamente a attenção. » [1]

Carecerei porventura dizer aqui o que é o clima do Paraná e de Santa Catharina ? Como se sabe, metade do Paraná acha-se na zona tropical e metade na zona temperada ; Santa Catharina, com a sua serra onde está a comarca de Coritibanos, acha-se toda na zona temperada.

Quanto ao Rio Grande do Sul, não se ignora o seu clima temperado e potente [2].

Vivemos, é certo, sob uma atmosphera que é mais quente pela posição do nosso paiz na geographia do globo de que pelo calor que nós os Brazileiros sentimos.

Deu-nos a natureza esta situação, mas concedeu-nos ao mesmo tempo todos os seus favores no intuito de corrigir os inconvenientes que poderiam resultar de uma temperatura elevada.

Temos o clima quente, temol-o mitigado pelas ondas de vapor humido, que se alevantam das amplas superficies do oceano, dos nossos magestosos rios e dos rios menores que cortam o territorio do Brazil em todas as direcções, realizando por esta fórma o mais completo systema de irrigação ; temol-o ainda mitigado pela maior e menor altitude dos terrenos, e finalmente pelas amplas florestas que se estendem para todos os lados.

« *Le climat du Brésil,* disse Sigaud, *est reputé avec juste raison le plus beau des principales contrées du*

---

(1) *Gazeta Medica Brazileira* n. 2, 1882.

(2) Não foi por esquecimento, mas por ignorar as estações climaticas, que deixei de contemplar Mato Grosso, Goyaz, Espirito Santo e Amazonas. Quanto á ultima tenho ouvido fallar da suavidade do clima dos campos do Rio Branco.

globe. Il est pour le continent des deux Amériques ce qui celui de l'Italie est pour l'Europe. [1]

Cabe-me, entretanto, accrescentar que não é desses climas parciaes, verdadeiros mimos da natureza, mas sim dos climas geraes, que pretendo tirar argumento applicavel ao desenvolvimento da morféa entre nós.

Na sua obra [2] sobre os climas, etc., do Brazil, o Sr. Liais, fundando-se na differença que ha entre algumas especies animaes e vegetaes perto do equador e outras especies á aproximação dos tropicos, admitte para o Brazil dous climas que apresentam consideravel mudança de temperatura. A um denominou equatorial e a outro tropical, accrescentando que este estende-se até realmente 3° ou 4° além do tropico d'onde começa então a zona temperada quente, na qual penetra a extremidade sul do territorio brazileiro.

Cortando o tropico de Capricornio a extremidade sul da provincia de S. Paulo e a metade da provincia do Paraná, ficando fóra delle Santa Catharina e Rio Grande do Sul, é evidente que, embora não seja mui grande a extensão, tem o imperio do Brazil uma parte de seu territorio nessa zona temperada, outra nas immediações do tropico, uma grande parte intermediaria, e finalmente outra debaixo do equador, resultando de toda esta disposição mudança de temperatura, que o Sr. Liais traduziu por aquellas denominações. [3]

---

(1) Obr. cit.

(2) *Climats, Geologie, faune et geographie botanique du Brésil par Emmanuel Liais*; 1872.

(3) E' realmente lamentavel que em trabalhos notaveis seus autores mostrem-se tão mal informados a respeito do Brazil que se tem imposto á attenção do mundo pelos titulos de sua grandeza natural. E'assim que no seu *Traité de climatologie général du globe* o Dr. Armand descreveu o Brazil com muita negligencia, referindo-se ao Brazil para mencionar do modo o mais inexacto enfermidades que reputou endemicas.

Figura como reinando nas costas de Pernambuco, Bahia e Rio epidemias de longa duração, as quaes, diz o Dr. Armand, reunem todos os perigos das endemias tropicaes, desde a febre intermittente simples até a febre amarella.

Effectivamente, do Rio de Janeiro [1] ao Amazonas a temperatura média na zona intertropical é de 26 gráos. Do mesmo ponto para o sul a média é de 17,7 na opinião de Martin de Mussey, o que torna evidente a differença entre o clima equatorial e o clima tropical.

Examinemos agora como actua a morféa em relação ao gráo de calor.

Não é conhecido o movimento meteorologico da provincia do Amazonas, o que não me impede de acreditar, attenta a sua posição geographica, seja alli bastante elevada a temperatura.

Pois bem, naquella provincia, como mostrei, é pouco frequente a lepra, podendo-se mesmo affirmar que é rara.

No Pará, é certo, já não succede o mesmo. Nesta provincia, cuja média de temperatura é 27°, a morféa é frequente; temos pois, duas, provincias de temperaturas equivalentes, nas quaes a morféa actua desigualmente: n'uma é frequente, n'outra não o é. Dos dous factos não se póde inferir que o calor seja a causa da morféa no Pará.

No Maranhão, onde a temperatura é bastante elevada (a média é como no Pará, 27°), a morféa é muito menos frequente do que na sua vizinha do lado N.; notando-se que no Maranhão a morféa apparece nos sitios onde a temperatura atmospherica é mitigada por ondas de vapor humido. Naquella provincia o argumento tambem não é favoravel á elevação da temperatura considerada como causa da lepra.

Do mesmo modo dá como causando damnos, desde Pernambuco até a capital do Paraguay e isso annualmente, a febre amarella, a variola e o cholera.

A respeito do beri-beri, do ainhum, etc., o mesmo autor apresenta outras muitas inexactidões.

[1] Extrahida das « Reflexões sobre a colonisação do Brazil » pelo Dr. Domingos José Noguceira Jaguaribe Filho, pag. 148.

No Piauhy (média 27° em Oeiras e 25° na serra [1]) a morféa é rara; no Ceará (média 28° no verão, e 23° no inverno) rara; no Rio Grande do Norte (média 27°,5 no verão, 23° no inverno) rara; na Parahyba (27° no verão, 23° no inverno) rara; em Pernambuco (27° no verão, 24° no inverno) pouco frequente; nas Alagôas (26° no verão, 22°,5 no inverno) rara; em Sergipe (24° no verão, 21° no inverno) rarissima; na Bahia (25° no verão, 22° no inverno) pouco frequente; no Espirito Santo (22° no verão, 20° no inverno) rara; e finalmente na Côrte e na provincia do Rio de Janeiro, onde a temperatura tem a média de 22° no verão e 19° no inverno, a morféa é pouco frequente.

Na provincia de Minas a morféa é mais frequente ao sul, que é mais frio do que ao norte onde aliás é rara.

No Paraná, de um clima temperado e feliz, a morféa é pouco frequente, porém é relativamente mais frequente do que em algumas provincias do norte do Imperio, nas quaes são raros os casos da molestia, o que não quer dizer que o seu clima temperado fosse obstaculo ao desenvolvimento da molestia.

No Rio Grande do Sul a molestia é rara.

Vejamos agora a provincia de S. Paulo. — Qual é o clima desta provincia, dil-o frei Germano na carta que dirigiu ao Dr. Jaguaribe Filho, e que foi por este publicada na these de doutoramento e no seu livro sobre colonisação do Brazil: « *Cette ville*, diz frei Germano, *est bàtie sur un plateau dont l'altitude moyenne est de 754 mètres au dessus du niveau de la mer... Le climat est bon et on y jouit généralement d'une bonne*

---

(1) Para a determinação das temporaturas vou acompanhando o livro citado do Dr. Jaguaribo Filho, quo empregou os seus melhores osforços para olaborar um trabalho serio o util com os elementos de quo pôde dispor; comquanto eu tenha á mão alguns destes elementos, prefiro comtudo acompanhar o autor.

santé: sauf l'apparition périodique de la variole, il n'y existe pas d'épidemies... Voici maintenant le résumé des observations météreologiques et hygrométriques qui j'ai faites pendant plus de 10 ans... La temperature moyenne à midi est 19° centigrades... Pendant l'hiver, ordinairement vers la fin de Juillet et au commencement du mois d'août, le thermomètre s'abaisse au-dessous de zéro; mais je ne l'ai jamais vu marquant plus de 2° à 3° centigrades... La plus haute temperature pendant 12, à l'ombre et au sud, a, à peine, franchi le 30° degré centigrade. La plus basse temperature est arrivée à 3° au-dessous de zéro.»

Pois bem, a provincia que goza deste clima, que não está sob o equador, que transpõe em parte a linha tropical, e offerece aos seus habitantes um clima moderado, é exactamente a que contém maior numero de morfeticos; é a provincia apontada pelas provincias vizinhas como um viveiro destes infelizes, os quaes nas suas excursões as vão contaminar espalhando a enfermidade por meio da reproducção.

E', pois, evidente que a morféa no Brazil (e é esta a circumstancia que pretendo pôr bem em relevo), não acompanha de par a elevação da temperatura, não é mais frequente onde a temperatura fôr mais elevada, e pelo contrario ao sul da provincia de Minas e sobretudo na provincia de S. Paulo é que a molestia mais se tem desenvolvido, com o maior desprezo da influencia de uma temperatura mais baixa.

Em conclusão: não tendo a morféa existido entre os indigenas brazileiros ao tempo do descobrimento do Brazil, nem existindo entre os actuaes, e não se desenvolvendo com mais frequencia nas provincias do norte do Imperio, onde a temperatura é mais elevada, para desenvolver-se ao contrario em algumas provincias do sul, onde a temperatura é comparativamente muito

menor; infiro que não ha corelação entre o gráo de calor e o desenvolvimento da morféa, que não é a temperatura que a gera, e que carece de fundamento a opinião, além de outras razões que dispenso-me de apresentar, dos que attribuem ao clima tropical a funesta propriedade de produzir tal enfermidade.

CONDIÇÕES TELLURICAS, HUMIDADE. — Duas circumstancias concorrem para que se tenha attribuido grande importancia ás condições telluricas e á humidade na producção da morféa; são ellas: 1ª a tendencia para a endemicidade; 2ª a circumstancia de ser a morféa mais frequente nas costas do mar, nas ilhas e nas margens dos rios.

O que póde explicar a endemicidade da morféa é a circumstancia da causa local que a produz: provirá essa causa das condições telluricas?

Quando se attende ás variadas condições telluricas em que a molestia se tem manifestado e mantido, sente-se com effeito repugnancia em admittir semelhante causa.

Como descobrir uniformidade de condições telluricas em tantos logares da Laponia, da Russia, da Islandia, da Noruega, da Dinamarca, da Italia, da Hespanha, de Portugal, da India, da China, do Japão, da Abyssinia, da Groenlandia, da Nubia, da Arabia, da Syria, da Persia, do Egypto, da Palestina, dos Estados-Unidos, do Mexico, da Republica Argentina, do Uruguay, do Paraguay, do Brazil, etc., onde a morféa se mantem endemica?

E' esta uma causa de todo ponto injustificavel.

Vejamos agora a *humidade*. E' realmente notavel a preferencia que a morféa patentêa pelas localidades proximas ás grandes massas de agua, onde sem duvida abundará a humidade: será, porém, essa a causa real da molestia?

Os Drs. Danielssen e Bœck, discutindo a influencia da humidade na producção da morféa, dão como exemplo as choupanas, baixas e estreitas, habitadas pelos camponios da costa occidental da Noruega, onde a lepra é endemica, e pelos mesmos edificadas em sitios humidos.

«*Là,* dizem estes autores, *où l'oxygenation du sang doit necessairement être incomplète; là, où l'humidité et le froid sont presque permanents et influent en consequence et d'ordinaire, d'une manière directe sur la circulation capillaire, il faut sans aucune doute que le resultat definitif soit une composition anormale du sang*; *et comme nous y avons demonstré la présence de la dyscrasie de même aussi nous admettons les causes indiquées pour être celles qui, en général, occasionnent la spedalsked.* (1)»

Que a humidade, elevada a tão alto gráo, perturbe profundamente a hematose, comprometta o movimento nutritivo e consecutivamente vá alterar a funcção do systema nervoso, é perfeitamente admissivel; que colloque o organismo humano em fracas condições de existencia, e o torne mais impressionavel e accessivel ás outras influencias morbidas, tambem é muito aceitavel; que constitua, em summa, uma causa predisponente para varias enfermidades, é corrente em pathologia; porém que determine «dyscrasia sanguinea» e seja esta precisamente aquella que os Drs. Danielssen e Bœck pretendem ter descoberto no sangue dos morfeticos, é o que não foi nem está demonstrado, e difficilmente se demonstrará, ou, expendendo com franqueza o meu pensamento, é o que julgo impossivel se chegue a demonstrar.

---

(1) Danielssen e Bœck — obr. cit. 334.

Não pareça temeridade esta minha proposição ; não é. Quem estudar a dyscrasia sanguinea resultante da influencia permanente da humidade sobre os corpos humanos, e tiver verdadeiro conhecimento do estado do sangue do morfetico, conhecerá que aquella dyscrasia e aquelle estado do sangue são inteiramente oppostos, o que exclue a possibilidade de serem produzidos pela mesma causa.

Mais adiante, quando occupar-me com a syphilis, estudarei o sangue dos morfeticos, e então melhor se julgará do fundamento daquella proposição.

Como são muito frequentes as perversões nutritivas resultantes da acção da humidade, têm os pathologistas podido classificar as enfermidades que dellas procedem, entre as quaes não figura a morféa.

Creio que não ha paiz do mundo onde se não encontrem habitações baixas, estreitas e humidas, nas quaes não penetra um raio do sol, o ar difficilmente é renovado, e a miseria vai occultar as degradações organicas dos seres humanos que alli vivem como sepultados.

A chloro-anemia, a escrophula, os tuberculos pulmonares, o escorbuto, etc., são o *ultimatum* dessa situação; são, e não a morféa, o registro pathologico das profundas alterações da crase sanguinea.

Não pretendo com isto affirmar que nunca sobrevirá no morfetico anemia profunda com a dyscrasia sanguinea, que lhe é correspondente. Póde provir, mas sómente no estado cachetico do doente, estado que não é privativo da morféa, e sim commum a todas as diatheses em periodo muito adiantado. (1)

---

(1) Alguns autores têm filiado a morféa ao oscorbuto : o sangue do morfotico, na plonitudo da molestia, é tão opposto, si assim me posso exprimir, ao sanguo do escorbutico, que só posso oxplicar a illusão admittindo quo o exame do morfetico fosso praticado quando este já ostivesso no ostado cachetico. Fóra deste julgo impossivol o engano.

Nestas circumstancias não é a causa determinante da morféa que produz a miseria globular e outras alterações sanguineas; e, sim é a propria morféa que, na sua penetração incessante, vai a ponto de embaraçar séria e profundamente as funcções organicas, produzindo-se então o estado cachetico, a anemia consecutiva, a deficiencia globular, etc.

Os Drs. Danielssen e Bœck descrevem os accidentes organicos originarios das condições dos camponezes da costa occidental da Noruega, na persuasão de que essas alterações redundarão em manifestações da lepra; porém, clinicamente fallando, não creio que assim succeda, e que daquelles accidentes venha a ser o estado morfetico a expressão fatal.

Deixando, porém, de parte esta ordem de ideias, passo a examinar o que se observa entre nós quanto á acção suspeita da humidade.

Antes de tudo cumpre assignalar, ou antes repetir que os indigenas do Brazil sempre preferiram, e ainda hoje o praticam, habitar as margens dos rios, em sitios humidos, onde permaneciam quasi ao relento, sem cuidados hygienicos, e sem que por isso viessem a soffrer de morféa.

Na provincia do Amazonas, onde o calor é elevado, e a atmosphera saturada de humidade em virtude das vastas extensões de terras humidas e alagadiças por onde correm os rios Branco, Negro, Japurá, e Madeira além das cachoeiras ([1]), a morféa é rara.

Si a humidade gerasse a morféa, em parte alguma seria esta enfermidade tão frequente como naquella provincia.

([1]) Capitão-tenente Araujo e Amazonas (Obra citada) pag. 13.

No Maranhão nota-se com effeito que a morféa apparece nos logares situados à beira d'agua.

No Ceará os poucos casos foram observados nas costas do mar e no «interior».

Em Pernambuco no interior e não nas praias.

Em Alagôas e Sergipe, por entre as quaes desce o magestoso rio S. Francisco, a morféa é rara; nas duas margens do baixo S. Francisco é, como vimos, rarissima.

Cumpre lembrar uma circumstancia: este rio não mantem uniformemente o seu volume d'agua, e, pelo contrario, na sua longa vasante deixa a descoberto extensos alagadiços, dos quaes não se desprenderá seguramente pouca humidade. E' sabido que durante a vasante os habitantes das duas margens são flagellados por enfermidades, entre as quaes não figura um só caso de morféa: o que sobretudo domina é o impaludismo.

Na Bahia a molestia apparecia com mais frequencia na ilha de Itaparica e nas costas de Itapoã do que actualmente, apezar de subsistir a mesma circumstancia hygrometrica. Em toda a zona do interior, percorrida pelo alto S. Francisco que não deixará certamente de impregnar de muita humidade a atmosphera circumvizinha, não se dá um só caso de morféa entre os habitantes, em grande numero, que por lá demoram.

Na provincia do Rio de Janeiro a manifestação da morféa de modo algum está subordinada ou dependente da humidade.

Em Goyaz, provincia central, apparecem casos de morféa.

Em Santa Catharina a molestia foi mais frequente nos sitios humidos; actualmente, apezar da constancia da humidade, tem declinado sensivelmente.

No valle do Paraná, batido por um vento humido e frio, e nas costas do mar, não se observa esta molestia, que aliás é encontrada na sua planura central, que mede 930 metros de altura.

Finalmente na parte sul da provincia de Minas e na provincia de S. Paulo, onde baqueia completamente o argumento da humidade, visto serem provincias centraes e não cortadas por grandes rios, a morféa é frequente.

Que a humidade, onde abunda, se torne um elemento auxiliar da acção da verdadeira causa da morféa, visto subtrahir ao organismo meios de resistencia, facilitando assim a essa causa o desempenho de sua ingrata tarefa, não serei eu que o venha contestar; porém que seja factor da enfermidade, que a gere e produza, é o que não julgo aceitavel, á vista, além dos argumentos ministrados por outros paizes, do que se passa claramente no Brazil, conforme acabo de expor.

Contagio. — A opinião geral dos medicos estrangeiros é decididamente contraria ao contagio da lepra.

Desta opinião não partilham, entretanto, as demais classes no Brazil, nem mesmo a de homens que têm mais ou menos cultura intellectual.

O povo, esse tem horror á morféa, e a julga contagiosa. Na provincia de S. Paulo não se nega uma esmola ao morfetico, mas a esmola é entregue com cuidado.

A este respeito me communicou o Dr. Saturnino Veiga, a que mais de uma vez tenho-me referido, esta sua observação: « E' geral o horror que a todos em Minas inspira a morféa? Não sei si é o povo que evita a approximação dos infelizes victimados, ou si as desgraças destes que os leva a fugirem de seus semelhantes, contra os quaes parece existir desconfiança e odio. »

« Na linguagem popular, accrescenta o Dr. Veiga, quando se intenta referir o apparecimento da morféa em um individuo qualquer, diz-se: *F. está ficando mal com o povo, ou está querendo ficar*.

« A noticia sinistra, concebida nessas palavras, attrahe sobre o infeliz geral desconfiança e em breve fica o desgraçado fóra da convivencia de seus amigos, de onde o afastam os cordões sanitarios sustentados pela repugnancia e terror. »

Referiu-me o Dr. Meira (clinico em Campinas) que, ao dar uma esmola a um pequeno morfetico perto de Queluz, uma irmã deste acudira de subito dizendo: « Não lhe entregue o dinheiro; si o souberem, não quererão receber. »

Julgo que no norte do Imperio não é menor a repugnancia que se tem aos infelizes morfeticos.

Facto notavel ! Durante seculos reinou a crença do contagio da lepra, crença alimentada pelo desenvolvimento progressivo da molestia e aggravada pela repugnancia e pelo terror que a todos infundia.

E', com effeito, inherente á natureza humana ou mais exactamente á fraqueza dos homens o exagerar os perigos de tudo que póde causar susto ou damno. Nestes casos o que governa não é a razão, mas o instincto da conservação com todas as suas cautelas sensatas ou imbecis. Então o meio mais seguro é sempre o melhor; e com referencia á morféa não havia garantia que mais tranquillisasse os timidos, que eram quasi todos, do que a crença do contagio, a qual offerecia a dupla vantagem de permittir ao são o evitar a approximação do morfetico, e obrigava o morfetico a isolar-se dos prudentemente timidos.

Fosse como fosse, a crença do contagio atravessou longos seculos.

Ora, para que se operasse a revolução anti-contagionista depois de tudo isto e apezar de tudo, para que se formasse a opinião quasi unanime dos homens da sciencia em sentido francamente contrario ao contagio, havemos de convir que as provas em que elles se fundaram foram muitas e concludentes; foram provas que se impozeram, revolvendo e expondo ao ar as raizes de uma crença secular.

Sejamos franco: a morféa é talvez a mais antiga enfermidade que se conhece; a mais conhecida e a que mais tem movido a attenção do mundo inteiro; a que mais solicitude tem provocado de todos os governos; a que domina em maior numero de paizes; a que mais se tem exposto a ser observada e finalmente a que tem a marcha mais lenta: sendo assim, uma observação tão prolongada já não podia ser vacillante, hoje sujeita ao sim e amanhã ao não.

Pois bem, o inquerito longo, paciente, reflectido, desprevenido, scientifico, deu-nos o « não é contagiosa a morféa. »

Não obstante apparecem alguns medicos ainda discordantes, e destes o mais convencido nos tempos modernos é o Dr. Ch. L. Drognat-Landré, que na opinião do professor Hebra não tem feito proselytos.

O que admira no maior gráo é que os poucos contagionistas não tenham podido definir como e quando se opera o contagio da lepra.

« Assim como, diz o Dr. Drognat-Landré, se tem provado experimentalmente que a syphilis só é contagiosa em sua fórma primaria e secundaria, e a observação tem demonstrado que o sarampão o é no estado dos prodromos e da erupção, assim tambem poder-se-hia dizer, e tudo me induz a crer nisso, que a lepra, como aquellas affecções, seria sómente con-

tagiosa em um certo periodo, provavelmente de muito curta duração.

« Não se poderia dizer tambem que, relativamente, muito poucas pessoas apresentam susceptibilidade para esta molestia? » [1]

Eis ahi a opinião do mais intransigente contagionista!

Depois de tanto esforço para demonstrar o contagio da lepra, este autor recorre a meras hypotheses para definir esse mesmo contagio!

« *Poder-se-ha*, e tudo me induz a crel-o que a lepra, como aquellas affecções, *seria sómente contagiosa em um certo periodo, provavelmente de muito curta duração*. Não se *poderia dizer* tambem que, relativamente, *muito poucas pessoas apresentam susceptibilidade para esta molestia?*

Realmente o contagio do Dr. Drognat-Landré a pouco se reduz: « a um certo periodo, provavelmente de muita curta duração, e á susceptibilidade de muito poucas pessoas ». Tudo isto é quasi nada.

Si se tratasse de uma enfermidade de evolução rapida, e que, embora atacando a muitas pessoas, tivesse a marcha pouco demorada das epidemias, poder-se-hia conceder treguas a tantas hypotheses apresentadas para o fim de definir as condições do contagio; porém, tratando-se de uma molestia de marcha excessivamente lenta, molestia em que cada periodo dura annos, é absolutamente inadmissivel que, depois de tantos estudos, e tantas observações e em tantos paizes, não se tenha podido affirmar o contagio e o modo como se effectua.

Um dos praticos brazileiros, o Dr. Cosme de Sá Pereira, na communicação que me fez o obsequio de

---

[1] *De la contagion seule cause de propagation de la lèpre—par le Dr. Ch. L. Drognat-Landré*—pag. 60—Paris, 1869.

dirigir, mantendo alguma reserva quanto ao contagio, serviu-se destes termos: « Nem todas as faiscas produzem incendio.» Entende, pois, o distincto collega que, por não serem muito frequentes os casos de contagio, não é razão para que alguns se não dessem.

Perdòe-me o collega: é certo que nem todas as faiscas produzem incendios, e nesta parte tem muita razão; mas ha de convir commigo em que nem tantas faiscas falham.

Terminando estas considerações, declaro que julgo escusado adduzir aqui casos de morféa, de que tenho conhecimento, os quaes comprovam não ser esta molestia contagiosa: si eu nada adiantaria aos que assim pensam, tambem não convenceria aos contagionistas que « só admittem o contagio, não como a regra, porém como a excepção. »

Desenvolvimento espontaneo.—Em minha opinião a morféa pertence aos dous grupos das diatheses, ao das hereditarias e ao das adquiridas.

Como diathese hereditaria não cabe ser tratada aqui, porque nesta o germen morfetico é imposto ao ovulo no acto da fecundação, o que tira á molestia o caracter de espontaneidade.

A lepra espontanea é uma elaboração do organismo, cuja actividade funccional acha-se pervertida pela acção de causas, cujo estudo ora faço.

Bazin admittia que a lepra pudesse desenvolver-se de um modo quasi accidental, persistindo sempre no seu conceito a « predisposição natural » como causa principal, sem a qual todas as outras ficariam sem effeito.

Não sei que interpretação deva dar aos termos « predisposição natural » de Bazin. Si este autor alludia ao germen que o organismo traz comsigo ao sahir dos braços da natureza, exigindo, pois, como necessaria

a predisposição hereditaria, entendo que sua doutrina restrictiva não está de accôrdo com o que se passa em alguns paizes, nem com o que se observa aqui no Brazil.

Si, porém, aquelles termos não têm essa significação e apenas exprimem a aptidão individual ou antes a falta de resistencia individual á acção de certas causas, nada terei que oppor ; porque não só com relação á morféa, como a todas as molestias, o demonstra a experiencia diariamente que sem um *quid ignotum* organico as molestias não se desenvolverão.

Realmente as causas morbificas não têm effeito certo, e sob a influencia dellas, si uns organismos fraqueam e cedem, muitos outros resistem, sem que saibamos as razões intimas do rendimento daquelles e da energica attitude destes.

A transmissão hereditaria não poderia explicar o desenvolvimento que essa molestia tem tido entre nós. Si nem todos os filhos de pais morfeticos terão de soffrer fatalmente da mesma molestia, é certo que pessoas têm-na soffrido sem procedencia de pais ou de parentes della affectados.

Admitto a lepra accidental sem predisposição hereditaria, conforme m'o fazem crer alguns doentes dos que tenho confiados aos meus cuidados. São pessoas que nunca sahiram do logar do nascimento, onde a lepra não é endemica, nem ha leprosos com os quaes tivessem contacto ; que não tiveram parentes leprosos por linha directa ou collateral, e que, entretanto, acham-se soffrendo de morféa perfeitamente caracterisada. Como explicar a lepra nestas pessoas ?

Quanto a mim é, portanto, fóra de duvida que a morféa desenvolve-se espontaneamente, isto é, sem a condição hereditaria e sem a imposição do contagio que não admitto.

Qual a causa ou quaes as causas que encaminham o organismo a semelhante elaboração?

Até aqui a unica resposta que tenho a dar é que entre estas causas não póde figurar o clima, por isso que, embora todos os climas tolerem a morféa, nenhum a gera; e que não podem igualmente figurar as condições telluricas e a humidade, pelo que hei demonstrado.

Qual é o gráo do desenvolvimento espontaneo, qual a frequencia das causas accidentaes da morféa entre nós?

Seria da maior importancia, sobretudo debaixo do ponto de vista hygienico, determinar ou ao menos conhecer approximadamente esta frequencia; infelizmente não encontrei a este respeito esclarecimento algum, nenhum estudo, nenhum documento que me servisse de guia.

SYPHILIS. — Ao passo que entre os medicos estrangeiros perde terreno a ideia de que a syphilis possa gerar a morféa, é de notar seja ainda semelhante ideia sustentada por muitos medicos brazileiros.

Quando a syphilis começou a chamar a attenção dos praticos, foi reputada successora legitima da morféa, que então, conforme eu já disse, declinava; mais tarde, depois que a syphilis generalisou-se, eil-a gerando aquella molestia. Basta este simples enunciado para tornar bem patente o vicio dessas substituições etiologicas.

Examinarei, porém, as opiniões dos medicos brazileiros.

Entendem uns que a syphilis é causa da morféa, porque esta manifestou-se em pessoa que teve aquella enfermidade, ou em quem a teve e não sujeitou-se a tratamento completo, ou em filho de pai syphilitico, ou no que teve boubas, ou na infancia foi amamentado com o leite de mãi boubatica ou syphili-

tica ; e outros medicos assim pensam á falta de causa que se lhes afigure mais plausivel de que a syphilis.

Ha na historia da morféa um periodo que até o presente não tem explicação satisfactoria. E' sabido que, tendo-se domiciliado esta molestia em alguns paizes da Europa, por lá guardou, como o fizera até então, o caracter endemico, mantendo-o por alguns seculos.

Apezar da constancia e da maior accentuação deste caracter, succedeu que a lepra, recrudescendo de modo aterrador em quasi todos os paizes europeus, na épocha das cruzadas, assumisse, ao que parece, outro caracter que jámais fôra o seu — o caracter epidemico.

Passado aquelle periodo, voltou ao que era, mantendo-se endemicamente em todas as partes onde é encontrada.

Que motivos houve, que materiaes foram esses que a morféa encontrou em seu trajecto, e lhe fizeram atear por tal fórma o incendio, é o que nunca se conheceu e nunca se soube explicar.

Alludem a perturbações sociaes, aos grandes males intestinos, causados pelas longas lutas sustentadas no Oriente, á perturbação dos serviços, á anarchia, a privações, á corrupção e á miseria, mas tudo isto foi dito de modo vago, sem affirmação, tomando-se por base uma mera coincidencia.

E' certo, porém, que, bem ou mal explicada, ficou pregada na historia da morféa essa pagina da transformação do seu caracter, apezar do que se tinha passado desde o seu começo até esse periodo, e do que depois succedeu até o presente. Sómente na época das cruzadas houve epidemia de morféa.

Ter-se-hia, com effeito, operado semelhante transformação do caracter da molestia ?

Um facto muito importante parece confirmar a evolução, e vem a ser o da installação de um sem numero de leproserias por aquella mesma épocha.

Sabe-se, porém, que a essas leproserias não se recolhiam sómente morfeticos, sim tambem miseraveis de todas as especies, o que concorria para avultar descomedidamente o numero, presumido, daquelles infelizes.

A morféa serviu então de capa a outras miserias.

Que papel representaria a syphilis naquella emergencia, e que contingente prestaria para a exageração do numero dos morfeticos?

No seu *Traité historique et politique de la syphilis*, diz o Sr. Lancereaux o seguinte : « *Les affections consecutives aux maladies des parties génitales paraissent d'ailleurs exister au moyen âge, mais c'est dans les manifestations lépreuses qu'il faut chercher pour les trouver. Contrairement à ce que l'on observe de nos jours, la lèpre, à cette époque, était en effet une maladie contagieuse, et par conséquent il y a lieu de croire qu'il y avait confusion entre elle et la syphilis. Les auteurs que signalent la contagiosité de la lèpre sont nombreux.* »

Em seguida o mesmo autor menciona os nomes de B. Gordon, de Philo Schoff, de Micher Scotus e de J. de Gaddesden, os quaes citaram factos ou emittiram opiniões que confirmam a confusão então reinante entre a syphilis e a lepra; e accrescenta : « *Ainsi on peut croire que les accidents constitutionels de la syphilis étaient, au moyen âge, confondus avec les accidents de la lèpre, maladie un peu de mode et qui couvrait de son nom un grand nombre d'affections. Cette manière de voir a d'ailleurs pour elle l'auctorité d'aucteurs éminents.* »

Para justificar esta asserção, o Dr. Lancereaux cita Hensler, em cuja opinião a syphilis resultára da dege-

neração da lepra, o que era em parte adoptado por Sprengel. « *Ils se fondaient,* accrescenta o Dr. Lancereaux, *l'un et l'autre non seulement sur ce fait avéré que la constitution atmosphérique peut, dans certaines circonstances, et de temps en temps, altérer le caractère des maladies chroniques au point de leur faire prendre un aspect vraiement épidémique, mais encore sur ce que plusieurs des médecins qui ont écrit sur le mal français se sont accordés à le regarder comme l'ancienne lèpre, masquée sous une forme nouvelle et insolite. Cette opinion, du reste, paraît d'autant plus probable que l'époque d'apparition de l'épidemie du quinzième siècle est precisement celle où l'on vit l'elephantiasis s'eteindre peu-à-peu en Europe.* »

O autor transcreve uma carta dirigida em 1488 por Pierre Marty ao seu amigo Arias Barbosa, que lhe havia communicado a molestia de que achava-se soffrendo, documento que leva a crer não só que a syphilis existia antes de 1495, como até mostra uma analogia perfeita entre o *mal francez* e a elephantiasis: « *Tu m'ecris, dit-il, que tu es affecté d'une maladie particulière appellée Cubas par les Espagnols, galico par les Italiens, elephantiasis par quelques medecins, et de diverses manières par d'autres. Tu dépeins avec une incomparable élégance ton malheur, tes pertes, la gêne de tes jointures, la faiblesse de tes ligaments, les douleurs atroces des articulations et enfin les ulcères et la fétidité de ton haleine. Je te plains, cher Arias, etc.—Giennio in nonis Aprilis.— 1488.* »

Conforme se vê destes trechos, o alvo do Sr. Lancereaux foi demonstrar que a syphilis não foi successora da lepra, mas com ella co-existiu por longo tempo; que a crença do contagio na idade média era devida á confusão que reinava entre as duas enfermidades; e

que, si a lepra pareceu dominar tão largamente, foi porque de seus traços se aproveitaram outras enfermidades.

Como quer que seja, a diminuição progressiva da lepra, o conhecimento que só mais tarde se teve da existencia da syphilis, o incremento desta á medida que aquella diminuia, umas apparencias de symptomas das duas enfermidades, e a deficiencia de certos elementos de diagnostico, si não justificam, attenuam o equivoco dos praticos daquelle tempo, os quaes tomaram a syphilis por uma fórma ou uma degeneração, ou a successora da morféa.

O que, porém, justificará, no estado actual da sciencia, a opinião dos que attribuem a lepra á syphilis?

Desde muito existe a syphilis no Brazil, onde se tem generalisado á vontade porque nunca se tratou de limitar os seus estragos. De outro lado é sabido que a escolha de amas de leite para as crianças é acto de mera formalidade. « Em geral, diz o Dr. Julio de Moura [1], a alimentação das crianças entre nós não é olhada como um dever social da mais alta importancia e a que devem presidir uma direcção intelligente e o methodo o mais escrupuloso. » Depois de notar que este erro gravissimo é commettido « em todas as camadas sociaes, tanto nos pobres como nos ricos », accrescenta este collega : « A amamentação, fallando-se em rigor, não é dirigida como preceituam os mais comesinhos principios da hygiene, etc. »

Os perigos de semelhante pratica têm sido sempre denunciados, e ha bastantes annos, por medicos brazileiros. Na sua these de doutoramento, o Dr. Albino de Alvarenga, denunciando tão lamentavel negligencia

---

[1] Hygiene climatica, serie de artigos publicados na « União Medica ».

e mostrando-se apprehensivo sobre o futuro das familias, terminou suas judiciosas e humanitarias reflexões por esta interrogação : « Clamarei no deserto ? »

E' bem de ver que nestas circumstancias em raros doentes o medico não encontrará indicio, proximo ou remoto, que explique, de conformidade com a sua previsão, o producto morfetico.

Comquanto na Europa alguns autores tivessem opinado que a morféa era a syphilis degenerada, sem invocarem para isso influencia alguma climatica, todavia entre nós já se apresentou a opinião de ser a lepra o resultado do virus syphilitico « degenerado pelo nosso clima ».

Essa degeneração da syphilis envolve outra questão, a da transformação das diatheses, assumpto muito debatido por medicos notaveis.

Já tive occasião de dizer que Bazin sustentava opinião inteiramente contraria á transformação das diatheses, qualificando-a de erro pathologico ; o mesmo autor accrescenta: « *J'ai dit ailleurs que les unités morbides ne s'alterent et ne se transforment jamais, ni sur le même individu, ni dans les générations successives, et je n'en voudrais pas d'autre preuve que la lèpre elle-même, que nous retrouvons, après tant de siècles écoulés, telle que nous l'ont décrite Moïse et Arètée.* » (1)

Em um notavel artigo sobre diatheses o Dr. Maurice Regnaud (2) aprecia a mesma questão pelo modo seguinte : « *Cette question n'est autre que celle de la mutabilité des espèces pathologiques.*

« *Il est un argument « a priori » bien devéloppé par Luys dans son travail sur les maladies heréditaires,*

---

(1) Obr. cit., pag. 258.

(2) *Nouveau dictionnaire,* tom. 11, pag. 435.

et qui me parait avoir une grande valeur pour résoudre cette difficulté. Si les maladies héréditaires étaient aptes à se métamorphoser, à mesure qu'elles évolouent à travers les genérations, elles auraient dû déjà subir un nombre incalculable des modifications successives par suite d'une serie de croissements variés jusqu'à l'infini, et de combinaisons enchevrètées les unes dans les autres, qui auraient fini depuis longtemps par voiler complètement leur physionomie première, et rendre leurs caractères inéconnaissables aux yeux des observateurs de notre époque. »

Effectivamente, si a morféa e a syphilis têm mantido, atravez de tantos seculos, o cunho de sua individualidade ; si a sua passagem em tantos organismos não lhes tem feito perder um só de seus caracteres ; si podem coexistir no mesmo individuo, sem que uma exerça sobre a outra a menor influencia, facto evidente de que entre ellas não ha pontos de contacto nem affinidade ; e finalmente si a morféa tem sido sempre a morféa e continúa a sel-o, succedendo o mesmo á syphilis ; como se póde conceber, admittir, justificar á degeneração da syphilis em morféa, o que é contrario aos principios scientificos e á observação de tantos seculos ?

Poder-me-hão objectar que a syphilis não degenera em morféa, mas crêa no organismo dos que a tiverem forte predisposição para a morféa.

Ouçamos ainda um dos autores de maior competencia sobre o assumpto. « Todas as influencias cosmicas, physiologicas ou morbidas, diz Bazin [1], são apenas « circumstancias accessorias » na producção das diatheses ; e em caso algum, quer isoladas quer

[1] Obr. cit, pag. 336.

reunidas, poderão produzir a molestia, si não houver no organismo predisposição latente. Sem a intervenção da causa interna todas as outras de nada valerão. »

A predisposição latente da syphilis, da tuberculose, do cancro, da morféa, etc., uma vez posta em actividade, não produzirá senão a syphilis, os tuberculos, o cancro, a morféa, etc.

Que a syphilis, na qualidade de circumstancia accessoria, possa facilitar a manifestação de outra diathese, como a tuberculosa, a escrofulosa, a morfetica, não por conversão, não por metamorphose, mas por subsidio de actividade prestado ao germen latente, quando este existir, é o que se comprehende facilmente e o mais que se póde conceder.

Insistem alguns medicos brazileiros em attribuir a morféa á influencia das boubas : o ter soffrido de boubas, o ter sido amamentado por uma boubatica, explica a manifestação daquella molestia, dizem elles, em virtude do poder que as boubas têm de a gerar.

Entre os meus doentes uma senhora, que fôra amamentada por uma boubatica como se veiu a verificar mais tarde, me referiu : « Que aos 5 annos de idade tivera feridas na garganta e na bocca, e alguns outros accidentes que não sabe descrever, pelo que fôra submettida a tratamento mercurial por bastante tempo.

« Tendo estes encommodos desapparecido mediante o tratamento, seu organismo fôra tomando o desenvolvimento natural. Na idade propria casou-se e tem tido oito filhos, dos quaes nenhum até o presente apresenta indicios de vicio boubatico ou de qualquer outra diathese. Ha dous annos, porém, appareceram-lhe os primeiros signaes de sua molestia actual. »

Na doente a morféa está perfeitamente caracterisada.

Devo accrescentar que esta doente, pessoa de familia, não conta entre os seus ascendentes um só morfetico:

não póde haver, pois, suspeita de origem hereditaria, como fui bem informado.

Porventura poder-se-ha attribuir este caso ao vicio boubatico, que lhe foi transmittido por sua ama de criação?

Convem notar que esta senhora é perfeitamente desenvolvida, é alta, de fórmas ajustadas, e elegante. Seu desenvolvimento operou-se do modo o mais cabal, sem obstaculo algum gerado, como sóe acontecer, por alguma diathese. Seus filhos, já crescidos, absolutamente nada apresentam que faça suspeitar vicio herdado da mãi; são todos sadios e robustos.

Será possivel admittir que a molestia actual, a morféa, deve sua origem ao vicio boubatico, sómente porque foi boubatica a ama que lhe deu o leite da criação? Creio que ninguem o affirmará.

E' sabido que os indigenas brazileiros soffriam, ao tempo do descobrimento do Brazil, de boubas: porque nelles esta molestia nunca se converteu em morféa?

E' igualmente sabido, e disto já occupei-me detidamente, que as boubas são muito frequentes, ha muito tempo, no Paraná: qual a razão por que nesta provincia a morféa não é igualmente frequente?

A syphilis não foi banida dos paizes de clima temperado: como se explica o ser rarissima a morféa nesses paizes?

No Alto S. Francisco a syphilis é muito frequente: porque é que no Alto S. Francisco não se encontra um só caso de morféa?

No Uruguay, conforme me informa o distincto medico brazileiro, que, ha bastantes annos, alli exerce a clinica, o Dr. José Ignacio, a syphilis é muito frequente, ao passo que a morféa é rarissima.

Que a morféa é muito rara no Uruguay, não só m'o declarou o Dr. José Ignacio, como foi confirmado pelos

distinctos medicos daquella republica os Drs. Vidal e Gualberto Mendes, segundo informaram ao Sr. conselheiro Lopes Netto, a quem devo a fineza de m'o haver instruido a este respeito.

No empenho de concorrer com algum contingente para a elucidação desta questão, a das relações entre a syphilis e a morféa, eu não duvidaria estudar aqui e comparar a marcha das duas enfermidades, os seus symptomas, e outras circumstancias mais que seguramente me prestariam elementos para o meu raciocinio; porém, attendendo a que semelhante estudo me levaria mais longe do que convem, deixarei de emprehendel-o desta feita.

Ha, entretanto, um ponto que considero muito importante, e que merece algum exame. Não entrarei em assumptos de pathogenia das duas enfermidades, mas não posso prescindir de examinar o sangue dos morfeticos e o dos syphiliticos. O sangue nos casos diathesicos é o campo das mais importantes evoluções das respectivas diatheses. E' provavel que nem todos assim pensem, e que me pretendam contestar a importancia, nesses casos, dos estudos hematologicos—: Cada um tem a sua convicção.

Passo a apresentar o quadro dos exames do sangue de uns e do sangue dos outros: o confronto não será esteril, e pelo contrario póde ser instructivo.

Com effeito, si a syphilis tiver uma evolução muito diversa e até contraria á da morféa, si o exame do sangue revelar antagonismo entre as duas enfermidades, como se poderá admittir esse conchego entre ellas, essa approximação, essa metamorphose?

SANGUE DOS MORFETICOS.— No meu entender o estudo do sangue dos morfeticos offerece interesse muito maior do que o manifestado por alguns autores modernos.

Ao passo que se nota que os antigos prestavam, como estava nas suas forças com os elementos de que dispunham, grande attenção ao sangue dos morfeticos, observa-se de outro lado qne os modernos limitam-se a reproduzir o resultado das investigações dos Drs. Danielssen e Bœck, sem quasi accrescentarem obra sua.

Comquanto eu reconheça que esta occasião não é a mais propria para occupar-me com a hematologia da lepra, apresentarei comtudo o resultado das pesquizas a que os Drs. Martins Costa, Pedro Paulo e eu nos temos entregado, sómente na parte que interessa ao assumpto em discussão.

Para que, porém, se possa julgar do resultado, inteiramente novo, de nossas investigações, torna-se conveniente que eu exponha aqui o estado actual dos conhecimentos a este respeito.

« *Les recherches des anciens sur le sang des sujets atteints de spedalsked,* dizem Danielssen e Bœck, *caracterisent les époques.*

« *Si l'on saignait le malade, le sang était épais et par cette raison prêt à fermer l'ouverture de la veine. Plongé dans l'eau, il ne se mélangeait pas aisement avec elle ; mais il se coagulait de suite et se precipitait en grumeaux. Était-il recuelli dans une vase, il se montrait noir, de couleur plomb, brunâtre, ou cendré, d'une couleur désagréable. Il se coagulait aussi à l'instant en sérum, et en caillot de sang qui se fendait bientôt, on le trouvait inégale, granuleux et sablonneux.* » (1)

A outras operações ainda entregavam-se os antigos afim de determinar o estado do sangue dos morfe-

---

(1) Obr. cit. pag. 70.

ticos, e que por menos interessantes supprimo-as aqui.

« *Quant on était*, continuam os mesmos autores, *dans l'incertitude de savoir si une personne était attaquée de la spedalskhed, on se livrait à plusieurs experimentations sur le sang. Après avoir isolé le sérum, on mettait quelque grains de sel sur le caillot: si ceux-ci fondaient, c'était bon signe; si, au contraire, ils ne se denaturaient pas, c'etait un signe de lèpre, car il y avait dans le sang trop des parties tetriques, pour que la dissolution du sel fût possible. Si l'on versait du vinaigre sur le sang et que le melange commençait à entrer en ébolution, c'était un signe de mauvais augure. De même, on versait de l'urine sur le sang, et s'il se melangeait aisement avec elle, c'etait un signe de spedalskhed.* »

Schilling [1] ligava grande importancia ao estado do sangue na lepra, estado que consistia em não separar incompletamente o sôro do coagulo, cobrindo-se este de uma crosta amarello-pardacento. Chegava este autor a dizer que em casos de amputações da perna ou da coxa, praticadas em leprosos, tornava-se desnecessario ligar a arteria crural, bem como inutil era o emprego de stypticos, tão diminuta era a hemorrhagia.

Os Drs. Danielssen e Bœck, depois de referirem as opiniões dos antigos sobre a composição do sangue nos leprosos, dão o resultado (pag. 238) de seus proprios estudos. « *Voici*, dizem elles, *les resultats de nos investigations, tant physiques que chimiques, sur le sang. Le caillot est, le plus souvent, assez ferme, sans être trop volumineux; il est d'ordinaire revêtu d'une couenne plastique, plus ou moins épaisse, couverte fre-*

---

[1] *Bibliothèque du médecin-praticien*—tom. 8º, pag. 326—Art. *Lèpre.*

quemment d'une couche gelatineuse. Le sérum est plus ou moins tenu; il est visqueux, et il a, presque toujours, une couleur verte, parfois semblable même à de l'eau laiteuse. Dans le sang, depourvu de sa fibrine, nous avons constamment observé, sous le microscope, une grande foule de cellules irregulières, assez grandes, remplies de molecules transparentes; sans doute, ces cellules sont des globules de sang non encore assez developpés. En outre, toute le champs du microscope était couvert de molecules limpides, extrêmement tenues, peut-être de l'albumine. Les globules de sang ont toujours été plus rares là où les cellules mentionées se trouvaient en grande quantité.»

A este exame physico segue-se o chimico, do qual Danielssen e Bœck occupam-se, das paginas 245 em diante. Dos quadros publicados tomarei apenas tres, correspondentes ao exame de um caso de lepra tuberculosa, de um da tuberculosa e anesthesica (mixta) e de um da anesthesica.

Antes, porém, transcreverei o quadro analytico do sangue normal afim de que melhor se possa apreciar as differenças encontradas pelos mesmos autores.

Sangue normal

Poids espècifique du sang.................... 1,051

	gr.	dec.	cent.	mgr.	
Fibrine....................	...	1	7		
Graisse adherente à la fibrine..................	...	...	...	5	0,067
Ainsi fibrine......	...	1	6	5	2,205
Sang defibriné.	...	6	3		
Residu après dessication....	...	1	2		
Ainsi eau................	...	5	1		

1.000 parties de sang defibriné contient ainsi :

Eau	809,5
Et parties solides	190,5

Dans 9 deci. 2 a 4 milli. de sang defibriné, absolument desseché, il s'est trouvé en:

	gr.	dec.	cent.	mgr.	
Graisse	...	...	1	...	2,062
Albumine	...	3	8	5	79,353
Sels et matières extractives.	...	...	5	5	11,339
Globuline	...	4	5	8	94,437
Hematine	...	...	1	6	3,299

*
* *

Lepra tuberculosa (*pag. 245*)

Poids espécifique du sang	1,046

	gr.	dec.	cent.	mrg.	
Fibrine	...	2	1		
Graisse adherente à la fibrine	...	...	...	5	0,078
Ainsi fibrine	...	2	...	5	3,201
Sang defibriné	...	5	4	4	
Residu après dessication...	...	1			
Ainsi eau	...	4	4	4	

1.000 parties de sang defibriné contient ainsi :

Eau	816
Et parties solides	184

Dans 9 deci. de sang defibriné absolument desseché, il s'est trouvé en :

	gr.	dec.	cent.	mgr.	
Graisse	...	...	1	2	2,453
Albumine	...	4	9	7	100,609

Sels et matières extractives.	...	...	5	5	11,244
Globuline	...	3	2	2	65,821
Hematine	...	...	1	6	3,275

* * *

Lepra tuberculosa anesthesica

Poids spécifique du sang................1 1,052

Dans 1.000 parties de sang il s'est trouvé:

En eau	803
Et en parties solides	197
Fibrine	4
Graisse	6,1
Albumine	113,6
Globuline	68
Hematine	4,1
Sels et matières extractives	1,4

* * *

Lepra anesthesica

Poids especifique du sang.................. 1,052

	gr.	dec.	cent.	mgr.	
Fibrine	...	2			
Graisse adherente à la fibrine	...	...	1	6	0,224
Ainsi fibrine	...	1	8	4	2,578
Sang defibriné	3	5	6	3	
Resudu après dessication	...	7	1	5	
Ainsi eau	2	8	4	8	

1.000 parties de sang defibriné contient ainsi :

En eau	799
Et en parties solides	201

Dans 9 dec. de sang defibriné absolument desseché s'est trouvé :

Graisse..................	... ...	1	...	2,233
Albumine..................	... 4	5	...	100,500
Sels et matières extractives.	... ...	4	7	10,497
Globuline..................	... 3	7	8	84,420
Hematine..................	... ...	1	8	4,000

Resultam dessa analyse, mesmo assim incompleta, duas observações interessantes: 1ª que em qualquer das fórmas a alteração do sangue é a mesma, o que prova a favor da unidade da lepra ; 2ª que a fibrina e a albumina augmentavam sempre no sangue leproso, havendo pelo contrario diminuição da globulina e da hematina, menos no quadro correspondente á lepra anesthesica, em que se verifica augmento da ultima.

Tomando por base a analyse que praticaram, os mesmos autores formularam sua opinião sobre o papel representado pelo sangue na evolução da lepra. Para elles não resta duvida de que essa dyscrasia sanguinea está ligada á existencia da lepra, bem como que « a mesma dyscrasia, ao cabo de algum tempo mais ou menos longo, occasiona hyperhemias e congestões passivas no systema capillar da pelle, cujos nervos vegetativos diminuem de energia, formando-se manchas periodicas: e quando estas congestões permanecem por algum tempo, sobrevem no mesmo logar uma exsudação, que é o principio elementar de futuro tuberculo. »

Releva accrescentar que esta theoria pouco diverge da anteriormente emittida pelo Dr. Paula Candido e que os Drs. Danielssen e Bœck citam á pag. 103 de modo incompleto.

Comquanto estes autores pozessem em duvida, ás mesmas paginas, que as theorias até então apresen-

tadas, entre as quaes inscreveram a do Dr. Paula Candido, tivessem contribuido para o progresso da sciencia, accrescentando que pelo contrario era mais verosimil haverem-na prejudicado, todavia o que se nota é que sua theoria em nada adiantava a do Dr. Paula Candido, como passo a mostrar.

Conhecido o papel que os autores norueguenses attribuiam ao sangue na pathogenia da lepra, comparemos sua opinião com a do Dr. Paula Candido; disse este medico: « .... seu sangue abundante de fibrina e materia corante, reproduzindo-se, como nos mostra a experiencia com extrema facilidade, e sempre fibrinoso mesmo depois de copiosas sangrias...... *Tudo em fim que a observação nos ensina na morféa nos induz a crer que é o sangue com excesso de fibrina, de materia corante ou outros principios immediatos e elementos cambustiveis,* que penetrando o systema lymphatico cutaneo, tão desenvolvido no elephantiaco, desorganiza a pelle e torna-se dest'arte a essencia da morféa.

« E' verdade que ainda não determinamos positivamente a proporção de *fibrina*, materia colorante e *albumina*, porém *é certo que o sangue do morfetico se coagula tão rapida e energicamente que não se póde duvidar de seu excesso* de fibrina; elle é escasso em serosidade e a côr dos morpheticos não deixa duvidas de que ha excessso de *globulos* ou *materia corante*. »

Em que, pois, poderia contribuir para o regresso da sciencia esta theoria do Dr. Paula Candido? Em que diverge ella da dos autores norueguenses? Em dizer aquelle que o sangue penetra nos vasos lymphaticos da pelle, o que foi um lapso, e em affirmarem estes que é nos vasos sanguineos cutaneos que elle penetra?

Comparando-se, com effeito, as suas theorias, a maior differença que nellas se nota é vir uma acompanhada

de analyses physica e chimica do sangue e outra não ; o Dr. Paula Candido limitou-se a affirmar o augmento da fibrina e da albumina, guiado sómente pela inspecção ocular, ao passo que os Drs. Danielssen e Bœck foram além delle, mas depois delle, e, dominados das mesmas ideias, trataram de determinar analyticamente as dóses dessas substancias.

Differença, pois, substancial entre as duas opinieõs não ha, cumprindo-me accrescentar que a opinião do Dr. Paula Candido foi conhecida na Europa alguns annos antes da dos medicos norueguenses.

Com esta rectificação não tenho em vista diminuir e ainda menos contestar a importancia dos trabalhos, que muito aprecio, dos Drs. Danielssen e Bœck ; o que apenas procuro é restabelecer a verdade, reivindicando para o medico brazileiro a prioridade da mais adiantada doutrina que até o presente tem apparecido sobre a pathogenia da lepra. Eis porque eu disse anteriormente que, estudando-se ainda hoje a pathogenia desta molestia, o raio de luz que se encontra é o emanado do talento de Paula Candido.

Devo, não obstante, declarar que pronunciando-me assim não emitto juizo algum (nem o poderia fazer aqui) sobre o merito da theoria : não sei até que gráo é boa e verdadeira : não sei si, mais mecanica do que physiologica, póde ser aceita no estado actual da sciencia ; não sei si explica as duas fórmas da lepra, comprehendendo assim a fórma anesthesica, que não determina a formação de tuberculos sobre a pelle ; e nem sei si basta consignar o augmento da fibrina e da albumina sem indagar em primeiro logar o que dá logar a esse augmento ; o que affirmo é que, qualquer que seja o merito da doutrina, cabe a um medico brazileiro.

Com relação aos estudos hematologicos dos Drs. Danielssen e Bœck, diz o professor Bazin « que, tendo elles

analysado o sangue dos leprosos, julgaram ter descoberto o segredo de todos os accidentes em uma dyscrasia albumino-fibrinosa do fluido sanguineo; que tomaram o effeito pela causa, como acontece em taes casos; e que, acreditando resolver, não fizeram mais do que recuar a questão. » [1]

Depois de alludir aos mesmos estudos, accrescenta o professor Hardy [2]: « Desde então se tem fallado em diminuição da parte serosa, e em augmento dos albuminatos e da fibrina. Uma analyse recente de Boutuny dá augmento enorme de gordura (5,064 p. 1.000) e da hematina (11,428 p. 1.000). Essas accumulações são, sem duvida alguma, devidas á supressão das secreções normaes da pelle. Na opinião de alguns autores o sangue, depois da formação dos tuberculos, se torna normal, o que carece ser esclarecido.»

Ao que parece, o professor Hebra não liga grande importancia á hematologia da lepra, assumpto de que não trata na sua notavel obra, limitando-se a citar em uma nota, á pag. 540, a opinião dos autores noruegenses, como passo a mostrar: « Os Drs. Danielssen e Bœck ligam grande importancia ás alterações anatomicas locaes; e, baseando-se em analyses de sangue, consideram as modificações quantitativas da albumina como essenciaes nessa molestia.»

O professor Hebra accrescenta que Kjerulf havia já demonstrado que pouco valiam taes analyses.

Seguindo as ideias de Hebra o Dr. Neumann nenhuma observação apresenta e nenhuma reflexão faz no seu livro sobre o exame do sangue dos morfeticos.

Diz Lamblin: « A alteração do sangue se nos tem revelado por um ligeiro sópro anemico na base do co-

(1) Obr. cit., pag. 288.

(2) *Nouveau dictionnaire*, art. *lèpre*—pag. 350.

ração ou nos vasos do pescoço. Por meio do microscopio temos verificado que os «globulos rubros» não apresentavam mudanças bem manifestas em sua fórma nem na côr; todavia tem nos parecido que os «globulos brancos» são em maior quantidade do que no estado normal. (1)

A' pag. 76 diz o mesmo autor: «Não ha nada de fixo sobre a dyscrasia sanguinea. E' evidente que uma molestia, como a lepra, que repercute tão profundamente sobre o systema cutaneo, deverá embaraçar as funcções da pelle e modificar portanto a composição do fluido sanguineo.»

Em um dos periodos seguintes accrescenta Lamblin: «Acredito que a alteração do sangue é consecutiva á da pelle. Tem-se dito que ha augmento de albuminatos, bem como reducção da parte serosa do sangue, e que ao excesso de albumina se deve attribuir as producções albuminosas que Danielssen e Bœck encontraram nas meningeas, o que não me tem sido possivel observar. Póde haver excesso de fibrina.»

Na sua primeira observação diz Lamblin: «O sangue era de côr carregada e muito depressa se coagulava.

«O microscopio permittiu ver os *globulos sanguineos debaixo de seu aspecto normal e notaveis apenas pela facilidade com que se tornavam adentados*. Os globulos brancos não eram em maior quantidade do que no estado normal; mas se encontrava no campo do microscopio depositos de fibrina granulada, coagulada em grande quantidade, indicando plasticidade deste liquido.»

Finalmente, ao encerrar a nona e ultima observação, o mesmo autor apresenta o resultado da analyse do

---

(1) Obr. cit., pag. 23.

sangue do leproso que serviu de assumpto, terminando por estas palavras : « Demonstram estas analyses que a densidade do sangue é mais elevada do que no estado normal, visto variar ella (a densidade do sangue do doente em questão foi de 1089) entre 2,052 e 1057, e que se trata (o autor havia anteriormente declarado que nada havia de assentado sobre a dyscrasia sanguinea) de uma « verdadeira dyscrasia sanguinea caracterisada pelo augmento da fibrina e da albumina.» [1]

Depois de citar as analyses de Danielssen e Bœck, observa o Dr. Cavasse: « Analyses mais recentes indicam que ha no *sangue do leproso* diminuição do sôro, augmento de albuminatos e de fibrina, e finalmente enorme accrescimo de gordura (5,064 por 100) e de hematina (11,428 por 100). A' suppressão das secreções normaes da pelle se deve attribuir taes accumulações de materias proteicas.»

« *A composição do sangue,* accrescenta o auctor, *varia conforme os periodos da molestia. Na época dos accessos, seus elementos são ainda mais abundantes;* e si forem praticadas abundantes sangrias verificar-se-ha que os mesmos elementos diminuem á proporção que se fôr depositando a materia tuberculosa. Mais tarde, poder-se-ha annunciar até nova febre de erupção si a tempo se fizer a analyse do sangue. »

O professor Kaposi tambem não occupou-se com o sangue dos morfeticos, e em seu livro apenas encontrei uma nota dos seus traductores, á qual já fiz referencia quando tratei das opiniões dos autores estrangeiros sobre a origem parasitaria da lepra. Não obstante repetirei as poucas palavras que podem ter applicação

---

[1] Conforme se está vendo, os autores que seguiram-se ao Dr. Paula Candido chegaram ao mesmo resultado, augmento de fibrina e da albumina, a que este autor havia primeiro chegado.

ao presente objecto: «As preparações executadas em nosso laboratorio por Baleser, com todas as precauções necessarias, mostraram constantemente: 1º *a integridade dos globulos vermelhos e dos globulos brancos;* 2.º *granulações de contorno limpido, muito numerosas moveis (de momentos rapidos) etc.*»

O Dr. Beirão (¹) ao oppor algumas duvidas ao emprego dos mercuriaes contra a «elephantiasis verdadeira» faz esta consideração: «.... geralmente fallando o sangue destes doentes é tão *diffluente e pobre*, ainda na presença de molestias inflammatorias, que me parece que taes preparados devem ser applicados com summa reserva e circumspecção.»

Passo agora a expor os estudos feitos entre nós sobre o sangue dos morfeticos.

Já tive occasião de mencionar a opinião do Dr. Paula Candido a este respeito. Para o notavel pratico brazileiro semelhante alteração não era uma circumstancia accessoria, porém o ponto capital, a base, a parte essencial das desordens pathologicas.

Si as palavras deste pratico não fossem bastante explicitas a tal respeito, como se póde verificar na sua memoria — *Reflexões sobre a morféa*, bastaria para comprovar o que digo a reclamação por elle apresentada á Academia Imperial de Medicina em sessão de 10 de Abril de 1845. Eis o que se passou (²): «Entrando este relatorio (³) em discussão, o Dr. Paula Candido estranha que, tendo elle lido na Academia uma memoria sobre a morféa, na qual manifestava a *sua opinião* de que esta molestia «*depende principalmente*

(¹) Obr. cit., pag. 94.

(²) Annaes de Medicina Braziliense.

(³) O relatorio apresentado pelo Dr. De-Simoni sobre as duas memorias do Dr. Faivre.

de uma alteração do sangue», se não faça menção della no Relatorio.»

Por ahi se vê quanta importancia ligava o Dr. Paula Candido á alteração do sangue consistente, na sua opinião, em augmento da fibrina, em albuminae de principios corantes.

No trabalho do Dr. De-Simoni, intitulado « Opinião dos medicos brazileiros ácerca da elephantiasis dos gregos » e ao qual por vezes tenho-me referido, encontra-se esta passagem: « Na occasião da leitura da memoria do Sr. Dr. Paula Candido, o Dr. Paula Menezes perguntou a este si as experiencias e observações relativas ao sangue dos morfeticos as fizera no principio da molestia ou depois de seu pleno desenvolvimento.

« O Dr. Paula Candido respondeu que a fizera neste segundo caso.

« Então o Dr. Paula Menezes fez sentir a duvida que havia, si a *alteração do sangue por elle assignalada* era causa ou effeito. »

No mesmo trabalho do Dr. De-Simoni encontra-se est'outra passagem: «..... e passando (o Dr. Nunes Garcia na sessão de 26 de Agosto de 1841) á explicação desta sua theoria da elephantiasis, disse que, sendo o systema arterial primitivamente affectado, o nervoso não tarda tambem a sel-o, e successivamente o lymphatico, e o cellular. — Admittia tambem uma *disposição particular do sangue* como causa concurrente para a producção da morféa, sobretudo para a *stase do sangue nos capillares* e para a *successiva formação dos endurecimentos*. — Contestou tambem a ideia da passagem do sangue para os vasos lymphaticos. »

Concluindo o seu trabalho, disse o Dr. De-Simoni: « Do acima exposto vê-se que a idéa dominante e quasi exclusiva dos medicos do Rio de Janeiro, até o appare-

cimento da memoria do Dr. Faivre, foi sempre a de considerar a morféa como uma affecção dos capillares do systema vascular sanguineo da pelle, e em geral como uma affecção de natureza inflammatoria: que só o Sr. Dr. Silva e o Sr. Dr. Paula Menezes professam a opinião de que esta molestia consiste principalmente na affecção dos capillares lymphaticos. »

O Dr. Aquino Fonseca (1) faz as seguintes referencias sobre a alteração do sangue morfetico: « Alguns dermatologistas creem que a séde do mal está no tecido da pelle; outros querem que a pelle não seja sua verdadeira séde, á vista dos symptomas que fazem crer que a natureza do mal depende de uma alteração organica igual. Nós partilhamos a opinião destes ultimos, a cuja frente se apresenta Pinel, e cremos que o mal depende da alteração do sangue, e que o estado da pelle não é senão um resultado dessa alteração.

« Já os medicos antigos, como Aretêo, Galeno, Aetius, etc., pensavam que o mal dependia de uma alteração do sangue; por isso aconselhavam as sangrias abundantes desde o principio da molestia; e nós temos tanto mais razão de crer que o mal depende de uma alteração, qualquer que ella seja, e que ainda não tem sido sufficientemente estudada, que notamos por vezes, antes que nenhuma alteração appareça na pelle, que os doentes têm movimentos febris, e languidez, etc.

« No estado actual, sem uma analyse do sangue (2), não é possivel dizer qual é essa alteração, nem talvez

---

(1) Obr. cit.

(2) As communicações feitas pelo professor Dumas ao Instituto de França, de que é um dos membros mais distinctos, no dia 1º de Julho ultimo, sobre a analyse dos globulos do sangue, e as investigações que promette ainda fazer para poder formar seu juizo sobre a grande discussão que desde muitos annos se agita entre Mess. Gay-Lussac e Magnus, de Berlim, nos deixam esperanças de que os medicos tirarão vantagens immensas de um estudo profundo dos globulos do sangue, e que da acção dos sacs sobre elles resultarão indicações therapeuti-

a possamos dizer, mesmo depois de perfeitas e reiteradas analyses: mas podemos nós explicar todas as alterações pathologicas? »

Nada mais encontrei.

Do exposto o que se infere é que a alteração do sangue, na opinião dos que ligam importancia a esse exame, consiste no augmento dos dous elementos, fibrina e albumina. Quanto aos globulos vermelhos, os que delles occuparam-se acharam-os no estado normal, e apenas Lamblin assignala a facilidade com que se encarquilham.

Admira, com effeito, que os praticos estrangeiros, armados como estão dos mais seguros instrumentos de investigações, tenham modernamente ligado aos estudos hematologicos nos doentes de molestia de pelle e sobretudo nos morfeticos, menos importancia do que succedia com os antigos praticos.

Seguramente procedem assim porque consideram o sangue o theatro das alterações secundarias, que não podem lhes servir de guia na solução de problemas pathologicos.

Reconhecer o alcance dos estudos hematologicos nos morfeticos seria no conceito de Bazin « tomar o effeito pela causa, e com isto fazer recuar e não adiantar a solução da questão ».

Si fosse permittido fundar sobre este conceito uma regra pathogenica, não se deveria ligar importancia alguma ao sangue anemico, ao sangue escorbutico, etc.

E quem nos affirma que por se não ter ligado importancia aos estudos hematologicos nas enfermidades da

---

cas de alta importancia. Com as observações do illustre professor da Escola de Medicina de Paris sobre a acção que exercem diversos agentes chimicos sobre os globulos, ja se póde até certo ponto explicar os phenomenos e máos effeitos produzidos pelo abuso das carnes salgadas, quo predispõe ao escorbuto e ás propriedades toxicologicas dos saes ammoniacaes.

(Nota do Dr. Aquino Fonseca.)

pelle, não se tem feito « recuar e não adiantar a solução das respectivas questões » ?

Sem querer entrar em questões de humorismo e de organicismo, pergunto: está acaso determinada a séde da morféa? E' nos solidos ou nos liquidos do organismo?

E' nos tecidos ou no sangue?

Si não se sabe onde é a séde da molestia, como condemnar *a priori* o estudo das alterações de um liquido que, seja como fôr, representa no organismo humano o mais importante papel?

No capitulo que tem por titulo: *Modifications de l'état du sang dans les maladies*, diz Bérard: « Entre essas modificações ha umas que são simples concomitancias do estado pathologico, mas não o constituem, são o *corpus delicti;* outros, pelo contrario, formam verdadeiramente a essencia, a natureza do mal; são o ponto de partida das perturbações supervenientes nas funcções e dos symptomas que observamos. » [1]

« No circulo das influencias reciprocas, diz Claude Bernard [2], que entretem a vida, cumpre assignar a cada uma a parte que lhe toca: os tecidos encontram no sangue os materiaes para a sua nutrição, comtanto que possam haurir; a elles pertence o papel activo: o sangue é inteiramente passivo; abandona o que se lhe toma, porém é preciso que os orgãos lh'o tomem.

« Si bem que, de accôrdo com as ideias de cada um sobre o papel do sangue nos phenomenos da nutrição, se não tenham levado sufficientemente em conta o papel dos tecidos e a força do desenvolvimento em virtude do qual elles se entretêm por um mecanismo

---

(1) *Cours de Physiologie*—tom. 3°, pag. 143.

(2) *Leçons sur les propriétés physiologiques et des alterations pathologiques des liquides de l'organisme*—tom. 1°, pag. 45.

identico ao de sua formação, é entretanto com muita razão que se tem collocado nas alterações do sangue a causa de grande numero de molestias. »

E' possivel que na morféa o ponto de partida, a primeira peça desconcertada (permitta-se-me a expressão), não seja o sangue; porém desconhecer e desprezar as graves perturbações que póde levar ao seio do organismo o sangue profundamente alterado e capaz de por si alimentar essas graves perturbações, é o que não me parece muito prudente, nem muito razoavel.

Recuar a solução da questão!

Recuada tem ella andado, e recuada continúa apezar das pesquizas histologicas de Ch. Robin, Lamblin, Virchow e outros.

Os trabalhos de Charcot sobre as lesões traumaticas dos nervos causaram séria impressão, e como que fizeram renascer a esperança de algum proveito em beneficio do tratamento da lepra.

Qual o resultado?

A solução verdadeira, a anciosamente esperada, a que interessa no maior gráo á sciencia e á humanidade, é certamente a da cura da morféa.

Entretanto, nem uma indicação mais, nem uma ideia util, nem um passo para a therapeutica da lepra, depois de realizados os mais profundos estudos, por meio do microscopio, sobre os tecidos do organismo leproso!

E quem nos diz que não são estes os que mais afastados andam da solução da questão, e os que mais a farão recuar, occupados em esmiuçarem as alterações terminaes dos tecidos, secundarias, terciarias, quaternarias?

Si a hematologia da morféa não operar o *fiat*, talvez consiga abrir á therapeutica desta enfermidade novos horizontes, novas indicações, encaminhando os esforços dos praticos em outro sentido menos esteril, inteira-

mente novo, não batido inutilmente, e não esgotado.

Bem ou mal inspirado, devo dizer que, para satisfazer uma ideia que tive, careci obter esclarecimentos da hematologia da lepra, entregando-me ás necessarias pesquizas. Nesta tarefa fui auxiliado pelo Dr. Martins Costa, que foi o primeiro a sorprehender no sangue dos morfeticos uma alteração até aqui ignorada.

Examinavamos um leproso, meu doente, de fórma tuberculosa, quando o Dr. Martins Costa verificou que havia no sangue deste doente *notavel augmento de globulos vermelhos*, chamando para o facto minha attenção, o que me permittiu verifical-o tambem.

Passando a examinar, dias depois, outro doente tambem de formula tuberculosa (em pleno 2° periodo), este collega observou o mesmo facto.

Para este exame servimo-nos do *conta-globulos á camara humida graduada* de Mallassez, que o Dr. Martins Costa, havia pouco, trouxera de Paris.

Como então me faltassem mais casos, o collega pediu permissão para examinar o sangue de leprosos recolhidos ao hospital de Lasaros da Côrte, permissão que lhe foi prompta e delicadamente concedida.

Regressando do hospital, disse-me elle : « Não ha duvida ; no sangue dos morfeticos encontra-se *notavel augmento de globulos vermelhos*. »

Ahi o exame fôra praticado em doentes de fórma tuberculosa e de fórma anesthesica, sendo o resultado o mesmo em uns e outros.

Quanto ao alcance que eu ligava ao resultado de taes pesquizas, não é tempo ainda de o dizer.

Tanta importancia liguei ao facto que, reflectindo que tanto os meus doentes como os do hospital já estavam influenciados por varias medicações, resolvi proseguir no estudo, e para isso parti sem demora para a pro-

vincia de S. Paulo, tendo tido a felicidade de ser acompanhado pelo Dr. Pedro Paulo.

Alli examinámos seis doentes recolhidos ao hospital da capital (eram sete, mas um delles negou-se ao exame), e em todos encontrámos mais ou menos consideravel augmento de globulos, porém sempre augmento.

Seguimos para Campinas, em cujo hospital examinámos 17 doentes, sendo acompanhados pelo Dr. Candido Barata: sempre augmento de globulos vermelhos.

Em Campinas o Dr. Barata nos apresentou a um morfetico de fórma tuberculosa, o qual, depois de inuteis sacrificios para obter melhoras na França e na Allemanha, recolhêra-se ao seu domicilio, inteiramente desanimado.

Neste doente, em começo do 3º periodo, encontrámos o numero de 12.750.000 globulos vermelhos! Tão extraordinario nos pareceu este numero, que tomámos sangue de outro dedo, e, procedendo a novo exame, verificámos que havia 12.720.000 globulos vermelhos.

Nunca observámos *(inclusive* o Dr. Martins Costa) tendencia dos globulos para a deformação, e apenas em alguns doentes apresentavam-se menores que de costume.

Não obstante o Dr. Pedro Paulo e eu seguimos até Sorocaba, onde nos constava haver aldeias de morfeticos.

Ha, effectivamente, aos lados de Sorocaba duas aldeias, denominada uma Arvore Grande e a outra Serrado.

Na Arvore Grande onde estivemos, sendo acompanhados pelo Dr. Lopes Monteiro, clinico em Sorocaba, examinámos 17 doentes dos 21 que ahi vivem alojados em miseraveis choças.

São creaturas que não resguardam-se do sol nem da chuva, comem de tudo e não raramente entregam-se ás bebidas alcoolicas.

Desenganados como vivem da efficacia de qualquer tratamento, nada tentam e rendem-se á fatalidade.

Por isso não admira que a lepra, encontrando os mais favoraveis elementos, houvesse assumido nesses doentes as mais graves proporções.

Alli observei as duas principaes fórmas de modo o mais accentuado.

Um dos doentes, homem de 28 annos de idade, apparentemente robusto, apresentava a fórma tuberculosa como nunca vi em outro doente, nem encontrei desenhada em estampas. Lamentei achar-me em condições de não ter podido obter o desenho desse doente. Os pontos de eleição eram a séde de tuberculos muito desenvolvidos, que lhe alteravam profundamente a physionomia.

Quasi por todo o corpo deste doente havia grandes tuberculos, nos braços, nas costas, nas nadegas e nas pernas : o que ha de mais exagerado nesta fórma.

Da outra fórma, a anesthesica, encontrei tambem um caso curiosissimo : um doente de côr preta apresentava uma hemi-anesthesia completa, geometrica. Uma linha batida de cima para baixo dividia o corpo em duas partes, uma direita perfeitamente sensivel, outra esquerda completamente insensivel.

Dir-se-hia um homem meio são e meio morfetico.

O doente apresentava muitas manchas pelo corpo, significativas da molestia. Do lado que parecia são, além das manchas, notei os dedos da mão afilados e com a pelle enrugada, e alguma atrophia dos musculos da mão.

Em um menino de 7 annos de idade, cuja mãi succumbira alli mesmo, não havia muito tempo, á mesma

molestia, notei o que já tenho observado em outros meninos nos quaes a morféa é evidentemente hereditaria: antecipação do 3º periodo, isto é, precocidade dos phenomenos trophicos.

Pelo exame do rosto hyperhemiado e vultuoso, e das orelhas cujos lobulos estavam bastante espessados, era-se induzido a acreditar que seria a tuberculosa a fórma da lepra naquelle pequeno.

O 2º periodo não estava, pois, formado, e no emtanto já havia, além da ozena leprosa, ulceras no braço esquerdo e nos dedos das mãos e dos pés.

Já tive occasião de referir-me á anticipação do 3º periodo nos meninos que tiveram a lepra em herança.

Nos 17 doentes da Arvore Grande muitas outras circumstancias encontrei dignas de nota, bem como modalidades muito curiosas, que não me cabe indicar neste trabalho, que não tem caracter propriamente clinico.

Aquelles morfeticos vivem em commum e cada um possue o seu cavallo em que ao sabbado transporta-se á cidade de Sorocaba, onde vae esmolar os meios de subsistencia para a semana immediata.

Lá os vi pelas ruas, esparsos, trazendo nas mãos um copo de Flandres no qual recebiam a esmola, que ao morfetico, como ao cego, não se nega.

Entre elles havia um de fórma anesthesica em periodo adiantado, tendo já forte retracção digital, que nesse estado se havia casado, havia um mez, com uma morfetica tão ou mais enferma do que elle!

Porque casou, perguntei-lhe eu, em tal estado?

« Para ter quem me ajudasse, respondeu-me o infeliz. »

Estes individuos vivem em completo ocio, e não obstante não consta que sejam por alli offensivos a pessoa alguma.

Apezar do que ha de profundamente triste em uma sociedade como aquella, em que todos assistem à marcha sempre crescente da molestia e em que cada um é a cada momento advertido de sua fatal e miserrima terminação; apezar daquelle espectaculo indescriptivel, não só (tal é a força do habito e o poder da resignação) estes doentes vivem conformados, como até procuram distrahir-se entregando-se periodicamente a bailes. Nestas festas do minotauro os infelizes entregam-se a grandes libações e a danças cynicamente desenfreadas.

Com a nossa presença alli, os exames a que procedemos, o modo como os tratámos, o interesse que julgaram encontrar em nós por sua situação, pareceu-nos que se haviam impressionado favoravelmente, e até que tinham sentido atravessar-lhes o espirito, aliás tão descrente, um raio de esperança.

Pois bem, nos 17 doentes da Arvore Grande encontrámos a mais completa confirmação do augmento consideravel de globulos vermelhos.

Tem sido tão constante este resultado nos doentes examinados, que não tenho o menor receio de affirmar o augmento de globulos vermelhos, considerando o facto como uma conquista de hoje em diante para a sciencia.

Releva acccrescentar que as alterações apresentadas pelos morfeticos de fórma tuberculosa são identicas ás encontradas nos de fórma anesthesica, o que constitue mais um argumento em favor da identidade substancial das duas principaes fórmas morfeticas.

Afim de fixar os limites do augmento dos globulos sanguineos nos doentes em questão, tomo do livro em que o Dr. Martins Costa tem lançado o resultado de seus exames a seguinte nota :

Homem ([1]) — 38 annos, tres annos de molestia — fórma anesthesica, com atrophia dos musculos das mãos — retracção digital — (depauperado).......	5,310,000
Mulher — 27 annos — 20 annos de molestia, apresentando tambem elephantiasis dos arabes — (muito depauperada)............................	4,850,000
Homem — 52 annos — anno e meio de molestia — 1º periodo e já em começo de tuberculisação....................	7,410,000
Homem — 36 annos — cinco annos, fórma anesthesica, com atrophia dos musculos da mão direita e retracção digital..................................	7,500,000
Menino—9 1/2 annos — dous annos de molestia — fórma tuberculosa...........	7,530,000
Mulher — anno e meio, 1º periodo..........	8,450,000
Homem — 18 annos — dous e meio annos de molestia — fórma tuberculosa.....	8,310,000
Homem — 35 annos — tres annos de molestia — fórma tuberculosa..........	5,750,000
Menina — 11 annos — fórma anesthesica — atrophia dos musculos das mãos e retracção digital.....................	6,380,000
Mulher — dous e meio de molestia — fórma tuberculosa.........................	8,210,000
Mulher—19 annos—seis annos de molestia (irmã da immediatamente antecedente) com atrophia dos musculos das mãos e retracção dos dedos................	6,110,000

([1]) Por dever occulto seus nomes, que aliás constam do livro de observações.

Mulher—25—annos, seis annos de molestia (a doente foi apresentada pelo Dr. Gabizo)................................	4,540,000
Menino (1) 10 annos (apresentado pelo Dr. Barbosa Romeu), dous annos de molestia— fórma tuberculosa..	5,760,000

Por esta relação, que é a dos doentes submettidos aos meus cuidados, com excepção de uma doente, se póde avaliar quanto augmenta na lepra o numero de globulos vermelhos, cabendo-me accrescentar que temos observado este augmento no 1° periodo, mesmo em estado adiantado, como era o do doente de Campinas, que não figura (o de 12,750,000 globulos vermelhos) nesta relação.

Em uma de minhas doentes, porém, o Dr. Martins Costa encontrou apenas 2,980,000 globulos vermelhos. Soffria esta doente de lepra tuberculosa ha oito annos, e apresentava na occasião do exame o mais adiantado periodo da molestia, mas já em estado cachetico, o que explica a reducção de globulos sanguineos (2).

---

(1) Filho de paraguaya.

(2) Depois de ter chegado áquelle estado de cachexia, a doente conseguiu rehabilitar as suas forças e recuperar todas as suas funcções. De incapaz que estava para praticar os movimentos reclamados pelo simples andar em casa, que desafiavam tonteiras, tornou-se apta para a labutação domestica.

Casada aos 17 annos de idade, conta agora 29 annos. Seu rosto apresentava a disformidade propria da molestia em virtude dos tuberculos que se formaram. Sobre o nariz havia um grande tuberculo e as orelhas eram disformes. Além da ozena morfetica, havia ulcera sobre o bordo nazal e sobre os labios. Os dedos das mãos e os cotovelos tambem apresentavam ulceras que ora saravam, não todas, ora persistiam : estas ulceras datavam de cinco annos.

Tinha desde algum tempo os pés edemaciados. De dias em dias appareciam-lhe dores pelas pernas, dores que se aggravavam para a tarde, vindo acompanhadas de febre : então eu notava ao longo dos cordões lymphaticos uns pequenos nós, de distancia em distancia, muito doridos. A crise mensal se lhe tinha desapparecido havia tres annos. Teve ha um anno o primeiro insulto de irido-choroydite morfetica, desde então se repetiram periodicamente os accessos da inflammação ocular. A doente apresentava um phenomeno proprio dos tisicos, ou antes proprio de quem chega a tal extremo de miseria physiologica : o suor do somno : vez alguma dormia que ao despertar não carecesse mudar as roupas, o que fazia varias vezes durante a noite.

Nella as ulceras sararam de uma vez. Não tem mais insensibilidade como tinha em varios pontos do corpo, e sobretudo nas orelhas, no rosto e nas mãos.

Não é sómente sobre os globulos sanguineos que têm versado nossos exames; temo-nos igualmente occupado com o exame da hemoglobina, dos saes e gazes do sangue, do producto da respiração, e da secreção urinaria.

Estas investigações, algumas das quaes nunca, que me conste, foram tentadas, nos têm proporcionado resultados igualmente importantes, mas que, por estranhos ao assumpto, deixo de inserir no presente trabalho.

Como resultado definitivo, perfeitamente averiguado, fica consignado o augmento consideravel dos globulos vermelhos do sangue dos morfeticos, visto ser esse mesmo resultado que me vai servir de termo de comparação com o obtído do exame do sangue syphilitico.

Devido sem duvida á pouca importancia que se tem ligado aos estudos hematologicos nas enfermidades diathesicas, nota-se que não andam muito adiantados iguaes estudos na diathese syphilitica.

Além disto como a therapeutica acha-se de posse de recursos efficazes contra a syphilis, os investigadores têm alimentado quanto a esta molestia menos preoccupações, certamente porque consideram, no que lhes reconheço razão, que a cura das molestias é a suprema aspiração da medicina.

A crise mensal so restabeleceu completamente. Cessaram os suores do somno actualmente o quo tem é franca transpiração cutanea ao exercicio.

Goza de actividade physica, passeia, o se alimenta bem. Faz em sua casa quasi todo o serviço domestico.

Tudo isto tem a doente conseguido em sua propria casinha, quo era então á rua da Ajuda, de onde mudou-se não ha muito para uma travessa que vai ter a essa mesma rua.

As condições de pobres têm sempre impedido á doente o emprego de melhores cuidados hygienicos. Naquellas condições, si a hygiene não pode tudo, é um auxiliar imprescindivel.

Têm conhecimento desse facto os bem conhecidos clinicos Drs. Torres Homem, Barbosa Romeu, T. Brandão e Martins Costa.

Sobre a hematologia da syphilis, o que encontrei de mais positivo foram os quadros confeccionados pelo Dr. Ricord, notavel syphilographo, os quaes transcrevo em seguida.

Para base do exame do sangue dos syphiliticos o Dr. Ricord [1] tomou o calculo de Becquerel e Rodier que dão como média dos globulos no homem 140,0.

1º CANCRO

	1ª sangria	2ª sangria após 30 dias de tratamento pelo iodureto de potassio
Agua	796,6	774,2
Fibrina	3,0	3,3
Albumina	104,5	113,5
Globulos	95,9	109,0
	1000,0	1000,0

2º CANCRO

	1ª sangria	2ª sangria após 8 dias pela mesma substancia	3ª sangria depois de 30 dias do mesmo tratamento
Agua	797,0	794,6	784,0
Fibrina	3,0	3,5	3,5
Albumina	106,0	95,2	84,0
Globulos	94,0	106,7	128,5
	1000,0	1000,0	1000,0

---

(1) Leçons sur le chancre, professées par le Docteur Ricord et redigées et publiées par Fournier.

3º CANCRO

	1ª sangria	2ª sangria após 20 dias do tratamento pelo iodureto de potassio
Agua	797,3	768,6
Fibrina	2,4	2,4
Albumina	123,9	87,0
Globulos	76,4	142,0
	1000,0	1000,0

4º CANCRO DURO; ROSEOLAS

	1ª sangria	2ª sangria após 25 dias do tratamento pelo proto-iodureto de mercurio
Agua	769,7	765,0
Fibrina	2,6	3,5
Albumina	102,6	106,0
Globulos	125,1	125,5
	1000,0	1000,0

5º CANCRO DURO; SYPHILIDES

	1ª sangria	2ª sangria depois de 8 dias de tratamento pelo proto-iodureto de mercurio
Agua	769,5	784,4
Fibrina	3,1	3,6
Albumina	102,6	89,7
Globulos	124,8	122,3
	1000,0	1000,0

6º CANCRO DURO

	1ª sangria	2ª sangria depois de 19 dias de tratamento pelo iodureto de potassio	3ª sangria depois de 28 dias do tratamento pela mesma substancia
Agua......	789,5	768,7	796,9
Fibrina....	4,7	3,8	3,5
Albumina..	115,4	121,0	68,0
Globulos...	90,4	106,5	131,6
	1000,0	1000,0	1000,0

Vê-se, pois, como diz o autor que citamos, a albumina augmentar e os globulos diminuirem. Esta diminuição póde mesmo ser consideravel, como provam os tres exemplos seguintes:

7º CANCRO DURO; ROSEOLAS

	1ª sangria	2ª sangria depois de 12 dias de tratamento
Agua	830,7	759,5
Fibrina...................	2,4	2,5
Albumina	108,0	110,5
Globulos	58,0	127,5
		1000,0

8º CANCRO DURO

Agua............................	815,1
Fibrina............................	3,2
Albumina..........................	126,7
Globulos..........................	55,0
	1000,0

9º CANCRO DURO; SYPHILIDES MACULOSAS

Agua..............................	821,2
Fibrina...........................	3,0
Albumina..........................	127,5
Globulos..........................	48,3
	1000,0

Traduz-se a influencia do virus syphilitico por uma diminuição dos globulos e augmento na proporção da albumina; não ha alteração capital no sangue dos individuos que se acham sob a influencia do virus venereo.

O Dr. Fournier observa que « os exemplos apontados sómente referem-se ao começo da infecção, isto é, ao *periodo em que a penetração do virus na economia e sua irradiação no organismo se revelam por phenomenos de chloro-anemia* e não aos estados mais adiantados, a menos que a molestia tenha chegado ao seu periodo de cachexia. Estes resultados não são, pois, a expressão da constituição do sangue syphilitico em todos os periodos desta molestia. Após o periodo da chloro-anemia o sangue volta à composição normal. »

Eis-ahi: na lepra se encontra augmento consideravel dos globulos sanguineos, ao passo que na syphilis succede o contrario.

Na lepra se observa este augmento desde « o primeiro até o estado o mais adiantado do terceiro periodo », e só ha reducção do corpo globular no estado cachetico (4º periodo de Bazin) quando a nutrição decahe em virtude das profundas alterações organicas, cavadas pela molestia; notando-se, como é sabido,

que esta anemia é peculiar do estado cachetico de todas as enfermidades diathesicas.

Na syphilis, porém, ha diminuição de globulos sanguineos emquanto dura a chloro-anemia syphilitica, propria do primeiro periodo, e sómente depois de passado este é que o numero de globulos torna ao « nivel normal » : no periodo ou estado cachetico sobrevem ainda a anemia, como é de regra.

Conforme se vê, pois, em periodo algum da syphilis o numero de globulos vae além do normal, e pelo contrario o que se observa é tendencia para a diminuição.

Eis-ahi o parallelo estabelecido: eis as tendencias das duas enfermidades, a morféa e a syphilis, que não são congeneres, mas pertencem pela sua propria evolução a grupos differentes.

Como se póde admittir, attentas as suas indoles, que uma se funda na outra, que uma produza a outra, que uma degenere na outra, que uma seja a successora da outra ?

Não o podendo admittir á vista das razões que produzi, continuarei a acreditar que a syphilis é syphilis, e a morféa é morféa.

Origem parasitaria.— Cabe entre nós ao Dr. Martins Costa a precedencia deste estudo. Foi, com effeito, o primeiro a examinar, que me conste, os parasitas porventura existentes no sangue dos morfeticos.

Sobre este ponto transcrevo fielmente a communicação que me fez este medico investigador.

« Recahiram as analyses sobre o sangue de tres doentes, dos quaes dous soffriam de lepra tuberculosa e um da anesthesica.

« Para evitar erros tomamos as seguintes precauções : 1°, examinamos préviamente o sangue de individuos sãos sob o ponto de vista da existencia de parasitas analogos aos descriptos no exame dos leprosos, e

nada encontramos de semelhante; 2º, lavamos a lanceta de que nos servimos em alcool phenicado, e em seguida passamol-a sobre a chamma de uma lampada a alcool; 3º, as partes cutaneas, onde tivemos de fazer picadas, foram préviamente lavadas com alcool phenicado e bem enxugadas; 4º, as laminas porta-objecto, bem como as de cobrir, que serviram para as nossas preparações, foram todas lavadas no alcool phenicado, e passadas pela chamma da lampada a alcool.

« Em primeiro logar exporemos englobadamente, attenta a identidade dos resultados, o que encontramos no sangue dos doentes de lepra tuberculosa e em continuação no do doente de lepra anesthesica.

« *Lepra tuberculosa: sangue de tuberculos da face e da orelha.*—O exame microscopico revelou-nos: 1º, que havia integridade morphologica das hematias e leucocytos; 2º, a existencia de numerosas granulações claras, punctiformes, de centro brilhante e contorno ligeiramente escuro, umas dotadas de movimentos rotatorios e de progressão muito rapidos e outras immoveis; 3º, numerosos bastonêtes ou bacellos pequenos, regulares, moveis, e bacellos irregulares, esgalhados, immoveis.

« *Sangue da extremidade dos dedos.*—Encontramos granulações claras, punctiformes, analogas ás precedentes, porém em menor numero, e raras granulações moveis. Alguns bacellos esgalhados, tendo em uma ou outra extremidade adherente uma pequena granulação punctiforme.

« *Lepra anesthesica.*— O exame foi feito sobre o sangue retirado não só de picadas sobre as placas de anesthesia cutanea, como das extremidades digitaes. Eis o que observamos: 1º, grande numero de granulações claras de contorno ligeiramente escuro, analogas ás encontradas na lepra tuberculosa, dotadas

de movimentos rapidos, ora rotatorios, ora de projecção.

« Disseminadamente cadeias de monadas justa-postas em numero de duas a tres no maximo. Bastonêtes moveis pouco numerosos e alguns moveis. Hematias e leucocytos morphologicamente normaes.

« Do exposto deduz-se que as nossas analyses confirmam até certo ponto os exames anteriores do Sr. Armauer Hansen, bem como os dos Srs. Hillairet e Gaucher. Confirmam os exames do Sr. Armauer Hansen quanto á natureza dos parasitas e sua existencia nos tuberculos dos leprosos, não concordando, porém, com as desse observador no tocante á existencia dos mesmos parasitas no sangue fresco dos leprosos, que elle nunca pôde descobrir.

« Os resultados obtidos do exame do sangue dos nossos doentes de lepra tuberculosa são, sob o ponto de vista da analyse microscopica, analogos aos dos Srs. Hillairet e Gaucher, excepto o desenvolvimento e multiplicação dos parasitas cuja cultura ainda não tentamos.

« Ha, porém, um lado em nossos estudos que parece-nos novo: é o do estudo comparativo da lepra tuberculosa com a lepra anesthesica, hematologicamente.

« Nossas analyses revelaram nos doentes das duas fórmas o seguinte: 1º, a existencia do mesmo parasita no sangue de um e de outro, o que faz acreditar na identidade da natureza morbigenea; 2º, o excesso de bacellos no sangue dos tuberculos, ao passo que encontra-se pequena quantidade delles no extrahido das extremidades dos dedos e no da lepra anesthesica, o que póde fazer pensar que a quantidade de bacellos não é indifferente ás alterações cutaneas da molestia.

« Sobre este ponto nada affirmamos, aguardando ulteriores investigações no mesmo sentido. »

Aqui termina a communicação do Dr. Martins Costa.

O que poderei inferir de suas investigações? Que concurso prestam para a elucidação da origem parasitaria?

Por emquanto, penso, não esclarecem o assumpto. Com effeito, não se póde ainda definir o papel dos parasitas encontrados, e nem se sabe em que qualidade alli estão, si de causa das modificações leprosas, si de effeito das profundas alterações do processo nutritivo.

Em outros termos, não permittem descobrir, conforme eu já disse, as relações pathogenicas entre os parasitas encontrados e a evolução da enfermidade.

Infelizmente os estudos do Dr. Martins Costa recahiram sómente em doentes já em estado adiantado, e nenhum póde elle fazer em quem estivesse no primeiro periodo, á falta de pessoa que nos procurasse no começo da molestia.

Comquanto eu não propenda, devo confessar, para admittir a origem parasitaria da lepra, sobretudo depois do que me têm revelado outros exames, não abandonarei comtudo este elemento etiologico da molestia, contando principalmente com a coadjuvação de tão estudioso e esforçado collega.

Regimen alimentar.—Como os autores estrangeiros, os autores e medicos brazileiros entendem diversamente a influencia que possa ter na producção da morféa o regimen alimentar.

Na opinião de uns esta influencia é tudo; na de outros figura simplesmente como causa predisponente; e na de alguns, finalmente, é nulla.

Não me occuparei por emquanto da opinião dos primeiros, os que acreditam no poder que têm certos alimentos de produzir a morféa, e passarei a tomar em consideração as duas outras opiniões.

São a carne de porco e o peixe os principaes alimentos increpados, vindo em segundo plano o milho, os oleosos e as bebidas alcoolicas.

Para simplificar a minha tarefa occupar-me-hei sobretudo da carne de porco e do peixe, si bem que conte, sempre que se me offerecer opportunidade, abranger nas minhas reflexões os demais alimentos.

Os que contestam á carne de porco aquella influencia, fundam-se em duas razões : 1.ª Si esta carne gerasse a morféa, observam elles, muito maior seria o numero de leprosos nas localidades onde a carne de porco constitue a base do regimen alimentar ; 2.ª A morféa é encontrada sob o caracter endemico em logares onde se não faz uso de tal carne.

A estas duas razões accrescentam uma 3ª os que innocentam o regimen ichthyophago, e vem a ser: em alguns pontos onde o peixe constitue a base da alimentação, não se observa um só caso de morféa.

Passo a tomar em consideração cada uma destas razões.

Quanto á 1ª razão:

O valor deste argumento é mais apparente do que real. Os que condemnam a carne de porco, não affirmam que ella actue sobre o organismo humano á maneira de um virus.

Ora, si a propria acção de um virus não é constante, não é certa, nem infallivel, porque ha organismos, e felizmente em grande numero, que furtam-se a ella, como exigir que sejam constantes os effeitos de um alimento considerado como causa de uma enfermidade?

Do ataque em umas pessoas e da innocuidade em outras originou-se a ideia da «predisposição», palavra substituida actualmente pela de «receptibilidade».

Discutindo a predisposição, cita Baglivi «a circumstancia mui importante de não serem acommettidos de manifestações da syphylis todos os que foram ter ao mesmo fóco de infecção syphilitica ; cita ainda o não serem acommettidas de peste todas as pessoas que praticaram a caridade de assistir aos pestilentos ; e finalmente o facto comesinho de não soffrerem a pena da glutonaria todos os que estiveram assentados á mesa do deboche.»

Appello para as epidemias e mesmo para as endemias. Quando reina uma molestia epidemica, a presumpção é que todos os habitantes da localidade infeccionada acham-se sob a influencia do germen ou principio epidemico; os organismos são como assaltados pela mesma causa, e a susceptibilidade organica é n'esta conjunctura de subito provocada, bruscamente, o que a expõe a exceder-se e a extraviar-se mais promptamente do que quando prepara-se ou tem folga para receber a impressão estranha, porém moderada, graduada. Pois bem, o que se observa então naquellas circumstancias? Apezar da violencia do ataque inopinado e brusco, muitos organismos, a maioria quasi sempre, contêm-se, dominam-se e incolumes atravessam a calamitosa quadra.

Emquanto muitas pessoas succumbem, outras apresentam apenas ligeiras perturbações de seus organismos, e muitas e muitas outras nada soffrem, não obstante estarem todas sob a acção da mesma causa epidemica.

Nas endemias, em que a causa morbida é permanente, mas em que os organismos têm vagar para preparar elementos de resistencia, ainda mais se accentua a immunidade que muitas pessoas apresentam.

Carecerei recordar o que constantemente nos offerece á observação o miasma palustre? Casos de febre in-

termittente aqui, casos de continua paludosa alli, casos de febre perniciosa acolá, d'entre uma população influenciada pela mesma atmosphera palustre.

« Desgraçadamente, diz Bouchut [1], não succede em medicina como nas sciencias physicas, em que se observa uma relação constante entre as causas e os effeitos. Na sciencia medica tal subordinação não existe, e por isso não se póde concluir rigorosamente da existencia de uma causa para um effeito determinado, porque o corpo, sendo parte activa na producção do phenomeno, póde resistir á impressão morbida de modo a impedir-lhe as manifestações habituaes. Entre a impressão de um agente physico facilimo de se verificar, como sejam o frio, o calor e o humido, e a molestia que póde ser o effeito, ha um intermediario; é o homem com a sua impressionabilidade, a sua força de resistencia e de reacção particular, poderosissimo intermediario que accrescenta um terceiro termo á relação philosophica entre as causas morbidas e os effeitos, a modifica e torna duvidosa e contestavel em virtude de sua variedade, um phenomeno cuja existencia é no emtanto manifesta. Em medicina, accrescenta o autor, as mesmas causas não produzem constantemente effeitos semelhantes, em razão daquelle intermediario vivo, cuja opportunidade de reacção não é sempre a mesma. »

Si os germens de infecção e si o proprio virus não tem effeito constante, como exigir que uma substancia destinada a ser assimilada pelo organismo, como é o alimento, determine com mais frequencia um effeito que não é o seu, não é o proprio de sua acção, e que, pois, não tem com esta relação alguma?

---

[1] Nouveaux éléments de pathologie générale, etc., pag. 28.

Attendendo, portanto, ao que a experiencia tem demonstrado ao ultimo grão de evidencia, e aos principios scientificos que estão com aquella de perfeito accôrdo, julgo não estar em erro quando disse que era mais apparente do que real o valor da primeira razão.

Quanto á 2ª razão: apparecer a morféa onde a carne de porco não constitue a base do regimen alimentar.

Si a carne de porco fosse a unica causa a que se tem attribuido a morféa, seria procedente esta segunda razão ; ora, é exactamente o contrario que succede: não ha um só autor que tenha considerado a carne de porco como a causa unica da lepra ; e desde que ha outras, não é de estranhar que a molestia tambem se desenvolva onde funccionarem estas causas.

Passo á 3ª razão, a apresentada pelos que defendem o regimen ichthyophago.

Reflectem elles: si o peixe é capaz de gerar a morféa, como explicar a não existencia da molestia em logares onde o peixe constitue a alimentação quasi exclusiva?

Para que este argumento tivesse a força que á primeira vista inculca, seria necessario que primeiro se estabelecesse identidade entre as condições de todos estes logares.

Pergunto eu: está por ventura bem averiguada a igualdade do regimen ichthyophago em umas e em outras localidades, onde existe a morféa e onde não existe? Serão os habitos dos habitantes de umas iguaes aos das outras? Estará estudada a composição de tantas variedades de peixes?

Os peixes usados nas localidades onde reina a morféa são da mesma qualidade dos usados nas em que não existe esta molestia? Nos logares onde não apparecem

casos de morféa o regimen será exclusivamente ichthyophago?

Offereço desde já um exemplo: nas praias de Sergipe, comquanto os habitantes entreguem-se tambem a uma pequena cultura, a occupação geral é a pescaria, entrando o peixe por muito na alimentação de todos elles. Entretanto não se póde dizer que a alimentação seja exclusivamente ichthyophaga: os habitantes reservam parte de suas pescarias, preparam o peixe, levam-o ás feiras, e com o producto compram alguma carne secca, farinha e mais arranjos da vida. Além de sobrios, e de usarem sómente de peixe fresco e de varias qualidades, accresce que sua alimentação não é rigorosamente ichthyophaga. Por lá, com effeito, não ha morféa.

Conforme eu já disse, firmado na longa experiencia de um clinico conceituado, não ha morféa em toda a região percorrida pelo alto S. Francisco, onde aliás o peixe é grande factor da alimentação.

Alli tambem recorrem á carne, á caça, etc.

Serão estas as condições dos logares maritimos onde a lepra é endemica?

No Baixo S. Francisco, si abunda o peixe, não falta a carne. Os habitantes preparam uma carne de vento, que tive occasião de ver em um mercado de Penedo. Com o producto da venda desta carne compram os artigos de que carecem.

Será crivel que tendo elles este recurso, que tendo carne de gado, se alimentem exclusivamente de peixe? Por alli não ha morféa.

Apresento estes exemplos no intuito de mostrar que podem variar muito as condições dos logares maritimos.

Dado mesmo que em todos os logares maritimos o regimen alimentar consistisse exclusivamente em

peixe, ainda assim a 3ª razão não vale o que parece. Os peixes têm todos a mesma composição? Independente de qualquer analyse póde-se responder com segurança: não têm.

Que o diga o povo que das qualidades dos peixes tem melhor a experiencia, do que nós os medicos o conhecimento. O povo de cada localidade indica um por um os peixes *carregados* e os que os doentes podem comer impunemente. A este respeito nós os medicos não vamos tão longe.

Os peixes *carregados* são os que «bolem com os humores», e por isso defesos a quem soffrer de feridas, de syphilis, ou de qualquer molestia de pelle.

A esta classificação popular do peixe corresponde uma outra da carne. Na expressão popular ha tambem *carnes carregadas*, por exemplo a de porco. A de capivara, essa é *carregadissima*. Em Agosto passado estava eu na fazenda de um amigo, para o lado de Cantagallo, quando alli se fez uma caçada de oito capivaras. Desejando obter oleo desses animaes [1], empreguei varios pretos na tarefa de o colher; e como eu notasse que a carne era de boa apparencia, perguntei-lhes se a não comiam: «Não comemos, responderam-me, porque a carne da capivara é muito carregada e faz apparecer molestias na pelle.» Note-se que é esta a voz geral a respeito da capivara, que, cumpre accrescentar, é muito rica de gordura.

---

[1] Em alguns pontos do interior da provincia do Rio de Janeiro o oleo de capivara é muito procurado pelo povo, que o emprega nas molestias pulmonares chronicas. Contam delle muitas virtudes. Creio que este oleo poderia substituir perfeitamente o oleo de figado de bacalhão, e talvez com mais vantagem. Em um moço tuberculoso, que achava-se recolhido á Casa de Saude de N. S. da Ajuda, ao qual administrei o oleo de capivara, observei sua efficacia. De muito enfraquecido que estava este doente começou a readquirir forças que o habilitaram a abandonar o leito, onde permanecia diariamente, podendo retirar-se para a provincia de S. Paulo, onde residia um parente que para alli o attrahiu.

Voltemos ao estudo do peixe.

« Enganar-se-hia [1] quem acreditasse que os peixes têm uma construcção uniforme. O exame, mesmo superficial, de suas principaes particularidades anatomicas, nos revela pelo contrario disposições tão variaveis como notaveis, entre as quaes ha algumas muito importantes debaixo do duplo ponto de vista da physiologia e da anatomia comparadas.

« Devido a estas disposições, cujo estudo tem muitas vezes conduzido a resultados scientificos inteiramente inesperados, é que os naturalistas empenham-se em conhecer, anatomica e physiologicamente, os numerosos generos da classe dos peixes. A utilidade que muitos destes animaes prestam ao homem e o interesse geologico que se prende ao exame das especies extinctas, fazem tambem da ichthyologia um ramo importante da zoologia. »

A essa variedade dos peixes não corresponderão, não direi outros tantos effeitos, mas varios effeitos, quando empregados na alimentação do homem ?

Parece que sim, e no emtanto a hygiene não entra em maiores indagações a este respeito, e por isso, englobando os peixes-alimentos, sómente menciona á parte o peixe-veneno.

Moysés, como já tive occasião de dizer, considerava immundos os peixes que não tivessem barbatanas, nem escamas, e prohibia que os Hebreus comessem de taes peixes, permittindo-lhes sómente o uso dos que tivessem barbatanas e escamas, tanto os do mar como os dos rios e lagos. Deste modo os peixes de pelle lisa, vulgarmente chamados de couro, eram

---

(1) *Zoologie médicale. Exposé methodique du règne animal basé sur l'anatomie, l'embryogenie et la paleontologie. Par M. M. Paul Gervais et P. I. Van Beneden*, Tom., 1º, pag. 224.

interdictos aos Hebreus, razão por que declarei que a prohibição hygienica de Moysés não se limitara á carne de porco, mas estendera-se aos peixes « sem escamas, nem barbatanas ».

Hippocrates, que considerava os peixes um alimento brando, os dividia em peixes pesados e leves; pesados eram os de lagôa, os gordos e os de rio; e leves os do mar, e mais ainda cozidos do que passados.

De accôrdo com essa divisão o pai da medicina indica a pag. 549 (tom. 6º) os nomes dos peixes leves e os dos pesados. Considerava prejudiciaes e pesados para o corpo humano os peixes que se creavam e se nutriam de aguas lodosas. Os peixes mucilaginosos eram, em sua opinião, humectantes e evacuantes (pag. 551); contra a *terceira phtysica* aconselhava (tom. 7º pag.199) os peixes cartilaginosos.

Os hygienistas têm simplificado por demais a parte que representam os peixes na alimentação do homem: tudo, na sua opinião, se reduz a maior ou menor digestibilidade da sua substancia. A circumstancia extraordinaria de causarem os peixes em uma localidade certa molestia de pelle e em outros pontos differentes molestias, bem como a de serem innocentes em muitos logares, não desafiaram ainda a syndicancia das circumstancias concernentes a resultados tão diversos, nem fizeram reconhecer a necessidade de um exame mais profundo das qualidades e da composição das muitas especies de peixe.

« *Mais ce qui semble établi*, diz Motard [1], *par l'observation de tous les climats habités par des ichthyophages, c'est l'extrême fréquence des maladies cutanées; la radesyge couvre d'ulcères et de tubercules*

---

[1] *Traité d'hygiène générale*, tomo 1º pag. 774.

le Norwegien et Groenlandais, tandis que le Syrien et le riverain de la mer Rouge ont donné la lèpre à l'Europe; aux Moluques, rien de si frequent que les maladies cutanées. »

Depois de occupar-se, seguindo a tradição hippocratica, com os peixes de facil e com os de difficil digestão, diz Michel Levy (Tratado de hygiene) que « a carne ou os musculos do peixe contêm, como os dos vertebrados, quantidade consideravel de corpos gordos formados em proporção variavel de oleina, margarina e stearina; que, além deste, ha um outro analogo á gordura cerebral que Fremy decompoz á maneira de sabão pelo acido sulfurico em sulfato de soda e em um acido mais pesado do que a agua (acido oleophosphorico). Esta gordura, accrescenta, se acha espalhada em quasi todas as partes da organização animal, e augmenta nos musculos com o progresso da idade. »

O Dr. Dujardin-Beaumetz, em suas *Leçons de clinique thérapeutique*, diz á pag. 296: « Os peixes se dividem em tres grupos: os de carne branca, que certamente são os mais digestiveis e os menos nutrientes; os de carne amarellada, que se digerem mais lentamente, mas que contèm mais principios nutritivos; e finalmente os de carne gorda, que são muito nutrientes, porém de uma digestão laboriosa, porquanto exigem a digestão intestinal. »

Para que se avalie quanto interessa, tratando-se do regimen ichthyophago, saber alguma cousa mais do que a facilidade ou difficuldade da digestão dos peixes, bastará correr a vista sobre qualquer quadro onde venha indicada sua composição elementar, como o publicado por Payen ou o que o Dr. Dujardin-Beaumetz inseriu em sua já citada obra.

A' vista da desproporção em que nas varias qualidades de peixe figuram os elementos alimentares,

azoto, carbono, etc., é obvio que não só os resultados alimentares obtidos com o regimen ichthyophago não serão sempre os mesmos, como tambem não o poderão ser as consequencias hygienicas.

Si a respeito dos resultados alimenticios ainda se encontram algumas noções, para bem dizer rudimentares, nos livros de hygiene, quanto aos resultados hygienicos sente-se absoluta carencia de esclarecimentos.

O que a este ultimo respeito a observação apenas registra é que em uns logares os habitantes nada soffrem, apezar do seu regimen alimentar exclusivamente composto de peixe, ou cuja base é constituida pelo peixe, ao passo que em outras localidades pagam ao mesmo regimen o mais desgraçado tributo.

Como aproveitariam pouco ao meu estudo as analyses procedidas em peixes que habitam as aguas de outros paizes, dispenso-me dellas, sob o pretexto de encontrar argumento applicavel ao assumpto que discuto.

Falta-me o essencial, faltando-me a analyse dos peixes do littoral do Brazil.

Entre nós os peixes são apenas conhecidos pelos nomes, e pelo aspecto os peixes gordos: quanto á sua innocuidade ou nocividade sabemos, quando muito, o que nos transmitte a tradição popular.

O que, porém, se nota é que entre nós vigora mais ou menos a classificação formulada por Moysés: os peixes de pelle, isto é, os que não têm escamas, passam como nocivos por serem « *carregados* ».

Vimos, por exemplo, o Dr. Aprigio de Menezes (clinico em Manáos) dizer: « Tenho ouvido a pessoas desta provincia attribuirem a morféa á alimentação continuada dos peixes de pelle que nella abundam. São a pirahiba, o peixe-boi, a piráarára, o surubim, etc. »

O mesmo clinico, referindo-se á opinião do Sr. Antonio L. Monteiro Baena, exarada no *Ensaio Corographico*, transcreve deste uma reflexão, que tambem já mencionei, o que não obsta a que eu repita aqui; é esta: « Comtudo nem este nem outros são escamosos como elle, ninguem que tenha regimen dietetico se atreve a comel-os assiduamente, porque sabe que todos fazem espessos os humores, obstam a transpiração e causam a elephancia ou asquerosas e comedoras crostas na pelle. »

Vimos tambem a menção feita pelo Dr. Manoel Bernardino da Costa Vaes (Maranhão) dos peixes mandubé, curumatá, jejú e traíra, e a observação de reinar a morféa onde a alimentação consta de peixe de agua doce, sendo rarissima a molestia « acima da cidade de Guimarães, onde se usa de peixe de agua salgada ».

O Dr. Antonio Rodrigues Ferreira, fallando dos Indigenas das margens dos rios do Pará, diz que « da pesca é que em todo o anno se vive, e esta ou é de peixe ou de tartarugas. Para as mesas delicadas se pescam a pescada, o mandubé, o mapará e o uçara; e para a gente do trabalho os surubins, tucumarús, as rayas, as piratacas, pirauibas, piraurucú, peixe-boi e outros peixes... O piraurucú bem salgado e secco é o bacalháo do estado, assim como o peixe-boi de Moura imita o atum do Reino ».

Em uma das cartas do Padre José de Anchieta, depois da descripção, por este feita, de *Boi-marinho*, se lê: « Os peixes são muito saudaveis nesta terra e podem-se comer todo o anno sem prejudicar a saude, e até na molestia, sem medo de sarna, que aqui não existe em parte alguma. »

Com elementos tão deficientes não poderei responder com precisão aos que, apezar de tudo, defendem o regimen ichthiophago; porém acredito que desappa-

recerá o enygma quando, estudadas as condições da vida de uns e de outros habitantes das localidades em que reinar a lepra e dos das localidades immunes, se souber tambem da composição dos varios peixes.

Respondidas como pude, com os elementos que a sciencia ministra, as tres objecções de que se servem os que não acreditam que a alimentação do peixe possa gerar a morféa, passo a encarar a questão por outra face.

Examinarei agora uma questão de facto, e quanto a mim digna da maior attenção.

Existe a morféa no norte e no sul do Imperio.

Acompanhando-se com algum cuidado a distribuição desta molestia por essas duas partes do paiz, depara-se com o seguinte resultado: no norte só se observa a morféa endemica nas localidades, isto é, no littoral, onde a base da alimentação é constituida pelo peixe. Fóra do litoral apparecem casos, mas são casos discretos, sporadicos.

Outra consideração: no norte a carne de porco entra no regimen alimentar, uma ou outra vez, como simples variedade.

Emquanto a séde da molestia na parte norte é aquella, no sul nota-se que a morféa sómente se entretem endemicamente nas localidades onde a carne de porco fórma a base da alimentação, figurando nella tambem o milho.

Onde a alimentação é mixta, é variada; onde a carne chamada de açougue, a farinha, o pão de trigo, o carneiro, a carne de porco, o peixe, as hervas, o milho, etc. entram promiscuamente no regimen alimentar, predominando aquella carne e qualquer das farinhas, a de mandioca e a de trigo, não apparecem casos de morféa.

Bem entendido, não levo em linha de conta um ou

outro caso sporadico, e de cuja origem não tenho conhecimento, porque casos destes não depoem contra, nem favorecem a doutrina alguma.

Como explicar aquelle facto notavel que se descobre em duas circumstancias especialissimas? Como explicar a endemia da lepra sómente nos logares onde predominam aquelles regimens alimentares?

Pela acção do clima?

Pelas condições telluricas?

Pela humidade?

Pelo contagio?

Pela syphillis? Não, á vista do exposto.

Pela origem parasitaria? A origem parasitaria, com applicação á lepra, é o desconhecido, e o desconhecido, como não explica cousa alguma, nem dá nem tira razão.

Pela herança? Ainda não occupei-me da herança, que aliás admitto, desde já o declaro; mas sendo a herança da lepra quasi sempre fatal, torna-se inadmissivel que se reduza tanto pelo interior, para expandir-se sómente nas localidades do norte e do sul onde se come peixe e carne de porco.

O facto existe e ha de ter alguma explicação; qual será ella?

Por exclusão, pelo menos, somos levados a admittir que a explicação do facto procede do regimen alimentar.

Uma reflexão, todavia, acode apenas se tem conhecimento do facto, a que alludo, e vem a ser: como podem determinar a morféa duas substancias alimentares tão dissemelhantes?

Eu lá chegarei; em breve examinarei a composição de todos os alimentos increpados de produzirem a lepra, e procurarei então descobrir em todos elles algum ponto de contacto; si o encontrar, ficará de nenhum effeito

aquella dissemelhança. Demais: o peixe e a carne, alimentos dissemelhantes, não dão o mesmo resultado alimenticio? Pois bem, si usados convenientemente elles nutrem, empregados inconvenientemente podem prejudicar: e como naquellas condições o resultado é um só — a nutrição —, n'st'outro o resultado será tambem o mesmo — a molestia.

Proponho-me nas linhas que se seguem a averiguar o facto que, em resultado de minhas indagações, acabo de apresentar quanto a endemicidade da morféa no norte e no sul do Imperio.

No Pará, onde se abusa da alimentação pelo peixe, a morféa é frequente.

No Maranhão só é endemica onde se faz uso do mesmo regimen.

No Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte (nesta os poucos casos se dão no littoral), Parahyba, onde o regimen geralmente adoptado é mixto, são isolados os casos de morféa: em nenhuma a lepra é endemica.

Nas Alagôas o Dr. Espindola encontra pretexto na circumstancia « de (são estas as suas expressões) não grassar a morféa *consideravelmente* (o grypho é meu) entre os povos que estacionam nas margens dos lagos, como nas cidades de Alagôas, Pilar e Villa de Santa Luiza do Norte » para contestar semelhante influencia do regimen ichthyophago.

Não obstante a autoridade do Dr. Espindola, e por isso que elle reside na provincia de Alagôas, cabe-me perguntar: nesses logares, nessa provincia onde os alimentos são tão abundantes e de tão facil acquisição, nessa provincia riquissima de substancias alimentares, será exclusivo o regimen alimentar constituido pelo peixe? E' o que precisa ser esclarecido.

Em Sergipe onde a alimentação é mixta, porque realmente é uma provincia muito abundante de viveres, a morféa é rarissima.

Na Bahia a morféa apparecia com frequencia na ilha de Itaparica, nas costas de Itapoan, localidades em que o peixe forma a base da alimentação. Durante a pesca de baleias, que eram *desmanchadas* nas *armações* de Itaparica e Itapoan, o povo aggravava aquelle regimen com o predominio da carne gordurosa, como é sabido, deste cetaceo.

Conforme vimos, o illustrado Dr. Pacifico, dando como diminuida de frequencia a lepra na Bahia, mencionou a circumstancia de estar reduzida tambem a pesca da baleia, sem, comtudo, affirmar subordinação de um a outro facto; porquanto aquelle medico accrescenta que «é ponto que carece ainda de séria investigação a parte que póde ter a alimentação pela baleia na etiologia da morféa. E' certo, porém (e é este o remate do periodo), que a pesca da baleia, já não faz-se em tão larga escala aqui, e nas costas da provincia, como outr'ora.»

Acatando, como devo, a reserva com que o Dr. Pacifico procede a este respeito, não duvido todavia aventurar que, tomada isoladamente esta coincidencia por elle assignalada ou mencionada, é prudente aguardar um exame mais serio para se formar juizo seguro; porém, attendendo que certos alimentos geram a morféa, entre os quaes o peixe occupa o primeiro plano, não é fóra de razão attribuir a menor frequencia da lepra alli ao uso muito mais moderado da baleia. Em todo o caso não é para dispensar essa circumstancia que aqui deixo consignada ao lado desta outra: em todo o interior da provincia da Bahia são rarissimos os casos de morféa, e em sua extensa zona a alimentação se compõe quasi sempre de carne e farinha, isto é, de

carne de açougue fresca ou secca e farinha de mandioca.

Deste modo nota-se na provincia da Bahia estas coincidencias : 1.ª A morféa foi endemica no litoral onde a alimentação era ichthyophaga, aggravada pelo muito uso da baleia ; 2.ª No litoral os casos de morféa são menos frequentes e a pesca da baleia se faz em menor escala ; 3.ª Em todo o interior, por outra, onde quer que a alimentação não seja aquella, rarissimos são os casos de molestia.

No Espirito Santo a lepra é rarissima, e os poucos factos que por lá apparecem estão explicados pela transmissão hereditaria: não conheço nem tenho informações dos habitos alimentares de seus habitantes.

No sul do Imperio a zona occupada pela lepra « endemica » comprehende o sul da provincia de Minas Geraes e provincia de S. Paulo.

Em Minas, na parte correspondente á Bahia, e onde a alimentação é identica á que se usa no interior desta provincia, a morféa é muito rara, senão desconhecida ; na outra parte, porém, a correspondente a S. Paulo, onde se usa largamente da carne de porco e do milho, reina a morféa sob o caracter endemico.

De sorte que em uma extensissima zona, que comprehende a maior parte da provincia da Bahia, e constitue grande parte da de Minas, por onde, porém, se faz uso de um regimen alimentar simples, e mais ou menos proporcionado ás exigencias do organismo, a morféa é rarissima. Desde, porém, que o regimen em Minas Geraes muda de natureza, o resultado já não é o mesmo.

Uma linha, pois, como que corta a provincia de Minas dividindo-a em duas partes: aquem, ao norte, onde não entram a carne de porco e o milho no regimen alimentar de considerabilissimo numero de habitantes,

não se desenvolve a morféa; além, ao sul, onde a alimentação muda inteiramente de natureza, onde o regimen alimentar já não se compõe de carne de boi e farinha de mandioca, porém sim de carne de porco e farinha de milho, a morféa é endemica.

O que é isto, o que quer isto dizer? Não terá esta occurrencia altissima significação quanto á influencia do regimen alimentar na producção da morféa? Creio que sim.

Nas margens do rio Sapucahy (opinião já citada do Dr. Cornelio Pereira de Magalhães) abunda a lepra Alli os habitantes se nutrem de peixe, carne de porco, farinha de milho, de pinhão, e não dispensam o café nem a aguardente.

Em S. Paulo, onde a alimentação é largamente supprida pela carne de porco, do milho, a morféa reina largamente.

No Paraná, onde o regimen alimentar apresenta serios inconvenientes, a morféa tende a augmentar, e de modo a assumir no futuro gravissimas proporções si não houver modificação profunda nos habitos hygienicos dos habitantes

Não devo, entretanto, deixar passar desapercebido um facto que se verifica no Paraná. No relatorio, que já tive occasião de citar, dizia o presidente Zacharias (o Conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos) que lhe «informaram que para o lado de Tibagy a molestia (a morféa) atacou alguns individuos e familias». São decorridos 27 annos depois daquella informação, e, ao que parece, a morféa tem alli augmentado, porquanto na communicação do Sr. Ricardo de Andrade lê-se uma referencia a esse logar, conforme já mostrei e agora repito: disse este senhor :« Nesta provincia é na freguezia de Tibagy onde se encontra maior numero de morfeticos. Os habitantes dessa localidade, accrescenta o

Sr. Ricardo de Andrade, são dados á « criação de porcos, objecto de exportação para as provincias vizinhas.» Eis ahi: no Paraná a morféa é mais constante precisamente na localidade cujos habitantes mais são dados á criação de porcos, do que resulta abundancia da carne destes animaes e seu uso mais frequente, e talvez exclusivo, no regimen alimentar daquella gente.

Em Santa Catharina, á proporção que o regimen foi deixando de ser exclusivo de certas substancias alimentares, a morféa tem declinado.

No Rio Grande do Sul o regimen alimentar tem impedido o desenvolvimento da lepra.

Não me constando que em Mato Grosso e em Goyaz usem os habitantes da alimentação increpada, tambem não sei que em ponto algum das duas provincias reine a lepra endemicamente.

Em alguns dos doentes confiados aos meus cuidados, o que a mais cuidadosa investigação me revelou foi que a morféa se originou dos máos habitos alimentares.

Um delles é maranhense, e nasceu em localidade onde nunca se deu caso de morféa. E' pessoa de familia, tem irmãos, mas elle sómente soffre de semelhante molestia. Verdade é que por um singular capricho do seu appetite foi o unico de seus parentes que contrahiu o habito de alimentar-se exclusivamente de peixe e camarões, ao almoço e ao jantar, durante annos.

Alem disto comia diariamente farinha de milho torrada com banha de porco.

Tendo-se esta pessoa retirado do Maranhão, por exigencias da vida, manteve quanto lhe foi possivel o mesmo regimen alimentar em outras provincias por onde andou.

Ha dous annos, porém, appareceram-lhe os primeiros indicios da morféa, que em menos de um anno estava perfeitamente caracterisada, revelando disposições muito graves, conforme o Dr. Martins Costa e eu observámos.

Na minha doente, a que alludi á pag. 252 (nota), e cuja melhoria, attento o estado em que a encontrei, talvez seja o unico exemplo d'este genero na historia da molestia, não pude explicar a causa da enfermidade senão pelo regimen alimentar.

Casada aos 17 annos de idade, foi morar para os lados do Jardim Botanico, e fundou o seu regimen alimentar, desde que sahiu da casa paterna, em cabeça de porco cozinhada com feijões, em peixe e camarões. Ao cabo de poucos annos appareceram as primeiras manchas, que se seguiram de outras mais extensas, e afinal da formação de grandes tuberculos. Tem duas irmãs, das quaes nenhuma apresenta indicios de tal molestia. Seu pai vive ainda, e de suas declarações infere-se que não ha pretexto para desconfiar de germen hereditario.

Nesta doente tudo leva a crer que a lepra manifestou-se espontaneamente, e que a causa foi o regimen alimentar.

Em relação ás duas irmãs leprosas, confiadas aos meus cuidados, e das quaes occupei-me quando tratei do augmento de globulos vermelhos no sangue dos morfeticos, outro não é o meu modo de pensar.

Das informações que forneceu-me a mãi colligi que o regimen alimentar, e não outra causa, determinou nellas a molestia. Além do emprego frequente da carne de porco e do peixe em sua alimentação usaram estas doentes durante annos de milho torrado com gordura, ao que chamam vulgarmente *pipocas*. O resultado foi sobrevirem as manchas, proseguindo a molestia em marcha segura.

Esteve aqui (na Côrte) em tratamento e retirou-se consideravelmente melhorado [1] um meu doente de Obidos, que la contrahiu a enfermidade.

Esta pessoa não accusa antecedente algum syphilitico, nem tem parente que soffresse de morféa. Queixa-se, porém, do uso exclusivo da comida de pirarucú e de tartarugas mui gordas.

A doente, que foi amamentada por uma ama boubatica, attribue a enfermidade ao regimen alimentar quasi sempre fundado em carne de porco e milho.

Um moço, de 17 annos, affectado de lepra tuberculosa, declarou-me ter sido o abuso da carne de porco e do milho a causa da sua enfermidade.

A' excepção de alguns casos, de que tenho conhecimento, de lepra hereditaria, não encontrei um só leproso que não attribuisse o seu soffrimento ao regimen alimentar.

Em vista do exposto, ser-me-hia possivel descrer da influencia generativa do regimen alimentar exclusivo — ou de carne de porco e milho, ou de peixe— em relação á morféa ?

De modo nenhum.

A' influencia da alimentação têm sido oppostas duas considerações : 1ª, o desenvolvimento da morféa em paizes onde não predominam nem se combinam os mesmos regimens alimentares ; 2ª, o apparecimento da molestia em pessoas que não viviam privadas de bons alimentos.

Não me parece de grande consistencia a argumentação, como passo a demonstrar.

---

[1] Confrontado o retrato do doente, tirado quando aqui veiu para ser medicado, com o que deixou ao retirar-se, dir-se-ha que as duas photographias não são da mesma pessoa, tal é a sua dissemelhança.

Em communicação posterior, datada de 7 de Maio do corrente anno, o mesmo doente, que aliás acha-se no logar onde contrahiu a enfermidade, declara que continúa a melhorar, e accrescenta : espero que em breve estarei com a minha saude natural.

Em minha opinião de todas as causas a que se tem imputado a lepra, é o regimen alimentar, ou antes são justamente os alimentos a causa que póde explicar a presença desta enfermidade em tantos paizes: nos fogões se forjam, quanto a mim, os élos da cadeia que liga e estreita todos os morfeticos do mundo.

Muito mais extremados do que os alimentos são os climas, e tambem as condições telluricas; e entretanto não tem faltado, apezar d'isso, quem attribua áquelles e a estas o desenvolvimento da lepra em differentes paizes.

Sim: reconheço que os regimens alimentares não são identicos em toda a parte, e que não ha quem ignore que os ricos passam como ricos e os pobres como pobres.

Isto, porém, nada vale. Mudarão, porventura, de natureza os principios alimentares?

Não — certamente: a composição elementar dos alimentos é a mesma em todos os paizes, e não muda nos manjares do rico, nem na parca refeição do pobre. O carbono e o azoto, por exemplo, que figuram como elementos na composição do pão negro e grosseiro com que se nutre o obscuro operario, são de tão bom quilate como o carbono e o azoto do mais fino e alvo pão usado na mesa dos ricos.

O carbono, que constitue o elemento predominante no oleo rançoso que o Laponio e o Groenlandez sorvem a largos tragos como si bebessem agua da Carioca, é tão puro e tão perfeito como o carbono que predomina no mais saboroso lombo de porco, servido á mesa do fazendeiro de Minas Geraes ou do da provincia de S. Paulo.

A questão dos regimens alimentares não é tão complicada como ao primeiro aspecto se afigura; pelo contrario eu a tenho como questão simples, puramente de

fórma : o resultado nutritivo a que attingem os invocados regimens, por mais variados e differentes que sejam, ou os resultados morbidos que procedem das alimentações viciosas, são em substancia rigorosamente os mesmos por toda a parte.

E' certo que os ricos não se alimentam como os pobres ; aquelles si não comem melhor, seguramente comem do melhor ; seus alimentos — os dos ricos — são mais abundantes de elementos azotados, ao passo que os dos pobres são mais ricos de hydrocarbonados. E' esta a regra, e por isso raras vezes a gota, que é a lepra dos ricos, baterá á porta dos pobres.

Em compensação a morféa, que é a gota dos pobres, raras vezes, proporcionalmente, entrará em casa dos ricos, salva a condição de herança.

Porém, si succeder que o pobre se alimente largamente de substancias quaternarias, e o rico se farte das ternarias, seja em que paiz fôr, e a despeito da delicadeza ou da grosseiria da cozinha, é de concluir que, assim como aquelle não será isento da gota, tambem o rico não o estará da lepra.

Sendo assim, como acredito que é, que importancia têm no desenvolvimento da lepra os costumes alimentares dos povos e as posições sociaes dos individuos, si os resultados não podem mudar ?

E si é um só o resultado physiologico por todo o mundo, a nutrição dos seres humanos, quaesquer que sejam os regimens alimentares adoptados ; porque duvidar que os máos habitos alimentares dêm tambem identico resultado pathologico, a lepra por exemplo, embora variem os preparados culinarios ?

Uma coincidencia muito curiosa, senão circumstancia notavel e de grande peso, como antes parece, se nos apresenta ao espirito quando estudamos a natu-

reza das diversas substancias alimentares a que se tem, até aqui, attribuido a lepra.

O que então se observa é que na composição de todas ellas o elemento que predomina é o carbono.

Si examino o seguinte quadro, onde vêm determinados os elementos constitutivos das carnes empregadas na alimentação do homem ([1]), noto que a carne de porco, sendo a mais pobre de principios azotados (gelatina, fibrina e albumina), é a mais abundante de gordura:

	Gelatina	Fibrina e albumina	Gordura	Agua
Vitella.............	7,5	9	16,5	62,5
Boi.................	7	8	20,	60
Carneiro...........	7	5,5	40	44
Porco..............	5,5	4,5	50	33,5

Effectivamente, a carne de porco contém tres vezes mais gordura do que a de vitella, e duas vezes e meia mais do que a de boi, o que quer dizer que aquella carne contém quantidade de carbono consideravelmente maior que qualquer das duas outras carnes.

Agora — os peixes.— Lamento, ainda uma vez declaro, que não tenhamos o menor conhecimento da composição dos peixes do Brazil. Quão interessante seria conhecer o resultado da analyse do peixe-boi, riquissimo de gordura, do pirarucú e de tantos outros que aliás constituem a alimentação quasi exclusiva de tanta gente!

Qual será a composição elementar dessa tartaruga tão rica de gordura e tão procurada no valle do Amazonas?

([1]) *Traité d'hygiene générale* — Motard.

A' falta de taes elementos sou obrigado a recorrer a um quadro da analyse feita em peixes europeus. O publicado pelo Dr. Dujardin-Beaumetz [1] demonstra o seguinte :

	Azoto	Carbono	Gordura	Agua
Boi.................	3	10	2	69
Enguia do mar......	3	12	5	79
Enguia de agua doce	2	30	23	62
Bacalháo salgado....	5	16	1	47
Sardinhas em azeite..	6	29	9	46
Pescada..............	2	9	1	82
Cavalla..............	3	19	6	68
Linguado............	1	12	1	86
Salmão..............	2	16	4	75

Tomada para termo de comparação, como mostra o quadro, a carne de boi, o que para logo se verifica é que, á excepção da pescada (considerada pelo povo como peixe innocente), todos os demais peixes contêm maior quantidade de carbono do que aquella carne, figurando este elemento em alguns delles em proporções muito consideraveis. Salta aos olhos a differença entre a enguia do mar e a enguia d'agua doce, contendo esta muito maior quantidade de carbono e gordura, o que a tornará menos saudavel.

O peixe d'agua doce em geral é tido pelo povo como mais « carregado », mais « reimoso », e por isso menos adequado aos enfermos.

Tomando-se a composição desses peixes debaixo de um ponto de vista geral, nota-se, é certo, que alguns delles não contêm carbono e gordura em quantidade sensivelmente maior do que a carne de boi ; porém, si

---

(1) *Leçons de clinique thérapeutique*, tomo 1º pag. 336.

attendermos a que taes peixes contêm menor quantidade de azoto do que esta carne, seremos levados á conclusão de que, guardadas as proporções entre o regimen pela carne e o regimen pelo peixe, far-se-ha por meio do ultimo gyrar no organismo maior quantidade de carbono.

E' bem claro que não occupo-me aqui deste ou d'aquelle peixe, que cause a morféa, porque não os sei especialisar; trato, sim, da composição elementar de alguns peixes no intuito de demonstrar que na alimentação ichthyophaga predomina o elemento carbono.

E, seja dito, é tão variavel a composição dos peixes, que se me afigura seria do maior alcance scientifico, em vez de andarmos á cata de peixes *morfeticos*, estudassemos a composição dos mais abundantes ou mais procurados pelos habitantes das localidades onde reina a morféa. Deste estudo, quero crer, resultariam maiores esclarecimentos sobre a influencia exercida pelo regimen ichthyophago na producção da lepra.

E' sabido que o carbono é o elemento predominante nas substancias gordurosas e oleosas; mas, não obstante, addiciono o quadro da composição elementar de algumas dessas substancias: [1]

	Azoto	Carbono	Gordura	Agua
Toucinho.......... ..	1,18	71,14	71,00	20,00
Manteiga de vacca...	0,64	83,00	82,00	14,00
Oleo de oliveira (azeite doce)............	traços	98,00	96,00	2,00
Chocolate............	1,52	58,00	26,00	8,00

[1] Payen — *Substances alimentaires*, pag. 304.

Além da carne do porco, do peixe, e das substancias oleosas e gordurosas, tem-se reputado o milho, o amendoim, o pinhão, etc., como capazes de produzirem a lepra ou contribuirem para o seu desenvolvimento.

Pois bem : vejamos qual a composição de alguns cereaes mais conhecidos e qual a dotação do milho em principios hydrocarbonados e gordurosos. O seguinte quadro é extrahido da obra de hygiene do Dr. Miguel Levy (tomo 1º pag. 728) :

	Azoto	Carbono	Gordura	Agua
Trigo rijo do Meiodia.	3,00	40,00	2,10	10,00
Trigo molle.........	1,81	39,00	1,75	14,00
Arroz...............	1,08	43,00	0,80	13,00
Milho...............	1,70	44,00	8,80	12,00

Dos cereaes é, pois, o milho o que contém maior somma de carbono, bem como o mais rico de gordura, o que ainda mais faz avultar a cifra daquelle elemento.

Quanto ao amendoim os numeros seguintes bastarão para demonstrar sua riqueza em oleo, e portanto em carbono [1]:

EM CENTESIMOS

	I	II	III	IV	Médias
Bagaço....	54,833	51,667	51,590	52,380	52,618
Oleo......	45,167	48,333	48,410	47,620	47,382
	100,000	100,000	100,000	100,000	100,000

[1] Extrahido do — Estudo chimico das sementes do mendobi. Memoria offerecida á Academia Real das Sciencias de Lisboa por J. M. de Oliveira Pimentel.

Deixo de indicar aqui a composição elementar do nosso pinhão, por não me constar que se lhe tenha feito a analyse, o que não me impede de acreditar que contém muito carbono, visto ser bastante oleoso.

E' realmente notavel que desde tempos immemoriaes, muito antes de Moysés, se tenha attribuido a morféa a um regimen alimentar abundante de substancias gordurosas em cuja composição predomina o carbono ; e que tenha essa tradição chegado até o presente, atravez de tantos seculos, uniforme e invariavel. Ou como factor da enfermidade, ou como causa auxiliar, o certo é que a semelhante regimen não se tem poupado accusações. A uma alimentação mixta, a um regimen variado, é que nunca se attribuiu a lepra.

Houve quem notasse, e eu já o mencionei, que esta molestia se desenvolve nas localidades onde se não usa do pão de trigo. E' essa uma opinião ou uma observação individual, e, ao que parece, infundada, si a encararmos debaixo de certo ponto de vista.

Explico-me : onde não se usar do pão de trigo, isto é — do feculento mais rico de azoto —, usar-se-ha de outros feculentos mais abundantes de hydro-carbonados, porque o homem, mesmo selvagem, não dispensa a fecula em sua alimentação. Sendo assim, acredito que não será a falta de trigo a causa da molestia em taes localidades —, si fôr essa a unica falta a notar —, mas sim o emprego de outro principio alimentar, d'onde resulte um regimen afinal identico áquelle sobre o qual pesa a culpa de gerar a morféa, isto é : um regimen mais abundante, do que convem, de hydro-carbonados.

A respeito de regimens alimentares dá-se ainda uma circumstancia digna de ser assignalada, qual a de manter-se endemica a morféa nos paizes de

clima frio, onde ha grande necessidade de alimentos respiratorios, e onde é mais factivel o seu abuso ; ou nos paizes quentes, onde qualquer excesso nessa alimentação póde damnificar a saude.

Nos paizes de clima temperado, e que actualmente passam como refractarios á lepra, já não se dá o mesmo.

Primeiramente os habitantes destes paizes comportam melhor e até necessitam de maior somma de alimentos respiratorios na sua alimentação, do que os habitantes de paizes quentes.

Em segundo logar o clima temperado não tem as exigencias do clima frio : um francez, um inglez, nunca beberá oleo como succede ao laponio, etc. Já se vê que por este lado os habitantes dos paizes temperados estão garantidos.

Finalmente o regimen alimentar nos paizes temperados tem sido, a partir da idade média, mais vigiado, mais estudado, e realmente é o mais approximado ou o mais conforme aos preceitos hygienicos, o que se deve ao adiantamento de sua civilisação. Si não levar-se em linha de conta o abuso do alcool que por lá se commette, notar-se-ha que nos habitantes daquelles paizes os males alimentares (refiro-me aos alimentos sãos) podem resultar do excesso de fibrinosos, d'onde não deriva a morféa, ou então da insufficiencia dos principios alimentares, o que póde causar todos os males oriundos da miseria physiologica, mas não, mas nunca a morféa.

Logo, pois, que nos paizes de clima temperado se respeitaram os conselhos da hygiene, e nos costumes dos povos se implantaram as boas praticas hygienicas, embora o clima temperado continuasse o mesmo, os resultados entretanto variaram : d'antes a morféa era alli endemica, e o foi durante muitos seculos, não en-

contrando no clima obstaculo algum; depois da reforma dos costumes succedeu o contrario: a morféa desappareceu, passando os habitantes a gozar a este respeito de uma tranquillidade realmente invejavel.

Conforme se vê do exposto, o clima temperado tem sido e continùa a ser um espectador mudo de todas estas operações pathologicas e sociaes; não faz nem desfaz; aceita e recolhe os factos taes como se dão; é sempre o mesmo: si os habitantes accommodarem-se á sua indole, bem irá tudo; si não, não.

« *On ne triomphe de la nature*, disse Bacon, *qu'en lui obéissant (Novum organum).* »

Assim é: nesta maxima de Bacon se concretam e se fundem todos os preceitos da hygiene.

Temos no Brazil a morféa, e temol-a não porque o nosso clima a gere, mas porque a geramos nós mesmos em virtude dos nossos desvios hygienicos, isto é — da infracção das leis naturaes.

Os selvagens brazileiros, ora sobrios ora glutões, intermittentemente, conforme a abundancia de viveres e a occasião; que comiam de tudo, peixes, porco do mato (menos abundante de gordura), aves, fructos, variando assim sua alimentação; e que, si fruiam longas horas de descanço, atiravam-se de momento aos actos da maior actividade corporea; esses selvagens nunca tiveram a morféa, porque as condições hygienicas em que viviam não permittiam que semelhante mal lhes penetrasse no corpo; ou essas condições hygienicas — para fallar em linguagem mais scientifica — não permittiam que a actividade funccional de seus organismos fosse desviada das boas normas e degenerasse em actividade morfetica.

Habitavam esses selvagens, é certo, em paiz quente; mas o que importa? Logo que o clima, qualquer que seja, não gera a morféa, e que os nossos indigenas

mantinham em termos physiologicos os seus recursos hygienicos, nenhum motivo havia para temer o desenvolvimento de semelhante enfermidade.

Com effeito, o que a observação demonstra é que entre nós a morféa não apparece nas localidades onde a alimentação é variada ou não é muito sobrecarregada de principios hydrocarbonados.

Pouco importa, com referencia á molestia de que occupo-me, que os alimentos sejam insufficientes. Não é nisto que está o perigo ou o damno: effectivamente a morféa habita os logares do litoral onde a alimentação é monotona, sem variedade alguma, e quasi exclusivamente composta de peixe; ou então nas localidades, como em uma parte de Minas Geraes, e em toda a provincia de S. Paulo, onde se usa de um regimen alimentar que seria excessivo mesmo na França ou na Inglaterra, e que quadraria bem aos habitantes da Russia.

Como actuam estes regimens viciosos, como desvirtuam as funcções organicas, é o que não me cabe estudar aqui. Nos simples apontamentos esparsos nessas paginas, e que talvez não sejam de todo inuteis a quem houver de proseguir no estudo da hygiene da morféa no Brazil, não tenho que envolver-me em questões de pathogenia e outras, as quaes sómente caberão em trabalhos propriamente clinicos. A hygiene, e é esta uma de suas altissimas funcções, estuda as causas das molestias e propõe e aconselha os meios de removel-as; a pathologia, porém, indaga e profunda o modo como destas causas se originam as molestias, e indica os meios de subjugar os males existentes.

Terminando esta parte do meu estudo, limitar-me-hei a accrescentar que, si não reconheço o clima como causa da morféa, nem as condições telluricas, nem a humidade, nem o contagio, nem a syphilis, diversa-

mente penso em relação a certos regimens alimentares, os quaes, no meu entender, são a unica causa do «desenvolvimento espontaneo» desta enfermidade no meu paiz.

HERANÇA.— Pouco direi a respeito desta causa, que é a ultima de que tenho a tratar.

Conheço, é verdade, factos que me não deixam a menor duvida quanto á transmissão hereditaria da lepra. Dizem respeito a filhos de morfeticos que em pequenos foram retirados da companhia de seus pais, que residiram onde não havia morfetico algum, e que não obstante vieram a soffrer da mesma molestia.

E' tal, porém, a concordancia das opiniões dos medicos estrangeiros e dos nacionaes sobre este ponto, que julgo ocioso insistir nelle. O proprio povo, aliás propenso a admittir o contagio da molestia, reconhece que é ella transmissivel de pais a filhos, tão positivos e concludentes são entre nós os factos dessa transmissão.

A' vista do expendido dou por findo o meu estudo sobre as causas da morféa no Brazil.

VI

CONSELHOS HYGIENICOS

Decorrem naturalmente das causas, que na minha opinião podem gerar a morféa, os conselhos hygienicos que me cabe apresentar.

Sendo essas causas — certos regimens alimentares e a transmissão hereditaria—, indicarei os meios de modificar aquelles regimens de sorte que, em vez de nocivos á saude, se tornem uteis ao homem ; e proporei as medidas que cumpre tomar para impedir a propagação da morféa hereditaria, e que no meu conceito são as mais conformes aos preceitos da hygiene, aos deveres sociaes e aos sentimentos humanitarios.

Quanto aos regimens alimentares admitti um como causa da morféa no norte, e outro no sul do Imperio.

Occupar-me-hei delles, como devo, separadamente.

Ninguem que tenha noções de hygiene alimentar e conheça o que vai pelo norte, deixará por certo de lamentar os vicios hygienicos, a má qualidade de algumas substancias e a insufficiencia de outras, que por alli são utilisadas como alimentos, resultando de tão precaria situação muitos damnos individuaes e grandes males á sociedade.

A carne fresca é ordinariamente má na capital da Bahia, no Recife, e, segundo sou informado, em geral pessima no Maranhão e no Pará.

Em um interessantissimo trabalho, que por ahi corre impresso (1), disse o seu autor: «São da maior importancia as prescripções contidas nos regulamentos dados pelos alvarás de 22 de Janeiro de 1810 para os commissarios delegados de physico-mór e para o provedor-mór da saude da côrte e do Estado do Brazil. Nem podemos deixar de lastimar que algumas dellas tenham inteiramente desapparecido da nossa legislação sanitaria, occasionando prejuizos á saude publica, que não se observavam outr'ora.»

Destas prescripções uma das mais importantes, a meu ver, eram as pastagens de gado para consumo publico.

E' concebida nestes termos : « E porquanto a falta de pastagens, que soffrem os gados que são conduzidos para esta capital, os atormenta de modo que, quando são cortados nos açougues, estão incapazes de servir de bom alimento ; Hei por bem que ao provedor-mór fique competindo o conhecimento e jurisdicção necessaria para designar pastagens nos sitios proporcionados dos caminhos para onde passam as boiadas, nos quaes hajam de descansar os gados, até serem conduzidos aos matadouros da cidade.»

Prescripção salutarissima é essa, e que cahiu em completo desuso, em criminoso abandono, depois de nossa independencia.

Em todo o norte do Brazil é incrivel o que succede ás rezes destinadas ao sustento publico : ora sem descanço algum após longa viagem, ora depois de perma-

---

(1) Organização da hygiene administrativa, pelo Sr. Dr. L. R. Vieira Souto.

necerem dias sem alimento, são abatidas e distribuidas pela população.

Quando estive na Bahia ouvi sempre reclamações a este respeito. Entre outras cousas diziam que as rezes recolhidas ao matadouro, onde ás vezes eram conservadas por alguns dias ao relento, sem alimento e sem gotta d'agua, atiravam-se, roidas de fome e devoradas de sêde, aos proprios residuos seccos e á urina !

Pessoa fidedigna informa-me que no Maranhão o gado transportado á capital passa por verdadeiras torturas.

Coincidencia notavel ! E' exactamente nas capitaes das quatro provincias, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará, cujos habitantes alimentam-se de taes carnes, que o beriberi mais se tem desenvolvido.

Acaso os alimentos de má qualidade ou insufficientes estarão contribuindo para o incremento dessa molestia naquella zona do Imperio ?

Fornecerá um sustento em condições requeridas a carne de rez abatida immediatamente ou pouco depois de longa jornada, durante a qual teve o animal de consumir uma parte, que á falta de pastagens era impossivel reparar, dos seus principios fibrinosos e salinos ? Conterá o sangue beriberico a quantidade normal de saes de soda e de saes de potassa ?

Eis uma analyse que merece ser praticada, e, quem sabe ? talvez com melhores resultados clinicos do que os colhidos com as pesquizas sobre o parasita do beriberi.

Não careço lembrar as experiencias de Kemmerick, assaz conhecidas, por meio das quaes este observador tornou saliente o papel que os saes de potassa e de soda representam no movimento nutritivo.

Forster, depois de descrever as profundas e graves alterações que o organismo apresenta, quando pri-

vado desses saes, observa : « E' importante notar que são os orgãos nervosos centraes que mais cedo e mais accentuadamente se resentem da suppressão dos principios salinos na alimentação. » [1]

A experiencia mostra, com effeito, que a fraqueza organica, o simples desequilibrio das funcções nutritivas, como succede ás senhoras que entram em estado puerperal, são bastantes para precipitar a explosão do beriberi [2].

Não pareça temeridade minha externar semelhante suspeita quanto á influencia que a alimentação dos nortistas está exercendo para a producção do beriberi. Praticos mui distinctos, que têm-se devotado a semelhante estudo, attribuem á insufficiencia do regimen alimentar um papel importante no desenvolvimento dessa enfermidade, que vae assumindo entre nós proporções assustadoras.

« Não é na etiologia banal (o autor allude a influencias meteorologicas, á accumulação de pessoas, ao ar confinado, á falta de exercicios corporaes, etc.) que se deve procurar a explicação do beriberi. Para uma molestia tão especial é mister causa tambem especial, e por isso estamos dispostos, como o Dr. Franquet, a procural-a na alimentação propria dos Indios. » [3]

O Dr. Léon Collin classificou o beriberi entre as molestias alimentares. A respeito da etiologia desta enfermidade transcreverei as suas proprias palavras [4] : « A opinião hoje dominante, sobretudo depois dos tra-

---

(1) Citado nos *Nouveaux Eléments de Matière Médicale et de Thérapeutique*—por Nothnagel e Rosbach.

(2) Aos que observarem que o enfraquecimento do organismo crêa uma imminencia morbida para as enfermidades infecciosas, o que aliás não ignoro, responderei que tambem as crêa para as molestias alementares.

(3) Dr. Julese Rochar, artigo « Beriberi » do *Nouveau dictionaire.*

(4) *Maladies Epidémiques*, pag. 735.

balhos de Vinson, de Le Roi de Méricourt, de J. Rochard, é a da etiologia alimentar.... Quanto á origem parasitaria do beriberi, acreditamos que as descobertas modernas sobre os hematozoarios devem attrahir as pesquizas nesta direcção, si bem que o papel etiologico destes parasitas nos pareça, no caso vertente, duvidoso. »

Uma das maiores autoridades, o Dr. Le Roi de Méricourt, pronuncia-se a respeito nestes termos : « ... no meio das opiniões numerosas e muitas vezes contradictorias emittidas sobre este assumpto é impossivel desconhecer o « papel capital » representado pela alimentação na producção desta molestia. Eis porque *nos esforçamos a principio em estabelecer por meio de factos que na grande maioria dos casos se tem podido demonstrar grande alteração no regimen alimentar dos beribericos.* » [1]

Em seguida o autor relata factos justificativos da sua opinião.

Continuando, accrescenta o Dr. Le Roi de Méricourt: « Nossos collegas são unanimes em reconhecer que se tem podido obstar a molestia apressando o desembarque dos passageiros e aconselhando-lhes alimentação conveniente. Não só não se reproduzem os casos, porém até acontece que a maioria daquelles que tenham sido, antes do desembarque, atacados do beriberi entram facilmente em plena convalescença, quando seu estado não é demasiadamente grave. »

Ainda : « A memoria de Meyer contém grande numero de factos em apoio da influencia de uma alimentação defeituosa sobre o desenvolvimento do beriberi nas colonias hollandezas. »

---

[1] *Dictionaire encyclopédique*, artigo *Beriberi*.

E mais : « Van Kappen observa que os obreiros chinezes das minas de Bankaque, que se nutriam bem, permaneciam ao abrigo do beriberi, que atacava, pelo contrario, cruelmente os que se achavam depauperados. »

Neste sentido o Dr. Le Roi de Méricourt apresenta mais argumentos : « Aos melhoramentos introduzidos, continúa o mesmo autor, no regimen das tripolações européas e indigenas dos navios que estacionam no estreito de Banka seguiu-se uma diminuição sensivel, senão um desapparecimento completo, dos casos de beriberi que anteriormente as disimavam. »

Eu poderia mencionar outras opiniões no mesmo sentido, e até ir mesmo além, recorrendo não só aos artigos publicados pelo Dr. Pacifico Pereira, na *Gazeta* Medica da Bahia, onde encontro argumentos que robustecem aquella minha suspeita, mas ainda a opinião a mim communicada pelo Dr. Martins Costa, relativamente á especie; como, porém, toco muito de passagem no assumpto, limito-me a apresentar essas poucas autoridades em que me apoio para demonstrar que não é sem fundamento que provoco a attenção de quem competir para a influencia que a má alimentação dos nortistas póde exercer ou está com effeito exercendo no desenvolvimento do beriberi. O que é certo é que esta molestia traz em constante sobresalto toda a população do norte, onde se sabe que quem fôr affectado terá, ou de abandonar tudo e fugir, ou de pagar com a vida a permanencia no logar.

E' cruel a alternativa ! Si um filho apresenta symptomas do beriberi e o pai não póde de momento deixar a casa, a pobre mãi parte sem demora, levando comsigo o filho enfermo.

Quantos e quão variados prejuizos está causando semelhante enfermidade !

Volto ao meu assumpto.

No norte é excessivamente restricto o emprego da carne de carneiro no regimen alimentar. E' á carne prescripta aos convalescentes. Uma ou outra vez figura na alimentação dos que gozam saude.

Não sei porque tanto no norte como no sul do Imperio a carne de carneiro ha de custar o duplo e mais da de boi. Como alimento, si é superior á carne de porco, é inferior á de boi, e por isso não merece nem póde valer mais do que esta.

Para explicar a carestia daquella carne só descubro uma explicação, a do abandono entre nós da creação do carneiro, que aliás reproduz-se com a maior facilidade.

Seria, entretanto, de grande utilidade aos habitantes do norte explorar activamente esse elemento da industria pastoril, e isso não só pelo lado economico, como tambem pelo hygienico.

Entre as substancias azotadas póde-se affirmar que a carne secca é a mais usada na alimentação dos nortistas. Sendo frequente á mesa dos ricos, constitue tambem a base do regimen alimentar dos operarios, dos pobres, etc.

De boa ou má qualidade, bem ou mal preparada, magra ou gorda, de bom ou máo aspecto, o certo é que no norte não se passa, não se vive sem carne secca.

Elevado o seu preço, começa para certas classes um periodo de difficuldades, de privações e até de miserias.

Em relação á de boi (fresca) a carne secca apresenta dous inconvenientes hygienicos: 1°, é de mais difficil digestão, por se tornarem duras as fibras da carne, 2°, é menos alimenticia por ter a carne perdido durante a preparação uma parte de seus

principios salinos e dos elementos azotados soluveis. Deste modo, por melhor preparada que seja, será sempre inferior á boa carne fresca.

A carne de vento, embora igualmente pesada aos estomagos, é mais nutritiva, porque no seu preparo apenas se perde a parte aquosa, ficando os elementos nutritivos ; e por isso o Dr. Couty tem razão quando a propõe em uma de suas Memorias para substituir a carne commummente chamada secca.

A' margem do Baixo S. Francisco preparam a carne de conserva, a que já alludi. E' um bom preparado, muito saboroso, e que considero nutritivo ; mas é de pouca duração e por isso de applicação mui limitada.

O que, pois, continuará a constituir a base do regimen alimentar no norte, é a carne secca do Rio Grande do Sul ou a de Montevidéo.

E' sabida a tentativa da introducção nos mercados europeus da carne secca por parte de uma commissão que graciosamente foi á Europa para isso, e para tornar conhecido o nosso matte; e agora é sabida a razão principal do mallogro da tentativa, depois que o Dr. Couty e os engenheiros Escragnolle Taunay e Silva Telles publicaram o relatorio em que vêm consignadas as difficuldades com que tiveram de lutar, e mencionados os esforços e as diligencias que empregaram no intuito de obter melhor resultado.

Essa razão vem mencionada á pag. 36 do relatorio nos seguintes termos : « Cheguemos, pois, aos resultados dos ensaios ou melhor da apresentação do xarque á commissão.

« O producto foi rejeitado *in limine* e o Intendente Geral Frèant e os outros membros se mostraram concordes em affirmar que nunca seria aceito no exercito francez. Proferida por taes autoridades, a sentença é

sem appello e convem, para ser-se bem succedido, buscar conserva differente e melhor do que a carne secca. »

Ora, ahi está bem explicado o que é e o que vale o principal alimento dos nortistas !

E' um « producto rejeitado » sem mais exame, sem discussão, *in limine*.

Convem, diz a commissão, *para ser-se bem succedido, buscar conserva differente e melhor do que a carne secca.*

São de tal importancia e utilidade economica e hygienica os estudos do Dr. Couty sobre o preparo da carne secca, exarados em sua primeira memoria ; são tão interessantes as reflexões expendidas pelos membros daquella commissão na memoria ha pouco publicada, que, julgo eu, se taes estudos e reflexões podessem calar nas regiões do poder e desafiar as providencias suggeridas, muito lucraria com isto, não sómente o norte, mas o paiz inteiro.

Com effeito se cumpre « buscar melhor conserva do que a carne secca » afim de que o producto brazileiro venha a ser aceito nos mercados europeus, pela mesma razão não devem os brazileiros continuar a se nutrir de um alimento que, preparado como é, fatiga os orgãos digestivos e não dá o producto nutritivo de que todos carecemos.

Lá na Europa foi rejeitada a carne secca, essa mesma que faz a nossa salvação, e com isto nada ficaram os europeus soffrendo, porquanto repelliram um preparado alimentar que lhes seria de pouco proveito, senão prejudicial.

A nosso respeito, cumpre attender, não succede o mesmo : boa ou má, seja como fôr, succeda o que succeder, continúa essa carne a ser o sustento da immensa maioria dos brazileiros, que, não podendo prescindir

della e muito menos rejeital-a, carecem, entretanto, usar de alimentos sãos e completos, porque tambem carecem de forças e de saude.

Para tornar menos incompleto o quadro, infelizmente pouco animador, das substancias empregadas no regimen alimentar dos nortistas, passo a occuparme do principal feculento dos mesmos — a farinha de mandioca.

Si causa serio reparo a carne fresca de boi, si a carne secca é o que se sabe, o que direi eu do principal feculento do regimen alimentar dos nortistas ?

O que vale a farinha de mandioca ?

Esta farinha é assim preparada: ralam a raiz da mandioca, espremem fortemente a massa, fazem sahir a maior parte da fecula, levam a massa ao forno quente, e torram-n'a, constituindo semelhante bagaço com algum resto da fecula a « farinha de mandioca ».

Assim esta farinha, ao contrario do que succede com as demais, não encerra toda a fecula, que é aliás o principio alimentar da raiz da mandioca !

Com um zelo digno de melhor applicação guardamos esse documento do estado selvagem dos primeiros habitantes do Brazil !

A farinha de mandioca é, com effeito, um legado dos indigenas.

Cumpre notar que elles tinham um processo para manter na farinha toda a fecula daquella raiz ; ao passo que nós, no estado civilizado, usamos geralmente de um processo, o peior, isto é, o que elimina da farinha a maior parte do elemento nutriente !

Convencido de que a questão do regimen alimentar é uma questão vital, e que de sua solução favoravel depende em grande parte a felicidade de um povo ; convencido da verdade do seguinte conceito de Moleschott:

« Para que o trabalho prospere, é preciso que primeiro prospere o trabalhador; uma nutrição insufficiente lhe tira as forças e o torna preguiçoso » ; convencido, finalmente, de que o regimen alimentar é uma das mais poderosas causas do atrazo que vai pelo norte do Imperio, julgo conveniente dizer mais alguma cousa a respeito da farinha de mandioca.

Antes de tudo é preciso não esquecer que o povo deposita tanta confiança no poder alimenticio dessa farinha, que chega a dizer: « é a farinha que cria. » No norte as mãis, convencidas de que a farinha de mandioca é substancia succulenta, costumam alimentar quasi exclusivamente com ella os seus filhos. E quantas não os alimentam só com a farinha !

Fazem ou mandam fazer uma porção de escaldado de farinha (farinha, agua fervente e sal), estendem-n'o, para esfriar, em um prato, occultam no fundo deste um pedacinho de carne ou de peixe, uma isca com que solicitam a criança a *bater* o prato de escaldado, e assim compoem uma refeição para seu filho. Interessante é ver a rapidez com que a criança, conseguindo por vezes illudir a vigilancia da mãi, apanha o pedacinho da carne e o devora.

Ah ! quantas exprobrações por semelhante *falta!* Quantas vezes as mãis não se queixam de que seu filho está ficando « vicioso », porque só quer comer carne e abandona o « emplastro » de farinha !

Com effeito, que grande esforço, que grande resistencia, que proveitoso trabalho, se póde esperar de homens que na idade de desenvolvimento do seu organismo se nutriram tão desvantajosamente ? Que quasi não comeram carne quando careceram crear musculos ?

Si os tecidos do organismo, como diz Marvaud, são essencialmente constituidos por *principios azo-*

tados, como se irão constituindo os tecidos desses meninos que quasi nenhuma substancia azotada recebem?

Si tudo o que vive, como diz Claude Bernard, é essencialmente caracterizado pela nutrição, quaes serão os caracteres dessas pobres crianças?

Não estou divagando: pelo contrario diz-me a consciencia que estou ferindo questões de grande alcance para o futuro de um paiz, como o Brazil, que carece de braços e de habitantes, mas que os não ha de ou deve ter válidos e robustos quando vierem do estrangeiro por emprestimo ou por encommenda, e que os poderá tambem ter iguaes na propria geração brazileira logo que todos, governo e particulares, se compenetrarem da necessidade de meditar e resolver sobre assumpto tão importante e vital, qual o do regimen alimentar, qual o da alimentação publica.

Para que se forme juizo seguro sobre o valor da farinha geralmente usada entre nós, passo a apresentar um quadro onde, a par da composição de outros feculentos, se encontrará o da nossa mandioca.

(1)	Alimentos plasticos	Alimentos respiratorios
Trigo (duro)	17,2	64,5
Avêa	17,0	50,8
Cevada	12,96	79,19
Centeio	12,8	74,4
Milho	13,3	80,6
Arroz	7,55	90,45

(1) Organizado de accôrdo com as analyses dos feculentos, constantes do livro de hygiene do Dr. Motard, tom. 1º, de pag. 687 a pag. 695.

Em 100 grammas:

	Mandioca suina..	0,714................	17,195
	Mata fome.......	0,660.................	26,010
	Saracura.........	0,630 — 0,322 % de azoto........	41,770
[1]	Morandy.........	0,594	16,347
	Aypim	0,570	33,700
	Branca ou doce...	0,560 — 0,309 % de azoto.......	19,587
	Assú............	0,560.................	31,927

Da relação das especies indicadas pelo Dr. Peckolt supprimi algumas, que são pauperrimas não só de principio azotado como de hydrocarbonatos.

Lançando-se os olhos sobre essas cifras, avaliar-se-ha com effeito a grande inferioridade em que como alimento respiratorio se acha a mandioca relativamente aos feculentos acima mencionados.

Façamos ainda uma comparação, e seja esta com a batata; eis o resultado:

	Alimentos plasticos	Alimentos respiratorios
Batata [2].......	1,4	19,3

Comparadas com a batata as nossas mandiocas, vê-se que nenhuma de suas especies apresenta a quantidade de alimentos plasticos que a batata contém; e que, si algumas especies encerram quantidade um pouco maior de hydrocarbonato do que a batata, outras ha que a contêm menor.

Ha mesmo especies de mandioca que não podem figurar legitimamente no quadro das substancias

---

[1] Monographia. Milho e mandioca, pags. 160 a 162.

[2] Motard, obr. cit., pag. 699.

alimentares, tão insignificantes são os seus elementos nutritivos. Para julgar si tenho ou não razão de assim pensar, basta percorrer o quadro publicado pelo Dr. Peckolt á pag. 162 do seu interessante trabalho, que ha pouco citei.

Por conhecer quanto essa farinha é miseravel de principios azotados e quanto é pobre de principios hydrocarbonados, propoz Martius que não a usassem simples, mas associada ao trigo em fórma de pão.

« A fabricação do pão, diz Martius, feito com a farinha de mandioca, ou como a chamam vulgarmente farinha de páo, é de certo da maior importancia, para um paiz, que cultiva pouco o trigo e o centeio, e que, por conseguinte, nesse ramo de industria depende da importação estrangeira.» (1)

O pensamento de Martius é claro: si para obter melhor feculento do que a mandioca o paiz não dependesse do estrangeiro, elle não aconselharia certamente que se preparasse esse pão mixto, fabricado com as duas farinhas, mas daria um conselho completo, de utilidade inteira, como o de se fabricar o pão com a farinha de trigo exclusivamente; porém, attendendo que o trigo era pouco cultivado no paiz, que cumpria a todo custo melhorar neste ponto o regimen alimentar; e que se deveria aproveitar o feculento de que os habitantes já estavam de posse e com o qual achavam-se familiarisados, o sabio naturalista, previdente, aconselhou aquella mistura das duas farinhas.

« Falta á farinha de páo, diz elle, principalmente aquella parte das outras farinhas, dada nos principios azotados e no acido phosphorico, e tão necessaria não só para tornar o pão nutritivo como para fazer levedar

---

(1) Memoria sobre a fundação e o costeio de uma fazenda, pelo Barão do Paty do Alferes. A terceira edição foi publicada em 1878.

a massa. Ha porém outra observação muito mais importante; é preciso fazer entrar na composição da massa os principios azotados, que faltam inteiramente á farinha de mandioca ou nella se encontram em proporções minimas.»

Em outro periodo repetiu o sabio naturalista: «Existem na farinha de mandioca os principios azotados, mas em proporções mui pequenas.»

Insistindo na sua ideia, nessa composição de pão preparado com as duas farinhas, diz mais Von Martius: «Não posso deixar de aconselhar, instantemente, que se tentem taes ensaios, e por uma razão poderosa: que a força nutritiva do alimento mais geral e mais ordinario carece de ser augmentada no mesmo gráo de augmento da população. E' preciso proporcionar aos homens brancos e aos homens de côr uma alimentação mais energica á medida que o numero de pretos diminue.»

Si não são aceitaveis actualmente todas as razões apresentadas pelo Dr. Von Martius, é comtudo digna de maior attenção a principal dellas, a de tornar a farinha de mandioca mais nutriente, o que sómente se conseguiria reunindo-a em partes iguaes á farinha de trigo.

Adherindo a essa ideia, o Sr. Dr. M. A. de Macedo dirigiu de Stuttgart uma carta [1] ao Sr. Henrique Laemmert, na qual dizia: «Nas Antilhas fabricam o pão da «fecula» da mandioca misturada com a farinha de trigo. Sobre este pão, conhecido pelo nome indigena de conaque, não posso dar noticia alguma por me faltarem os dados. Entretanto direi que, ao passo que por outros paizes começam a fazer tentativa sobre

---

[1] A carta tem a data de 1868, e vem publicada no livro «Fundação de uma fazenda.»

a panificação da mandioca, nós brazileiros, que tantos esforços fazemos e tão avultada somma de dinheiro vemos empregar-se com o louvavel fim de promover-se uma torrente espontanea de immigrantes estrangeiros, não passamos de nossa farinha de mandioca, tão repugnante aos olhos e ao sabor do filho da Europa, criado com o pão e por elle sustentado desde sua infancia. »

A esse « tão repugnante aos olhos e ao sabor do filho da Europa » o Dr. Macedo devera ter accrescentado « e tão carecedora de principios nutritivos ». A repugnancia por si só seria o menos ; poderiam superal-a a necessidade e o habito ; o que aliás não succederia com a falta de principios nutrientes, porque estes são indispensaveis ao exercicio das funcções organicas, são essenciaes á vida.

Termina o Dr. Macedo a sua carta com este periodo :

« Sendo, pois, de tão alto interesse o projecto do Dr. Martius, que tem por fim a fabricação do pão de mandioca, não duvido que o Brazil lhe dará o acolhimento tão justamente merecido, e que esta sabia e racional theoria seja posta em pratica com toda a cautela e formalidade da sciencia para que o resultado possa ser proveitoso a um grande Imperio, que já tanto deve ao talento de tão distinctos naturalistas, em honra do qual ninguem negará ao novo producto o nome symbolico de Pão Martio. »

As opiniões que acabo de citar em apoio das minhas reflexões quanto á pobreza do principal feculento usado no norte do Imperio, dispensar-me-hiam, tão autorizadas são ellas, de insistir neste ponto ; entretanto ordena-me a justiça que não prosiga sem render homenagem aos trabalhos de um estrangeiro amigo do Brazil, o Dr. Peckolt, o qual, entre varias

publicações uteis, consagrou ao milho e á mandioca um trabalho especial (1).»

Neste opusculo, depois de algumas considerações, disse o autor:

« Acho conveniente juntar ainda algumas experiencias, a que o sabio chimico Payen procedeu; sendo consultado pelo ministro da marinha de França sobre a possibilidade de empregar a farinha de mandioca na fabricação do pão destinado aos condemnados das penitenciarias de Guyana, publicou as seguintes investigações sobre a mandioca e seu valor alimentar.»

Das observações de Payen, como das proprias do Dr. Peckolt, além do que foi por mim exposto, resulta que á farinha de mandioca faltam principios azotados, e que por isso esse feculento só poderá constituir um alimento verdadeiramente util, sendo reunido a outro feculento melhor dotado de principios nutrientes.

Demonstrado, pois, que a farinha de mandioca não reune as qualidades de um feculento como o de que se carece na nutrição, cumpre indagar si ainda é hoje aceitavel o recurso proposto por Martius.

Nas condições actuaes do Brazil penso que não.

Naquelle tempo seria muito util o conselho, porque, reconhecida a necessidade de figurar o trigo na alimentação dos brazileiros, ricos e pobres, era natural se desenvolvesse entre nós a cultura desta graminea de sorte que, tendo de augmentar a população, pudessemos occorrer com um producto nosso ao enorme consumo que haveria de trigo.

Desde, porém, que a cultura, em vez de augmentar diminuiu, e sómente agora vae merecendo alguma attenção, é claro que, si aceitassemos o conselho de

---

(1) Já por mim citado. E' lamentavel que o Dr. Peckolt haja suspendido a publicação de seus tão interessantes trabalhos sobre assumptos do Brazil.

Martius, ser-nos-hia necessario importar enormissima quantidade dessa farinha, cujo preço não seria accessivel a todas as classes sociaes.

Com a farinha de trigo importada o Pão Martio custaria pouco menos, si custasse, que o preparado exclusivamente com ella, e entretanto ao preço não corresponderia o resultado nutritivo, metade inferior ao do pão de trigo.

Sendo assim, julgo inaceitavel, sem mesmo levar em linha de conta a extrema difficuldade, senão a inexequibilidade da empreza, o recurso proposto pelo sabio naturalista.

Como então resolver o problema?

Partindo da necessidade de se obter um feculento nas condições de aproveitar á alimentação publica, de tornar satisfactorio o regimen alimentar ou de impedir que continue deficiente a alimentação dos nortistas, dous alvitres acodem ao espirito: 1º, encontrar um processo de preparar a farinha de mandioca por meio do qual se conseguisse não perder, mas aproveitar todo o seu principio alimentar — a fecula; 2º, substituir a farinha de mandioca por outra que melhor conviesse.

Examinemos o 1º alvitre: desde que o processo até aqui empregado prejudica o valor nutriente da farinha, é natural se procure um outro melhor.

Este alvitre não resolve, infelizmente, a questão. Admittido que pelo mais aperfeiçoado processo venha a farinha de mandioca a conter toda a fecula da raiz, ainda assim não satisfará as condições de um feculento bom. A razão é obvia: é que esta raiz, nulla, póde-se dizer, em principios azotados, é pobre de principios hydrocarbonados. Por mais, pois, que aproveitem-na, não conseguirão mais do que ella contém, e o que ella contém não satisfaz.

Si nós os brazileiros não carecemos de um regimen alimentar como si foramos habitantes de paiz temperado, e menos ainda de paiz frio, temos comtudo necessidade de uma alimentação regular, sufficiente e completa sob o ponto de vista do nosso clima.

A anemia que os nossos tecidos externam, a inercia de que somos accusados, não procedem no meu pensar do clima, mas, sem o sabermos, do nosso regimen alimentar, assumpto de que não fazemos grande cabedal, e a que pelo contrario pouca importancia ligamos.

Não basta, com effeito, tomar alimentos, o essencial é tomal-os conforme reclamam as necessidades do nosso organismo; tomal-os de modo que reparem as perdas effectuadas nos nossos orgãos pelo incessante exercicio de suas funcções.

Passo a examinar o 2º alvitre, o da substituição da farinha de mandioca por outra que melhor convenha.

Antes, porém, do exame restabeleço a questão: na alimentação publica não póde deixar de figurar um feculento bem dotado de principios alimentares, sob pena de soffrer-se as consequencias de uma alimentação insufficiente, consequencias graves a varios respeitos.

Ora, o feculento que temos, isto é, a farinha de mandioca, por mais que a apurem e a aperfeiçoem, nunca satisfará aquelle desideratum, e neste caso qual a conclusão?

Substituir a farinha de mandioca, rejeital-a, adoptar outra farinha, outro feculento no regimen alimentar dos brazileiros.

Substituir a farinha de mandioca!! exclamará uma tradição de perto de tres seculos.

Sem duvida alguma, substituir: é esta a lei do progresso, que manda adoptar o que póde servir, e rejeitar o que não serve mais.

Quando se trata de combater um erro, o que menos importa é a sua idade: isso é secundario, é nada.

O que mais admira, o que faz pasmar, não é certamente a minha «audacia» de atacar tão de frente um preconceito de tres seculos de duração; e sim que no estado actual da nossa civilisação façamos vista grossa ás mais fecundas leis economicas e hygienicas, mantendo ainda no nosso regimen alimentar o feculento que os selvagens descobriram para seu uso. Isto, sim, faz pasmar.

« O que é certo, objectar-me-hão, é que os selvagens, que não tinham outro feculento (tinham o milho), eram robustos. »

De accôrdo, e contra isto não articulo uma só palavra; o que simplesmente respondo é que, si pretendessemos voltar ao estado selvagem, eu não ousaria propor semelhante substituição; nesta hypothese, aliás impossivel, a farinha de mandioca seria excellente feculento.

Porém, no estado da nossa civilisação, attentas as legitimas aspirações do nosso paiz, grande em tudo, e diante das leis physiologicas e hygienicas, a que se prendem leis economicas e sociaes; em outros termos, — por amor do futuro deste paiz, cumpre operar uma revolução nos nossos costumes hygienicos, revolução de paz, de progresso e de felicidade, a unica que a hygiene sabe agitar, e com a qual tem realizado as mais importantes conquistas e obtido as mais esplendidas annexações.

Sim, é preciso substituir a farinha de mandioca.

Mas, substituir por qual outro feculento?

Pelo milho, pelo arroz, pelo trigo?

Arredado, como estou, de meu principal objecto, não posso demorar-me nesta indagação: melhor é firmar o bom principio.

O melhor, o mais aceitavel, o preferivel dos alimentos feculentos não é o que contém na sua textura maior quantidade de principios hydrocarbonados.

Si assim não fosse, isto é, si o valor de um feculento estivesse na proporção desses principios, seriamos obrigados a reconhecer que o milho e o arroz eram os melhores feculentos, contra o que protesta a historia alimentar de grande numero de povos.

Outro absurdo seria este: que o trigo, tendo menos valor do que qualquer desses cereaes, valeria ainda menos que a cevada e o centeio !

Entretanto, assim não é, e nem careço demorar-me em demonstral-o. Desta tarefa encarregou-se a historia da humanidade na parte concernente aos effeitos hygienicos do trigo, — dessa graminea que apresenta a mais feliz combinação de principios azotados e hydrocarbonados, de alimentos plasticos e respiratorios, sendo tambem a mais adequada á composição dos tecidos humanos.

Motard, estudando os cereaes, que, como elle o diz, são as substancias destinadas á « principal alimentação do homem », os compara, em vista da analogia de sua composição, ao leite, chegando a denominal-os « um leite solido ».

Ha sem duvida muita propriedade nessa loculação de Motard ; não obstante confesso que não a applicaria aos cereaes, mas a reservaria, obedecendo ao rigor da analogia, para o trigo que — este sim — é um leite gerado e solidificado no proprio seio da natureza.

E' precisamente a composição do trigo que o torna o cereal por excellencia, o cereal adequado ao organismo humano, qualquer que seja a idade, o sexo, a condição, a nacionalidade. Debaixo do mais rigoroso clima frio, ou sob um clima abrazador, onde quer que se careça

de um alimento innocente e completo, o trigo será bem acolhido com a sua funcção providencial.

Pela quantidade, que encerra, de alimento plastico torna-se o mais poderoso auxiliar das substancias albuminosas, e pela de alimento respiratorio suppre vantajosamente á necessidade do calor, do movimento, do trabalho. No trigo não ha a temer a falta de um elemento nutritivo, nem os inconvenientes da exagerada predominancia de um principio alimentar sobre outro.

Debaixo de um volume determinado é de todos os cereaes o que encerra maior somma de substancia alibile; e como o seu tecido se dissolve facilmente nos succos do estomago, é o trigo de facil digestão.

Ora, pergunto eu: á vista do exposto, que feculento póde melhor convir do que este, ou convir tanto como elle, á nutrição dos brazileiros?

Boa somma de principio azotado, o que constitue um poderoso auxiliar das substancias fibrinosas; conveniente quantidade de principio hydrocarbonado, o que o torna perfeitamente adequado á indole do nosso clima; nutriente sob pequeno volume, o que se compadece com a actividade digestiva sob a influencia do clima em que vivemos; e finalmente de facil digestão, eis o que é o trigo, e quaes serão as inapreciaveis vantagens a colher — si o introduzirmos no nosso regimen alimentar.

Póde-se comparar com este cereal o feculento selvagem que ha perto de tres seculos mantemos religiosamente na nossa alimentação?

Não, decididamente não: eu pelo menos poupo-me ao desagrado de comparar, termo por termo, um ao outro.

Entretanto, quão differentes os resultados!

Obter colheitas abundantes, fornecer o trigo por preço commodo e accessivel a todos os brazileiros, a

todos que trabalham, a todos que necessitam, aos homens, ás mãis de familias, ás crianças, seria de alcance incalculavel.

Iniciar, promover, animar, conseguir este resultado — eis uma serie de actos do maior serviço á causa publica, do mais acrisolado patriotismo.

E para isso o que nos falta? Terras apropriadas, clima, comprehensão das nossas mais vitaes necessidades?

Sempre que uma ideia assenta sobre a solida base de uma utilidade reconhecida, essa ideia, seja como fôr, custe o que custar, medra, prospera, fructifica.

No Brazil a cultura do trigo já teve maior impulso que actualmente. Duas das nossas provincias, o Rio Grande do Sul e Paraná, já exportaram trigo, o que aliás já não succede. Quando a cultura devera ser constante e muito maior, porque a procura e o consumo augmentavam de dia a dia, pelo contrario estancou e retrocedeu.

Os conselheiros Thomaz Coelho, Sinimbú e Buarque de Macedo, quando ministros, promoveram, que eu saiba, a distribuição de sementes.

Não ha muito veiu á luz um aviso [1] do actual ministro da agricultura o conselheiro Alves de Araujo, no qual, a proposito da cultura da quina calysaia, S. Ex. mostra desejos de fomentar tambem a da baunilha, do *trigo* e da vinha.

Comquanto sejam meramente platonicos muitos dos desejos manifestados pelos nossos ministros, fôra comtudo injustiça não respeitar a intenção do conselheiro Alves de Araujo na expedição do aviso a que alludo.

---

[1] Aviso de 15 de Fevereiro de 1882. (O Sr. conselheiro Alves de Araujo já não é ministro, e a questão ficou no mesmo pé.)

E' forçoso, porém, confessar que as providencias tomadas em tal sentido resentem-se de frouxidão. O que é preciso, o que se torna indispensavel, é um plano assentado, bem combinado, largo, que passe de administração em administração como um legado de patriotismo, e que se estenda por todos os angulos do paiz.

Esperemos. Apparecem uns indicios de movimento; um começo de reacção se vai notando.

Em Santa Catharina procura-se ampliar a cultura do trigo. Uma das gazetas de Pernambuco [1] publicou a este respeito as seguintes reflexões: « E' de lastimar que, possuindo o Brazil terrenos apropriados para essa cultura, sejam para importação desse cereal remettidas para o estrangeiro sommas fabulosas [2], que espalhadas no paiz augmentariam sua riqueza.

« Não é só no sul do Imperio; nesta provincia (Pernambuco) tambem póde ser tentada com vantagem a cultura do trigo, pois temos zonas apropriadas para ella.

« E' uma nova cultura que a par do cafeeiro e do cacaoeiro, deve ser animada, e é nesse sentido que fazemos um appello aos nossos agricultores. »

E' bom accrescentar que não só ha terrenos na provincia de Pernambuco que se prestam ao plantio do trigo, como é lá que a sua cultura promette em breve tempo tomar grande desenvolvimento.

---

(1) A *Democracia* n. de 27 de Julho de 1881.

(2) Pude colher da Alfandega da côrte os seguintes dados:

	KILOS	VALOR	DIRTS. DE CONS.
1875 — 76	35.112.499	2.808:999$990	280:899$999
1876 — 77	34.990.042	2.799:203$360	279:920$336
1877 — 18	36.213.010	2.897:040$840	289:704$084
1878 — 79	37.856.424	3.028:513$920	302:851$392
1879 — 80	33.702.361	2.895:598$500	289:559$850

Os direitos de consumo ainda estão sujeitos a mais 50 % de imposto (!)

Com effeito, já uma das gazetas da côrte (1) publicou esta grata noticia : « A commissão pernambucana, encarregada de agenciar productos destinados á exposição braziiico-allemã de Porto Alegre, disse na noticia que deu a respeito dos objectos expostos, entre outras cousas, o seguinte : « começada ha pouco a cultura do trigo vai tomando incremento, produzindo o vegetal abundantemente e offerecendo duas colheitas por anno. »

Ainda mais: o *Jornal do Commercio* (2), sob a rubrica Agricultura em Pernambuco, noticiando os resultados colhidos pela agencia agricola, creada pela sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco para iniciar e propagar novas culturas, e activar as actuaes, expressa que : « Em Triumpho, Taquaretinga, Bom-Jardim, Villa Bella, Flores, Quipapá e em outras localidades a cultura do trigo póde dizer-se acclimada. »

Ultimamente publicou o *Jornal do Commercio* (12 de Agosto de 1882) o seguinte: « Do trigo tem sido espalhada grande cópia de sementes entradas do Pacifico e da Europa, tendo a agencia (agencia agricula de Pernambuco) introduzido, por conta de varios lavradores, machinas apropriadas á preparação do genero.

« No municipio do Triumpho tem-se desenvolvido esta nova cultura, a qual offerece no sertão de Pernambuco excellentes condições de adaptação. »

Que sejam coroados de feliz resultado os esforços da benemerita Associação de Pernambuco, taes devem ser os votos de todo o brazileiro verdadeiramente interessado pela prosperidade de seu paiz.

---

(1) *Jornal do Commercio* n. de 31 de Outubro de 1881.

(2) N. de 4 de Março de 1882.

O *Cruzeiro* [1], no intuito de tornar conhecida a importancia que já teve no Brazil a lavoura do trigo, informa o seguinte:

« A provincia de S. Pedro do Sul exportou, em outro tempo, as seguintes quantidades de alqueires:

1816	226,981
1817	109,446
1818	55,237
1819	122,218
1820	99,640
1821	118,762
1822	37,362

O mesmo jornal accrescenta: « A producção decahiu por falta de *substituição das sementes*, pela errada repetição da cultura na terra e principalmente pelo alto preço do gado, que fez abandonar a lavoura pela criação. Entretanto, este ramo dá de 15 a 20 alqueires por um de planta e não é portanto, dos menos vantajosos em nosso solo.»

Sobre a cultura do trigo Xerez ou de Hespanha no Rio Grande do Sul o Sr. Dr. Nicoláo Moreira teve a bondade de prestar os seguintes esclarecimentos: « Esta sorte de trigo foi introduzida no Rio Grande do Sul em 1859. Produz de 60 a 70 grãos por um de semente; e cada alqueire pesa 16 kilogrammas. A farinha que fornece é excellente, a debulha facil, a palha forte, a haste resistente aos ventos; não o ataca a ferrugem: requer terra regular e estrumada e semêa-se em Junho, sendo a colheita em Dezembro. Em 200 braças de solo preparado colhe-se no Rio Grande do Sul 10 alqueires. Antes da independencia o Rio Grande do Sul exportou para mais de 400,000 alqueires de trigo.»

---

[1] N. de 24 de Setembro de 1881.

No mesmo manuscripto (1) ha uma referencia á igual cultura no Paraná, onde «um alqueire de trigo, 36,27 litros, fornece 100 kilos de farinha alva e 20 da escura; e segundo a opinião de estrangeiros entendidos na materia o trigo paranaense, si não excede, iguala em peso especifico o trigo europeu. »

Nesta ultima provincia a cultura do trigo tem passado por suas vicissitudes : já esteve florescente, já decahiu e agora como que tenta erguer-se.

Houve tempo em que a cultura de trigo foi tal que dava para consumo e exportação ; o que a fez baquear foi a animação que no Paraná ganhou a industria do matte depois que Francia trancou o porto do Paraguay ao commercio, e portanto impediu a exportação do matte, a cujo uso estavam avesados os povos nossos vizinhos (2).

Com effeito, depois desse acto do dictador do Paraguay, as vistas dos Orientaes e dos Argentinos lançaram-se para o Paraná, onde havia abundancia de herva-matte, que rivalisava em qualidade com a daquella republica.

Em breve foi conhecido o processo seguido no Paraguay para o fabrico do matte, e tal foi o jogo das circumstancias que o Paraná começou a exportar matte a sabor das exigencias do commercio.

Do espirito do povo apoderou-se então uma febre de ganho, diz o Sr. Lustosa de Andrade em um manuscripto sobre a planta do matte no Paraná (3); e cada individuo tornou-se um fabricante, sendo taes as van-

---

(1) Pertencente ao Sr. Dr. Nicoláo Moreira.

(2) Não ha muito o *Globo* publicou a este respeito um interessante artigo, a proposito da cultura do matte no Rio Grande do Sul.

(3) Este manuscripto tambem nos foi remettido, pelo Dr. Cassiano A. Tavares Bastos.

tagens da nova industria, que um trabalhador podia, em mato pequeno, ganhar em 15 dias de 150$ a 200$.

Nestas condições, não havendo industria que concorresse com a do fabrico do matte, porque nenhuma offerecia tão seductoras vantagens, o trigo foi posto de lado, e a sua cultura decahiu completamente.

Além dessa razão para o abandono da cultura do trigo, dá-se uma outra, que vem a ser, continúa o mesmo Sr. Lustosa, a grande importação da farinha de trigo, que os Estados-Unidos e outros paizes nos fornecem «para o nosso pão diario».

Informa ainda o mesmo Sr. Lustosa de Andrade que elle proprio e o Sr. general Beaurepaire Rohan obtiveram a passagem de uma lei, creando uma seara normal, na 2ª sessão da assembléa provincial, em 1855, lei que nunca foi posta em execução, com prejuizo de tão importante medida.

Apezar disto o Sr. Lustosa não desanimou, e por vezes tem envidado esforços para obter sementes do trigo.

Deixando de parte outras, embora interessantes, considerações offerecidas por este Senhor no manuscripto a que me referi, e do qual extractei o que fica dito, termino esta rapida e incompleta noticia sobre a cultura do trigo no Brazil [1] com as seguintes palavras do Sr. Lustosa de Andrade:

« Achamos conveniente, diz elle, ampliar com mais algumas palavras as reflexões feitas pelo Sr. Dr. Salvador de Mendonça em sua obra —Trabalhadores Asia-

---

(1) Em Minas Geraes a assembléa provincial votou ha mais ou menos 20 annos um premio de alguns contos de réis (não sei quantos), afim de ser conferido ao agricultor que colhesse 100 alqueires de trigo. Passados alguns tempos apresentou-se com direito ao premio um agricultor de Campo Mystico, pertencente ao termo de Pouso Alegre, mas.... não lhe quizeram pagar.

Sou informado de que em Minas Geraes se tem ensaiado em varios pontos o plantio do trigo e obtido excellente resultado, porque ha terrenos que o produzem optimamente.

Apezar disto essa cultura não tem alli vingado.

ticos — em relação ao trigo. — Todos os lavradores que empregaram emigrantes chinezes na cultura do trigo na California, affirmam que estes são nesse serviço preferiveis a quaesquer outros trabalhadores.

« Graças a esses emigrantes os lavradores têm conseguido transformar a California, de um Estado consumidor que era, em productor e exportador de cereaes. As colheitas de trigo são agora presumptivamente mais valiosas para o Estado do que as de ouro : a média dos ultimos annos tem orçado por vinte milhões de dollars.»

Continue a propaganda, activa e sem tropeço ; venha o governo por todos os meios a seu alcance em auxilio da iniciativa particular ; não arrefeçam em esforço os particulares, immediatamente interessados na feliz solução de tão importante assumpto ; organizem-se novos « Clubs da Lavoura », como o de Pernambuco e o de Campinas ; e estou certo que do esforço commum, da experiencia demonstrada em favor do trigo contra a farinha de mandioca, resultará o predominio daquelle sobre esta, e afinal a substituição de um pelo outro, o que trará o vigor dos organismos, o desenvolvimento das forças, a actividade, o augmento do trabalho e com este todos os bens que lhe são peculiares.

Si apezar de tudo e contra tudo a revolução não se fizer ; si continuar a farinha de mandioca a constituir o principal feculento no regimen alimentar dos nortistas, poder-se-ha então, *mutatis mutandis*, exclamar com Moleschott : « Infeliz Irlanda, nunca poderás triumphar. Tua alimentação póde despertar o desespero impotente, porém não o enthusiasmo, e só o enthusiasmo seria capaz de repellir o gigante que sente circular em suas veias um sangue rico e a força.

« Ah ! não agradeças ao Novo Mundo o dom fatal que eternisa o teu infortunio. »

« Em uma palavra, diz Motard, o verdadeiro elemento da população de um paiz é a sua fertilidade; semeai cereaes onde quer que os produza, e vereis como nascem homens. »

Será isto verdade? Será possivel, será crivel que da abundancia dos cereaes, isto é, da riqueza da alimentação brote a vida humana?

Dependerá porventura da fertilidade de um paiz, como affirma o sabio hygienista, o augmento da sua população?

Sendo assim, em que paiz do mundo a população se desenvolveria melhor e mais rapidamente do que no Brazil?

Onde encontrar maior fertilidade de terrenos, clima mais economico e productor?

Si isto é verdade, que desgosto não deve ter o Brazileiro vendo o seu paiz importar milho, arroz, feijões, favas, trigo, cevada, centeio, etc., quando póde ser tamanha a producção de todos estes cereaes, que, dando para o augmento da sua população, conforme o pensamento de Motard, servisse ainda para abastecer outros paizes!

Decididamente, ou a sciencia é falsa nos seus principios mais elementares, ou nós os Brazileiros andamos um tanto afastados da larga estrada que conduz ao desenvolvimento e á prosperidade.

Importamos tudo! Não admira, pois, que na actualidade a maior preoccupação seja descobrir o melhor meio de importar quem venha trabalhar: realmente é a unica cousa de que carecemos...

Si o resultado da abundancia dos cereaes é aquelle, qual será o da sua insufficiencia? Exemplo: qual terá sido o resultado da grande deficiencia do feculento usado na alimentação dos brazileiros?

A hygiene tem estudado mui cuidadosamente a in-

fluencia do regimen insufficiente sobre a frequencia das enfermidades, sobre o desenvolvimento physico, sobre a estatura, sobre os casamentos, sobre os nascimentos e sobre os obitos: em relação a cada um destes assumptos, qual terá sido a influencia da nossa insufficiente alimentação?

E' impossivel responder.

Por vezes, desde a celebre estatistica de Messange baseada em uma investigação de 90 annos, tem-se organizado estatisticas para acompanhar e demonstrar não só os effeitos da penuria e da fome, como ainda os da simples carestia dos cereaes, e sobretudo do trigo.

A simples carestia, com effeito, do trigo, ou antes a insufficiencia da alimentação, della resultante, tem sido bastante para influir sensivelmente sobre os nascimentos, diminuindo-os, e sobre a mortalidade, augmentando-a.

Ora, si um accidente como esse, aliás de caracter temporario, actúa tão intensamente sobre a vida social e sobre a vida organica; o que não será quando permanente, como no norte do Imperio, a insufficiencia da alimentação?

Para que se aprecie o grande alcance destes estudos hygienicos, e se possa julgar da sua necessidade nos paizes organizados, invocarei, apenas deixando de lado outros documentos, os trabalhos de Benoiston, trabalhos que causaram grande impressão na França porque deixaram patente que a mortalidade dos meninos pobres é mais de dupla da dos ricos; o que significa que por sua insufficiente alimentação as crianças pobres resistem muito menos do que as alimentadas convenientemente, por isso que a estas não faltavam bons alimentos.

Sem preoccupar-me agora com outras questões, aliás de grande vulto, que se prendem á alimentação pu-

blica, observarei apenas que para nós os brazileiros seria de maximo alcance conhecer ao certo o numero dos nascimentos e obitos, tanto no norte como no sul do Imperio.

Referindo-me ao norte e ao sul, não é meu intuito comparar-lhes a influencia, o que seria secundario; e sim externar a necessidade de tornar extensiva semelhante indagação a todo o Imperio.

Que assumpto, em verdade, mais humanitario do que esse, e que ao mesmo tempo mais aproveite ao desenvolvimento do Brazil?

Quem ha que, obedecendo á mais rudimentar e trivial regra de economia, deixe de indagar o que lucra e o que perde?

Como desenvolver, prosperar, accumular, sem proceder ao mais leve exame, ao mais ligeiro calculo?

E, entretanto, não tem ainda o paiz uma lei de registro civil dos nascimentos e obitos!

Não só lhe falta a lei, como até, ao que parece, receia-se tocar no assumpto!

Feliz ou infelizmente póde-se hoje invocar um documento, por meio de cuja publicação conseguiu o autor demonstrar a excessiva mortalidade das crianças entre nós e a necessidade do registro civil: alludo ao opusculo publicado em 1878 pelo Sr. Barão de Lavradio, então presidente da junta de hygiene publica, e intitulado « Apontamentos sobre a mortalidade da cidade do Rio de Janeiro, particularmente das crianças ».

Primeiro que tudo assignalarei que o illustrado pratico não tomou para objecto de suas investigações localidades do interior de qualquer das provincias, onde a ignorancia e a pobreza de mãos dadas conspiram sempre contra a vida das crianças; escolheu, pelo contrario, as freguezias urbanas do municipio neutro,

isto é, da capital do Imperio, onde se presume tenha a civilisação dado melhores fructos.

Depois de considerar a actual « uma geração enfraquecida e enervada » (pag. 35), o Sr. Barão de Lavradio diz á pag. 65 do seu interessante trabalho: « Difficil é sem duvida apresentar um trabalho desta ordem que satisfaça as exigencias reclamadas á resolução de tão importante problema, por melhor boa vontade e mais esforços empregados em sua confecção, principalmente quando *faltam as fontes mais seguras de suas bases, como succede entre nós.* »

Ora, o autor, que á pag. 7 emittiu o seguinte principio: « uma das primeiras causas do crescimento lento de uma população, de seu estado estacionario, ou de seu decrescimento, é incontestavelmente a escassez de nascimentos e a maior proporção na mortalidade daquelles que devem constituil-a », accrescentou á pag. 69 a seguinte reflexão: « Estes resultados são pouco lisongeiros relativamente ao augmento da população nacional, porque, além de mostrar que os nascimentos pouco têm augmentado, como é facil de verificar, patentêa que a mortalidade não tem decrescido, antes parece ter augmentado nas primeiras idades, assim como que o numero dos nascidos mortos se tem avantajado, o que prova que causas physiologicas permanentes e que vão em crescimento influem na producção deste fatal acontecimento. »

Das conclusões que o autor pôde tirar de suas investigações, as tres ultimas são :

« 2.ª Que a média da mortalidade das crianças foi de 37,49 por 100 nos quatro primeiros annos da vida, ou 374,9 por 1.000 ;

« 3.ª Que foi de 40,54 por 100 até 7 annos ou 405,4 por 1.000, excluidos em ambos os casos os nascidos mortos ;

« 4.ª Que, com a inclusão destes, orçou em 45,8 por 100, ou 458 por 1.000, proporções sem duvida exageradas e que devem forçosamente por demorar «em extremo» o augmento da população nacional. »

Eis ahi o ultimo resultado a que chegou o autor, pessoa muito competente, porquanto, além de suas habilitações profissionaes geralmente reconhecidas, exercia então as funcções de chefe do serviço sanitario no paiz! E resultado, bom é repetir, obtido de suas investigações nas freguezias urbanas da capital do Imperio!

Si aqui é tão desanimadora semelhante verificação, o que não succederá em todo o Brazil?

Como, porém, meditar sobre a materia, julgar das circumstancias, acudir ás faltas com providencias adequadas, si andamos ás cegas em tal assumpto?

E' dever meu não occultar que nesse mesmo trabalho o Sr. Barão de Lavradio alludiu á falta do registro civil dos nascimentos e obitos.

Em minha opinião este assumpto devera constituir o objecto do ultimo capitulo daquelle opusculo, baseando-o o autor nos importantes dados que colheu, e sustentando-o, não direi com mais convicção, mas com mais desenvolvimento e sobretudo com muito mais energia.

Sem esse elemento, sem semelhante lei, não comprehendo realmente como possa a junta de hygiene publica elevar-se á altura da sua melindrosa missão!

Temos, é certo, uma lei, uma especie de registro de nascimentos e obitos, porém lei parcial, exclusivamente relativa aos ingenuos: questões — do deve e haver.

Lei completa, a indispensavel lei de registro civil dos nascimentos e obitos, lei de alcance incalculavel, essa não possuimos, e Deus o sabe quando a teremos.

E' cedo ainda. Somos um povo novo, e não podemos por isso metter-nos em muitas questões a um tempo.

Cada objecto terá, com vagar e opportunidade, o seu logar — chronologicamente.

Sendo a lei do progresso, como a dos liquidos, uma lei de nivel, trata-se com effeito de promover o desenvolvimento do paiz, para o que julga-se preferivel facilitar a acquisição de braços estrangeiros a formar o braço nacional: depois, mais tarde, a seu tempo cuidar-se-ha da familia brazileira.

E como não interessa por emquanto saber o numero dos que nascem e dos que morrem, não carecemos tambem de confeccionar o orçamento da vida e da morte.

Cingindo-me ao principal assumpto, do qual me desviei por força superior á minha vontade, passo a indicar os meios hygienicos que, no meu entender, podem impedir novas producções da morféa nas localidades do litoral onde esta enfermidade é endemica, localidades em que, como vimos, é a alimentação exclusivamente composta de peixe.

Para alcançar tal resultado a primeira condição, indispensavel, essencial, é variar o regimen alimentar.

Que o peixe continue a ser ahi um alimento, porquanto seria demasiado exigir o contrario; porém que não seja o unico e exclusivo desde o primeiro até o ultimo dia do anno.

Será este regimen, o ichthyophago, o mais commodo, o mais facil, por isso que o peixe está á mão; mas seguramente não é o mais proveitoso e pelo contrario póde ser nocivo muitas vezes, como tem succedido.

Levado ao mercado vizinho ou onde melhor convier ao pescador, o peixe deixa um producto, com o qual poderá obter a carne fresca ou secca.

Quasi sempre será preferivel a carne secca pela circumstancia de se conservar em casa até que tenha de ser renovada. Embora a carne secca, geralmente usada entre nós, não seja da melhor, todavia será muito mais util incluil-a no regimen alimentar para varial-o, do que compôl-o exclusivamente de peixe.

Demais em todas as praias ha mais ou menos o recurso da criação de algum gado, ou principalmente do carneiro, cuja carne é saudavel, podendo os praianos tirar della muito proveito em sua alimentação.

Ha ainda o recurso da criação de gallinhas, patos, perús, etc., além do grande auxilio que póde prestar a cultura do aypim, do inhame, do cará, dos feijões, da batata doce, da ervilha, etc.

Muito lucrariam os habitantes daquellas paragens si cultivassem abundantemente, na medida de suas forças, a ervilha e a colhessem madura e secca. Com ella (que temos sómente importada) obteriam, quando quizessem, excellente sopa, saborosa e nutriente.

Nota-se na alimentação dos nortistas em geral, e creio poder affirmar que na alimentação dos brazileiros, um grande defeito: o da falta de hortaliça em suas refeições. O professor Agassiz teve occasião de fazer este mesmo reparo, accrescentando: que como os brazileiros não usam de verdura, tambem não cultivam as hervas apropriadas, sendo por isso obrigados a importar vagens de feijões em lata, etc.

E' exacto: ainda hoje não se tem espalhado o uso de hortaliça como a chicoria, o almeirão, o taraxaco, a serralha, a bella serralhinha do Pará, e outras que, empregadas na alimentação, fazem penetrar no sangue

alguns saes que cooperam para a regularisação das operações nutritivas.

Os praianos não avaliam quanto lhes seria proveitoso cultivar, além da couve e do repolho, as hortaliças que acabo de apontar, e utilisar-se dellas em sua alimentação.

Não estou phantasiando expedientes nem propondo meios inexequiveis: conheço, felizmente, a situação de algumas das nossas praias, e sei de que recursos podem dispôr os seus habitantes.

Com algum cuidado, esforço, e capricho, poderão elles ter, além do peixe, outras substancias com que variem o seu regimen alimentar.

Nesses logares onde apparecem casos de morféa, dever-se-ha mesmo preferir na alimentação os peixes mais simples, menos gordurosos, ou os que são reputados pelo povo menos *carregados*.

Havendo cuidado na escolha de peixes innocentes, não fazendo delles seu alimento constante e exclusivo, e variando de alimentos conforme acabo de indicar, verão os habitantes do litoral que a morféa, reduzindo-se a pouco e pouco, cessará de todo ao cabo de algum tempo.

Foi exactamente o que succedeu nas ilhas Feroé. Compenetrando-se os habitantes daquellas ilhas, os quaes viviam da pesca e nutriam-se de peixe, que a morféa não os abandonava em virtude da sua industria e alimentação, trataram de substituir a pescaria pela lavoura e com esta mudança alcançaram completo triumpho contra a enfermidade que tanto os affligia e aterrava.

Por que razão obtiveram elles tão completo resultado?

Obtiveram-no, não só porque deixaram de se nutrir com uma substancia—o peixe—que lhes era nociva,

como porque passaram a gozar de um regimen alimentar variado, conforme lhes proporcionavam os recursos, sempre abundantes, da agricultura.

Deste modo e com aquella resolução, que certamente não foi tomada e levada a effeito sem grande sacrificio, conseguiram os habitantes das ilhas Feroé banir do seu seio uma enfermidade que lá estava arraigada havia muito tempo.

Não abandonem os nossos praianos a sua industria da pescaria, não deixem absolutamente de comer peixe, nem arrisquem-se aos transtornos que mais ou menos acompanham a mudança completa de habitos inveterados; porém não vivam exclusivamente da pesca e para a pesca, revezem o anzol e a enxada, e alternem a humidade que entibia o seu organismo com o mais salutar de todos os exercicios—o da lavoura: eis o que lhes aconselho na esperança e com a firme convicção de que terão o muito a lucrar, muito de que felicitar-se, si aceitarem e cumprirem os avisos da sciencia e da experiencia.

Cabe-me agora tomar em consideração o regimen alimentar que no sul é capaz de produzir a morféa.

Este regimen é differente do das provincias do norte nas do sul do Imperio, principalmente em algumas destas.

E' conhecido o bom regimen alimentar geralmente usado na provincia do Rio Grande do Sul. Em Santa Catharina julgo que não é anti-hygienica a alimentação dos seus habitantes.

No regimen dos habitantes do Paraná entram as substancias gordurosas e oleosas, si não me engano, mais do que convem; e, no emtanto, é esta uma das nossas provincias em que se póde fruir todas as vantagens de uma alimentação sadia e confortavel.

Nada sei quanto aos habitos alimentares dos habitantes de Mato Grosso, visto não ter colhido as informações que solicitei.

Em Goyaz, onde se poderia ter uma alimentação conveniente, succede o contrario. Lá d'onde nos vem o gado para o consumo de mais de uma provincia, usa-se de pouca carne de boi. O que me consta, pelo menos, é que no interior da provincia a alimentação é pauperrima e muito balda de substancias fibrinosas. Ali se cria o gado mais para a exportação do que para consumo.

Não conheço os regimens usados na provincia do Espirito Santo.

Na provincia do Rio de Janeiro é frequente o uso da carne de porco, fubá de milho, gordura, feijão, etc., e entretanto a morféa não é alli frequente.

Explico-me: o regimen alimentar dos trabalhadores, escravos ou não, compõe-se em muitas fazendas de fubá de milho, feijões e gordura, com a addição, uma ou duas vezes na semana, de pedaços de carne secca. Este regimen, em que ha evidente carencia de principios azotados, póde produzir anemia, como succede, mas nunca a morféa. As quantidades de hydro-carbonados que nelle figuram, são todas consumidas durante o trabalho, são portanto desdobradas e aproveitadas. Ainda assim, apezar dessa alimentação, propendo a acreditar que haverá antes falta do que excesso de hydro-carbonados, attenta a natureza e a duração do trabalho por dia.

Em outras fazendas dá-se aos trabalhadores pedaços da mesma carne, mas duas vezes ao dia—ao almoço e ao jantar. Neste regimen a unica mudança é no augmento da proporção das substancias fibrinosas, o que será de proveito á reparação dos tecidos organicos e portanto á extensão do trabalho, mas não exercerá influencia alguma para a etiologia da lepra.

Entre os proprios fazendeiros usa-se, é certo, da carne de porco e mesmo do fubá de milho; porém sem receio de errar posso accrescentar que os fazendeiros da provincia do Rio de Janeiro não entregam-se cegamente a semelhante regimen; sua mesa é variada, o que lhes assegura a innocuidade da carne de porco e do milho, que fazem parte de seu regimen alimentar.

Quanto á provincia de Minas Geraes já tive occasião de dizer que o regimen de uma grande extensão é diverso do regimen da outra parte. Da cidade de Curvello para o interior, para o norte, a alimentação consiste em carne de boi, farinha de mandioca, etc.

Não affirmo que o regimen alimentar dos habitantes desta parte seja perfeito; porém o que julgo poder affirmar, baseado em documentos valiosos, é que não gera a morféa.

Na outra parte da provincia, ao sul, bem como na provincia de S. Paulo, onde não careço dizer o que é a alimentação, é frequente a morféa.

Os conselhos hygienicos que passo a indicar, e que não serão mui diversos dos já propostos em relação ao norte, terão, pois, applicação á zona morfetica, que comprehende uma parte da provincia de Minas Geraes e a provincia de S. Paulo.

Já disse que o regimen alimentar, alli seguido, seria excessivo mesmo em paizes de clima temperado, e que só quadraria a habitantes de paiz frio. Assim penso.

Não ha nada que justifique, nem o clima nem o trabalho, semelhante exuberancia de substancias gordurosas na alimentação de brazileiros. Em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul, que são as nossas provincias mais frescas, seus habitantes achar-se-hiam mal, pessimamente, com o regimen de uma parte da provincia de Minas e da de S. Paulo.

A verdadeira regra, o grande principio, a lei unica, primordial, da hygiene alimentar é esta : em quantidade e em qualidade os alimentos devem ser ingeridos proporcionalmente ás necessidades do organismo humano.

Estas necessidades são : 1ª, de alimentos para a reparação das perdas que os tecidos soffrem no desempenho de suas respectivas funcções ; 2ª, de alimentos productores do calor que por sua vez se desdobra em movimento, força e trabalho.

A' primeira destas necessidades correspondem os alimentos azotados, e á segunda os hydrocarbonados e as substancias gordurosas.

Em outros termos: para que o organismo possa funccionar, carece de potencia e acção ; a potencia é supprida pelos alimentos azotados, a acção pelos carbonados. Os alimentos azotados representam o artista, os carbonados representam a obra. Um delles é, na phrase popular, o braço direito do outro.

« Para ser salubre, diz Payen, a primeira condição é que o regimen alimentar seja completo.»

Ora, para ser completo não basta que se componha das substancias azotadas e carbonadas, mas é essencial que estas substancias entrem em proporções ajustadas ás necessidades do organismo humano conforme a idade, o sexo, a occupação, o clima, etc.

D'ahi resulta que o regimen alimentar de um menino não póde ser como o de um homem idoso ; o de uma senhora igual ao de um homem ; o de pessoas de lettras ao do lavrador ; o do russo como o do africano, etc. Em todos estes regimens, que aliás devem ser compostos daquellas duas ordens de substancias, é de rigor que as proporções destas se accommodem ás necessidades dos organismos.

No Brazil o regimen alimentar do nortista será sempre differente do do sulista, e no proprio sul o regimen do habitante de Minas Geraes e de S. Paulo será diverso do de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul.

Não é tão grande a differença como a que se dá entre o regimen alimentar do habitante de paiz frio e o do habitante de paiz quente, porque a temperatura atmospherica, que é um dos reguladores do regimen alimentar, não varia tanto de Minas Geraes ao Rio Grande, como do Egypto á Russia.

De tudo isto infere-se que o regimen alimentar não póde ser arbitrario, porquanto não depende da vontade e capricho de cada um o alimentar-se deste ou daquelle modo, mas das suas necessidades organicas.

Sendo assim, não é indifferente usar mais de umas do que de outras substancias alimentares, porque cada uma destas tem o seu destino, a sua applicação, a que cumpre attender.

Logo, si um homem, mesmo que não seja dado a grandes exercicios corporeos, se alimentar exageradamente de substancias azotadas, ficará exposto aos accidentes resultantes do excesso de azoto no seu organismo; e o mesmo succederá ao que abusar das substancias hydro-carbonadas e gordurosas no seu regimen alimentar.

Do papel importantissimo representado pela alimentação, da qual o homem depende muito mais do que á primeira vista parece, porque ao regimen alimentar estão ligadas todas as funcções, *inclusive* as intellectuaes; desse papel importantissimo, dizia eu, resulta que os effeitos do regimen insufficiente divergem dos de um regimen normal, e ainda mais dos de um regimen exagerado.

E' exactamente a este ponto que eu desejava chegar.

Si considerei insufficiente a alimentação dos nortistas em geral, mesmo attentas as condições climatologicas em que se acham, tenho como exagerado o regimen alimentar dos habitantes da zona morfetica, de que estou tratando, e exagerada quanto ao emprego de substancias hydrocarbonada e gordurosa.

Desta exageração se origina, quanto a mim, a morféa alli endemica.

E accrescento: considero-o exagerado não só em absoluto, como no sentido relativo. Em absoluto, porque não é proporcional á indole do nosso clima.

No sentido relativo, porque não guarda a proporcionalidade recommendada pela hygiene entre a somma de elementos azotados e a de hydro-carbonados, que devem figurar e compôr um regimen normal.

Quem conhecer os habitos alimentares de um gallego e observar a sua força prodigiosa; quem examinar as rações distribuidas aos soldados de alguns paizes da Europa, ou a individuos dados a trabalhos pesadissimos, e comparar aquelles habitos e estas rações com o regimen alimentar usado em S. Paulo e em uma parte de Minas, reconhecerá o abuso deste regimen e o perigo que delle póde resultar.

Neste ponto sinto estar em desaccôrdo com alguns collegas de Minas Geraes, os quaes não acreditam que a carne de porco e o milho possam gerar a morféa; porque, dizem elles, si assim fosse, seria esta molestia alli muito mais frequente.

Comquanto eu já tivesse examinado esta questão, accrescentarei ainda: quanta gente não ha na Europa que abusa da alimentação azotada? E, entretanto, uma maioria muito consideravel não accusa soffrimento algum, que se possa com plausibilidade attribuir a semelhante regimen. Operam-se do modo o mais

completo, graças á actividade de suas funcções, os ultimos desdobramentos das substancias azotadas, que são convenientemente eliminadas sob a fórma de productos uricos.

Pois bem: succederá o mesmo a toda aquella gente?

Não. A experiencia, com effeito, demonstra que em outras pessoas, si bem que — cumpre notar — em menor numero, já não é o mesmo o poder reductor dos elementos azotados; os desdobramentos ou as oxidações (porque a vida, representada pela nutrição, não é no fundo, como disse Claude Bernard, senão « a imagem de uma combustão ») não são completas; a eliminação dos productos é deficiente; o acido urico entra em novas combinações e deposita-se aqui e alli, sobrevindo nestas pessoas profundas alterações em sua saude.

Poder-se-ha innocentar, á vista disto, o regimen excessivamente azotado, sómente porque todas as pessoas que o adoptam, ou muitas dellas, não accusam, nem apresentam symptomas gotosos?

Concedeu a natureza aos organismos humanos um privilegio inestimavel, dotando-os com a faculdade das compensações.

Em virtude desta regalia podem os mesmos organismos, como é sabido, sustentar o seu nivel thermico sob a influencia das temperaturas oppostas.

Porque o mantem? Será pela actividade funccional? Sem duvida que é indispensavel esta actividade, da qual aliás não depende unicamente aquelle resultado, mas tambem de uma certa elasticidade que em momentos dados tomam algumas funcções do organismo humano, ao mesmo tempo que outras retrahem-se; sendo todas ellas guiadas nesse jogo ou nesses movimentos funccionaes por uma intelligencia silenciosa, previdente, da vida vegetativa, — o instincto, a que

Claude Bernard chamou «intelligencia innata», e que não é mais do que uma emanação dessa intelligencia da natureza, que se revela em todos os productos da creação.

Devido a essa extensão das funcções é que os organismos podem tambem accommodar-se a varios regimens alimentares, nos quaes predominam ora as substancias albuminosas, ora as hydro-carbonadas e as gordurosas, sem quebra da harmonia funccional ou sem compromettimento da saude.

Esta extensão, porém, nem é illimitada, nem póde ser rigorosamente a mesma em todos os corpos humanos, o que é evidente.

Sendo assim, não admira que alguns destes não resistam ao que outros resistiram; e que não comportem, como outros, os excessos do regimen azotado, vindo aquelles a soffrer de insultos gotosos; bem como que uns d'entre muitos não comportem os excessos do regimen hydro-carbonado, vindo a soffrer de manifestações leprosas.

Quer a alimentação exclusivamente composta de carne de porco e de milho produza, como creio, a lepra, quer seja, como outros entendem, uma causa apenas coadjuvante, o que para mim é fóra de duvida é que cumpre modifical-a a todo o custo.

Seja como fôr, semelhante regimen alimentar não póde ser innocente em localidade alguma do Brazil.

Considero-o como anti-hygienico por qualquer lado que o encare.

E' indispensavel modifical-o na zona morfetica que comprehende, repito, o sul de Minas Geraes e a provincia de S. Paulo.

Em vez da carne de porco é preciso recorrer á carne de boi fresca ou secca; e, em vez do fubá de milho, a outro feculento.

Dir-me-hão que é incomparavelmente mais simples propor medidas destas, attentatorias de habitos inveterados, do que pôl-as em execução.

E' verdade, bem o sei; mas, si não obstante as proponho, é confiado nos impulsos da razão humana, que manda adoptar o que póde convir á nossa conservação e repellir o que a póde prejudicar.

Ou temos a faculdade pensante que nos inspira a comprehensão do nosso destino, que em nós cimenta a noção do bem, ou sómente temos a razão do habito. Si temos aquella faculdade, como creio não se contestará, a reacção será inevitavel, e em substituição do máo, assentaremos, firmaremos o bom habito.

Por que razão, ou antes por que condemnação, aquelles habitantes se hão de alimentar exclusivamente da carne de porco?

Por que principio lhes está interdicta a carne de boi, que aliás é a mais nutriente e a mais saudavel das carnes que se prestam ao nosso sustento?

A razão da maior facilidade, ou da maior commodidade, ou do habito, não é bastante para justificar uma pratica nociva. Demais, nem tudo que é facil é bom, nem tudo que é commodo é conveniente, e nem todos os habitos são uteis.

Certamente não tenho em mira condemnar de uma vez a carne de porco como alimento, nem tão pouco repellir absolutamente o milho; o que condemno com a mais profunda convicção é aquelle regimen injustificavel, irreflectido, pernicioso, visto ser composto de taes alimentos e exclusivo dos habitantes da zona morfetica, a que me refiro.

Acaso haverá por alli «impossibilidade» de se obter gado para o consumo? Não se acreditará em tal.

Si os habitantes estão avesados á criação de porcos, não abandonem sua industria: criem; porém não en-

tendam que é de rigor alimentarem-se exclusivamente dessa carne, só porque a têm á mão.

Explorem a sua industria; e, embora destinem alguma carne de porco para o seu sustento *como variedade,* procurem exportar banha e carne para outras provincias, onde uma e outra são importadas dos Estados-Unidos, ou então remettam para fóra do Imperio.

Quanto ao milho, é tambem inabalavel a minha opinião.

Sinto faltar-me autoridade, lamento não dispor de bastante influencia para gravar no espirito dos habitantes da zona morfetica esta convicção: o cereal que convem, o que mais vigora os organismos e de modo algum prejudicará a saude, é o trigo.

Si tendes necessidade de forças para o trabalho, si careceis de vigor organico, o cereal que melhor se presta aos vossos intuitos e a vossas aspirações, é o trigo.

Porque não o haveis de cultivar?

O que porventura vos falta?

Tendes o sólo, o clima, a necessidade; tereis dessa cultura immenso proveito: o que vos falta então?

Resolução? Energia?

Infeliz do homem, infeliz da sociedade que não é capaz de uma resolução dessa ordem, nem de leval-a a termo com a necessaria energia.

E' minha convicção profunda: si com um conjuncto de providencias, umas administrativas e outras individuaes, se conseguir modificar o regimen alimentar no sul de Minas Geraes e na provincia de S. Paulo, substituindo a carne de porco pela de boi, e o milho por outro cereal e principalmente pelo pão de trigo, a morféa (salva a condição da herança), que é alli endemica, gradualmente diminuirá até desapparecer, porque lhe ha de faltar para a sua permanencia e reproducção aquelle infeliz e perigoso sustento.

Obtido este resultado, raiará para aquellas provincias, sobre as quaes pesam o susto e o desgosto, uma época risonha de esperanças e de felicidade.

Antes de proseguir, devo consagrar algumas palavras à hygiene dos filhos de pessoas morfeticas.

Uma vez que a morféa se transmitte quasi fatalmente de pais a filhos ou de uns a outros parentes, seria de immenso proveito evitar nos descendentes a manifestação de semelhante enfermidade.

E' preciso confessar que neste sentido tem havido falta de estudos e de observação.

Os antigos, acreditando que a morféa se transmittia pela amamentação, recommendavam o maior cuidado com a escolha das amas.

A este respeito o Dr. Paula Candido expressou-se nos seguintes termos: « Desgraçadamente a transmissão hereditaria não é a unica que arruina a população do Brazil: o leite e o *prolongado contacto* [1] das amas, especialmente morfeticas, africanas, si não igualam, excedem na rapidez da propagação. Nenhuma medida policial embaraça: entretanto ha cobiça de vender (e bem caro) á desvalida innocencia o leite fatal, que mais tarde lhe vai apodrecer as entranhas! »

O Dr. Neumann menciona as operações que na Islandia e na Escossia se praticam nos filhos dos morfeticos, em pequenos, afim de evitar a manifestação da enfermidade de seus pais. Diz o autor que na Escossia pratica-se a castração dos meninos.

Alibert aconselhava « que se escolhesse para os filhos de morfeticos amas sadias e robustas » e que os fizes-

---

[1] As palavras « prolongado contacto » vêm gryphadas na Memoria, o quo fa- acreditar que o autor admittia o contagio, ao contrario do quo expuz anterior monte, ao menos em condições especiaes como a do — prolongado contacto.

sem mudar de ar e de clima «procurando-se por uma conveniente applicação das regras de hygiene combater a terrivel disposição que podem ter recebido dos que lhes deram nascimento.»

O professor Hebra e outros autores citam factos de filhos de morfeticos, que não deixaram de vir a soffrer da enfermidade, apezar de se mudarem para paizes onde ella não se desenvolve.

O Dr. Castro (do Pará) tem tido occasião de observar que uma boa hygiene evita os effeitos da transmissão hereditaria.

Eis o que encontrei e pude reunir a semelhante respeito.

A' vista do exposto, o que a razão, a prudencia e a experiencia aconselham é que o filho de morfetico seja amamentado por ama sadia.

Será difficil encontrar ama que inspire plena confiança nas localidades onde a morféa é endemica, porque, si ella não apresentar symptoma algum da molestia, póde pertencer á familia em que algum membro tenha sido affectado, o que tambem cumpre evitar.

Mais avisada e previdente será a mãi que procurar para seu filho uma ama que tenha residido em localidade isenta da morféa.

Convem além disto que a ama de leite, no caso figurado, não use de um regimen alimentar composto de carne de porco e milho.

Si no logar da residencia dos pais não fôr possivel assegurar á ama outro regimen, melhor será collocar a criança onde se possa evitar tão desastroso sustento.

Comquanto pareça escusado declarar, accrescentarei comtudo que o filho do morfetico, em qualquer idade, deverá, quanto possivel, evitar a carne de porco, o milho, o peixe, o uso de bebidas alcoolicas e o abuso do café.

Não opino pela mudança de residencia, o que me parece inutil, comtanto que na sua localidade o filho do morfetico possa ter alimentação adequada ao seu organismo, como seja a carne de boi, fresca ou secca, a de carneiro, o pão de trigo ou mesmo a farinha de mandioca.

Si a gymnastica é sempre util aos meninos pelo impulso que lhes dá ao organismo e pelos elementos de resistencia com que o dota, muito mais proveitosa e necessaria o será aos filhos dos morfeticos, em cujo organismo torna-se indispensavel imprimir outras e salutares disposições, bem como modificar o mais profundamente possivel o estado dos orgãos e o seu modo de funccionar.

MEDIDAS HYGIENICAS CONTRA A TRANSMISSÃO HEREDITARIA

Referem-se estas medidas ao casamento e ao isolamento dos morfeticos.

Na idade média um dos fins que se teve em vista com a sequestração desses doentes, foi impedir a propagação da molestia pela herança.

Em alguns paizes da Europa é prohibido ao morfetico contrahir laços conjugaes, e segundo diz Hebra « o divorcio tem sido algumas vezes proposto sob a allegação do estado leproso de um dos conjuges. »

No Brazil não ha lei alguma, civil ou canonica, que prohiba o casamento dos leprosos.

Quando se discutiu o parecer do Dr. De-Simoni sobre as memorias do Dr. Faivre (sessão de 28 de Agosto de 1845), o academico Dr. Reis mostrou-se contrario ao casamento dos leprosos: « o casamento, disse elle,

deveria ser prohibido aos morfeticos: assim não veriamos multiplicar-se tanto os morfeticos, como acontece. »

Na mesma sessão o Dr. Tavares, apoiando as idéas do Dr. Reis sobre o sequestro, accrescentou que « para o pôr em pratica não seria necessaria nova lei, pois bastaria pôr em execução uma lei antiga que em caso de morféa « obriga os conjuges a separarem-se ».

Não me consta que haja semelhante lei applicavel ao Brazil, e nem sei de proposta alguma de divorcio no caso de soffrer de morféa um dos conjuges.

« Sendo a transmissão hereditaria facto incontestavel, diz o Dr. Paula Candido [1], para evitar o perpetuar-se uma geração de infelizes, forçoso é não só embaraçar os laços conjugaes, como impedir o trafico sexual clandestino, etc. »

Comquanto a hygiene condemne sob bons fundamentos o casamento de pessoa accommettida de molestia hereditaria, incuravel, não julgo comtudo necessaria entre nós a prohibição legal do casamento do morfetico. O impedimento subsiste na propria molestia.

Seria realmente iniquo o casamento nessas condições, e como tal merecedor da maior reprovação. Mas, quantos casos desta ordem se terão dado entre nós ? Rarissimos certamente.

Eu citei um: entretanto, com quem casou o infeliz? Com uma companheira de infortunio. Aos nossos olhos, habituados a verem no casamento o symbolo da felicidade humana, semelhante união parecerá superlativamente repugnante, ao passo que por outro prisma a terão julgado os olhos daquelle par: foi um capricho da desgraça, que a pessoa alguma prejudicará, attenta a incapacidade para a procreação.

---

[1] Memoria cit.

Fóra disto, só creaturas insensatas poderão promover ou realizar um acto, do qual lhes provirão profundos dissabores ao contemplarem na prole a victima innocente de uma falta talvez irreparavel.

Si taes casamentos fossem repetidos, justo era se cortasse o abuso; rarissimos, porém, como são, não merecem nem justificam a promulgação de uma lei que expressamente os prohiba.

Quanto á questão connexa do divorcio, o meu espirito inclina-se tambem á tolerancia: não serei eu quem proponha que se crave esse punhal no mais fundo de affeições que se fundiram e purificaram no sanctuario da familia.

Ha casaes accidentalmente estereis, como ha outros que o são pela idade dos conjuges: como formular a lei? Sómente para os que estiverem fóra dessas condições?

Comquanto na Noruega seja praticado o isolamento dos morfeticos, todavia o codigo norueguez não estatue a separação dos conjuges, caso a enfermidade se declare em um delles depois do consorcio, considerando que « devem soffrer com resignação sua enfermidade, como uma pena que lhes foi imposta ».

Não é por essa razão que poupo o lar domestico, ferido por semelhante acontecimento; mas porque, estreitando a desgraça, mais do que a propria felicidade, as creaturas humanas entre si, seria realmente cruel separal-as quando mais do que nunca era intima a sua união.

Demais confio que a hygiene, empregada convenientemente, virá a ser utilissima aos filhos dos morfeticos, isto é « aos filhos de pais conhecidos ».

Cumpre, porém, que estes não cruzem os braços, nem se tornem descrentes, entregando seus filhos á fatalidade do infortunio.

Que a dôr que os acabrunha os não faça esmorecer de todo, e pelo contrario envidem os maiores esforços, afim de salvar os filhos, já que a responsabilidade dos pais é em tal conjunctura tanto maior, quanto foram os proprios a lançar no organismo dos filhos o germen da fatal enfermidade.

Falta-me tratar do ultimo ponto do meu estudo—o isolamento dos doentes.

Propositalmente não emprego o termo « sequestro », aliás adoptado em linguagem classica, por não me soar bem: o sequestro envolve uma intervenção odiosa, um que de absolutismo, que me repugna; por isso servir-me-hei antes do vocabulo « isolamento. »

Não contesto á sociedade o direito de evitar em seu seio o incremento de males irreparaveis, e antes considero dever seu empregar acertadas medidas e os melhores esforços para o aperfeiçoamento corporeo, visto ser esta uma de suas aspirações.

A morféa, emquanto a sciencia não tiver meios de a debellar, está justamente no caso dos males cujo incremento se deve evitar.

Mas como fazel-o? Sómente pelo isolamento dos morfeticos?

Este isolamento será um dos meios, mas nunca o unico, por não ser a herança o unico modo de propagação da morféa.

Sendo assim é evidente que, por mais rigorosamente que fosse executado, não attingiria o fim almejado.

Temos no Brazil a lepra espontanea, oriunda quanto a mim de viciosos regimens alimentares, contra cuja pratica convem levantar bem combinadas medidas hygienicas.

Entretanto sendo a transmissão hereditaria talvez o modo mais frequente de desenvolvimento da lepra; e sendo o germen ordinariamente lançado ao acaso, como

o vento faz com a semente, de modo a impossibilitar o emprego de meios preventivos de qualquer outra especie, tornar-se-ha com effeito necessario e util recorrer ao isolamento dos doentes, por ser este um dos modos de evitar a transmissão e de attenuar os damnos causados pela morféa.

Zele a sociedade os seus legitimos interesses, mas de modo a suavisar o mais possivel o sacrificio que porventura venha a impor a um ou alguns de seus membros.

Obtenha dos morfeticos (já que a estes tambem não assiste o direito de transmittir a sua infelicidade) que não concorram para a propagação do mal, que se isolem; porém, attendendo ao enorme sacrificio destes pobres enfermos, suavise a sua posição, quanto fôr possivel fazel-o.

Meditemos um instante sobre este ponto: haverá maior crueldade do que enclaustrar essa familia de infelizes; cercal-os de muralhas que lhes impeçam a evasão; pôr-lhes á cabeceira um regulamento; e dar-lhes para respirar o ar da morte, tudo isso até o fim da vida, até que a morte, menos cruel e pelo contrario compassiva, venha estender seu manto negro sobre um corpo inanimado?

Sim, meditemos sobre a situação miserrima a que fica reduzido o morfetico pela sociedade, mas meditemos, não como quem não soffre dessa molestia, mas como quem não está della isento; e certamente sentiremos confranger-nos o coração diante de um espectaculo como aquelle.

Qual a razão de semelhante dureza de procedimento?

Unicamente a de serem morfeticos esses individuos?

Mas o morfetico é um grande infeliz; e uma infelicidade, como a sua, o que implora e merece é uma grande condolencia.

« Estabeleçam-se, pois, as prescripções, disse eu em uma das primeiras paginas do presente trabalho, a que terão de sujeitar-se os morfeticos, comtanto que sejam formuladas em sentido mais persuasivo do que obrigatorio, e acima de tudo modeladas pelas leis naturaes. *Ars, imitatio naturæ.* »

E' chegada a occasião de desenvolver este meu pensamento.

Além do proveito social, conseguido com o isolamento dos morfeticos, deve-se ter em mira com esta pratica dous grandes interesses: um — dos proprios doentes, outro — da sciencia.

Isolando-os, poupa-se aos enfermos a magoa que a cada momento lhes causa o constrangimento despertado por sua presença. Não tem razão de ser este constrangimento, bem o sei ; porém, o facto não deixa por isso de ser real.

Demais, sendo convenientemente collocados, encontrarão recursos que de outro modo só obterão á custa dos maiores sacrificios e humilhações.

Accresce que poderão occupar-se em alguns mysteres, o que muito concorrerá para distrahir-lhes o espirito e minorar-lhes o soffrimento.

E finalmente, e acima de tudo, collocar-se-hão nas unicas condições em que a natureza tem já operado curas reaes, como nol-o certifica a sciencia.

O interesse desta, o interesse scientifico é do mais elevado alcance.

Ha porventura um motivo, uma razão, um fundamento para que a morféa seja scientificamente reputada incuravel ?

Depois de tão longa pratica, de tantos estudos, de tantas investigações histologicas, sorprendeu-se acaso a existencia de uma alteração organica de ordem a

tornar impossivel o restabelecimento do doente, a sua cura? Não sorprendeu, e por isso não sabe dizer porque é que a morféa é incuravel.

Tem a medicina obtido que sejam os morfeticos collocados em condições favoraveis a acção dos agentes therapeuticos?

De que modo se tem até o presente ensaiado medicações contra a morféa? Quasi sempre nas peiores condições hygienicas e nas mais difficeis de resultado, ou algumas vezes em condições que não são as melhores.

Quasi sempre dentro dos hospitaes, onde, além de outras razões desfavoraveis, a completa descrença da maioria dos doentes mata ao nascer a esperança de um ou outro companheiro, é que se tem tentado alguns estudos therapeuticos.

« Deixa-te disto, dizem alguns lazaros dos recolhidos ao hospital da Côrte ao companheiro que submette-se a tratamento; deixa-te disto: teu fim, como o nosso, como o de quantos se têm aqui querido tratar, é (apontando para o cemiterio do Cajú) naquelle logar, é alli. »

Grave molestia como tem sido com razão considerada, a morféa reclama por isso mesmo o emprego de recursos therapeuticos, cercados das circumstancias as mais favoraveis ao seu resultado.

Pois não é assim que se procede com relação a outras enfermidades?

Si interrogassemos o registro das enfermarias do hospital da Santa Casa da Misericordia nesta cidade, estou certo de que poucos doentes, dos muitos tuberculosos que alli se têm abrigado, encontrariamos com a nota de—alta—e em condições de viverem algum tempo mais, não obstante as experimentadas indicações therapeuticas e os cuidados hospitalares que receberam.

Emquanto é esse o resultado alli ou em qualquer outro hospital, o que observamos cá por fóra? Tuberculosos que, retirando-se para Palmeiras, Friburgo, Campos do Jordão e outras localidades da provincia de S. Paulo, Barbacena ou outros pontos de Minas Geraes, cá para o sul; e os de todas as provincias do norte, que recolhem-se a pontos convenientes, regressam, muitos delles, ao cabo de algum tempo em condições admiraveis de saude.

Não exagero: de factos taes podem dar testemunho todos os clinicos do Imperio.

Com a chloro-anemia o que se nota? A sahida para o campo, uma melhor collocação hygienica, resolve com felicidade o que não se tinha obtido com as medicações anteriormente instituidas.

Por ventura careço especificar o que succede ordinariamente com os escrophulosos?

Quantas vezes uma dyspepsia não se torna rebelde á melhor combinação dos eupepticos, e cede como por encanto quando o doente se colloca, em outra parte, em melhores condições hygienicas?

Si a hygiene tem esse poder miraculoso, que muitas vezes exerce do modo o mais favoravel á solução de casos morbidos desesperados; si esta sciencia é o maior auxiliar que na mais renhida lucta contra as enfermidades a therapeutica encontra a seu lado; como esquecer, como dispensar a hygiene, quando se ensaiam medicações contra a morféa?

Sem o auxilio da hygiene como obter-se que as funcções profundamente abaladas, entorpecidas, do organismo do morfetico se reanimem, se harmonisem, resistam, coadjuvem, reajam, imperem? Como?

Sómente pela acção de meios therapeuticos de que se tem lançado mão, achando-se os doentes nos hospi-

taes, onde respiram o ar do desalento, da profunda descrença, o ar da morte?

Absolutamente — não.

L'agitation repetée de toute les corps, disse Barthez, *dans un exercice convenable et les impressions renouvelées d'un air libre excitent les forces radicales du principe de la vie.*

Si para obter-se a cura da morféa não bastará sómente activar estas forças, porque não é na sua inactividade que consiste só e essencialmente a molestia; si não bastará, pois, este elemento hygienico, tornar-se-ha comtudo necessario o seu concurso, isto é, a intervenção physiologica, sem o que o organismo sitiado ha de, qualquer que seja o auxilio da therapeutica, manter-se incapaz de um esforço heroico, do qual lhe resultem a sustentação da lucta, a victoria, e o gozo permanente dos seus beneficios.

Ora, em uma enfermidade diathesica, principalmente na de que me occupo, que penetra no mais intimo do organismo e quanto a mim na propria vida cellular; ataca todos os tecidos, e perturba todas as funcções; em uma enfermidade, em summa, que revela a tendencia a mais accentuada para invalidar as forças radicaes do organismo, a tal ponto que outro não parece ser o seu principal objectivo, todo o esforço therapeutico, por melhor que seja o plano, esbarrará na inercia do organismo, ou si chegar a conseguir algum resultado, « nunca será duradouro. »

Para que, pois, o organismo, sustentado por uma indicação conveniente, reaja com toda a vantagem contra as tendencias e os accidentes da molestia, e possa superal-a e dominar, carece primeiro que tudo recuperar as suas forças, que são as suas armas.

Sem estas, coitado!, o organismo recuará sempre, perderá terreno de dia em dia, indefeso, incapaz, mi-

seravel, até o momento em que o cruel inimigo, farto de tanto ludibrio, lhe extinga o ultimo indicio de vida.

Si é dever social attender ao aperfeiçoamento das gerações que se vão succedendo, bem como ir em soccorro dos que cahem em infelicidade, e tanto maior dever quanto maior fôr esta ; e si o impulso da sciencia, no desempenho da sua generosissima tarefa, é romper por entre o desengano, a descrença e as trevas até deparar com o raio de luz que a guie na sua tarefa sublimada, cumpre forçosamente mudar de roteiro em relação aos morfeticos, collocando-os em um theatro mais digno dos sentimentos de um corpo social bem inspirado, mais propicio á situação desses infelizes, e mais adequado aos arrojados intuitos da sciencia medica, para a qual as difficuldades são incentivos e não obstaculos.

Não careço manifestar de novo o meu modo de pensar quanto aos hospitaes de lazaros entre nós.

Semelhante serviço não aproveita á sociedade, porque a maior parte dos morfeticos continúam a vagar pelo paiz ; não aproveita aos enfermos que o procuram, porque o fazem sem esperança de melhora e em ultimo gráo de desespero ; e, finalmente, nada adianta á sciencia, por encontrar naquelles recintos deprimentes as mais desfavoraveis condições para o cumprimento de suas leis.

Si não fôra o receio de ser injusto, eu diria que taes hospitaes não passam de méra e inutil formalidade, constituindo, quando muito, o recinto exclusivamente destinado, permittam-me dizel-o, á «hygiene» da morte.

Dominado desta convicção, passo a esboçar um estabelecimento destinado ao serviço dos morfeticos, acreditando que, si o meu plano fôr adoptado, serão os sacrificios sobejamente compensados.

Comquanto o modelo seja exclusivamente reservado á provincia de S. Paulo, que é a mais carecedora, poderá todavia ser applicado, feitas as convenientes modificações, ás demais provincias do Imperio.

Não proporei que se levante na capital da provincia ou em outra cidade um edificio com a decoração propria das grandes ostentações. Não farei isso: assentará sobre a base unica da utilidade o meu plano, e nelle tudo mais será dispensado.

Entendo que se deve obter em algum ponto da provincia de S. Paulo, mais para o norte, onde a temperatura atmospherica é menos exigente do que para o sul, um local amplo e sufficientemente servido de agua.

O terreno terá mais espaço para a criação do que mesmo para a cultura.

Os morfeticos recolhidos a este local, que tomará o nome de *Villa para morfeticos*, ou outro que melhor assente, occupar-se-hão com a criação de vaccas e de ovelhas para o seu sustento. A carne desses animaes e a de gallinha assegurarão todo ou quasi todo o sustento fibrinoso.

Entregando-se á pequena cultura, se abastecerão dos feculentos necessarios.

Si o terreno se prestar á cultura do trigo, será este o feculento preferido como mais adequado ao regimen alimentar dos morfeticos. No caso contrario convirá plantar mandioca, cuja farinha,— reunida á do trigo, ministrará, sob a fórma de pão, o alimento respiratorio.

Na cultura entrarão o inhame, o cará, o aypim, o mangarito, o guando, a batata ingleza, a doce, o feijão, as favas, as ervilhas e o mais que lhes poder aproveitar.

Cultivarão tambem o algodoeiro, o mamoneiro e o fumo, todos de utilidade intuitiva.

A horta compor-se-ha de chicoria, almeirão, taraxaco, serralha, bertalha, xuxú, abobora d'agua, aspargo, etc.

Occupar-se-hão na abertura de estradas que facilitem as communicações de um a outro ponto da «Villa para morfeticos», na conservação das mesmas estradas e bem assim na das cercas que fecham o pasto.

O asseio das estribarias das vaccas e das ovelhas, o cuidado com a estrumeira, o amanho da terra, a plantação, a colheita, serão outras tantas occupações mais ou menos uteis aos morfeticos.

Bom será que d'entre elles alguns aprendam o officio de pedreiro, e disponham de uma officina de carpinteiro.

Si o numero de pessoas, como é de esperar, avultar muito, poderão ainda entregar-se a outras industrias agricolas que lhes dêem até rendimento.

Perguntar-me-hão: tudo isto feito por morfeticos?

Perfeitamente, por elles sós.

São doentes, é verdade, mas são em condições de poderem trabalhar com muito proveito para si.

Si na invasão da molestia apparecem nelles algumas indisposições, como sejam molleza do corpo, tendencia ao repouso, inaptidão para trabalhos intellectuaes, é certo que, passado este periodo, os morfeticos entram no subsequente, cuja duração é ás vezes de annos, durante o qual pouco soffrem, tão insidiosa prosegue nelles a enfermidade.

A prostração e a inaptidão só voltam em periodo adiantado, quando se perturbam profundamente as funcções organicas, e com ellas os actos nutritivos.

Certamente não quero dizer que sejam tão robustos como as pessoas sãs que habitam o campo; porém o que affirmo é que o serão bastante para entregar-se

com prudencia e regularidade aos serviços que acabo de indicar. Em todo o caso a distribuição do serviço será feita conforme o estado e as forças de cada um.

Affirmo-o sem o menor receio de cahir em falta, por estar baseado em factos que o demonstram cabalmente.

Em vez de os prejudicar, essas occupações, o exercicio, o trabalho, activarão, pelo contrario, o seu organismo, reanimarão as suas funcções, provocarão as secreções, facilitarão a circulação sanguinea, as operações nutritivas, a rehabilitação das forças, o vigor organico.

E o que é mais: emquanto elles, semeando a terra, colhem os meios de subsistencia e os elementos de energia, a hygiene, semeando o campo, prepara para a therapeutica abundantes messes.

Além de ser o mais efficaz antidoto do vicio, o trabalho concorrerá tambem para erguer o espirito tão amofinado dos morfeticos, e distrahil-os de um estado que os traz profundamente amargurados.

Servirá não só de poderoso tonico para o corpo, como tambem de remedio efficaz para o espirito.

O homem que tem amor ao trabalho, e com effeito trabalha assiduamente, só cuida do bem, e por isso póde-se affirmar que a officina do trabalho é a escola da virtude.

Si muito aproveitará ao organismo dos morfeticos o trabalho, que é o mais valioso auxiliar da therapeutica, visto ser o mais poderoso de todos os recursos da hygiene, não será, pois, menos proveitoso ao conforto do espirito.

A vida que os morfeticos por ahi passam mendigando ou reclusos nos hospitaes, essa, sim, é que é tristemente, indignamente miseravel.

Quando a razão não é assaz disciplinada e forte, o homem infeliz procura muitas vezes adormecer os seus

soffrimentos entregando-se á practica de actos viciosos.

Si o infeliz cahe ou é forçado á ociosidade, então este desenlace é fatal.

O vicio attrahe, com effeito, o infortunio, e por isso não admira a pequena distancia que os separa, nem a facilidade com que é transposta, até que um chegue ao alcance do outro, e se liguem.

Da escolha do terreno e das suas proporções dependerá o poderem ou não os morfeticos, ao cabo de algum tempo, prover com o proprio trabalho ás suas necessidades. Passarão a ser uteis a si, em vez de pesados, como são, á sociedade.

E, quem sabe? talvez possam até ser restituidos á mesma sociedade.

Para a instrucção e a edificação dos costumes — o ensino primario e a religião. O mestre,— que poderá ser um dos morfeticos que para isso tenha habilitações, e o sacerdote serão indispensaveis na « Villa para morfeticos ».

Não proponho se procure algum predio espaçoso, onde funccionem enfermarias. Um edificio qualquer que sirva para a primeira installação, é o que basta.

O essencial é que se vão construindo casinhas de aspecto agradavel, com pequeno intervallo entre uma e outra, arruadas ou formando um quadrilatero, arejadas, hygienicas, caiadas de branco sobretudo no interior, tendo cada uma seu jardimzinho.

Que aquelle sitio não represente um hospital, um deposito ou refugio de infelizes, mas seja o nucleo de emigrantes que vem chegando, e que no proprio sólo da patria vão plantar a vida, regando-a com o suor do trabalho, entre as scenas variadas e alegres da natureza.

Quanto ao enxoval, será facilimo obtel-o da caridade das paulistas, que não duvidarão tomar parte nesse

emprehendimento, formando sociedades afim de soccorrerem aos habitantes da « Villa para morfeticos » com a roupa necessaria, embora alguma já servida.

Haverá sem duvida trabalho e despeza com a organização de semelhante serviço. O trabalho, creio eu, será largamente compensado, e a despeza irá sempre em diminuição.

Entretanto, que differença!

Nos hospitaes — a inacção, a apathia, a indolencia, a ociosidade, o tedio, o vicio, o desalento, a reclusão, a tristeza!

No campo—a occupação, o movimento, o exercicio, a actividade, a animação, a variedade, a alegria, a natureza, a esperança.

Alli se está a cada instante lembrando aos morfeticos sua enfermidade, aqui procura-se convencer os doentes de que são homens.

Entre todas estas vantagens, que resultarão do novo serviço e da nova installação, sobresahirá a possibilidade de se obter de tão favoraveis condições hygienicas a maior cooperação para o triumpho da therapeutica.

Schilling exprime-se a este respeito em termos que não podem passar desapercebidos e, pelo contrario, são dignos da mais séria reflexão; eis suas palavras: « Não só nos livros sagrados, mas tambem entre os escriptores profanos, se mencionam factos de cura da morféa. Si examinarmos cuidadosamente e estudarmos com mais attenção as circumstancias que acompanham taes casos, convencer-nos-hemos de que estes doentes obtiveram a cura mais pelos beneficios da natureza do que pela intervenção da arte.

Ora, comquanto estes exemplos não adiantem á therapeutica da enfermidade, são comtudo utilissimos,

porque servem para demonstrar que a cura da morféa não é absolutamente impossivel (1).»

E' mais um argumento que invoco em favor da opinião que sustento ou da ideia que apresento.

Ao argumento não se contestará o seu maximo valor.

Si a hygiene, cujo poder se deriva principalmente das leis da natureza, effectuou, como nol-o affirma Schilling, a cura de morfeticos, é de todo o ponto irracional, senão cruel, encerrar os enfermos entre quatro paredes, onde não consta se realizasse jámais um só caso de restabelecimento destes infelizes.

Que importa que aquellas curas não constituissem a regra?

Qual tem sido até o presente o resultado obtido com a pratica da reclusão, adversa a todas as leis da natureza?

Ainda mais: si a hygiene revelou ha tantos seculos o poder de debellar a morféa, não é de esperar que, demonstrada a sua curabilidade, possamos hoje, armados de todos os progressos da physiologia, da pathologia e da therapeutica modernas, e com tão importantes instrumentos de investigação, dar um passo mais, adiantar uma ideia, alargar o circulo, e obter mais conquistas, convertendo aquella excepção, realizada pela hygiene, em regra — firmada pela hygiene e pela therapeutica?

Como? Será justificavel que nem ao menos se recorra nos tempos modernos, em que tanto se confia na acção cooperativa da hygiene, ao unico elemento que em tempos passados operou a cura de morfeticos?

---

(1) Danielsson e Bœck, obr. cit.

Não, este procedimento é injustificavel e deshumano: si a luz da hygiene brilhou para alguns, não devemos apagar essa luz, porém sim augmentar quanto estiver ao nosso alcance o seu foco afim de que brilhe com maxima intensidade para todos os morfeticos.

Termina aqui o meu estudo.

Sou o primeiro a reconhecer as lacunas deste trabalho. Alguns dos assumptos, de que occupei-me, merecem mais desenvolvimento, que não lhes pude dar.

Nas minhas reflexões, cingi-me quanto pude aos sãos principios scientificos, dos quaes, diz-me a consciencia, não andei muito arredado.

Si o meu paiz quizer dar mais um passo na estrada do progresso, e entender que deve desempenhar-se de um precioso dever social, não hesite em adoptar o alvitre por mim lembrado: será o primeiro paiz que haja revivido a questão da morféa collocando-a em puro terreno scientifico.

Tudo quanto Saint-Vel disse com relação ás Antilhas, é applicavel ao Brazil: entre nós a morféa não segue tão desastrosa marcha, como succede nos paizes de clima frio.

E' sem duvida a mesma enfermidade, apresenta os mesmos periodos, e causa as mesmas alterações organicas; porém não se desenvolve com a impetuosidade que alli se observa.

Sendo-nos, pois, menos adverso o clima, mais censuravel se torna o descuido e mais condemnavel o indifferentismo.

Em gráo desenvolvido possuimos a intuição do bem, e não podemos, attenta a doçura dos nossos costumes, regatear recursos a quem delles tanto carece.

Que me seja relevada a ousadia desta convicção, por mais temeraria que seja ou pareça: — si forem ouvidas as vozes da sciencia e da humanidade, de que neste momento constitui-me o echo, é mui provavel, digo-o firmado em razões ponderosas, se realize no Brazil um sonho de tantos seculos, — o tratamento curativo da morféa.

INDICE

Pags.

Pags.

TRABALHOS DO MESMO AUTOR

Do descloamento da retina. (**Gazeta Medica da Bahia.**)

Bibliographia. Étude ophthalmoscopique sur les altérations du nerf optique par le Dr. Galezowski. (**G. M. da Bahia.**)

De l'intoxication produite par l'instillation dans l'œil du collyre d'atropine. (**Gazette des Hopitaux** de Paris.)

De l'épilation des cils dans le traitement de la blefarite ciliaire. (**Gazette des Hopitaux** de Paris.)

Da diplopia monocular. (**G. M. da Bahia.**)

Du keratoconus et de son traitement par le procédé de Graefe. (**Journal d'ophthalmologie** de Paris.)

Ophthalmia sympathica. Memoria apresentada á Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro.

Da operação da cataracta. (**G. M. da Bahia.**)

Estudo sobre as affecções glaucomatosas. (**G. M. da Bahia** e Opusculo.)

Aperçu historique du béribéri au Brésil. Memoria apresentada á Société Médicale d'Emulation.

Quelques considérations sur l'opération de la cataracte. Memoria apresentada á Société de Chirurgie de Paris e publicada no **Recueil d'ophthalmologie.**

Des affections oculaires qui résultent du béribéri. (**Recueil d'ophthalmologie.**)

Da febre palustre em Sergipe. Opusculo.

Da kistitomia e dos resultados obtidos com o meu kistitomo. Opusculo.

De l'amaurose déterminée par le venin d'un serpent. (**Recueil d'ophthalmologie.**)

Novo processo da operação do symblefaro. (**G. M. da Bahia.**)

Du nouveau traitement des maladies oculaires au moyen d'un appareil appelé vaporisateur. Apresentado com o apparelho á Academia de Medicina de Paris e publicado no **Journal d'ophthalmologie** de Paris.

De la kystitomie et d'une nouvelle pince kystitome. (**Journal d'ophthalmologie.**)

D'une pince nouvelle pour l'agrandissement de la commissure palpebrale externe. Apresentado com o instrumento á Academia de Medicina de Paris e publicado no **Journal d'ophthalmologie.**

Da ophthalmia dos recemnascidos.

Parecer sobre os cemiterios de S. João Baptista e S. Francisco Xavier (da Côrte).